

A close-up photograph of a fountain pen with a green barrel and a red grip section, lying on a piece of aged, yellowish paper. The paper has some handwritten text in cursive, which is slightly out of focus. The background is dark and blurred, suggesting an indoor setting with a lamp.

Itinéraire d'un Voyage en Allemagne:
PONTOS DE VISTA DE UMA VIAJANTE

Alyanne de Freitas Chacon



*Coleção Mediações Interculturais &
Negociações Internacionais*

Livro 3



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
REITORA
MARGARETH DE FÁTIMA FORMIGA DINIZ
VICE-REITORA
BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA



DIRETOR DO CCTA
José David Campos Fernandes
VICE-DIRETOR
Ulisses Carvalho da Silva



EDITORA CCTA
CONSELHO EDITORIAL
Carlos José Cartaxo
Gabriel Bechara Filho
José Francisco de Melo Neto
José David Campos Fernandes
Marclio Fagner Onofre
EDITOR
José David Campos Fernandes
SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL
Paulo Vieira
LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO COORDENADOR
Pedro Nunes Filho

ALYANNE DE FREITAS CHACON

***ITINÉRAIRE D'UN VOYAGE
EN ALLEMAGNE:
pontos de vista de uma viajante***

Livro 3

Coleção: Mediações Interculturais & Negociações Internacionais

2020

Número 3



Grupo de Pesquisa em Mediações Interculturais, Negociações e Negociadores Internacionais no Mundo Minni-Mundo

Projeto gráfico: José Luiz da Silva

Capa: Guilherme Machado Meira - aluno do Curso de LEA-NI/UFPB

ISBN: 978-65-5621-111-4 (e-book)

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

C431i Chacon, Alyanne de Freitas.
Itinéraire d'un voyage en Allemagne: pontos de vista de
uma viajante [recurso eletrônico] / Alyanne de Freitas Chacon.
- João Pessoa: Editora do CCTA, 2020. - (Coleção Mediações
Internacionais & Negociações Internacionais; Livro 3)

Recurso digital (1,71MB)

Formato: ePDF

Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN: 978-65-5621-111-4

1. Linguística Textual. 2. Linguística e Literatura. 3. Gênero.
4. Responsabilidade Enunciativa. 5. Análise Textual. 6. Nísia
Floresta (1810-1885) - Memórias. I. Título.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 81'42

Sobre a Coleção

A Coleção *Mediações Interculturais & Negociações Internacionais* é uma organização do Grupo de Pesquisa sobre Mediações Interculturais, Negociações e Negociadores Internacionais no Mundo (MINNI-Mundo) em conjunto com a equipe de docentes e egressos do Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA-NI) e do Departamento de Mediações Interculturais (DMI) com o apoio da direção e equipe do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e colaboradores convidados de outros centros da UFPB e de outras instituições. A coleção surgiu como uma ideia inicial visando marcar as comemorações da primeira década do Curso de LEA-NI na UFPB e também como forma de preservar a memória e o histórico de ações, bem como publicar a pesquisa e a produção acadêmica feita por docentes e discentes que fazem parte do MINNI-Mundo, do Curso de LEA- NI e do DMI da UFPB, bem como de pesquisadores convidados e parceiros na brilhante tarefa de produzir cientificamente sem esquecer a prática do mercado e das profissões. A Coleção tem a pretensão de instigar publicações em Mediações Interculturais e também em Negociações Internacionais e seus assuntos correlatos. Portanto, as atuais publicações tendem a ser as primeiras de muitas outras que virão. É o que se pretende.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus, pelo seu amor, pela sua graça e por nos permitir ir sempre além. Agradeço à professora Dra. Maria das Graças Soares Rodrigues, por ter aceitado ser minha orientadora no doutorado, por todo apoio que sempre me deu e por acreditar em mim. Serei eternamente grata por todos os ensinamentos transmitidos. Aos familiares, em especial ao marido e ao filho, amigos e colegas de jornada pela presença constante e pelas palavras amigas. Aos alunos, egressos, professores, técnicos administrativos, estagiários, bolsistas e terceirizados que fazem a UFPB acontecer. Agradeço, também, à Direção do CCHLA, especialmente sua diretora, professora Dra. Mônica Nóbrega, seu vice, professor Dr. Rodrigo Freire, e ao assessor Djalma Martins, por todo apoio. A todos que fazem parte do grupo de pesquisa MINNI-Mundo, do Departamento de Mediações Interculturais (DMI) e do Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, da UFPB, em especial ao professor Roberto Vilmar Satur, que tão gentilmente me ajudou a aperfeiçoar a formatação deste livro e esteve sempre prestativo para tantos outros esclarecimentos. Por fim, meus agradecimentos ao diretor do CCTA, professor Dr. José David Fernandes, ao Coordenador da Editora CCTA, **José Luiz da Silva, e toda a equipe**, pelo apoio.

Prefácio

Introduzir a obra *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne: pontos de vista de uma viajante* aos leitores é uma tarefa honrosa.

Conheci a professora Alyanne de Freitas Chacon há alguns anos e, desde então, tenho sido testemunha de sua evolução profissional e pessoal. Assim, o lançamento deste volume marca mais uma conquista que seu espírito valente alcançou: mais uma de suas ideias, agora, materializada no formato *livro*.

Apesar de esse estudo possuir o viés da Literatura - ao serem analisadas algumas cartas de Nísia Floresta com base na Linguística Textual, é interessante notar como o conhecimento advindo da leitura é perfeitamente compatível com a proposta de formação do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais e, por isso mesmo, o mérito de estar participando deste lançamento.

Em primeiro lugar, os estudos linguísticos não devem ficar restritos aos alunos do curso de Letras, mas partilhados com outras áreas. Por perpassarem todas as esferas da atividade humana, os conhecimentos acerca da linguagem são importantes para todo e qualquer profissional, mais notadamente para aqueles que precisam lançar mão, de forma mais direta, dos recursos de que a língua dispõe para entenderem e se fazerem entendidos, inclusive em contextos culturalmente diversificados, caso do profissional de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA-NI).

Ademais, a obra põe o aluno LEA-NI em contato com as reflexões em torno dos gêneros textuais/discursivos a partir de um relato de viagem internacional, algo que naturalmente desperta interesse nesse público. Entretanto, esse ainda não é o maior ganho com a leitura.

A análise do fenômeno da responsabilidade enunciativa, tal como desenvolvida na obra, permite um passeio prévio que promove o

amadurecimento do leitor a respeito de temas de extrema relevância para sua formação profissional. Assim, o universo LEA-NI de uso da comunicação nas negociações é contemplado com discussões sobre a interação entre *locutor* e *interlocutor*, mediada pelo uso consciente das palavras, os modos narrativos, a noção de *déixis* espacial e temporal, a relação entre *locutor* e *enunciador*, bem como a percepção dos *pontos de vista* que emergem no discurso – tão importantes para o negociador.

Concluindo, a leitura de *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne: pontos de vista de uma viajante* é imprescindível para tornar o leitor mais perspicaz, sensível para perceber, por meio do emprego das modalidades, como se traz a voz do outro para o discurso e os afastamentos ou assunções frente ao dito, estratégias muito importantes para a plena atuação do negociador internacional. Desejo ao leitor uma boa viagem por meio desta leitura!

Profa. Dra. Ana Carolina Vieira Bastos
Professora - Universidade Federal da Paraíba
Departamento de Mediações Interculturais

Sumário

1. Introdução	11
2. A noção de gênero.....	17
2.1. A noção de gênero à luz de Bakhtin.....	17
2.2. A noção de gênero para Marcuschi.....	20
2.3. Intergenericidade e genericidade.....	24
2.4. Relato/Narrativa de viagem.....	28
2.4.1. A estrutura narrativa laboviana.....	30
2.4.2. Narrativa e sequência narrativa.....	32
2.4.3. Narrativa, Narratividade, Gêneros narrativos.....	33
2.4.4. Os modos narrativos: contar ou mostrar.....	35
2.5. Interação epistolar.....	36
2.5.1. Estrutura composicional da carta.....	37
2.5.2. Interação entre locutor e interlocutor.....	40
2.5.3. Carta literária.....	46
2.6. Gênero autobiografia.....	47
2.6.1. Autobiografia: definição.....	47
2.6.2. Veracidade no gênero autobiográfico.....	49
2.6.3. Marcas de primeira pessoa no gênero autobiográfico.....	49
3. A Responsabilidade Enunciativa.....	51
3.1. Enunciado e Enunciação.....	51
3.2. Responsabilidade Enunciativa e a noção de Polifonia e Dialogismo ..	52
3.3. As diferentes noções de Locutor e Enunciador.....	60
3.4. Os tipos de ponto de vista.....	74
3.4.1. Os tipos de ponto de vista segundo Rabatel.....	74
3.4.2. Os pontos de vista segundo a Teoria Escandinava da Polifonia Linguística.....	77
3.5. Marcas de não assunção da Responsabilidade Enunciativa.....	78
3.5.1. A noção de modalidade.....	79
3.5.2. Modalização autonímica e as não-coincidências do dizer.....	80
3.5.3. A noção de mediativo.....	84
3.6. Categorias para analisar a Responsabilidade Enunciativa.....	93
3.6.1. A noção de dêixis.....	94
3.6.2. As instâncias do discurso à luz da ótica benvenistiana.....	94
3.6.3. Aparelho formal da enunciação.....	96
3.6.4. A noção de dêixis segundo Bühler.....	98
4. A Responsabilidade Enunciativa sob a ótica de uma viajante.....	107
4.1. A Responsabilidade Enunciativa à luz de Rabatel.....	107
4.1.1. <i>Itinéraire d'un Voyage en Allemagne</i> : um único ponto de vista?...	107
4.1.2. <i>Itinéraire d'un Voyage en Allemagne</i> : ponto de vista “representado”,	

“contado” ou “afirmado” ?.....	111
4.1.3. A Responsabilidade Enunciativa sob a perspectiva de Adam	112
4.1.3.1. Índices de pessoa e os dêíticos espaciais e temporais em <i>Itinéraire d'un Voyage en Allemagne</i>	112
4.2. Trocando em miúdos	153
5. Finalizando a viagem	155
6. Referências	158

1. Introdução

A linguagem, o ato de se comunicar, seja qual for a forma de comunicação utilizada, fazem parte da nossa vivência. Muitas vezes, não paramos para refletir sobre os fenômenos que envolvem esse falar, ouvir, fazer-se entender e compreender. Por essa razão, ao entendermos que os estudos acerca da linguagem, que os conhecimentos sobre os fenômenos que envolvem a interação humana têm grande importância e devem, portanto, ser do conhecimento de todos, apresentamos aqui um estudo linguístico ligado, sobretudo, à Análise Textual dos Discursos. De fato, indo um pouco além, apresentamos aos leitores um entrelaçamento da linguística textual com uma obra literária do século XIX.

Este livro nasceu a partir de uma tese de doutorado publicada em 2013, sob a orientação da professora Dra. Maria das Graças Soares Rodrigues, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A tese teve como objetivo principal analisar como se materializa a Responsabilidade Enunciativa (RE) na obra *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne*, de Dionísia Gonçalves Pinto, mais conhecida como Nísia Floresta Brasileira Augusta, ou, ainda, Nísia Floresta.

Nísia foi uma das poucas brasileiras que teve um papel de destaque no século XIX. Nasceu em 1810, na cidade de Papari, interior do Rio Grande do Norte. A adoção de um pseudônimo demonstra a forte personalidade da autora. Nísia é a abreviação de Dionísia; Floresta é uma homenagem ao local em que nasceu: o sítio Floresta. Brasileira, como uma forma de mostrar a todos sua nacionalidade e Augusta, uma homenagem ao esposo, Augusto.

Conhecida como uma das primeiras feministas do Brasil, em 1856, decidiu empreender uma viagem à Alemanha. Na época, Nísia residia na França e, no século XIX, muitos escritores registraram suas viagens, principalmente na Europa. Duarte (2005, p. 262), grande estudiosa da vida e da obra de Nísia, destaca que entre os escritores nacionais, temos poucos exemplos de “diários, memórias ou *impressões* de viagens”, mas, na Europa do século XVIII e XIX, essa modalidade literária esteve bastante presente.

Como são poucas são as referências que encontramos sobre relatos de viagens realizados por escritores brasileiros, principalmente por escritoras, vemos que Nísia Floresta surge para inovar mais uma vez, pois, além de ter sido uma mulher a registrar sua viagem, esteve entre os poucos brasileiros que relataram excursões à Europa.

O *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne* (doravante *Itinéraire*) retrata a viagem feita por Nísia Floresta em 1856, entre os meses de agosto e setembro. A autora viaja na companhia de sua filha Lívia com quem percorre algumas cidades da Bélgica e da Alemanha. Nesse itinerário, encontramos as correspondências direcionadas ao filho e aos irmãos que residiam no Brasil. Nísia também descreve os momentos mais marcantes dessa viagem, expressando, sobretudo, as saudades que sentia. Essa obra nos apresenta trinta e

quatro cartas ao todo, escritas diariamente¹, e possui 211 páginas.

A norte-rio-grandense viajou durante cinco semanas por vinte e três cidades. A primeira carta foi escrita em 26 de agosto, na cidade de Bruxelas, e a última é datada de 30 de setembro de 1856 na cidade de Estrasburgo. Uma das principais características desse relato de viagem é a riqueza de detalhes existentes em cada carta. Poderíamos dizer que essa obra é praticamente como um diário íntimo, pois a autora nos revela a todo tempo suas impressões, as saudades que sentia dos parentes e, principalmente, de seu filho Augusto, que queria que estivesse com ela naquele momento.

No *Itinéraire*, Nísia decide viajar para tentar esquecer sua tristeza interior, o aniversário de morte da sua mãe, ao relatar, sobretudo, seu estado de espírito. Outro ponto de bastante relevância é o aspecto autobiográfico que está fortemente presente nesse relato.

A partir do prefácio da obra citada, escrito por Eugénie Pelsef, tomamos conhecimento de que Nísia não tinha a intenção de publicá-lo. Eram apenas cartas escritas à família e que, atendendo ao pedido de uma amiga que acreditava que o conteúdo daquelas cartas não poderia ficar guardado, Nísia resolveu publicá-las, o que originou a publicação do *Itinéraire*. Portanto, esse relato é composto por cartas que narram a viagem de Nísia pela Alemanha e que traz marcas autobiográficas da escritora potiguar.

A autora do prefácio justifica o fato de esse relato não ter sido escrito para publicação. Ela deixa claro que Nísia não tinha esse objetivo:

Escrevendo suas impressões de viagem, a senhora Nísia Floresta não pensava em entregá-las ao público; seu único objetivo era o de esvaziar seu coração no de sua família, que ela associa a todas as suas alegrias, a todas as suas tristezas, a todas as suas sensações e que ela nunca tira do pensamento.

Eu li com instrução este Itinerário e eu o achei tão graciosamente escrito, tão pleno de poesia e de sentimento, que minhas instâncias reiteradas fizeram com que a autora, minha amiga, o fizesse imprimir. Eu estou persuadida de que os que a conhecem o lerão com muito prazer, e que até mesmo os indiferentes encontrarão um interesse bem particular nas lembranças históricas que ali são evocadas em cada página. Experimentar-se-á, como eu, o desejo de percorrer os lugares e as ruínas que ela visitou, de refletir lá onde ela parou. Em uma palavra, o leitor me será grato por ter tirado esta pequena obra da obscuridade a qual a condenava muita modéstia.

Ela é a expressão, seremos brevemente convencidos, de um coração de elite e de uma alma refinada, de uma mulher que, enfim, desde a idade de vinte e três anos, substituiu a brilhante auréola do prazer e da juventude pelo luto e o nobre trabalho, e adotou o seguinte lema:

¹ Não encontramos registro apenas no dia 4 de setembro.

Apesar de a justificativa não ter sido escrita pela própria Nísia, a prefaciadora esclarece aos futuros leitores que sua obra não era para publicação, que caso eles encontrem “defeitos” ou o seu relato não seja exatamente como os outros da época, era porque ele não havia sido escrito com esse fim e para o conhecimento do grande público.

Ademais, uma das principais características dessa obra é que, apesar de todas as informações históricas que nos são apresentadas nessas cartas-relatos, Nísia Floresta privilegia o seu estado de espírito, seu sentimento diante de cada cidade visitada, de cada monumento, de cada paisagem apreciada e, sobretudo, diante das lembranças despertadas por cada uma daquelas imagens.

Além da riqueza literária da obra supracitada, que justificaria sua leitura por si só, outro fator de grande relevância que nos fez optar por analisá-la, é pelo fato de encontrarmos nela características de gêneros que pode(ria)m contribuir para a assunção da RE, quais sejam: relato de viagem, epistolar e autobiografia. A partir da leitura do *Itinéraire*, verificamos que, realmente, Nísia Floresta foi uma mulher que esteve um passo à frente da maioria das mulheres da sua época e, por que não dizer que até mesmo de muitos homens, pois, além de ser uma brasileira em terras estrangeiras, inovou dinamizando a relação entre esses gêneros em seu relato.

Dentro da temática da RE, há várias perspectivas que podem ser enfocadas. Um dos aspectos que nos chama a atenção dentro da teoria da RE é a noção de Ponto de Vista (PDV), que parece ter grande relevância para um tipo de análise tal qual nos propomos a fazer aqui. Ademais, optamos por trabalhar uma teoria linguística em um *corpus* literário. A esse respeito, os teóricos da Teoria Escandinava da Polifonia Linguística já se posicionaram, considerando importante essa junção da linguística e da literatura.

De um lado, os literários fornecem frequentemente, para a boa surpresa dos linguistas, numerosos exemplos provenientes de

² Por trabalharmos com muitos autores estrangeiros, optamos por não apresentar apenas a citação original, uma vez que poderia limitar o público-leitor. Por essa razão, durante a leitura deste livro, os leitores encontrarão em nota as citações conforme originais, em língua estrangeira.

³ En écrivant ses impressions de voyage, Mme Brasileira ne pensait point les livrer au public ; elle n'avait d'autre but que d'épancher son coeur dans le coeur de sa famille, qu'elle associe à toutes ses joies, à toutes ses peines, à toutes ses sensations, et qu'elle ne quitte jamais par la pensée.

Je lus avec entraînement cet Itinéraire, et je le trouvai si gracieusement écrit, si plein de poésie et de sentiment, que mes instances réitérées décidèrent l'auteur, mon amie, à le faire imprimer. Je suis persuadée que ceux qui la connaissent le liront avec beaucoup de plaisir, et que les indifférents même trouveront un intérêt tout particulier dans les souvenirs historiques qui y sont évoqués à chaque page. On éprouvera, comme moi, le désir de parcourir les sites et les ruines qu'elle a visités, de réfléchir là où elle s'est arrêtée ; en un mot, le lecteur me saura gré d'avoir tiré ce petit ouvrage de l'obscurité à laquelle le condamnaient trop de modestie.

Il est l'expression, on sera bientôt convaincu, d'un coeur d'élite et d'un esprit distingué, d'une femme enfin qui, dès l'âge de vingt-trois ans, a remplacé la brillante auréole du plaisir et de la jeunesse par le crêpe et le noble travail, et a adopté cette devise : Vivre pour autrui.

interpretações bem sutis que, para os linguistas, representam novos fatos. Do outro lado, os linguistas revelam aos literatos a importância sistemática que têm os fatos linguísticos, ajudando-os assim a descobrir, às vezes, interpretações e leituras ainda mais ricas. (NØLKE et al., 2004, p. 22).⁴

Portanto, enfatizamos a importância de se unir Linguística e Literatura, pois literatos e linguistas podem se ajudar, cada um com suas especialidades, colaborando para uma melhor interpretação/análise de textos.

A respeito das relações entre pesquisas linguísticas e literárias, Adam e Heidmann (2009, p. 8) reconhecem que essa dinâmica de pesquisa é confrontada por algumas dificuldades, pois, de um lado, os trabalhos linguísticos, cada vez mais técnicos e especializados, privilegiam voluntariamente mais os *corpora* orais que os escritos, enquanto que alguns professores de literatura ignoram cada vez mais a língua e a questão da linguagem em proveito do amplo e vago domínio dos “estudos culturais”.

Para dizer de outro modo, o “e” que une “linguística e literatura” exprime, muito raramente, o contínuo de um pensamento da linguagem que foi o de Wilhelm von Humboldt, de Roman Jakobson ou do Círculo de Bakhtin. Esse pensamento do contínuo não se encontra mais hoje, a não ser nos trabalhos de Henri Meschonnic e de Harald Weinrich. Esse “e” tornou-se, de fato, a linha de uma descontinuidade acentuada por uma lógica institucional que divide os saberes e os fixa nas disciplinas autônomas, preocupadas – para não dizer enciumadas – com o traçado de suas fronteiras. Como deplorava Jean-Louis Chiss, num colóquio interdisciplinar consagrado às relações entre “literatura e ciências humanas”, “Apesar das tentativas de ‘articulação’, da vontade ‘interdisciplinar’ [...], não se chega a pensar e a ensinar a relação da língua (das línguas) com a literatura (as literaturas) numa teoria da linguagem” (Chiss, 2001, p. 149). Essa pesquisa de um pensamento do contínuo da linguagem passa, em nossa opinião, pelo reconhecimento da natureza discursiva do fato literário e, mais amplamente, da linguagem humana em geral. Pensamos, como Henri Meschonnic (1999, p. 222) que a literatura “faz-se na ordem do discurso e requer conceitos do discurso”. A extensão do campo da análise de discurso aos textos literários exige competências cruzadas que convidam o linguista a deixar a estreiteza de seus *corpora* e o comparatista a situar suas análises interlinguísticas e interculturais o mais próximo da língua de cada texto. (ADAM; HEIDMANN, 2011, p. 14-5).

⁴ N.B.: Salvo menção contrária, todas as traduções são de nossa autoria.

D’une part, les littéraires fournissent souvent à la bonne surprise des linguistes de nombreux exemples pourvus d’interprétations souvent assez subtiles qui, pour les linguistes, représentent des faits nouveaux. D’autre part, les linguistes révèlent aux littéraires l’importance systématique qu’ont les faits linguistiques, les aidant ainsi à découvrir parfois des interprétations et des lectures encore plus riches.

Desse modo, notamos que, de acordo com os autores citados, o trabalho que une literatura e linguística requer por parte de quem se propõe a fazê-lo diferentes competências, tendo em vista que ele terá que fazer sua análise não apenas no nível da língua ou da fala, mas trabalhando conjuntamente com a língua e a fala.

Assim, diante da problemática que envolve a “união” linguística e literária, e a partir das leituras empreendidas sobre a temática da Responsabilidade Enunciativa, visando a uma análise no *Itinéraire*, questionamo-nos se nos gêneros autobiográficos que, em geral, tratam da subjetividade do sujeito, é possível encontrar apenas um PDV, ou seja, o escritor autobiográfico assume constantemente/sempre a Responsabilidade Enunciativa do que fala/escreve?

Nossa escolha de trabalhar com o *Itinéraire* não foi aleatória. Durante sua leitura, percebemos que se tratava de uma ótima fonte para pesquisas linguísticas, uma vez que os raros estudos que o utilizaram como *corpus* tinham por objetivo análises literárias. Além disso, acreditamos ser uma obra que dará ao leitor um novo olhar sobre as pesquisas que envolvem a Responsabilidade Enunciativa.

Tendo em vista que a principal teoria abordada neste livro é da Responsabilidade Enunciativa (RE), não pudemos deixar de utilizar as conjecturas apresentadas por Alain Rabatel, um dos principais e mais relevantes teóricos da RE e que publicou várias análises em textos literários. As definições apresentadas por ele a respeito das noções de ponto de vista, locutor e enunciador foram de suma importância para nós.

Ademais, também utilizamos os pressupostos apresentados por Adam (2008), quais sejam: os índices de pessoa e os dêiticos espaciais e temporais. Essas categorias foram escolhidas por duas razões. A primeira, os índices de pessoa, pelo fato de o gênero autobiográfico apresentar, em geral, marcas de primeira pessoa. A segunda categoria, os dêiticos espaciais e temporais, pelo fato de o gênero relato de viagem indicar centros dêiticos, fazendo referência à situação na qual o enunciado é/foi produzido.

Além das cartas analisadas, os leitores encontrarão no decorrer do livro um quadro sinótico de cada carta, a fim de mostrar as ocorrências das categorias de índices de pessoas e dos dêiticos espaciais e temporais existentes. Dentre as categorias de dêixis apresentadas por Bühler, destacamos a dêixis no imaginário, que pode ser identificada constantemente no *Itinéraire* e que explicitamos com alguns exemplos retirados das cartas.

Dentre as trinta e duas cartas presentes no *Itinéraire*, nove foram escolhidas por apresentarem marcas que cotribuíram para denotar a (não) assunção da RE. Optamos por fazer a tradução das cartas, uma vez que elas foram escritas em língua francesa, para não limitar o nosso público-leitor. Optamos por não utilizar a tradução que já existe do *Itinéraire* por uma questão de marcas linguísticas. Na tradução existente, feita por Aduino da Câmara, muitas vezes os pronomes pessoais são suprimidos, sendo utilizado apenas o verbo. A língua portuguesa nos permite essa escolha, diferentemente da língua

francesa, em que devemos, obrigatoriamente, com exceção de alguns tempos verbais, utilizar os pronomes pessoais. Por essa razão, optamos por fazer nossa tradução, para utilizar esses pronomes (haja vista estarmos tratando de RE).

E assim, a partir de uma viagem empreendida por Nísia em 1856, promono-nos a contribuir com futuros pesquisadores que tenham interesse em se aprofundar e/ou abordar a RE, que buscam aprender mais sobre gêneros textuais, que apreciam a literatura feminina do século XIX ou, simplesmente e não menos importante, que tenham interesse pelo conteúdo das cartas aqui trabalhadas, ou seja, pelos aspectos culturais apresentados à luz da ótica da nossa viajante, Nísia Floresta.

2. A noção de gênero

A preocupação com a noção de gênero não é recente. Estudos apontam que desde a antiguidade greco-latina é possível notar uma preocupação sobre essa temática.

Segundo Bordet (2011, p. 53), a questão do gênero foi posta, a princípio, como ligada ao folclore e à transmissão de uma narrativa codificada. O gênero está associado, ao mesmo tempo, à norma de redação e à classificação das narrativas. Assim, Bordet nos traz a definição de gênero para Malinowski (1968), citado por Swales (1990), que diz que o gênero é definido “não pela forma da narração, mas pelo modo como a narração é recebida pela comunidade”.

Após passar pela etnografia e pelo folclore, o gênero passou pela caracterização literária e pelo respeito da norma estética. Até o século XIX, as diferentes formas da realização literária obedeceram a normas precisas que permitiram sua inserção em um gênero reconhecido.

Assim, abordamos algumas perspectivas teóricas para discutir a questão dos gêneros. Os pressupostos teóricos adotados por diferentes autores que se dedicam ao estudo dos gêneros são variados, logo, podemos notar algumas divergências terminológicas que dependerão do autor e do quadro teórico adotado.

Alguns autores, como Bakhtin, adotam a expressão gêneros do discurso, outros se referem a gêneros textuais, como Marcuschi, ou gêneros de texto, como Bronckart. No entanto, ressaltamos que utilizamos, indistintamente, as expressões gêneros de discurso e gênero textual, tendo em vista que se trata de uma flutuação terminológica e nosso objetivo não é discutir essas diferentes nomenclaturas. Portanto, enfatizamos que, ao fazermos referência a esses termos, utilizamos o adotado pelo teórico em discussão.

Inicialmente, apresentamos os pressupostos bakhtinianos que serviram de base para outros estudos acerca dessa temática, seguidos das considerações de outros autores que deram continuidade ao estudo dos gêneros.

2.1. A noção de gênero à luz de Bakhtin

A partir dos estudos realizados sobre o Círculo de Bakhtin, a noção de gênero foi sendo estudada e desenvolvida. Muitos estudiosos se basearam nos pressupostos bakhtinianos para desenvolver a temática dos gêneros.

Segundo Bakhtin (2000, p. 279), “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana”. Ele também afirma que um enunciado “considerado isoladamente é individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados”, sendo isso o que ele denomina “gêneros do discurso”.

Para o teórico citado (2000, p. 282) “o estudo da natureza do enunciado

e da diversidade dos gêneros de enunciados nas diferentes esferas da atividade humana tem importância capital para todas as áreas da linguística e da filologia.” Bakhtin acredita que:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumpre salientar de um modo mais especial a *heterogeneidade* dos gêneros do discurso (orais e escritos), [...]. (2000, p. 279).

Bakhtin (2000, p. 280) acredita que é possível pensar que a diversidade dos gêneros do discurso é tão imensa que não seria possível haver um “terreno comum” para estudá-lo e se pergunta como faria para colocar no mesmo terreno de estudo fenômenos tão diferentes como a réplica cotidiana, que pode ser reduzida a uma única palavra, e o romance, composto por vários tomos.

Ele afirma que os gêneros mais estudados foram os literários, sempre no âmbito artístico-literário de sua especificidade. Não levavam em consideração os tipos particulares de enunciados que se diferenciavam uns dos outros, o que eles têm em comum é a natureza verbal, ou seja, linguística.

Não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a conseqüente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado. Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre gênero de discurso *primário* (simples) e o gênero de discurso *secundário* (complexo). (BAKHTIN, 2000, p. 281).

Assim, os gêneros do discurso se apresentam como sendo heterogêneos e é por essa razão que é necessário considerar a natureza do enunciado. Entre os gêneros secundários do discurso, segundo Bakhtin (2000, p. 281), estão o romance, o teatro, enquanto texto, e o discurso científico e ideológico, entre outros, enquanto discurso⁵. Eles aparecem em “circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída” (BAKHTIN, 2000, p. 281). Já os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, ainda de acordo com Bakhtin, “transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: eles perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios”. Estes são caracterizados por tipos de enunciados caracterizados pela espontaneidade no momento de produção.

É importante fazer essa distinção entre gêneros primários e secundários, de acordo com Bakhtin, uma vez que a natureza do enunciado deve ser elucidada e definida por uma análise de ambos os gêneros, pois somente com essa condição a análise se adequaria à natureza complexa e sutil do enunciado e abrangeria seus

⁵ Não discutimos a distinção entre texto e discurso.

aspectos essenciais. O autor citado também afirma que o estilo está estritamente relacionado ao enunciado e a formas típicas de enunciados, isto é, aos gêneros do discurso.

Consoante Bakhtin (2000, p. 283), o enunciado reflete a individualidade de quem fala/escreve, seja ele oral, escrito, primário ou secundário. “Mas nem todos os gêneros são igualmente aptos para refletir a individualidade na língua do enunciado”, o que quer dizer que “nem todos são propícios ao estilo individual”. O estudioso afirma que os gêneros mais propícios a exprimir esse estilo individual são os literários, pois neles “o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo enquanto tal e constitui uma de suas linhas diretrizes”.

As condições menos favoráveis para refletir a individualidade na língua são oferecidas pelos gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada, tais como a formulação do documento oficial, da ordem militar, da nota de serviço, etc. Nesses gêneros só podem refletir-se os aspectos superficiais, quase biológicos, da individualidade (e principalmente na realização oral de enunciados pertencentes a esse tipo padronizado). Na maioria dos gêneros do discurso (com exceção dos gêneros artístico-literários), o estilo individual não entra na intenção do enunciado, [...]. A variedade dos gêneros do discurso pode revelar a variedade dos estratos e dos aspectos da personalidade individual, e o estilo individual pode relacionar-se de diferentes maneiras com a língua comum. (BAKHTIN, 2000, p. 283).

A definição de um estilo em geral e de um estilo individual em particular requer um estudo aprofundado de natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros do discurso. Além disso, Bakhtin (2000, p. 284) afirma que uma dada função, seja ela científica, técnica, ideológica, oficial ou cotidiana, e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. Assim, vê-se que, para Bakhtin, enunciado e gênero são o mesmo objeto.

Quando há estilo, há gênero. Quando passamos o estilo de um gênero para outro, não nos limitamos a modificar a ressonância deste estilo graças à sua inserção num gênero que não lhe é próprio, destruímos e renovamos o próprio gênero. (BAKHTIN, 2000, p. 286).

Para Bakhtin (2000, p. 293), quaisquer que sejam o volume, o conteúdo, a composição, os enunciados sempre possuem, como unidades da comunicação verbal, características estruturais que lhes são comuns, e, acima de tudo, fronteiras claramente delimitadas.

Destarte, de acordo com as considerações do autor supracitado, os gêneros do discurso se constituem de três elementos básicos: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional, que se fundam no todo de um

enunciado e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera da comunicação. Os gêneros discursivos, de acordo com a visão bakhtiniana, são formas distintas de enunciados que refletem a variedade da língua e manifestam o estilo próprio de cada indivíduo.

2.2. A noção de gênero para Marcuschi

Marcuschi (2008, p. 146) nos apresenta um estudo sobre os gêneros textuais. Ele afirma que esse tipo de estudo não é recente, pois sua observação sistemática iniciou-se desde Platão. A expressão “gênero”, segundo Marcuschi, esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada aos gêneros literários e, atualmente, essa noção não se vincula somente à literatura. O referido teórico nos apresenta uma citação de Swales (1990, p. 33): “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”.

O estudo dos gêneros textuais “está na moda”, segundo Marcuschi (2008, p. 148), que nos apresenta uma citação de Bhatia (1997), ao afirmar que a expressão “gênero” vem sendo atualmente usada de maneira cada vez mais frequente e em número cada vez maior de áreas de investigação. Marcuschi também considera que isso está tornando o estudo de gêneros textuais “um empreendimento cada vez mais multidisciplinar”. Por essa razão, a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso, uma descrição da língua e uma visão da sociedade.

De acordo com Marcuschi (2008, p. 149), o gênero pode englobar ideias como sendo: “uma categoria cultural, um esquema cognitivo, uma forma de ação social, uma estrutura textual, uma forma de organização social e, por fim, uma ação retórica”.

Certamente, o gênero pode ser isso tudo ao mesmo tempo, já que, em certo sentido, cada um desses indicadores pode ser tido como um aspecto da observação. Isso dá uma noção mais aproximada da complexidade da questão e o porquê da ausência de trabalhos sistemáticos que até recentemente dessem conta do problema na perspectiva didática. (2008, p. 149).

Marcuschi (2008, p. 150) também considera que cada gênero textual tem um propósito claro que vai determiná-lo e lhe proporcionar uma “esfera de circulação”. Além disso, todos os gêneros têm “uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma”. É por essa razão que ele considera falhos os estudos muito formais ou estruturais do gênero.

Marcuschi acredita que o estudo dos gêneros textuais é hoje uma área interdisciplinar muito ampla, que está voltada para a linguagem em funcionamento e para as atividades sociais e culturais.

Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social (Miller, 1984) corporificadas na linguagem, somos levados a ver os gêneros como *entidades dinâmicas*, cujos limites e demarcações se tornam fluidos. [...] É quase impossível hoje dominar com satisfatoriedade a quantidade de sugestões para o tratamento dos gêneros textuais. (MARCUSCHI, 2008, p. 151).

Observamos que, segundo Miller, os gêneros estão relacionados com a ação social e é juntamente com a sociedade que eles, os gêneros, sofrerão alterações em sua estrutura; por essa razão, não é possível concebê-los como estruturas pré-determinadas e torna-se difícil ter o domínio sobre todos os pressupostos teóricos que envolvem a noção de gêneros.

Para Marcuschi (2008, p. 154), “toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero”, ou seja, a comunicação verbal só é possível através de algum gênero textual. Ele nos apresenta as diferenças entre tipo textual, gênero textual e domínio discursivo. Vejamos o que ele fala a respeito de cada um deles:

Tipo textual designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas [...] do que como textos materializados, a rigor, são modos textuais. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. (2008, p. 154-5).

Marcuschi também afirma que o conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e não tende a aumentar. Quando há predominância de um modo num texto, diz-se que esse é um texto argumentativo ou narrativo ou expositivo, etc.

O gênero textual faz referência aos textos que se materializam em situações comunicativas recorrentes. São textos que encontramos em nossa rotina e que apresentam “padrões sócio comunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas”. (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo, em princípio, listagens abertas.

Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, *sermão*, *carta comercial*, *carta pessoal*, *romance*, *bilhete*, *reportagem*, *aula expositiva*, *reunião de condomínio*, *notícia jornalística*, *horóscopo*, *receita culinária*, *bula de remédio*, [...] e assim por diante. Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis,

histórica e socialmente situadas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

O domínio discursivo, consoante Marcuschi (2008, p. 155), representa mais uma “‘esfera da atividade humana’, no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica *instâncias discursivas*”, como por exemplo, o discurso jurídico, jornalístico ou religioso. Como afirma Marcuschi (2008, p. 155), o domínio discursivo não abrange um gênero específico, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Os domínios discursivos constituem práticas discursivas “nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos, como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relação de poder”. (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Marcuschi (2008, p. 155) admite defender essas posições a partir dos pressupostos bakhtinianos, os quais dizem que todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua, que se efetiva por meio de enunciados orais ou escritos, concretos e únicos, que provêm dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana. Para Marcuschi, não é possível tratar da noção de gênero de discurso sem levar em consideração sua realidade social e sua relação com as atividades humanas.

Na realidade, o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques, nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, temos de ver os gêneros como entidades dinâmicas. Mas é claro que os gêneros têm uma identidade e elas são entidades poderosas que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade ou natureza dos temas, como bem lembra Bronckart (2001). Os gêneros limitam nossa ação na escrita. Isto faz com que Amy J. Devitt (1997) identifique o gênero como nossa “*linguagem estandar*”, o que por um lado impõe restrições e padronizações, mas por outro lado é um convite a escolhas, estilos, criatividade e variação. (MARCUSCHI, 2008, p. 155-6).

Segundo Marcuschi (2008, p. 156), a distinção entre gênero e tipo textual não forma uma “visão dicotômica”, pois eles representam aspectos constitutivos do funcionamento da língua em situações comunicativas cotidianas. O autor citado declara que sempre que temos o desejo de produzir alguma ação linguística em situação real, recorremos a algum gênero textual e que os gêneros são parte integrante da sociedade.

As definições apresentadas por Marcuschi em relação a gênero, tipo e domínio discursivo estão bem próximas à posição bakhtiniana.

Assim, para a noção de *tipo textual*, predomina a identificação de seqüências linguísticas como norteadora; e para a noção de *gênero textual*, predominam os critérios de padrões argumentativos, ações, propósitos e inserção sócio- histórica. No caso dos *domínios discursivos*, não lidamos propriamente com textos e sim com formações históricas e sociais que originam os discursos. [...]. As distinções entre um gênero e outro não são predominantemente linguísticas e sim funcionais. Já os critérios para distinguir os tipos textuais seriam linguísticos e estruturais, de modo que os gêneros são designações sociorretóricas e os tipos são designações teóricas. Temos muito mais designações para gêneros como manifestações empíricas do que para tipos. (MARCUSCHI, 2008, p. 158-9).

Marcuschi nos apresenta algumas considerações provenientes de estudos realizados por Maingueneau (2004), e afirma que este “sempre foi cético quanto à classificação dos gêneros” (2008, p. 159-60). Em 1999, Maingueneau propôs uma divisão dos gêneros em três grandes conjuntos de acordo com o seu “regime de genericidade”, são eles: gêneros autorais, gêneros rotineiros e gêneros conversacionais.

Os gêneros autorais são os textos que possuem um caráter de autoria pelos traços de estilo, caráter pessoal e se situam em especial em textos literários, jornalísticos, políticos, religiosos, etc. Os gêneros rotineiros são os que estão presentes em nosso dia a dia, como entrevistas televisivas, consultas médicas, entre outros. De acordo com Maingueneau (1999), seus papéis “são fixados *a priori* e não mudam muito de situação para situação e neles as marcas autorais se manifestam menos”.

Os gêneros conversacionais apresentam uma menor estabilidade e não possuem uma organização temática previsível como, por exemplo, as conversações. De um modo geral, é difícil distingui-los e dividi-los como gêneros em categorias bem definidas.

Marcuschi nos alerta que essa classificação foi mudada por Maingueneau, uma vez que este considerou que a tripartição feita por ele mesmo não era pertinente.

O próprio termo “rotineiro” não parece adequado, já que daria a impressão de que as conversações não seriam rotineiras quando elas são rotinas muito comuns. Mas o mais complicado era distinguir de maneira tão rigorosa entre os gêneros *autorais* e os gêneros *rotineiros*, pois uma crônica jornalística tem sem dúvida marcas autorais e não poderia ser incluída no primeiro conjunto. (MARCUSCHI, 2008, p. 160).

Por essa razão, Maingueneau sugere que se parta para um “regime de genericidade” em apenas duas categorias: regime de gêneros conversacionais e regime de gêneros instituídos. O regime de gêneros instituídos conteria os gêneros autorais e rotineiros. Marcuschi revela que o que interessa na proposta

de Maingueneau é a ideia de que é possível distinguir regimes de produção textual no contexto da interdiscursividade. Isso nos revela que a escolha de um outro gênero em nossa atividade discursiva não é uma escolha aleatória, pois vai depender de interesses específicos.

2.3. Intergenericidade e genericidade

Marcuschi (2008, p. 161) admite que, assim como disse Bakhtin (1979), toda e qualquer atividade discursiva se dá em algum gênero que não é decidido *ad hoc*. Isso justificaria a “imensa pluralidade de gêneros e seu caráter essencialmente sócio- histórico”. Nesse âmbito de pluralidade de gêneros, há intergenericidade. Assim, que nomes dar aos gêneros?

Como é que se chega à denominação dos gêneros? Com certeza, as designações que usamos para os gêneros não são uma invenção pessoal, mas uma denominação histórica e socialmente constituída. E cada um de nós já deve ter notado como costumamos com alta frequência designar o gênero que produzimos. Possuímos, para tanto, uma metalinguagem riquíssima, intuitivamente utilizada e, no geral, confiável. Contudo, é difícil determinar o nome de cada gênero de texto. Como já notaram muitos autores, em especial Bakhtin (1979), os gêneros se imbricam e interpenetram para constituírem novos gêneros. Como observamos anteriormente, não é uma boa atitude imaginar que os gêneros têm uma relação biunívoca com formas textuais. E isso fica comprovado no caso de um gênero que tem a função do outro [...]. (MARCUSCHI, 2008, p. 163).

Quando há uma mistura de gêneros, Marcuschi (2008) adota a sugestão da linguista alemã Fix (1997, p. 97), que utiliza a expressão “intertextualidade tipológica” para designar esse “aspecto da hibridização ou mescla de gêneros em que um gênero assume a função de outro”. Porém, o termo adotado por Marcuschi é “intergenericidade”, pois, para ele, é a expressão que melhor explica o fenômeno.

Marcuschi (2008, p. 166) atenta para o fato de que a intergenericidade de funções e formas de gêneros diversos em um gênero específico deve ser diferenciada da questão da heterogeneidade tipológica do gênero, que concerne ao fato de um gênero realizar sequências de vários tipos textuais, como uma carta que pode conter uma narrativa, uma argumentação, uma descrição, etc. Com isso, temos:

- Intergenericidade – um gênero com a função de outro.
- Heterogeneidade tipológica – um gênero com a presença de vários tipos.

Adam e Heidmann (2010, p. 20) também escrevem a respeito da genericidade. Para eles, “a passagem do gênero à genericidade é uma mudança

de paradigma”:

O relacionamento de um texto, considerado em seu fechamento, com uma categoria genérica constituída geralmente em essência, difere profundamente da dinâmica sociocognitiva que nos propomos a pôr em evidência. Nessa perspectiva, é “menos examinar o pertencimento genérico de um texto que atualizar as tensões genéricas que o informam. Esse deslocamento do gênero para a genericidade põe em suspense toda a visada tipológica [e] permite contornar o obstáculo existencialista” (Dion, Fortier e Hagueraert, 2001, p. 17). Trata-se de abordar o problema do gênero menos como o exame das características de uma categoria de textos, mas levando em conta a evidência de um processo dinâmico de *trabalho* sobre as orientações genéricas dos enunciados. (2011, p. 20).

Em outro trabalho, ao escrever sobre textualidade e intertextualidade dos contos, Adam e Heidmann (2010, p. 19) propõem um conceito de genericidade:

A fim de solucionar a complexidade do impacto genérico sobre a conversação e de fazer dele um critério de análise eficaz, propomos nos modificar a problemática do gênero como categorias de textos em direção a um conceito mais dinâmico: o de *genericidade*. Esse conceito designa o processo de inscrição de um enunciado em um ou vários gêneros de discurso praticados em uma dada comunidade discursiva. Ele permite “evitar o obstáculoesencialista” (Dion et al. 2001:17) que torna toda comparação interlinguística e intercultural impossível. A genericidade situa-se, com efeito, ao lado da “flutuação, da instabilidade, da constante recategorização” (2001:6); ela é inseparável da variação do *sistema de gêneros* de uma época ou de um grupo social.⁶

Heidmann (2010, p. 34) propõe designar por (re)configuração genérica a transformação de uma cena de enunciação que se instituiu como característica de um gênero. Ainda segundo a autora citada “uma obra reconfigura uma tal cena de enunciação pela invenção de um outro dispositivo cenográfico para se diferenciar e para ‘melhor se impor um novo modo de dizer’ (MAINGUENEAU, 2004, p. 43)”. Heidmann utiliza o mesmo conceito de cena de enunciação utilizado por Maingueneau (2004, p. 42):

⁶ Afin de saisir la complexité de l’impact générique sur la mise en discours et d’en faire un critère d’analyse efficace, nous proposons de déplacer la problématique du genre comme catégorie de textes vers un concept plus dynamique : celui de *généricité*. Ce concept désigne le processus d’inscription d’un énoncé dans un ou plusieurs genres de discours pratiqués dans une communauté discursive donnée. Il permet « d’éviter l’écueil essentialiste » (Dion et al. 2001 : 17) qui rend toute comparaison interlinguistique et interculturelle impossible. La généricité se place en effet du côté « de la fluctuation, de l’instabilité, de la constante recatégorisation » (2001 : 6) ; elle est inséparable de la variation du *système de genres* d’une époque ou d’un groupe social.

A obra, através do mundo que ela configura em seu texto, reflete, legitimando, as condições de sua própria atividade enunciativa. Disso, surge o papel crucial que deve desempenhar a “cena da enunciação”, que não é redutível, nem ao texto, nem a uma situação de comunicação que se poderia descrever do exterior. A instituição discursiva é o movimento pelo qual passam um no outro, para fortalecer a obra e suas condições de enunciação. Fortalecimento recíproco que constitui o motor da atividade literária.⁷

A autora supracitada (2010) também afirma que o conceito de (re)configuração genérica permite compreender a inscrição de enunciados nos sistemas de gêneros existentes como uma tentativa de modular as convenções genéricas em vigor, melhor adaptadas aos contextos socioculturais e discursivos que mudam de uma época e de uma esfera cultural e linguística a outra.

Com relação ao conceito de genericidade o qual recorremos para designar mais geralmente a dinâmica e as flutuações a qual depende toda inscrição (autorial, editorial e leitoral) de um enunciado em um sistema de gêneros, o conceito de (re)configuração deve permitir distinguir nessas flutuações gerais, frases e contornos mais precisos. (2010, p. 35).⁸

Sobre essa mistura/junção de diferentes gêneros que podem ser encontradas em alguns textos, Adam e Heidmann (2009, p. 10) afirmam que todo texto participa de um ou de vários gêneros: “Desde que haja texto, ou seja, reconhecimento do fato que de uma sequência de enunciados forma um todo de comunicação, há efeito de genericidade”.

De acordo com os autores acima citados, os gêneros nomeados como contos, história trágica, epopeia, etc., funcionam como “etiquetas de pertencimento e tendem a reduzir um enunciado a uma única categoria ou família de textos”. Assim, Adam e Heidmann defendem que a genericidade permite pensar na participação de um texto em vários gêneros.

Em um texto relacionado, geralmente, a vários gêneros, a questão não é classificá-lo numa categoria – seu pertencimento –, mas de observar as potencialidades genéricas que o atravessam – sua participação em um ou vários gêneros –, levando-se em conta pontos de vista tanto

⁷ L'oeuvre, à travers le monde qu'elle configure dans son texte, réfléchit en légitimant les conditions de sa propre activité énonciative. De là le rôle crucial que doit jouer la « scène de l'énonciation », qui n'est réductible ni au texte ni à une situation de communication qu'on pourrait décrire de l'extérieur. L'institution discursive est le mouvement par lequel passent l'un dans l'autre, pour s'étayer, l'oeuvre et ses conditions d'énonciation. Étayage réciproque qui constitue le moteur de l'activité littéraire.

⁸Par rapport au concept de genericité auquel nous recourons pour désigner plus généralement la dynamique et les fluctuations dont relève toute inscription (auctoriale, éditoriale et lectoriale) d'un énoncé dans un système de genres, le concept de (re)configuration doit permettre de distinguer dans ces fluctuations générales des phrases et des contours plus précis.

autorais quanto autorais e leitorais. Analisar uma participação em vez de se limitar a um pertencimento classificatório permite entrar na complexidade dos fatos de discurso. À exceção de gêneros socialmente bastante constritivos, a maior parte dos textos não se conforma a um só gênero e opera um trabalho de transformação de um gênero a partir de vários gêneros (mais ou menos próximos). (ADAM; HEIDMANN, 2011, p. 21).

Para Adam e Heidmann (2011, p. 25), os gêneros só existem em meio a um sistema de gêneros e afirmam que o julgamento da pertinência de um texto a um (ou vários) gênero(s) é, ao mesmo tempo, “flutuante e sistêmico”, como a maioria das outras operações humanas de categorização. A categorização e a definição de categorias são “operações fundamentais que permanecem, na maior parte do tempo, intuitivas. A identificação de um gênero não é um raciocínio abstrato, fundado na recuperação de conjuntos de propriedades definidas”. (ADAM; HEIDMANN, 2011, p. 25). Trata-se, mais propriamente, segundo Adam e Heidmann, de agrupamentos por “ares de família”, isto é, que possuem características semelhantes.

Os autores acima citados também afirmam que, no nível semântico, o regime de interpretação dos enunciados depende, além das bases temáticas e das configurações de padrão, dos gêneros considerados.

No nível enunciativo, além do estatuto dos (co)enunciadores, seu grau de implicação e de responsabilidade dos enunciados, a coerência polifônica ligada à sucessão dos pontos de vista está, em grande parte, sob a influência direta do(s) gênero(s) ao(s) qual(is) o texto é remetido. (ADAM; HEIDMANN, 2011, p. 28).

Assim, observamos que no nível enunciativo, os gêneros aos quais o texto pertence, são, em sua maioria, responsáveis pelo grau de implicação e de responsabilidade dos enunciados.

Para Todorov (1980, p. 46) “os gêneros surgem a partir de outros gêneros e um novo gênero é sempre a transformação de um ou de vários gêneros antigos, seja por inversão, deslocamento ou combinação”. Assim, ele (1980, p. 43) também escreve a respeito da união/junção de diferentes gêneros, acreditando que se uma obra tem um pouco de dois gêneros, por exemplo, deve-se chamá-la de “um ser híbrido”.

O que assegura o sucesso da obra é a coerência interna e não a conformidade de uma regra externa. Para o autor citado, seria até um sinal de modernidade autêntica em um escritor o fato de ele não mais obedecer à separação dos gêneros.

De acordo com Todorov (1980, p. 37), o gênero consiste na lógica das relações mútuas entre os elementos constitutivos da obra. O sistema de gêneros não é fechado e, por isso, ele não preexiste necessariamente à obra. O gênero pode nascer ao mesmo tempo em que o projeto da obra e quem consegue criar com sucesso gêneros novos pode ser considerado um “homem de gênio”.

De um modo geral, acreditamos na perspectiva bakhtiniana (2000), na qual os gêneros se “imbricam” e “interpenetram” para constituírem novos gêneros. Adiante, apresentamos os gêneros que podem ser facilmente observados no *Itinéraire*.

2.4. Relato/Narrativa de viagem

A partir das análises preliminares de *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne*, sentimos a necessidade de fazer uma exposição acerca de alguns gêneros que podem ser observados na obra citada. Desse modo, trataremos dos pressupostos que envolvem os gêneros presentes no *Itinéraire* expondo as características que envolvem as narrativas, assim como o “homem narrante” apresentado por Rabatel. Posteriormente, abordamos os pressupostos referentes ao gênero carta e discutimos teoricamente as características que perpassam o gênero autobiografia.

De acordo com Machado e Pageaux (2001, p. 34), estudiosos que abordam a questão da narrativa ou relato de viagem, nesse tipo de escritura, o escritor-viajante é ao mesmo tempo produtor da narrativa, objeto, por vezes privilegiado, da narrativa, organizador da narrativa e encenador da sua própria personagem. Ele é assim narrador, ator, experimentador e objeto da experiência.

Os autores citados (2001, p. 42-4) também afirmam que o viajante tem de reviver, de reencontrar uma série de momentos dispersos da verdade de si próprio e, ao mesmo tempo, de não se esquecer da unidade da viagem em si mesma. Na verdade, a escrita de viagem não ignora certos privilégios da ficção: há antecipações, prolepses, recuos ao passado, analepses e, sobretudo, elipses, porque o viajante não diz tudo. O leitor terá de adivinhar, nas entrelinhas e nas pausas, as razões para um silêncio ou uma aceleração em determinada passagem. Além de uma escrita apaixonada, sempre subjetiva, a confissão de viagem é também o testemunho da sensibilidade de um indivíduo, de uma geração, de uma época.

Antes de adentrarmos à estrutura que norteia as narrativas, falaremos primeiramente (e rapidamente) de quem as escreve. O escritor que se propõe a narrar suas viagens. Segundo Rabatel (2008, p. 12), quem escreve, quem narra, assume o papel de *homo narrans*. Ele acredita que é preciso que haja interesse pelo homem que conta, ou ainda, se considerarmos essa atividade do “contar” em sua dimensão linguística e antropológica, pelo homem que narra. O *homo narrans* tal como ele existe no e pelo discurso.

Em outras palavras, é preciso que examinemos o Homem narrante não mais através de uma lógica da narrativa que reduz seu papel a uma voz mais ou menos desencarnada, assegurando funções de “mão de obra narrativa”, mas através de uma lógica da narração que confere a essa voz um corpo, um tom, um estilo, uma inscrição em uma história (em todos os sentidos do termo), gostos e desgostos, preconceitos que só existem através da maneira de criar mundos e

personagens, e que é profundamente modificada e interrogada por esse processo criador, tendo em vista sua dimensão radicalmente dialógica.⁹

Para Rabatel (2008, p. 18), *homo narrans* indica o descentramento teórico em curso do relato em direção à narração. Rabatel diz que o “Homem narrante” é, antes de tudo, um sujeito que conta histórias a um tipo de auditório e acrescenta:

[...] *Homo narrans* é certamente um criador, mas que é amplamente filho de suas obras, assim como ele está no cruzamento das relações pelas quais um homem se torna o que ele é, durante o processo socializado ininterrupto de construção de sua identidade. Todo indivíduo, em sua singularidade da construção social, só existe para outros e graças à coletividade a qual ele pertence, pelos pertencimentos múltiplos que o ajudam a construir sua personalidade, seus valores, a ajustar seus comportamentos práticos e suas representações.¹⁰

Nesse sentido, é válido observarmos que, de acordo com Rabatel, o *homo narrans* é um sujeito que conta histórias a um auditório, que é filho de suas obras e só existe para outrem e graças à coletividade a qual ele pertence, o que o ajuda a construir sua personalidade e seus valores.

Rabatel (2008, p. 25) nos fala sobre o trabalho de alguns escritores a respeito da enunciação narrativa:

A enunciação narrativa em ato, que Labov 1972/1978 mostra a partir das narrativas orais, é evidentemente muito marcada nas interações orais, à medida dos comentários dos destinatários das narrativas, que, pela natureza de suas avaliações, influenciam sobre as escolhas do emissor – escolha do tema, de seu desenvolvimento ou da passagem a um outro tema suscetível de melhor suscitar a aprovação do auditório, escolha do registro, etc. Mas a dimensão interacional também existe, é sob uma forma mediatizada, nas narrativas escritas, literárias ou não.

Na crítica rigorosa dos trabalhos estruturalistas sobre a narrativa,

⁹ Autrement dit, il nous faut examiner l'Homme narrant non plus à travers une logique du récit qui réduit son rôle à une voix plus ou moins désincarnée assurant des fonctions de « régie narrative », mais à travers une logique de la narration qui confère à cette voix un corps, un ton, un style, une inscription dans une histoire (à tous les sens du terme), des goûts et des dégoûts, des partis-pris qui n'existent qu'à travers la manière de créer des mondes et des personnages, et qui est profondément modifiée et interrogée par ce processus créateur, étant donné sa dimension radicalement dialogique.

¹⁰ [...] *Homo narrans* est certes un créateur, mais qu'il est largement fils de ses oeuvres, tout comme il est au croisement des interrelations par lesquelles un homme devient ce qu'il est, au cours du processus socialisé ininterrompu de construction de son identité. Tout individu, dans la singularité de sa construction sociale, n'existe que par autrui et grâce à la collectivité à laquelle il appartient, par les appartenances multiples qui l'aident à construire sa personnalité, ses valeurs, à ajuster ses comportements pratiques et ses représentations.

Bres (1994) destaca que a narrativa não se reduz a um conjunto monológico de estruturas descontextualizadas e de fechamentos internos remetendo a sentido imanente, a uma estrutura profunda (recusando toda dimensão “psicologisante” e/ou “sociologisante”, sob sua dura versão autotélica). Em referência aos trabalhos de Bakhtin e Labov, Bres destaca a dimensão sócio-historicamente construída do sentido que resulta relações práticas dos homens entre eles e com o mundo.¹¹

Logo, podemos observar, a partir do fragmento supracitado, que o estudo das narrativas aconteceu sob várias perspectivas. Labov, com seus estudos mais voltados para a oralidade, Bres, por sua vez, com críticas aos trabalhos estruturalistas sobre a narrativa. Rabatel surge para analisar narrativas à luz da ótica da noção de ponto de vista. Veremos, a seguir, os pressupostos labovianos acerca da narrativa.

2.4.1. A estrutura narrativa laboviana

Durante seu estudo sobre a língua vernácula, Labov (1978, p. 289) utilizou um certo número de técnicas com o intuito de ultrapassar as limitações da situação de entrevista, a fim de registrar a maior quantidade possível de discurso familiar. Eis que dentre todas essas técnicas as mais eficazes, segundo Labov, são as que produzem narrativas de experiências pessoais, pois nessa situação os locutores se consagram inteiramente a reconstruir e até mesmo a reviver acontecimentos do passado deles.

Para Labov (1978), a narrativa é um método de recapitulação da experiência passada que consiste em fazer corresponder a uma sequência de acontecimentos (supostos) reais, uma sequência idêntica de proposições verbais.

A narrativa só é, portanto, um meio, entre outros, de recapitular a experiência passada. O que a caracteriza, é que as proposições são nela ordenadas temporalmente, de modo que toda inversão modifica a ordem dos acontecimentos tal como podemos interpretá-la. [...].

O esqueleto da narrativa é, portanto, feito de uma sequência de proposições temporalmente ordenadas que nomearemos

¹¹ L'énonciation narrative en acte, que Labov 1972/1978 met au jour à partir des récits oraux, est évidemment très marquée dans les interactions orales, à la mesure des commentaires des récepteurs du récit, qui, par la nature de leurs évaluations, influent sur les choix de l'émetteur – choix du thème, de son développement ou du passage à un autre thème susceptible de mieux susciter l'approbation de l'auditoire, choix du registre, etc. Mais la dimension interactionnelle existe aussi, fût-ce sous une forme médiatisée, dans les récits écrits, littéraires ou non.

Dans sa critique serrée des travaux structuralistes sur le récit, Bres (1994) souligne que le récit ne se réduit pas à un ensemble monologique de structures décontextualisées et de clôtures internes renvoyant à un sens immanent, à une structure profonde (refusant toute dimension « psychologisante » et/ou « sociologisante », sous sa version autotélique dure). En référence aux travaux de Bakhtine et de Labov, Bres met en relief la dimension socio-historiquement construite du sens qui découle des rapports pratiques des hommes entre eux et avec le monde.

“proposições narrativas”. [...].

Essa noção de junção temporal é determinante para saber se há ou não relação com uma proposição narrativa no sentido o qual a entendemos, mesmo no caso em que ela pode parecer entrar em um relato. (LABOV, 1978, p. 296).¹²

Vemos que Labov afirma que a narrativa é um meio, entre outros, de recapitular a experiência passada e que uma de suas características são as proposições que devem ser ordenadas temporalmente.

Algumas narrativas que possuem apenas proposições narrativas podem ser consideradas completas pelo fato de terem um começo, um meio e um fim, segundo Labov (1978, p. 298). Mas, esses não são, para ele, os únicos elementos da estrutura narrativa, pois uma narrativa plenamente elaborada pode comportar: 1. Resumo; 2. Orientação; 3. Complicação; 4. Avaliação; 5. Resolução ou conclusão e 6. Coda.

Para Labov (1978, p. 298) esses elementos podem se encadear ou se reunir de modo mais ou menos complexo. Sobre o “resumo”, Labov diz que não é raro que os narradores comecem seus relatos por uma ou duas frases que resumam toda a história. As “indicações” são necessárias, pois em um relato deve-se precisar mais ou menos o momento, o lugar, as pessoas implicadas, suas atividades e situações.

Essa parte de indicações apresenta algumas características sintáticas interessantes; assim, os verbos no imperfeito são aí muito frequentes, que retratam o que se passava antes do começo da história ou ao longo desta. Porém, mais interessante ainda é sua *disposição*. Na teoria, é perfeitamente concebível dispor a totalidade das proposições livres que a compõem no início da narrativa; mas na prática, constata-se que, em sua maioria, essas proposições vão se colocar mais longe. (LABOV, 1978, p. 300-1).¹³

A coda é a volta à realidade, ela faz referência às proposições livres que se encontram igualmente no final da narrativa, um procedimento que permite ao

¹² Le récit n'est donc qu'un moyen parmi d'autres de récapituler l'expérience passée. Ce qui le caractérise, c'est que les propositions y sont ordonnées temporellement, de sorte que toute inversion modifie l'ordre des événements tel qu'on peut l'interpréter. [...].

Le squelette du récit est donc fait d'une suite de propositions temporellement ordonnées que nous nommerons « propositions narratives ». [...].

Cette notion de jonction temporelle est déterminante pour savoir si l'on a ou non affaire à une proposition narrative : toute proposition qui n'en contient pas n'est pas narrative au sens où nous l'entendons, alors même qu'elle peut paraître entrer dans un récit.

¹³ Cette partie d'indications présente quelques caractéristiques syntaxiques intéressantes ; ainsi, les verbes à l'imparfait y sont fréquents, qui dépeignent ce qui se passait avant le commencement de l'histoire ou tout au long de celle-ci. Mais plus intéressante encore est sa *disposition*. En théorie, il est parfaitement concevable de disposer la totalité des propositions libres qui la composent au début du récit ; mais en pratique, on constate que, dans leur majorité, ces propositions vont se placer plus loin.

narrador assinalar que o relato acabou e, conseqüentemente, voltar à cena de enunciação. Segundo Labov (1978, p. 302), a coda tem uma função ainda mais geral, que engloba todas as formas, das mais simples às mais complexas, pois encerra a complicação e indica que nenhum dos acontecimentos posteriores têm importância para o relato. Sobre a “avaliação”, Labov (1978, p. 303) escreve:

Não se considera mais as análises consagradas ao começo, ao meio e ao fim da narrativa. Mas é um elemento importante – talvez o mais importante após a base que constitui a proposição narrativa – que nunca foi discutido. Trata-se do que nomeamos a avaliação da narrativa, a saber, os procedimentos que emprega o narrador para indicar a elocução de sua história, sua razão de ser: o porquê ele a conta, onde ele quer chegar. [...]. A história que nada diz atrai uma observação desdenhosa: “E então?” Essa questão, o bom narrador sempre chega a evitá-la, ele sabe torná-la impensável.¹⁴

Assim, de acordo com Labov (1978, p. 306), uma narrativa completa começa por algumas indicações, continua com uma complicação, interrompe-se no momento da avaliação, conclui-se por um resultado e, finalmente, volta ao presente por meio da coda. Quanto à avaliação, Labov considera que ela constitui uma estrutura secundária, mas se apresenta sob diversas formas ao longo da narrativa.

2.4.2. Narrativa e sequência narrativa

De acordo com Adam (2008, p. 225), em sentido amplo, toda narrativa pode ser considerada como a exposição de “fatos” reais ou imaginários, mas essa designação geral de “fatos” abrange duas realidades distintas: “eventos” e “ações”. A “ação” é caracterizada, segundo Adam, pela presença de um agente (ator humano ou antropomórfico) que provoca ou tenta evitar uma mudança. Por sua vez, o “evento” acontece sob o efeito de causas, sem intervenção intencional de um agente.

Adam (2008, p. 225) considera que as diferentes formas de construção da narrativa dependem de seu grau de narrativização. O autor citado acredita que quando a narrativa é constituída apenas de uma simples enumeração de ações e/ou eventos, ela possui um baixo grau de narrativização.

Tvetzan Todorov (1968, p. 82) e Paul Larivaille (1974) estão entre os primeiros a propor uma descrição da organização da trama que corresponde ao mais alto grau da narrativização, segundo Adam.

¹⁴ On ne compte plus les analyses consacrées au commencement, au milieu et à la fin du récit. Mais il est un élément important – peut-être le plus important après la base que constitue la proposition narrative – qui n’a jamais été discuté. Il s’agit de ce que nous nommons l’évaluation du récit, à savoir les procédés qu’emploie le narrateur pour indiquer le propos de son histoire, sa raison d’être : pourquoi il la raconte, où il veut en venir. [...]. L’histoire qui ne dit rien s’attire une remarque méprisante : « Et alors ? » Cette question, le bon narrateur parvient toujours à l’éviter, il sait la rendre impensable.

Essa trama apresenta-se como uma estrutura hierárquica constituída de cinco macroproposições narrativas de base (Pn) que correspondem aos cinco momentos (m) do aspecto: antes do processo (m1), o início do processo (m2), o curso do processo (m3), o fim do processo (m4) e, por último, depois do processo (m5). (ADAM, 2008, p. 226).

Tem-se, portanto, a situação inicial (orientação) Pn1 (m1); Nó (Desencadeador) Pn2 (m2); Re-ação ou Avaliação – Pn3 (m3); Desenlace (Resolução) Pn4 (m4) e, por fim, a Situação Final – Pn5 (m5).

Destarte, vemos que, assim como Labov, Adam nos apresenta uma estrutura organizacional para se analisar uma narrativa. A diferença está no fato de que Labov apresenta seis elementos: 1. Resumo; 2. Orientação; 3. Complicação; 4. Avaliação; 5. Resolução ou conclusão e 6. Coda, e Adam apenas cinco. É válido lembrar que essa estrutura apresentada por Labov era utilizada para a análise de narrativas orais.

2.4.3. Narrativa, Narratividade, Gêneros narrativos

Adam (2011, p. 57-8) também escreveu a respeito das categorias e critérios da narratividade. Para ele, no ensino escolar existem muitas noções imprecisas advindas do discurso prático e da tradição retórica, quais sejam: “narrativa”, “história”, “narração”, “contar”, “relatar”, e acrescenta:

Quando falamos de narrativa de sonho, de narrativa de viagem ou de narrativa de vida, de narração escolar, de fábula, de parábola, estamos longe de dar conta de uma realidade discursiva com contornos bem determinados. Confrontados, ademais, a diversidade de formas semióticas de narrativização (pintura, vitrais, tapeçarias, revista em quadrinho, cinema, teatro, etc.), podemos considerar o discurso narrativo como um modelo homogêneo de discurso e dizer, como Paul Ricoeur, que “existe uma estrutura narrativa comum” (1980:3)?¹⁵

Para Adam (1996, p. 9), contar é uma forma tão frequente, tão cotidiana e igualmente difundida, que se alguém perguntar o que é uma narrativa pode parecer supérfluo. De fato, interrogar-se sobre a narração em geral, é refletir sobre um modo de expressar, por meio das palavras, a experiência cotidiana, é refletir também sobre os diferentes tipos de discurso que podem recorrer à narração.

¹⁵ Quand nous parlons de récit de rêve, de récit de voyage ou de récit de vie, de narration scolaire, de fable, de parabole, nous sommes loin de rendre compte d’une réalité discursive aux contours bien déterminés. Confrontés, de plus, à la diversité des formes sémiotiques de narrativisation (peinture, vitraux, tentures, bande dessinée, cinéma, théâtre, etc.) pouvons-nous considérer le discours narratif comme un modèle homogène de discours et dire, avec Paul Ricoeur, qu’« il existe une structure narrative commune » (1980 : 3) ?

De acordo com o autor citado (1996, p. 10), para que se fale de “narrativa”, é preciso a representação de pelo menos um acontecimento. Acontecimentos como o assassinato de alguém, um acidente, até mesmo uma vida, só se tornam narrativas quando são representados, ou seja, reportados, contados, por um jornalista, um biógrafo, etc., em um jornal, um livro, entre outros meios.

Adam ainda diz que toda representação já é uma interpretação. Um narrador- testemunha completa sempre sua percepção fragmentária de um acontecimento. Vejamos o que dizem Adam e Revaz (1997, p. 16. Grifos dos autores) a respeito dos gêneros narrativos:

Existem GÊNEROS NARRATIVOS que devem considerar categorias dos discursos literário, religioso, jornalístico, etc., isto é, variantes culturais: assim para a “narrativa de viagem”, a “narrativa de guerra”, a “narrativa de vida”, o *fait divers*, a parábola. A narrativa, no sentido em que aqui a entendemos, não é um gênero, mas um tipo particular de organização dos enunciados [...]. Esta forma particular de construir um texto só deve ser comparada àquilo que lhe é comparável: a construção de um texto argumentativo, dialogado ou descritivo, por exemplo. Bem entendido, a questão põe-se relativamente à eventual existência de traços comuns às formas que o uso correto da linguagem designa indiferentemente como “narrativa”, “história” ou “narração”, através de verbos como narrar e relatar. [...]. Quando falamos de narrativa de sonho, de viagem ou de vida, de história cômica, de narrativa mítica, policial ou fantástica, de narração escolar, de fábula, de parábola, de conto maravilhoso ou filosófico, estamos longe de ter em conta uma realidade discursiva simples e de contornos bem determinados.

Diante dessas considerações, Adam e Revaz (1997, p. 17) se perguntam se é possível considerar o discurso narrativo como um modelo homogêneo de discurso. A essa pergunta, eles respondem dizendo que é mais propício falar de um “ar de família” que de uma estrutura narrativa comum.

Para Adam e Revaz (1997), a narrativa é, em primeiro lugar, “representação de ações”. Trata-se de uma transposição da ação humana no e pelo texto narrativo. Nesse sentido, todo texto narrativo deve ser considerado produto de uma atividade criativa que opera uma “redescrição” da ação humana.

Eles também afirmam que, para os autores clássicos, a narrativa é o relato de “fatos” reais ou imaginários. A designação geral de “fatos” abarca duas realidades que devem ser diferenciadas, são elas: o acontecimento e a ação, como já mencionamos na fala de Adam. Essas noções fazem referência a uma modificação do curso natural das coisas. A ação caracteriza-se pela presença de um agente, ator humano ou antropomorfo, que provoca a mudança ou tenta impedi-la. Por sua vez, o acontecimento advém sob o efeito das causas, sem intervenção intencional de um agente.

Além de nos apresentarem a “ação” como um dos elementos

constituintes responsáveis pelo “ar de família” narrativo, Adam e Revaz (1997, p. 53) nos apresentam, entre outros elementos, o que corresponde ao “tempo”. Nessa perspectiva, eles falam a respeito de dois eixos, quais sejam: do narrante e do narrado.

À linearidade do tempo da história narrada é preciso acrescentar a do enunciado. Distinguir-se-á, pois, um eixo do narrante (O EIXO OU ENUNCIADO propriamente dito na sua linearidade oral ou escrita) e um eixo do narrado (A HISTÓRIA). Na sequência de Chistian Metz, Gérard Genette propôs opor a “história” como “significado ou conteúdo narrativo” à narrativa como “significante, enunciado, discurso ou texto narrativo propriamente dito”. (ADAM, REVAZ, 1997, p. 56).

2.4.4. Os modos narrativos: contar ou mostrar

Segundo Reutier (2003, p. 40), que fez um estudo sobre a narrativa literária, toda história é contada, narrada, mas ela pode ser feita de dois modos. Por essa razão, a tradição distingue dois grandes “modos narrativos” que são os dois grandes polos aos quais as narrativas se direcionam.

Consoante o autor supracitado, no primeiro modo, o de contar, a mediação do narrador não é mascarada, ela é visível. O narrador aparece, ele não dissimula sua presença. O leitor sabe que a história é contada por um ou vários narradores, ela é mediada por uma ou várias “consciências”. Esse modo de contar, também chamado *diegésis* é, sem dúvida, o mais frequente em nossa cultura, das epopeias às notícias, passando, inclusive, pelos romances.

No segundo modo narrativo, o de mostrar, também chamado de *mímesis*, a narração é menos aparente para dar ao leitor a impressão de que a história se desdobra sob seus olhos, sem distanciamento, como se ele estivesse no teatro ou no cinema. Reutier acredita que, desse modo, constrói-se a ilusão de uma presença imediata.

Reutier (2003) também aborda a diversidade sequencial da narrativa. Para ele, uma narrativa pode alternar sequências narrativas organizadas em cinco etapas, são elas: sequências descritivas (que dispõem das propriedades e das partes de um personagem, de um lugar ou de um objeto); e sequências explicativas (caracterizadas pela construção de uma resposta sob forma de explicações a uma pergunta implicitamente ou explicitamente formulada). Uma narrativa ainda pode alternar sequências argumentativas (passando de uma tese contestada a uma outra através de argumentos, de refutações, de concessões...), sequências injuntivas (articulando ações a fazer) ou sequências dialogais (caracterizadas por um encadeamento de réplicas sob forma de asserções ou de perguntas e respostas).

O autor citado defende que se a narrativa pode integrar diversos tipos de sequências, ela mesma pode ser integrada sob forma de sequência no interior de um outro tipo de texto. Assim, em um texto explicativo ou de divulgação

científica, por exemplo, é possível inserir uma ou várias narrativas (de experiência, de descoberta...).

Reutier também escreve a respeito da diversidade textual dos gêneros:

A diversidade textual – que ela funcione como inserção da narrativa em outros tipos de texto ou como inserção de outros tipos de sequências no narrativo – é duplamente regida pela organização em *gêneros*. Certamente, os textos se apresentam sob forma de *gêneros* codificados socialmente e, às vezes, esteticamente: panfletos, editoriais, processos verbais, romances, novelas... Esses gêneros incitam as narrativas, a princípio, impondo modos de organização, mais ou menos rígidos, à diversidade sequencial, em seguida, comandando formas mais ou menos codificadas por essas sequências. (2003, p. 86).¹⁶

Para Reutier (2003, p. 87), a diversidade do texto também se relaciona com a genericidade na medida em que esta se articula com as intenções do discurso. Com efeito, toda narrativa é tomada em um ato de comunicação, em um discurso, em uma enunciação que comporta, direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente, visões, intenções, efeitos buscados. É o caso do romance, por exemplo, que pode contar uma história e, através dela, buscar emocionar, informar, convencer, explicar, etc.

2.5. Interação epistolar

A palavra epistolar origina-se do verbo grego *epistellein*, que significa “enviar para”. De acordo com Grassi (1998, p. IX), essa palavra designa tudo o que diz respeito à carta. “Falar de gênero epistolar é falar de um gênero de escritura por meio de cartas. Ler o epistolar é tentar compreender a articulação entre uma prática de escritura cujo objetivo é transmitir uma informação e uma poética”.

A autora supracitada também declara que a leitura do epistolar atualiza as apostas pragmáticas da situação do escritor e que a epistolaridade designa tudo o que caracteriza a escritura de uma carta.

Sabemos que o gênero epistolar, geralmente, é marcado pela troca de cartas. Muitas vezes, o escritor (o epistológrafo) está bem presente em seus escritos. É válido lembrar que existem vários tipos de carta: pessoal, comercial, de reclamação, carta aberta, etc. No entanto, destacamos que as cartas trabalhadas em nosso *corpus* são cartas pessoais.

Silva (1997, p. 121) prefere utilizar o termo “gênero carta” a “gênero

¹⁶ La diversité textuelle – qu’elle fonctionne comme insertion du récit dans d’autres types de textes ou comme insertion d’autres types de séquences dans le narratif – est doublement régie par l’organisation en *genres*. En effet les textes se présentent sous forme de *genres* codifiés socialement et parfois esthétiquement : tracts, éditoriaux, procès-verbaux, romans, nouvelles... Ces genres contraignent les récits, d’abord en imposant des modes d’organisation, plus ou moins rigides, à la diversité séquentielle, ensuite en commandant des formes plus ou moins codées pour ces séquences.

epistolar” para reforçar o sentido de unidade comunicativa e evitar possíveis conotações literárias. Para ela, a carta é uma unidade funcional da língua, empregada em situações características, quando há ausência de contato imediato entre emissor e destinatário.

No entanto, a categoria carta, “tout court”, é muito ampla, não dando conta da diversidade de textos e de propósitos nela encontrados. Para Swales [1990], o termo carta faz referência ao meio de comunicação, mas lhe falta, como categoria, uma indicação de propósito suficiente para alcançar o status de gênero.

De fato o rótulo **carta** é abrangente e pouco esclarecedor: excetuando-se o formato externo – cabeçalho, data, assinatura – e algumas expressões formulaicas frequentes em suas seções iniciais e finais, o corpo da carta permite qualquer tipo de comunicação: desde as vantagens de um determinado cartão de crédito até informações sobre o condomínio, passando pelas esperadas novidades do amigo que mora no exterior. Todas são cartas, mas não devemos colocá-las na mesma categoria. (SILVA, 1997, p. 121).

Essa citação reforça o que dissemos a respeito dos diferentes tipos de cartas que podem ser encontradas. Podemos notar que, para Silva, há uma estrutura, um formato externo que é característico das cartas; mas o conteúdo pode ser o mais variado possível.

De acordo com Bouvet (2006, p. 12), escolher a modalidade carta é submeter o discurso – sua intenção, seu estilo, suas circunstâncias, “às disposições interiores nas quais se inscreve, a leitura que se fará dele – a uma série de efeitos com os quais se pode, em um período dado, identificar o epistolar”. O autor citado se pergunta o que as cartas possuem que as diferenciam de outras escrituras e afirma que nas cartas há algo mais visível e tangível. Isso as distingue do resto das escrituras, o que lhes dá um caráter peculiar. Ele também afirma que é provável que assinalem muitas coisas a respeito, “mas existe uma certa percepção na qual todos devem estar de acordo: a carta obriga a abrir um espaço de diálogo fictício com os ausentes enquanto as escrevemos”.

Para Bouvet (2006, p. 12-3), a caracterização do epistolar sempre constituiu um problema e sempre houve dificuldades para considerar a escritura de cartas “como uma prática discursiva específica que dá lugar a um tipo peculiar de enunciados”. Porém, há uma “peculiaridade discursiva” que envolve o epistolar, pois apesar das particularidades e diferenças que podem ser encontradas, como assinalou Silva, em toda carta operam certas relações dinâmicas fundamentais que cumprem o molde epistolar, como presença/ausência, oralidade/escritura, privado/público, entre outros.

2.5.1. Estrutura composicional da carta

Utilizando-nos das palavras de Adam e Revaz, os quais afirmam que haveria um “ar de família” pertencente aos gêneros, perguntamo-nos se haveria

uma estrutura composicional pertencente às cartas. De acordo com Álvarez (2002), ainda não existe uma norma estrita que regule a elaboração de uma carta, o que se pode observar são algumas tendências, de acordo com o tipo de carta. São estratégias convencionais que, de certa forma, determinam sua disposição e o tom que o escritor usa para se manifestar.

Ainda que não haja nada que delimite a estrutura de uma carta, Álvarez assinala uma tendência, como uma espécie de esquema estabelecido de antemão. Para ela (2002, p. 13), as partes constitutivas de uma carta são: data e cabeçalho; introdução; corpo da carta; despedida e assinatura; anexo, notas (parte acessória).

- A *data* é importante conhecê-la, sobretudo, nas cartas comerciais. [...].
- O *cabeçalho* oferece variações, de acordo com a relação existente entre o autor e o receptor (familiares, formal). [...]. (ÁLVAREZ, 2002, p. 13).²⁵
- A *introdução* é opcional, mas muito conveniente para criar um clima mais agradável e influenciar o destinatário a receber a comunicação favoravelmente (*benevolentiae captatio*). [...].
- O *corpo central* é o motivo que originou a carta. Nele será exposto o assunto da mesma, dividido, se for necessário, em ideia fundamental e secundária(s). Além disso, somará a petição ou desejo que se esconde nessa exposição do assunto central da carta. É o que os retóricos medievais denominarão a *narratio* e a *petitio*. [...].
- A *despedida* é o fechamento da carta, onde se manifestam as saudações e os bons votos, mediante formas de cortesia. [...].
- O anexo ou *post scriptum* situa-se no final da carta, no caso de se ter esquecido algum dado de interesse. [...]. (ÁLVAREZ, 2002, p. 15).¹⁷

Para a autora referida, vale salientar que essas estratégias são unilaterais, pois o destinatário conhece e espera que tais estratégias se ponham em prática, ou seja, espera-se que a carta apresente ao menos parte das características citadas. Essas estratégias estão em função do assunto tratado, da

¹⁷ - La *fecha* es importante conocerla, sobre todo en las cartas comerciales. [...].

- El *encabezamiento* ofrece variaciones, según la relación existente entre el autor y el receptor (familiares, de respeto). [...].

- La *introducción* es optativa, pero muy conveniente para crear un clima más agradable y predisponer al destinatario a recibir la comunicación favorablemente (*benevolentiae captatio*). [...].

- El *cuerpo central* es el motivo que ha originado la carta. Aquí se expondrá el asunto de la misma, desglosado, si fuera necesario, en idea fundamental y secundaria(s). Se añadirá, además, la petición o deseo que se esconde en esa exposición del asunto central de la carta. Es lo que los retóricos medievales denominaron la *narratio* y la *petitio*. [...].

- La *despedida* es el cierre de la carta, en donde se manifiestan los saludos y los buenos deseos, mediante fórmulas de cortesia. [...].

- La *posdata* o *post scriptum* se coloca al final de la carta, en el caso de que se haya olvidado algún dato de interés. [...].

pessoa a quem se endereça, ou do contexto situacional em que a carta é produzida. Isso tem como resultado uma “tipificação” da carta que nem sempre está sujeita a normas muito rigorosas.

Diferentemente, Adam, que também já escreveu a respeito do gênero epistolar, apresenta-nos uma estrutura composicional da carta. Para ele (1998, p. 41):

Para a tradição medieval, uma carta comporta cinco partes: a *salutatio*, a *captatio benevolentioe*, a *narratio*, a *petitio* (demanda ou objeto da carta) e a *conclusio*. A tradição clássica reduz a composição em três grandes conjuntos: a tomada de contato com o destinatário da carta que corresponde ao exórdio da retórica, a apresentação e o desenvolvimento do objeto do discurso cuja noção retórica de *narratio* não recobre todos os objetos possíveis, enfim, a interrupção final do contato ou da conclusão.

Em uma perspectiva pragmática e textual é necessário partir da existência de uma macro-unidade: o *texto dialogal*. Este último comporta um plano de texto forçado: *sequências fáticas* de abertura e de fechamento, de um lado, e do outro, *sequências transacionais* constituindo o corpo da interação. A forma epistolar foi certamente monogerada, ela recupera a seu modo, esse plano de texto cujos diferentes gêneros epistolares regram as variações, tanto formais quanto estilísticas.¹⁸

Face ao exposto, Adam (1998) admite a existência de diferentes gêneros epistolares; entretanto, ele faz a distinção trazendo a seguinte estrutura que, segundo ele, pode ser aplicada a toda forma epistolar: (1) Abertura; (2) Exórdio; (3) Corpo da carta; (4) Peroração e (5) Fechamento.

Para Adam (1998), as partes do plano de texto 2 e 4 (exórdio e peroração) são facultativas ou menos desenvolvidas, pois são zonas discursivas de transição (introdução-preparação e conclusão-fim) entre os momentos inicial e final com relação à dominante fática e o corpo da carta propriamente dito. Segundo o teórico, elas comportam todas as características que a retórica concede tradicionalmente ao exórdio e à peroração: preparar, de um lado, a recepção da troca poupando a face do outro (do familiar ao mais solene) e introduzindo eventualmente mais comoção e preparando as futuras interações com o

¹⁸ Pour la tradition médiévale une lettre comporte cinq parties : la *salutatio*, la *captatio benevolentioe*, la *narratio*, la *petitio* (demande ou objet de la lettre) et la *conclusio*. La tradition classique réduit plus justement la composition à trois grands ensembles : la prise de contact avec le destinataire de la lettre qui correspond à l'*exorde* de la rhétorique, la présentation et le développement de l'objet du discours dont la notion rhétorique de *narratio* ne recouvre pas tous les possibles, enfin l'interruption finale du contact ou conclusion.

Dans une perspective pragmatique et textuelle, il est nécessaire de partir de l'existence d'une macro-unité : le *texte dialogal*. Ce dernier comporte un plan de texte contraignant : des *séquences phatiques* d'ouverture et de clôture, d'une part, des *séquences transactionnelles* constituant le corps de l'interaction, d'autre part. La forme épistolaire a beau être monogérée, elle reprend, à sa manière, ce plan de texte dont les différents genres épistolaires règlent les variations tant formelles que stylistiques.

destinatário (sua resposta mais particularmente).

Assim, para Álvarez, a carta comportaria seis partes, enquanto que para Adam, comporta cinco, apesar de Álvarez afirmar que a última parte denominada por ela, anexo ou *post scriptum*, é facultativa. Logicamente, essas estruturas propostas pelos teóricos aqui apontados são gerais, podendo haver variações de acordo com o tipo de carta e/ou o contexto no qual elas foram produzidas. Para a Linguística Textual, a carta possui alguns elementos, como local, data, vocativo e assinatura, que servem como elementos contextualizadores.

2.5.2. Interação entre locutor e interlocutor

Além de uma estrutura pré-definida que pode ser encontrada em determinados tipos de carta, outra característica que marca esse tipo de escritura é a interação que parece existir entre locutor e interlocutor. Segundo Álvarez (2002, p. 12), o único meio que o “eu” que escreve uma carta usa para chegar ao interlocutor ausente é a linguagem. E de um modo geral, não é possível afirmar que a carta não tem uma extensão predefinida, “pois os limites dependem da informação que será transmitida e/ou do tipo de carta”. A autora também afirma que na composição da carta, intervêm outros tipos de escritura, como a narração e a descrição.

Apesar de ser um meio de comunicação interpessoal à distância, em forma de diálogo escrito, que supõe um tempo e um espaço do emissor, distintos dos do receptor, mediados por uma ruptura temporal e espacial [...], a carta imita a comunicação pessoal, oral, direta, mantendo características da oralidade. A carta “incita de antemão a mediatizar, a objetivar a imediatividade. Escrever cartas é simular o vivo no meio da palavra marcada. [...]”.

Isso propicia, além do mais, a reflexão no próprio momento da produção, como se o que escreve a carta tomasse consciência de si mesmo, e permite ao mesmo tempo corrigir os possíveis erros, tanto na expressão, quanto na informação que se pretende transmitir. (BOUVET, 2006, p. 24).¹⁹

Álvarez (2002, p. 11) também declara que a carta é a forma mais simples da comunicação entre um “eu” e um “tu”, é “uma forma de interação social, que parte de uma situação comunicativa muito especial, pois um dos interlocutores não está presente”. Trata-se, portanto, de uma “conversa” atrasada, pois o “eu” que escreve a carta, espera, na maioria dos casos, uma

¹⁹ A pesar de ser un medio de comunicación interpersonal a distancia, en forma de diálogo escrito, que supone un tiempo y un espacio del emisor distintos de los del receptor, mediados por una brecha temporal y espacial [...], la carta imita la comunicación personal, oral, directa, manteniendo características de la oralidad. La carta “incita de antemano a mediatizar, a objetivar la inmediatez. Escribir cartas es simular lo vivo en medio de la palabra fijada. [...]”.

resposta. Para a autora, a carta pressupõe a existência de uma segunda pessoa, mas à distância.

Por pressupor a existência de uma segunda pessoa, Álvarez (2002) acredita que o *eu*-autor se vê obrigado a completar os detalhes que uma conversa *in praesentia* poderia proporcionar, para evitar as ambiguidades e favorecer, assim, uma boa interpretação.

Isso propicia, além do mais, a reflexão no próprio momento da produção, como se o que escreve a carta tomasse consciência de si mesmo, e permite ao mesmo tempo corrigir os possíveis erros, tanto na expressão, quanto na informação que se pretende transmitir. (ÁLVAREZ, 2002, p. 12).²⁰

Jaubert e Bouvet também se posicionam a respeito da comunicação existente entre locutor e interlocutor. De acordo com Jaubert (2005, p. 228-9), ao combinar sua situação de discurso monogerado e sua vocação de discurso endereçado, o texto epistolar fixa sua posição de gênero intermediário entre os gêneros de discurso dialogais, interativos diretos, e o diálogo interno; em outras palavras, o dialogismo de um discurso de interação em espera, haja vista que a resposta, a voz do outro, surge posteriormente.

Para Bouvet (2006, p. 25), o epistolar não é somente um gesto de comunicação, mas também um gesto de escritura. A especificidade da escritura epistolar consiste em manter em uma mesma tensão o espaço das relações vividas e o horizonte de um laço imaginário aberto na distância pelo escrito. Ainda discursando sobre a carta, Bouvet (2006, p. 25-6) escreve:

Escritura solitária, ela é palavra de comunicação, mas também fulguração de signos de onde o literário pode surgir. As dificuldades para oferecer a escritura a outro conduzem à própria literatura. A carta é – observou Pedro Salinas – “terreno tão escorregadio, que a intensão estritamente humana, de comunicar-se com outra pessoa por escrito, ao ter que se utilizar inevitavelmente da linguagem, pode deslizar-se ao outro lado das fronteiras do privativo, sem que o autor dificilmente se dê conta, e converter-se em intenção literária. Porque a linguagem tem suas misteriosas leis de formosura, suas exigências secretas, também, que tiram do que escreve. [...]”²¹

²⁰ Esto propicia además la reflexión en el momento mismo de la producción, como si el que escribe la carta tomara conciencia de sí mismo, y permite a la vez corregir los posibles errores, tanto en la expresión como en la información que se pretende transmitir.

²¹ Escritura en soledad, ella es palabra de comunicación pero también fulguración de signos donde lo literario puede surgir. Las dificultades para ofrecer la escritura a otro conducen a la literatura misma. La carta es – ha señalado Pedro Salinas – “terreno tan resbaladizo, que la intención estrictamente humana, de comunicarse con otra persona por escrito, al tener que servirse inevitablemente del lenguaje, puede deslizarse al otro lado de las fronteras de lo privativo, sin que el autor se dé cuenta apenas, y convertirse en intención literaria. Porque el lenguaje, tiene sus misteriosas leyes de hermosura, sus secretas exigencias, también, que tiran del que escribe. [...]”.

Segundo Bouvet (2006), entre a vida e a escritura, a correspondência é uma forma de comunicação mista que não é nem direta nem indireta, nem de presença nem de ausência, mas híbrida. A essa informação, ele acrescenta:

Fatalmente, ao dizer “eu” por escrito, este se desvanece em um eu de papel, em um corpo escrito. Ao dizer “já”, esse momento deixa de pertencer ao presente; “aqui” e “agora” será outro tempo e outro espaço quando o destinatário receber e ler a carta. Em seu nível (de suas circunstâncias, registro e autor), a prática epistolar experimenta a escritura no sentido literário da palavra, a que não se esgota no cumprimento de suas funções comunicativas, [...]. A especificidade da escritura epistolar resulta da combinação ou cruza duas posturas e duas situações enunciativas: uma postura de sujeito que escreve ou “escrevente” (no sentido de *escribão*), no caso de dirigir-se a alguém determinado em presença, e uma postura de escritor ou “autor” de obras impressas em situação de ausência, orientado a um público indeterminado. (BOUVET, 2006, p.27).²²

A partir do fragmento em apreciação, percebemos que a interação na escritura epistolar se dá em dois momentos. O primeiro (tempo presente), durante sua escrita, marcado por um centro dêitico: eu (escrevo), aqui e agora. O segundo (tempo futuro), acontece no momento em que o destinatário receber a carta. Além disso, Bouvet esclarece que a escritura epistolar pode compreender duas posturas e duas situações enunciativas: alguém que escreve por querer se comunicar com outra pessoa e/ou um escritor de uma obra que escreve a um público indeterminado.

Mas, se ao escrever uma carta, deve-se haver um destinatário, seja ele específico ou não, é possível identificar em todas as circunstâncias um destinatário e até mesmo um autor (da carta) específico? De acordo com Bouvet (2006, p. 79):

Essa dupla natureza do epistolar, que se mostra de uma maneira e “na verdade” é de outra, torna incontestáveis as perguntas: quem escreve a carta? Para quem a escreve? A quem se destina? Obviamente, não nos referimos aos indivíduos que movem a pluma ou pressionam as teclas ao escrever, nem as pessoas físicas que recebem e leem as cartas, mas as figuras discursivas do enunciadador e do destinatário que constituem, como disse Salinas, “zonas duvidosas do verdadeiro

²² Fatalmente, al decir “yo” por escrito, éste se desvanece en un yo de papel, en un cuerpo escrito. Al decir “ya”, este momento deja de pertenecer al presente; “aquí” y “ahora” será otro tiempo y otro espacio cuando el destinatario reciba y lea la carta. A su nivel (de sus circunstancias, registro y autor), la práctica epistolar experimenta la escritura en el sentido literario de la palabra, aquella que no se agota en el cumplimiento de sus funciones comunicativas, [...]. La especificidad de la escritura epistolar resulta de la combinación o cruce de dos posturas y dos situaciones enunciativas: una postura de sujeto que escribe o “escribiente” (en el sentido de *écrivaint*), en situación de dirigirse a alguien determinado en presencia, y una postura de escritor o “autor” de obras impresas en situación de ausencia, orientado hacia un público indeterminado.

destino da carta privada”. O enunciado epistolar se caracteriza por ter um estatuto equívoco das categorias de enunciadador e destinatário. A carta não tem “autor”, no sentido forte de presença plena e proprietário do discurso; o “autor da carta”, disse Derrida, “fica fora do jogo”.²³ Tampouco tem um destinatário claramente definido.

Por mais que o autor da carta e o destinatário possam não ser claramente identificados, Bouvet (2004) defende que, assim como Benveniste disse, em todo enunciado está presente o destinatário, ainda que não esteja explícito. Não há possibilidade de enunciar sem levá-lo em conta. A intensa orientação até o interlocutor ausente faz o enunciado epistolar essencialmente bivocal, dialógico; enunciar com a voz do destinatário é seu modo de fazê-lo presente. A carta resulta de um diálogo escrito com a palavra (a voz, os enunciados, o discurso) do destinatário ausente, de tal modo que esse destinatário se faz presente na escritura.

Sobre essa noção de interação/conversação presente nas cartas, Adam (1998, p. 39) declara que “são as circunstâncias da interação sócio-discursiva em curso que ditam as regras de escritura de cada carta”. Ele nos apresenta algumas noções apresentadas por Noël e La Place que trazem uma interessante nuance quando se define a carta como uma conversação.

[...] uma carta, seja qual for a natureza do assunto, por mais afastada que ela possa estar do tom da conversação, só se afastará dela para nela entrar frequentemente. Daí, essas formas consagradas no discurso falado, essas interrupções em estilo direto que permitem cortar o fio das ideias e de retomá-lo de acordo com sua vontade e, por consequência, ligar e desligar com facilidade as diferentes partes de uma carta.

O estilo epistolar, encarado sob esse ponto de vista, empresta verdadeiramente à conversação a facilidade de passar bruscamente e sem preparação de uma ideia a outra e se poupa, assim, da extrema dificuldade das transições. É um dos privilégios do gênero. (NOEL; LA PLACE apud ADAM, 1998, p. 41).²⁴

²³ Esta naturaleza doble de lo epistolar, que se muestra de una manera y “realmente” es de otra, vuelve incontestables las preguntas ¿quién escribe la carta?, ¿para quién la escribe?, ¿a quién la destina? Obviamente, no nos referimos a los individuos que mueven la pluma o presionan las teclas al escribir ni a las personas físicas que reciben y leen las cartas, sino a las figuras discursivas del enunciadador y del destinatario que constituyen, como dice Salinas, “zonas dudosas del verdadero destino de la carta privada”. El enunciado epistolar se caracteriza por tener un estatuto equívoco de las categorías de enunciadador y destinatario. La carta no tiene “autor”, en el sentido fuerte de presencia plena y propietario del discurso; el “autor de la carta”, dice Derrida, “queda fuera de juego”. Tampoco tiene un destinatario claramente definido.

²⁴ [...] une lettre, quelle que soit la nature du sujet, quelque éloignée qu’elle puisse être du ton de la conversation, ne s’en écartera que pour y entrer souvent. De là ces formes consacrées dans le discours parlé, de là ces interruptions en style directe qui permettent de couper le fil des idées, et de le renouer à son gré, et par conséquent de lier et de détacher avec facilité les différentes parties d’une lettre. Le style épistolaire, envisagé sous ce point de vue, emprunte véritablement à la conversation la facilité de passer brusquement et sans préparation d’une idée à une autre, et s’épargne ainsi l’extrême

Diante da diversidade das práticas sócio-discursivas epistolares, Adam acredita que é possível apontar a existência, não de um gênero específico, mas de gêneros. Ele se apóia no princípio bakhtiniano:

Cada esfera [da atividade e da comunicação humana] conhece seus gêneros, apropriados as suas especificidades, aos quais correspondem estilos determinados. Uma função dada (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e condições dadas, específicas para cada uma das esferas da troca verbal, engendram um gênero dado, em outras palavras, um tipo de enunciado dado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. O estilo está indissociavelmente ligado a unidades composicionais: tipo de estruturação e de acabamento de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da troca verbal (relação com o ouvinte ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso dos outros, etc.). [...]. (BAKHTIN apud ADAM, 1998, p. 44).²⁵

Face ao exposto, dizemos que os gêneros tornam-se apropriados às condições da atividade e da comunicação humana. Observamos que, embora o estilo esteja associado às unidades composicionais e essas unidades utilizem certos elementos para se transformarem em determinados gêneros, a existência de um gênero ou sua predominância em um texto não anula a presença do outro.

Segundo Adam (1998, p. 45), “a forma epistolar possui uma característica dialógica comum a todas as espécies de carta, que seria a inscrição da situação enunciativa no texto”. Para ele, todas as formas das cartas têm como particularidade o fato de propor uma imagem do outro. “A ausência torna possível e favorece essa construção com os riscos que comporta o fato de propor ao interlocutor uma imagem dele mesmo”.

Reconhecendo a diversidade das práticas discursivas epistolares, é evidente que convém dividir a macro-categoria da forma epistolar em diversos gêneros que possuem uma historicidade e que estão diretamente ligados à diversidade das práticas sócio-discursivas nas quais os temas estão engajados. Os gêneros epistolares estão, como todos os gêneros, diretamente ligados às condições de interação: aos parâmetros do tempo e do lugar social, aos interlocutores engajados na interação, ao objeto do discurso, e ainda, a uma língua dada. Esse

difficulté des transitions. C'est un des privilèges du genre.

²⁵ Chaque sphère [de l'activité humaine] connaît ses genres, appropriés à sa spécificité, auxquels correspondent des styles déterminés. Une fonction donnée (scientifique, technique, idéologique, officielle, quotidienne) et des conditions données, spécifiques pour chacune des sphères de l'échange verbal, engendrent un genre donné, autrement dit, un type d'énoncé donné, relativement stable du point de vue thématique, compositionnel et stylistique. Le style est indissociablement lié à des unités compositionnelles : type de structuration et de fini d'un tout, type de rapport entre le locuteur et les autres partenaires de l'échange verbal (rapport à l'auditeur, ou au lecteur, à l'interlocuteur, au discours d'autrui, etc.). [...].

conjunto complexo dos parâmetros pragmáticos complementares impõe suas leis à realização do texto particular de cada carta.²⁶

É nesse sentido que podemos encontrar tantas variedades para o gênero epistolar. O tempo, o lugar, os interlocutores engajados na interação e o assunto determinarão o tipo de carta que será produzida.

Segundo Jaubert (2005), a carta constitui um espaço de fala monogerado, imputável a um único locutor, mas também se inscreve em uma troca, pois a interação existente acontece *in absentia*. Portanto, a carta responde a uma determinação mais dialógica que dialogal.

Jaubert (2005) considera que o dialogismo interlocutivo mostrado é apenas a parte que aparece de um dialogismo interlocutivo latente, pré-requisito no próprio procedimento de se endereçar por escrito a um interlocutor escolhido.

Esse dialogismo interacional, inerente ao procedimento no qual a carta se inscreve, poderia ser qualificado como “constitutivo”, exceto considerar precisamente que ele tende a produzir marcas. E as marcas em questão recortam em parte as de um dialogismo *interdiscursivo* que, do seu lado também, declina-se entre convergências alusivas (e até inconscientes) e francas representações de um discurso do Outro. Uma zona de contato entre esse dialogismo interdiscursivo e o dialogismo interlocutivo se atualiza na reflexividade dos enunciados, onde as fórmulas introdutórias de sua própria fala e da do Outro se respondem. Sobre o plano semântico-enunciativo, essas fórmulas mediatizam o conteúdo enunciado, ou *dictum*. Sobre o modo do *você diz que/eu sei (bem) que*, elas representam marcadores dialógicos importantes, favorecidos pela situação de comunicação epistolar, e diretamente em contato com a interação que ela veicula, uma prova do elo que une o *eu-aqui-agora* ao *outro-alhures-depois*: além das distâncias, espacial e temporal, um apelo à reciprocidade. (JAUBERT, 2005, p. 218-9).²⁷

²⁶ En reconnaissant la diversité des pratiques discursives épistolaires, il est évident qu’il convient de diviser la macro-catégorie de la forme épistolaire en divers genres qui possèdent une historicité et qui sont directement liés aux conditions de l’interaction : aux paramètres du temps et du lieu social, aux interlocuteurs engagés dans l’interaction, à l’objet du discours et, de plus, à une langue donnée. Cet ensemble complexe de paramètres pragmatiques complémentaires impose ses lois à la réalisation du texte particulier de chaque lettre.

²⁷ Ce dialogisme interactionnel, inhérent à la démarche dans laquelle la lettre s’inscrit, pourrait être qualifié de « constitutif », sauf précisément à considérer qu’il tend à produire des traces. Et les traces en question recourent en partie celles d’un dialogisme *interdiscursif* qui, de son côté aussi, se décline entre convergences allusives (voire inconscientes) et franches représentations d’un discours de l’Autre.

Une zone de contact entre ce dialogisme interdiscursif et le dialogisme interlocutif s’actualise dans la réflexivité des énoncés, où les formules introductives de sa propre parole et de celle de l’Autre se répondent. Sur le plan sémantico-énonciatif, ces formules médient le contenu énoncé, ou *dictum*. Sur le mode du *vous dites que/je sais (bien) que*, elles représentent des marqueurs dialogiques importants, favorisés par la situation de communication épistolaire, et directement en prise avec l’interaction qu’elle véhicule, une mise à l’épreuve du lien qui unit le *je-ici-maintenant* à l’*autre-ailleurs-plus tard* : par-delà les distances, spatiale et temporelle, un appel à réciprocité.

Não se falará *a priori* de um dialogismo epistolar específico, consoante Jaubert, pois o que está irredutivelmente preso à carta é a situação de comunicação que ela revela. Por se tratar de uma interação produzida *in absentia*, essa interação está ao mesmo tempo em situação de monólogo e em um discurso explicitamente endereçado.

[...] viu-se resolver esse paradoxo comunicacional por uma forte emergência dialógica, que, simulando uma certa cooperação dialogal, interpreta um papel compensador. Mas a carta é também, não esqueçamos, *um discurso escrito*, e na própria ocasião, muito escrito. Esse dado acompanha o tempo deixado a seus longos desenvolvimentos, que acabamos de evocar. Ela favorece um retorno sobre sua própria fala, um desdobramento reflexivo que, abraçando o próprio e o outro, produz uma variante da dialogização: a *autodialogização*. (2005, p. 227-8).²⁸

Portanto, diante do fragmento supracitado, notamos que a carta se insere em uma variante da dialogização: a autodialogização.

2.5.3. Carta literária

Ao falar sobre a carta literária, Álvarez (2002) relata que existem outros tipos de escrito (literários) que estão em estreita relação com ela, como a confissão, a memória e a autobiografia. Ela ainda diz que essas formas são consideradas gêneros literários, ainda que em algumas ocasiões, os limites entre elas não sejam traçados com absoluta nitidez. Vejamos o que Álvarez (2002, p. 23-4) fala a respeito da autobiografia, que discutiremos a seguir:

A autobiografia, muito próxima da confissão, é também o relato da própria vida. Até que ponto é possível distinguir um tipo de escrito do outro? A confissão é autobiográfica, é a materialização artística do próprio autor, de sua vida, dos feitos narrados. Em ambas, produz-se a identificação entre narrador e personagem, mediante o emprego da primeira pessoa, que remete, por sua vez, ao próprio sujeito da enunciação. É que, talvez, seja apenas um problema de terminologia; o que importa é o relato “auto-revelado” da vida de um homem, de suas vivências e experiências sob uma perspectiva analítica, se o denomina confissão ou autobiografia.²⁹

²⁸ [...] on l'a vu résoudre ce paradoxe communicationnel par une forte émergence dialogique, qui, simulant une certaine coopération dialogale, joue un rôle compensateur. Mais la lettre est aussi, ne l'oublions pas, *un discours écrit*, et à l'occasion même très écrit. Cette donnée accompagne le temps laissé à ses longs développements, que nous venons d'évoquer. Elle favorise un retour sur sa propre parole, un dédoublement réflexif qui, embrassant le même et l'autre, produit une variante de la dialogisation : *l'autodialogisation*.

²⁹ La autobiografía, muy próxima a la confesión, es también el relato de la propia vida. ¿Hasta qué punto es posible distinguir un tipo de escrito del otro? La confesión es autobiográfica, es la

2.6. Gênero autobiografia

Segundo Philippe Lejeune (1998), um dos maiores estudiosos sobre do gênero autobiográfico, a autobiografia surgiu na segunda metade do século XVIII na maioria dos países da Europa. De acordo com o teórico, foi nessa época que as pessoas começaram a tomar consciência do valor e da singularidade da experiência que cada um tem de si mesmo.

Essa descoberta da historicidade bem no seio da personalidade toma diferentes formas: afetivamente, ela pode acompanhar-se de nostalgia, do desejo de retorno às origens, ao paraíso perdido da infância, sentimento praticamente inexistente antigamente; intelectualmente, ela provoca um estudo genético da personalidade. Ao mesmo tempo em que a autobiografia permite explodir essas riquezas da vida interior, ela preenche outra função importante: ela converte em valor social a experiência de si vivida, de uma certa maneira, à margem da sociedade, ela exterioriza a interioridade e a manifesta a outros. (LEJEUNE, 1998, p. 43-4).³⁰

O teórico citado também escreve que, por outro lado, a autobiografia também estabelece um tipo de relação entre o autor e o leitor: a leitura se torna um momento de comunhão, o texto não é mais só o intermediário transparente que serve de comunicação de pessoa a pessoa.

2.6.1. Autobiografia: definição

Antes de nos apontar sua definição para o gênero, Lejeune (1998, p. 10) nos traz um interessante questionamento:

[...] “O que é uma autobiografia?” acrescenta-se frequentemente: “O que é uma *boa* autobiografia?” Nós fazemos intervir uma concepção, talvez pessoal, do que *deve* ser uma autobiografia. Esse deslizamento do julgamento de fato ao julgamento de valor parece quase inevitável em um domínio no qual o próprio valor entra em meio aos critérios

materialización artística del propio autor, de su vida, de los hechos narrados. En ambas, se produce la identificación entre narrador y personaje, mediante el empleo de la primera persona, que remite, a su vez, al sujeto mismo de la enunciación. Y es que, quizás, sea un problema sólo de terminología; lo que importa es el relato “autorrevelado” de la vida de un hombre, de sus vivencias y experiencias bajo una perspectiva analítica, se le denomine confesión o autobiografía.

³⁰ Cette découverte de l'historicité au sein même de la personnalité prend différentes formes : affectivement, elle peut s'accompagner de nostalgie, du désir de retour aux sources, au paradis perdu de l'enfance, sentiment pratiquement inexistant auparavant ; intellectuellement, elle entraîne une étude génétique de la personnalité. En même temps que l'autobiographie permet d'exploser ces richesses de la vie intérieure, elle remplit une autre fonction importante : elle reconvertit en valeur sociale l'expérience de soi vécue d'une certaine manière en marge de la société, elle extériorise l'intériorité et la manifeste à autrui.

de definição, já que a particularidade da autobiografia é de conseguir manifestar a pessoa como valor.³¹

Podemos então, diante dessa citação, pensar que, para que uma obra se torne autobiográfica, basta que o principal valor dentro dela seja a pessoa que fala/escreve, quer dizer, o autor? Face ao exposto, acreditamos que sim, uma vez que ele deve ser o personagem principal e que sua vida deve estar em evidência. Lejeune (1998) define a autobiografia como sendo uma narrativa retrospectiva em prosa que alguém faz de sua própria existência, quando o assunto principal é sua vida individual; particularmente, a história de sua personalidade. De acordo com Zanone (1996), também estudioso do assunto, a autobiografia evoca uma narrativa na qual o autor conta sua vida: “autobiografia”, para ele, é a biografia de si, por si mesmo. Desse modo, vemos que, apesar dos teóricos citados não darem o mesmo significado para o termo autobiografia, eles o consideram como uma narrativa em que a pessoa escreve sobre sua vida.

Contudo, Lejeune vai além, mostrando que essa definição põe em jogo elementos que pertencem a três categorias, são elas: 1) A forma da linguagem: a) Narrativa; b) Em prosa; 2) O tema tratado: vida individual, história de uma personalidade; 3) A situação do autor: a) Identidade do autor, do narrador e do personagem; b) Perspectiva retrospectiva da narrativa.

Ao percorrermos alguns estudos mais recentes elaborados por Lejeune, percebemos que o autor revela a complexidade que envolve uma definição para o gênero. Segundo ele:

[...] Como a maioria dos “gêneros” literários, ela [a autobiografia] é simplesmente o lugar geométrico dos textos respondendo a certas condições de forma, de tema, e de modo de produção; é então, uma categoria complexa e instável. É, aproximadamente, tão difícil dar uma definição precisa da autobiografia como definir uma categoria como o “barroco”. (1998, p.9).³²

O autor assume que uma definição para o que seria autobiografia, ou a classificação de uma obra do gênero, não é uma tarefa simples. Lejeune considera essa definição complexa, pois deverão ser levadas em consideração certas condições, tais como: o momento de produção, os assuntos retratados, ou seja, o

³¹ [...] “Qu’est-ce qu’une autobiographie?”, s’ajoute souvent: “Qu’est-ce qu’une *bonne* autobiographie?”

Nous faisons intervenir une conception, peut-être personnelle, de ce que *doit* être une autobiographie. Ce glissement du jugement de fait au jugement de valeur semble presque inévitable dans un domaine où la valeur entre elle-même parmi les critères de définition, puisque le propre de l’autobiographie est d’arriver à manifester la personne comme valeur.

³² [...] comme la plupart des “genres” littéraires, elle [l’autobiographie] est simplement le lieu géométrique des textes répondant à certaines conditions de forme, de sujet, et de mode de production; c’est donc une catégorie complexe et instable. Aussi est-il à peu près aussi difficile de donner une définition précise de l’autobiographie que de définir une catégorie comme le “baroque”.

enfoque mais ressaltado pelo autobiógrafo.

De acordo com Zanone (1996, p. 14), escrever a história de sua personalidade “não é simplesmente contar acontecimentos passados, mas se avaliar constantemente como o herói de um romance de aprendizagem para quem cada peripécia é o momento de uma formação, portador de uma ocasião de maturação a apreender”. Para ele, o narrador, que é o personagem que surge no momento da narração, aquele que sabe, é levado voluntariamente a julgar o que ele foi.

Assim, vemos que Zanone também considera que contar a história de si, em outras palavras, escrever uma autobiografia, é algo complexo, uma vez que não basta que se conte apenas sua história de vida; o autor deve ter consciência de sua trajetória e do aprendizado que essa trajetória lhe trouxe.

2.6.2. Veracidade no gênero autobiográfico

De acordo com Lejeune (1975, p. 23), o escritor autobiográfico deve assumir a responsabilidade do que diz. Mesmo que a autobiografia seja na terceira pessoa, o autor deve deixar claro que está falando da pessoa que assina, geralmente, o livro:

É nesse nome que se resume toda a existência do que se chama o autor: única marca no texto de uma impressão indiscutível, remetendo a uma única pessoa real, que pede assim, que lhe atribuam, em último caso, a responsabilidade da enunciação de todo o texto escrito.³³

Segundo Lejeune (1975), a identidade do narrador e do personagem principal que supõe a autobiografia geralmente é marcada pelo emprego da primeira pessoa.

Rabatel (2004) escreve a respeito do relato de vida, que relacionamos ao texto autobiográfico. Ele diz que, se há um enunciador implicado, esse relato deve ser verdadeiro e podemos concluir que, nesse tipo de relato, deve-se excluir a subjetividade do enunciador. Isso quer dizer que, para ele, é um tipo de escritura em que o enunciador está em evidência, não havendo espaço para outras interpretações, além de ter que enunciar fatos verdadeiros.

2.6.3. Marcas de primeira pessoa no gênero autobiográfico

Ao falar sobre os gêneros que trazem em si as marcas do autor, Charaudeau (1992, p. 162) nos traz como exemplo o autobiográfico, em que é possível encontrar, sobretudo, a presença da primeira pessoa do singular (je/eu):

³³ C'est dans ce nom que se résume toute l'existence de ce qu'on appelle l'auteur : seule marque dans le texte d'un indubitable hors-texte, renvoyant à une seule personne réelle, qui demande ainsi qu'on lui attribue, en dernier ressort, la responsabilité de l'énonciation de tout le texte écrit.

Os *eu* do texto remetem sucessivamente e, às vezes, simultaneamente, aos diferentes sujeitos do dispositivo de enunciação [...].

-*eu* remete a um *narrador que é, ao mesmo tempo, personagem* de sua história e *testemunha* de sua própria vivência (autor-indivíduo) [...].

-*eu* remete a um *narrador que é, ao mesmo tempo, personagem e testemunha* de sua atividade de escritor (autor-escritor) [...].

-*eu* remete sucessivamente a um *narrador-contador* e tem um *personagem testemunha* de sua vivência (autor-indivíduo) [...].³⁴

Essa relação apresentada por Charaudeau, de que o escritor pode ser, ao mesmo tempo, narrador, personagem e testemunha de sua própria história, assemelha-se ao que Lejeune denomina pacto autobiográfico, em que o autor, narrador e personagem de uma obra devem ser a mesma pessoa.

Assim, fizemos um breve passeio sobre os pressupostos que envolvem os “gêneros” presentes no *Itinéraire* e que será discutido mais adiante.

³⁴ Les *je* du texte renvoient successivement, et parfois simultanément, aux différents sujets du dispositif d'énonciation [...].

je renvoie à un *narrateur qui est en même temps personnage* de son histoire et *témoin* de son propre vécu (auteur-indivíduo) [...].

je renvoie à un *narrateur qui est en même temps personnage et témoin* de son activité d'écrivain (auteur-écrivain) [...].

je renvoie successivement à un *narrateur-conteur* et à un *personnage témoin* de son vécu (auteur-indivíduo) [...].

3. A Responsabilidade Enunciativa

Para se estudar a RE, algumas noções são fundamentais para que compreendamos os conceitos que a envolve. Entre esses conceitos, destacamos as concepções de locutor/enunciador, os pressupostos que marcam as definições de dialogismo e polifonia, pontos de vista, pluralidade de vozes, tipos de ponto de vista e as marcas que denotam a (não) assunção da responsabilidade enunciativa.

Eis que faremos uma explanação sobre as considerações trazidas por alguns autores que estuda(ra)m essa teoria para compreendermos melhor como ela se desenvolve.

3.1. Enunciado e Enunciação

Neste momento, apresentamos algumas considerações feitas por Dubois (1969) acerca das diferenças entre enunciado e enunciação, assunto que envolve a temática da Responsabilidade Enunciativa (RE). É importante que compreendamos bem do que se trata, uma vez que também é preciso entender as noções de locutor e enunciador (que veremos mais adiante).

De acordo com Dubois (1969, p. 100), a oposição entre o enunciado, o texto realizado e a enunciação, “ato da produção do texto”, aparece com as análises da linguística europeia, com a convergência dos estudos dos formalistas sobre as estruturas narrativas, e da estilística pragueana e geneviana.

Ainda segundo Dubois (1969, p. 100), em um dos polos, coloca-se a “estrutura significativa de um enunciado acabado e fechado, e onde, por essa razão, cada elemento responde no conjunto”. No outro polo, “o sujeito, cujo ato único e decisivo, que cria o enunciado, é mediatizado por uma sucessão de estruturas e de integrações”. A enunciação é apresentada, seja como o surgimento do sujeito no enunciado, seja como a relação que o locutor entretém pelo texto com o interlocutor, ou como a atitude do sujeito que fala com relação a seu enunciado.

A enunciação é definida como a atitude do sujeito falante diante de seu enunciado, este fazendo parte do mundo dos objetos. O processo de enunciação, assim visado, será então descrito como uma distância relativa posta pelo sujeito entre ele mesmo e esse enunciado [...]. Essa distância deve variar linearmente, mas não entre o enunciado e o sujeito, mas mais justamente entre ele e o mundo pelo intermédio de um enunciado que se constitui, ele mesmo, como uma distância. O enunciado, por suas regras, pela distribuição de seus elementos constituintes, traduz essa distância: de uma outra maneira, o que é comunicado ao interlocutor não é nem o sujeito, nem a experiência, mas o fato de que o que é transmitido é mais ou menos assumido. Suponhamos que essa distância tenda em direção a zero – pois a

imagem da assíntota vem necessariamente à mente –, isso significa que o sujeito falante assume totalmente seu enunciado, que há, portanto, uma relativa identificação entre o “*eu*” sujeito do enunciado e o “*eu*” sujeito da enunciação. Mas o fato de construir um enunciado com “*eu*” não significa que modo algum que a distância tenda a zero. (DUBOIS, 1969, p. 104).³⁵

Portanto, podemos considerar, a partir do fragmento citado, que a enunciação é a atitude do sujeito falante diante de seu enunciado. Dubois também considera que quando há uma relação entre o “*eu*” sujeito do enunciado e o “*eu*” sujeito da enunciação, significa dizer que o sujeito falante assume totalmente seu enunciado. Mas não se pode dizer que o fato de utilizar o “*eu*” marque um total distanciamento por parte do sujeito falante. Mais adiante, discutiremos com mais detalhes essa relação de distanciamento.

3.2. Responsabilidade Enunciativa e a noção de Polifonia e Dialogismo

Um dos pontos de grande destaque no estudo da Responsabilidade Enunciativa (RE) é a noção de dialogismo e polifonia, uma vez que buscamos encontrar quem fala, quem produz o enunciado, quem é o responsável pela voz do que está sendo dito, quem esta voz representa, aliás, haveria um responsável pelo que está sendo dito? O estudo dessas vozes que envolvem os discursos, que podem pertencer a uma ou mais de uma pessoa, que pode representar o pensamento de uma ou de várias pessoas é desenvolvido dentro das noções de dialogismo e polifonia. Vejamos o que dizem alguns teóricos sobre esse tema.

Segundo Dendale e Coltier (2006, p. 271), a teorização da noção de polifonia na linguística tem por origem reflexões trazidas por Ducrot nos anos 80. Paralelamente a Ducrot e a ScaPoLine (Teoria Escandinava da Polifonia Linguística), os pesquisadores da praxemática criaram no final dos anos noventa um outro viés da teoria da polifonia, baseada sobre a exploração linguística dos escritos de Bakhtin que trata do dialogismo. Dendale e Coltier (2006, p. 272) afirmam que o que se nomeia comumente teoria da polifonia não é um bloco

³⁵ L’*énonciation* est définie comme l’attitude du sujet parlant en face de son *énoncé*, celui-ci faisant partie du monde des objets. Le procès d’*énonciation*, ainsi envisagé, sera alors décrit comme une distance relative mise par le sujet entre lui-même et cet *énoncé* [...]. Cette distance doit varier linéairement, mais non entre l’*énoncé* et le sujet, mais plus justement entre lui et le monde par l’intermédiaire d’un *énoncé* qui se constitue lui-même comme une distance. L’*énoncé* par ses règles, par la distribution de ses éléments constituants traduit cette distance : d’une autre manière, ce qui est communiqué à l’interlocuteur, ce n’est ni le sujet ni l’expérience, mais le fait que ce qui est transmis est plus ou moins pris en charge.

Supposons que cette distance tende vers zéro – car l’image de l’asymptote vient nécessairement à l’esprit –, cela signifie que le sujet parlant assume totalement son *énoncé*, qu’il y a donc une relative indifférenciation entre le *je* sujet de l’*énoncé* et le *je* sujet de l’*énonciation*. Mais le fait de construire un *énoncé* avec *je* ne signifie nullement que la distance tende vers zéro.

monolítico, mas um conjunto plural de quadros teóricos ou de teorizações. Eles também reconhecem que o fato de alguns autores não definirem os termos polifonia e dialogismo dificulta o ensino da disciplina.

Para Ducrot, há polifonia ou pluralidade de vozes (1^o) quando em um enunciado estão explicitamente presentes dois seres de discurso que não se identificam – dois locutores (caso do DD na dupla enunciação), dois enunciadores (caso da negação e da pressuposição) ou um locutor e um enunciador (caso da ironia) –; (2^o) quando em um enunciado há multiplicidade de *pdv* que “se justapõem, se superpõem ou se respondem” (Ducrot 1986 : 20). [...]: Nølke e a ScaPoLine definem explicitamente a polifonia pela presença de diferentes *pdv*. Mas ainda assim não é tão simples. Primeiramente, porque todo *pdv* está ligado a uma fonte (tipo de enunciador, retomaremos esse assunto). Em segundo lugar, porque diversas formas de polifonia são distintas (polifonia interna e externa, estrita ou não). (DENDALE; COLTIER, 2006, p. 289).³⁶

Ao falar sobre a teoria polifônica da enunciação, Dendale e Coltier (2006) afirmam que a palavra “polifonia” se encontra nos escritos de Bakhtin desde 1929 e se perguntam se Ducrot (que fez referência ao termo em 1980) teria tomado “emprestado” essa palavra. Em 1982, Ducrot se refere a Bakhtin como aquele que “elaborou o conceito de polifonia”. (1982, p. 65, 1984a, p. 171).

Bakhtin recorre certamente a dois termos: *polifonia* e *dialogismo*. Se *polifonia* concerne aos textos, *dialogismo* designa “um princípio que governa toda prática humana” (Nowakowska 2005 : 25-26) e, portanto, *também o enunciado*. Se Ducrot conhecesse os textos de Bakhtin, como se explica ele ter preferido o termo *polifonia*? *Dialogismo* lhe foi mais conveniente, ainda mais porque ele recorre à noção de *diálogo* em sua descrição dos fenômenos polifônicos. Resumindo, para Bres (1996:39) e Nowakowska (2005:27) “Ducrot (1984) e seus epígonos [...] falam de polifonia onde Bakhtin fala de dialogismo”. Bakhtin não é, sem dúvida, o inspirador direto de Ducrot. É, de preferência, Bally quem desempenha esse papel [...]. (DENDALE; COLTIER, 2006, p. 274).³⁷

³⁶ Pour Ducrot il y a polyphonie ou pluralité de voix (1^o) quand dans un énoncé sont explicitement présents deux êtres de discours qui ne s’identifient pas – deux locuteurs (cas du DD dans la double énonciation), deux énonciateurs (cas de la négation et de la présupposition) ou un locuteur et un énonciateur (cas de l’ironie) – ; (2^o) quand dans un énoncé il y a multiplicité de *pdv* qui « se juxtaposent, se superposent ou se répondent » (Ducrot 1986 : 20) . [...] : Nølke et la ScaPoLine définissent explicitement la polyphonie par la présence de différents *pdv*. Mais là encore, tout n’est pas simple. D’abord parce que tout *pdv* est lié à une source (sorte d’énonciateur, nous y revenons). Ensuite, parce que diverses formes de polyphonie sont distinguées (polyphonie interne et externe, strictes ou non).

³⁷ Bakhtine recourt en effet à deux termes : *polyphonie* et *dialogisme*. Si *polyphonie* concerne bien les textes, *dialogisme* désigne « un principe qui gouverne toute pratique humaine » (Nowakowska 2005 : 25-26) et donc *aussi l’énoncé*. Si Ducrot connaissait les textes de Bakhtine, comment se fait-il qu’il ait préféré le terme de *polyphonie* ? *Dialogisme* lui eût mieux convenu, d’autant plus qu’il

A noção de dialogismo para Bres é bem próxima a de polifonia para Ducrot. Para Bres (2001, p. 83), o dialogismo é a capacidade do enunciado de fazer ouvir, além da voz do enunciador, uma (ou várias) outra(s) vozes que “folheiam” enunciativamente. Rabatel (2008, p. 373-4) descreve a relação entre vozes e ponto de vista. Ele acredita que a oposição feita pelos praxemáticos entre dialogismo (hierarquização das vozes) e polifonia (igualdade de vozes) deve ser precisada para se evitar o risco de contrassenso no sistema bakhtiniano. Para o autor citado, a tese da igualdade das vozes tem sua pertinência, mas em um nível narratológico, que não exclui a hierarquização linguística das vozes entre locutores:

É toda a dificuldade da ambivalência das vozes para Bakhtin, que Genette começou a levantar com sua análise das focalizações narrativas. Uma voz pode, ao mesmo tempo, remeter a uma fala de locutor, mas também a um ponto de vista (PDV). Ora, esse PDV, por um lado, não corresponde necessariamente a um locutor, ele pode se referir a enunciadores intradieгéticos distintos do locutor (por exemplo, um personagem, ou uma opinião dóxica), por outro lado, não se exprime necessariamente pelas falas, mas pode corresponder a modos de doação das ações, das percepções dos personagens – é o que tentamos distinguir com as diferentes modalidades dos PDV representados, contados e assertivos. Em outros termos, a voz a qual se fala aqui não tem necessariamente a ver com o conceito linguístico de “voz referida a um locutor”, mas corresponde, antes, a valores [...].³⁸

Essas considerações feitas por Rabatel nos mostram, de uma maneira resumida, que uma voz pode, ao mesmo tempo, remeter a uma fala do locutor e a um ponto de vista. Esse ponto de vista pode não corresponder a um locutor, ele pode fazer referência a enunciadores intradieгéticos diferentes do locutor, ou ainda a uma opinião dóxica.

O teórico também define os termos dialogismo e polifonia. O dialogismo seria o fenômeno linguístico fundamental de todo enunciado atravessado pelo diálogo interno ou externo que o enunciador entretém com

recourt bien à la notion de *dialogue* dans sa description des phénomènes polyphoniques. Bref, pour Bres (1996 : 39) et Nowakowska (2005 : 27) « Ducrot (1984) et ses épigones [...] parlent de polyphonie là où Bakhtine parle de dialogisme ». C'est que Bakhtine n'est sans doute pas l'inspirateur direct de Ducrot. C'est plutôt Bally qui joue ce rôle [...].

³⁸C'est toute la difficulté de l'ambivalence des voix chez Bakhtine, que Genette a commencé à lever avec son analyse des focalisations narratives. Une voix peut à la fois renvoyer à une parole de locuteur, mais aussi à un point de vue (PDV). Or, ce PDV, d'une part, ne correspond pas nécessairement à un locuteur, il peut référer à des énonciateurs intradieгétiques distincts du locuteur (par exemple un personnage, ou une opinion doxique), d'autre part, ne s'exprime pas nécessairement dans des paroles, mais peut correspondre à des modes de donation des actions, des perceptions des personnages – c'est ce que nous avons tenté de distinguer avec les différentes modalités des PDV représentés, racontés, assertés. En d'autres termes, la voix dont il est question ici n'a pas nécessairement à voir avec le concept linguistique de « voix référée à un locuteur », mais correspond plutôt à des valeurs.

outros enunciadores, passados ou por vir, *in absentia* ou *in praesentia*. A polifonia, por sua vez, corresponde a um fenômeno linguageiro de essência estética, característica de alguns discursos romanescos nos quais o narrador faz falar pontos de vista diferentes, sem parecer subordiná-los ao seu. Assim definidos, esses conceitos parecem depender de domínios diferentes.

Toda a tese deste trabalho repousa, ao contrário, sobre a ideia de que essas esferas têm a vantagem de serem articuladas constantemente, como mostra a crítica interna da obra de Bakhtin, dialogismo e polifonia sendo duas facetas complementares para abordar os fenômenos enunciativos pondo fim ao mito da unicidade do sujeito falante, apreendidos de um ponto de vista translíngüístico (dialogismo) ou estático-antropológico (polifonia). (RABATEL, 2008, p. 363).³⁹

Rabatel (2008, p. 365) complementa sua fala escrevendo a respeito da preferência que muitos têm pelo termo polifonia:

O superemprego do termo “polifonia”, tanto nos estudos literários quanto lingüísticos, juntamente com a influência profunda dos trabalhos de Ducrot, Anscombe e de muitos outros pesquisadores de talento. Ora, a tradição ducrotiana da polifonia apoia-se sobre “uma extensão (muito livre) na lingüística das pesquisas de Bakhtin sobre a literatura” (Ducrot, 1984 : 173), pois Ducrot nomeia polifonia o que Bakhtin visava antes sob o termo de “dialogismo”. Por essa razão, não é de admirar constatar que as marcas da polifonia são, para os seguidores de Ducrot, como Nølke, as mesmas que Bres evoca com o título de dialogismo – exceto o dialogismo da nomação – (Bres, 2001 : 87).⁴⁰

Mas ele assume sua preferência pelo termo dialogismo. Em *Homo narrans*, Rabatel (2008) escreve que prefere utilizar mais o termo “dialógico” que “polifônico”, pois, além das razões de anterioridade histórica que o fez preferir o primeiro termo, existe um “pano de fundo antropológico que advoga nesse sentido”. De acordo com Rabatel, trata-se do fato de que a representação

³⁹ Toute la thèse de ce travail repose au contraire sur l’idée que ces sphères gagnent à être articulées constamment, comme le montre la critique interne de l’œuvre de Bakhtine, dialogisme et polyphonie étant deux facettes complémentaires pour aborder les phénomènes énonciatifs mettant fin au mythe de l’unicité du sujet parlant, appréhendés d’un point de vue translíngüistique (dialogisme) ou esthétique- anthropologique (polyphonie).

⁴⁰ Le suremploi du terme de « polyphonie », dans les études tant littéraires que linguistiques, va de pair avec l’influence profonde des travaux de Ducrot, Anscombe et de maints autres chercheurs de talent. Or la tradition ducrotienne de la polyphonie repose sur « une extension (*très libre*) à la linguistique des recherches de Bakhtine sur la littérature » (Ducrot, 1984 : 173) puisque Ducrot nomme polyphonie ce que Bakhtine envisageait plutôt sous le terme de « dialogisme ». C’est pourquoi il n’est pas étonnant de constater que les marques de la polyphonie sont, chez les continuateurs de Ducrot, tel Nølke, les mêmes que celles que Bres évoque au titre du dialogisme – excepté le dialogisme de la nomação – (Bres, 2001 : 87).

das percepções fornece a oportunidade de uma abordagem responsiva, de um diálogo potencial, postulado e mais ou menos atualizado entre o locutor e o enunciador primeiro (L1/E1) e o enunciador segundo, ou entre L1/E1 e outras imagens dele mesmo, no caso da autodiálogo, mesmo que seja em um grau menor.

Entre os autores que se propõem a estudar polifonia e dialogismo, podemos encontrar os que fazem parte da Teoria Escandinava da Polifonia Linguística (doravante ScaPoLine). Para os teóricos escandinavos (2004, p. 31-2), os pdv são entidades semânticas compostas de uma fonte, de um julgamento e de um conteúdo. E nesse sentido, os pontos de vista constituem o esqueleto da estrutura polifônica. De acordo com a ScaPoLine (2004), os textos veiculam na maioria dos casos, pontos de vista diferentes. O autor faz falar várias vezes através do seu texto, tornando-se, assim, polifônico.

A ScaPoLine representa uma abordagem polifônica que permanece fiel à concepção ducrotiana da polifonia – ao menos em princípio. Ora, contrariamente a Ducrot, não poderemos nos contentar em examinar a polifonia no nível da língua. Como a maioria dos outros linguistas que se inspiraram em Ducrot, precisaremos tratar da manifestação polifônica no nível da fala igualmente. É nesse momento que se efetua a interpretação, portanto, é aí que se estabelece a colaboração com os literários, que está no centro do nosso projeto. (NØLKE et al., 2004, p. 19-20).⁴¹

O ponto de divergência entre os pressupostos ducrotianos e a ScaPoLine é que, para os escandinavos, a polifonia não é estudada somente no nível da língua, mas também no nível da fala. É nessa perspectiva que entra em cena a interpretação, juntamente com os literários.

Um dos pontos de destaque na teoria proposta pela ScaPoLine é o fato de eles distinguirem polifonia linguística e polifonia literária.

Se, para a polifonia linguística, existem pesquisas propriamente teóricas, a noção de polifonia literária recobre antes um método de interpretação, o que está ligado ao fato de que a polifonia linguística toma seu ponto de partida no nível da língua para unir língua e fala de maneira sistemática, enquanto que a análise polifônica literária se efetua no nível da fala. Outra diferença, sem dúvida correlacionada à precedente, consiste no número e no tipo de fenômenos considerados como polifônicos pelas duas abordagens. Para dar apenas um exemplo: a “palavra bivocal” utilizada por Bakhtin. O autor de uma obra literária pode fazer falar outras vezes empregando um

⁴¹ La ScaPoLine représente une approche polyphonique qui reste fidèle à la conception ducrotienne de la polyphonie – du moins en principe. Or contrairement à Ducrot, nous ne pourrions nous contenter d’examiner la polyphonie au niveau de la langue. Comme la plupart des autres linguistes qui se sont inspirés de Ducrot, nous aurons besoin de traiter de la manifestation polyphonique au niveau de la parole également. C’est là que s’effectue l’interprétation, c’est donc là que s’établit la collaboration avec les littéraires, qui est au centre de notre projet.

vocabulário diferente do seu. Cada palavra comporta assim várias vozes. No estado atual da elaboração da teoria linguística, esses fenômenos de sentido não são considerados como polifônicos. (NØLKE et al., 2004, p. 14).⁴²

Assim, a partir da leitura do fragmento supracitado, vemos que enquanto a polifonia linguística trabalha com pesquisas mais especificamente teóricas, a polifonia literária está ligada principalmente a um método de interpretação, pois a polifonia linguística toma seu ponto de partida no nível da língua e a polifonia literária no nível da fala, ou seja, do discurso.

A ScaPoLine (2004) esclarece que mesmo sendo uma teoria estritamente linguística, na medida em que seu objeto de estudo é a língua, seu último objetivo é o de prever e explicar as interpretações as quais dão lugar aos enunciados e aos textos. Seu objetivo é precisar as limitações propriamente linguísticas que a língua impõe sobre os aspectos polifônicos associados à interpretação.

Os escandinavos (2004) também afirmam que a noção de polifonia foi incorporada à linguística graças à Ducrot e que embora essa noção nunca tenha estado no centro dos interesses desse autor, foi ele quem conseguiu definir a polifonia como uma noção linguística suscetível de dar conta de certos fatos que dependem da língua propriamente dita e não (somente) da fala. A originalidade de sua abordagem reside na separação do sujeito falante no nível do próprio enunciado.

Amossy (2005, p. 64-5) também escreveu a respeito do dialogismo e da polifonia. Quanto ao dialogismo, a autora afirma que não se trata simplesmente das vozes que o locutor faz ecoar em seu discurso, mas do fato de que o sujeito falante é necessariamente e constantemente atravessado pelo discurso do outro, e não existe independentemente dele. As duas orientações do dialogismo são classicamente resumidas pela distinção entre dialogismo interdiscursivo (a relação com discursos anteriores) e interlocutivo (a relação com a resposta antecipada do alocutário); mas os dois são reportados ao que Authier-Revuz chama heterogeneidade constitutiva.

Nesse caso, trata-se de um “outro que atravessa constitutivamente o um”, e que põe a alteridade na própria essência do sujeito falante. Quanto à polifonia, ela é tratada por Nølke nas diversas acepções que

⁴² Si, pour la polyphonie linguistique, il existe des recherches proprement théoriques, la notion de polyphonie littéraire recouvre plutôt une méthode d'interprétation, ce qui est lié au fait que la polyphonie linguistique prend son point de départ au niveau de la langue pour relier langue et parole de manière systématique, alors que l'analyse polyphonique littéraire s'effectue au niveau de la parole. Une autre différence, sans doute corrélée à la précédente, consiste dans le nombre et le type de phénomènes considérés comme polyphoniques par les deux approches. Pour ne prendre qu'un seul exemple : le « mot bivocal » utilisé par Bakhtine. L'auteur d'une oeuvre littéraire peut faire parler d'autres voix en employant un vocabulaire différent du sien. Chaque mot comporte ainsi plusieurs voix. Dans l'état actuel de l'élaboration de la théorie linguistique, ces phénomènes de sens ne sont pas considérés comme polyphoniques.

lhes prestam os domínios em que a noção é utilizada. Nos estudos literários, onde Bakhtine introduziu, a princípio, esse termo, trata-se do fato de que “os textos veiculam, na maioria dos casos, muitos pontos de vista diferentes: o autor pode fazer falar várias vozes através do seu texto” (2002 :444). Portanto, não se trata mais da fala do outro que necessariamente atravessa o sujeito e através da qual somente o outro pode se constituir, mas dos “pontos de vista” e das “vozes” que veiculam um mesmo texto – e, em linguística, um mesmo enunciado.⁴³

Rabatel (2008, p. 513) considera que o dialogismo “não é somente o fato de que o discurso se compõe de discursos anteriores, é, também, o fato de refletir, voluntariamente, em seu discurso, pontos de vista diferentes”. Sob essa perspectiva, observamos que Rabatel considera o fato de que, a partir do dialogismo, o discurso pode pretender pontos de vista diferentes. O conceito de dialogismo, para ele, se opõe ao de monologismo, em que o discurso não teria a intenção de trazer diferentes pontos de vista. Nesse sentido, o estudioso acrescenta:

[...] frequentemente, fala-se de dialogismo de uma forma geral, englobando sob essa denominação um dialogismo externo (ou heterodialogismo), alimentado pelo diálogo com os outros, e um dialogismo interno (ou autodialogismo, alimentado pelo diálogo que o eu entretém com ele mesmo, em outras palavras, com o si). Evidentemente, os dois domínios são complementares. Quando tratamos do PDV, o fenômeno dialógico é, a princípio, heterodialógico, já que o narrador remete ao PDV de um outro (um personagem, uma coletividade, a doxa); mas o PDV é, também, ao analisar o PDV de e2 em seu fluxo – abstração feita, se se pode dizer, da voz dos outros – autodialógica: é notavelmente o que se passa com a passagem de tal forma de PDV a tal outra, de tal percepção a tal pensamento ou a tal fala, quando se trata aí de traços de ajustamentos do sentido. (2008, p. 356).⁴⁴

⁴³ Dans ce cas de figure, il s’agit d’un « autre qui traverse constitutivement l’un », et qui pose l’alterité au coeur même du sujet parlant. La polyphonie, quant à elle, est traitée par Nølke dans les diverses acceptions que lui prêtent les domaines où la notion est utilisée. Dans les études littéraires, où Bakhtine a d’abord introduit ce terme, il s’agit du fait que « les textes véhiculent, dans la plupart des cas, beaucoup de points de vues différents : l’auteur peut faire parler plusieurs voix à travers son texte » (2002 : 444). Il n’est donc plus question de la parole de l’autre qui nécessairement traverse le sujet et à travers laquelle seule il peut se constituer, mais des « points de vue » et des « voix » que véhiculent un même texte – et, en linguistique, un même énoncé.

⁴⁴ [...] souvent, on parle de dialogisme en général, englobant sous cette dénomination un dialogisme externe (ou hétérodialogisme), nourri du dialogue avec les autres, et un dialogisme interne (ou autodialogisme, nourri du dialogue que le moi entretient avec lui-même, autrement dit avec le soi). Bien évidemment, les deux domaines sont complémentaires. Lorsque nous traitons du PDV, le phénomène dialogique est d’abord hétérodialogique, puisque le narrateur fait écho au PDV d’un autre (un personnage, une collectivité, la doxa) ; mais le PDV est aussi, à analyser le PDV de e2 dans son flux – abstraction faite, si l’on peut dire, de la voix des autres – autodialogique : c’est notamment ce qui se passe avec le passage de telle forme de PDV à telle autre, de telle perception à telle pensée

O estudioso citado (2005, p. 96) trata a questão do dialogismo a partir da problemática do ponto de vista. Mas, o que seria o PDV? Segundo Rabatel (2004, p. 43. Grifos do autor):

[...] o PDV se apresenta como um dado objetivo anterior a todo julgamento, antes das pressuposições e das premissas. Assim, com o PDV, a natureza sempre sujeita à discussão do que é posto, é mascarada pelo fato de que o posto é apresentado sobre o *modo da evidência perpétua*, e então é apresentado, nesse sentido, como não contestável. A lógica natural é assim feita para que se aceite facilmente o que resulta de uma observação a priori desprovida de apostas interpretativas, já que o que “se vê com os olhos” parece corresponder à emergência pura dos fenômenos, independentemente de toda intencionalidade humana.⁴⁵

Rabatel (2004, p. 43) também afirma que, de uma forma geral, o PDV “se define pelos meios linguísticos pelos quais um sujeito visa um objeto, em todos os sentidos do termo visar, seja esse sujeito singular ou coletivo”. Com relação ao objeto, ele pode corresponder a um “objeto concreto, certamente, mas também a um personagem, uma situação, uma noção ou um acontecimento, já que, em todos os casos, trata-se de objetos de discurso”. O sujeito, responsável da referenciação do objeto, exprime seu PDV, às vezes diretamente, por comentários explícitos, às vezes indiretamente, pela referenciação do material linguístico.

Observamos que, para Rabatel, o PDV pode ser expresso diretamente ou indiretamente e que, a partir do PDV passado pela pessoa que escreve, o leitor é levado a aderir mais fortemente a representações que se configuram, aparentemente, de boa fé, não usando seu senso crítico, já que, aparentemente, não há nada a discutir.

Segundo Ducrot (1984), que introduziu a noção de ponto de vista na teoria enunciativa polifônica em 1984, essa noção também pode ser associada às noções de posição e atitude. Para ele, um ponto de vista não é um enunciado apenas com uma sequência de palavras, mas uma frase com sentido lógico.

De acordo com Amossy (2005), os pontos de vista, entre outros fatores, podem contribuir para marcar a (não) assunção da RE:

A localização, com a ajuda de marcadores linguísticos, das vozes e dos pontos de vista permite, em contrapartida, ver como o locutor os

ou à telle parole, en tant qu’il s’agit là de traces d’ajustements du sens.

⁴⁵ [...] Le PDV se présente comme un *donné objectif antérieur à tout jugement*, en aval des données ou des prémisses. Ainsi, avec le PDV, la nature toujours sujette à discussion du posé est masquée par le fait que le posé est présenté sur le *mode de l’évidence perceptuelle*, et donc est présentée, à ce titre, comme non contestable. La logique naturelle est ainsi faite qu’on accepte facilement ce qui résulte d’une observation a priori dénuée d’enjeux interprétatifs, puisque ce qu’« on voit de ses yeux » semble correspondre à l’émergence pure des phénomènes, indépendamment de toute intentionnalité humaine.

assume e os hierarquiza marcando (ou escondendo) sua própria posição. Estamos aí na polifonia, que permite ao discurso argumentativo revelar suas estratégias pondo em cena um debate, ou um conjunto de pontos de vista, no seio de um discurso único. (AMOSSY, 2005, p. 72).⁴⁶

Um PDV corresponde a um conteúdo proposicional remetendo a um enunciador ao qual o locutor “se assimila” ou, pelo contrário, distancia-se, consoante Rabatel (2005, p. 59). Ele também destaca a importância que a noção de PDV tem para a análise de textos, principalmente por se tratar de um subconjunto da problemática geral do dialogismo.

O que é, portanto, o ponto de vista? O que há de comum entre uma opinião e um centro de perspectiva narrativo batizado focalizações narrativas por Genette, rebatizado ponto de vista (doravante PDV) em uma ótica linguística? Nos dois casos, todo objeto do discurso é representado por uma fonte enunciativa segundo suas intenções pragmáticas. Mas essa resposta, apesar de sua legitimidade, só faz reforçar a imensidão dos problemas conexos que emergem da problemática do PDV, por exemplo, a relação entre percepção, discurso reportado ou asserção.⁴⁷

Assim, a partir dos pressupostos rabatelianos, vemos que o autor relaciona a noção de PDV com a de focalização narrativa apresentada por Genette outrora. Apesar de mostrar que há uma problemática envolvendo essa noção, ele também apresenta vantagens para utilizá-la, ao dizer que o domínio dos mecanismos e ferramentas do PDV é indispensável para a leitura de textos literários e documentais. Ele também acrescenta que o PDV é uma categoria transversal suscetível de ser um formidável operador de leitura, não somente das narrativas, como também de escrituras e produções orais.

3.3. As diferentes noções de Locutor e Enunciador

Assim como compreender as noções de enunciado, enunciação, polifonia, dialogismo e ponto de vista (PDV) para se fazer uma análise sobre a

⁴⁶ Le repérage, à l'aide de marqueurs linguistiques, des voix et des points de vue permet par contre de voir comment le locuteur les prend en charge et les hiérarchise en marquant (ou en voilant) sa propre position. On est là dans la polyphonie, qui permet au discours argumentatif de déployer ses stratégies en mettant en scène un débat, ou un ensemble de points de vue, au sein d'un discours unique.

⁴⁷ Qu'est-ce donc que le point de vue ? Qu'y a-t-il de commun entre une opinion et un centre de perspective narratif baptisé focalisations narratives par Genette, rebaptisé point de vue (désormais PDV) dans une optique linguistique ? Dans les deux cas, tout objet du discours est représenté par une source énonciative selon ses intentions pragmatiques. Mais cette réponse, malgré sa justesse, ne fait que souligner l'immensité des problèmes conexes qui relèvent de la problématique du PDV, par exemple le rapport entre perception, discours rapporté ou assertion.

responsabilidade enunciativa, os conceitos de Locutor e Enunciador também se fazem mister. A distinção entre esses termos não é consensual, elas podem variar segundo os autores. Começaremos pelas considerações de Ducrot.

Ducrot (1987) distingue locutor e enunciador, denominando “locutor de um enunciado” o autor que ele [o locutor] atribui à sua enunciação.

Este autor pretendido da enunciação é o ser a quem fazem referência o *eu* e as marcas de primeira pessoa (salvo no discurso relatado em estilo direto). Muitas vezes (sobretudo na conversação oral), mas nem sempre, ele pode ser identificado com o falante, isto é, com a pessoa que, “efetivamente”, produz o enunciado. [...].

Chamo “enunciadores” às personagens que são apresentadas pelo enunciado como autores destes atos. Todo o paradoxo – que denomino conforme a expressão de Bakhtin, “polifonia” – prende-se ao fato de que os enunciadores não se confundem automaticamente com o locutor. (DUCROT, 1987, p. 142).

Nas versões ulteriores da teoria polifônica, Ducrot não apresenta mais o locutor como autor da enunciação, mas como responsável, a fim de acentuar a diferença entre locutor e falante.

Ao escrever sobre a teoria polifônica, o teórico citado afirma que é objeto próprio de uma concepção polifônica do sentido mostrar como o enunciado assinala, em sua enunciação, a superposição de diversas vozes. Ducrot discutiu essa teoria com o intuito de criticar e substituir a teoria da unicidade do sujeito da enunciação. Para ele (1987, p. 178), é esta teoria, “um enunciado – um sujeito”, que permite empregar a expressão “o sujeito”, pressupondo como uma evidência que há um ser único autor do enunciado e responsável pelo que é dito no enunciado.

Quais são as propriedades desse sujeito? Primeiro ele é dotado de toda atividade psico-fisiológica necessária à produção do enunciado. [...]. Segundo atributo do sujeito: ser o autor, a origem dos atos ilocutórios realizados na produção do enunciado (atos do tipo da ordem, da pergunta, da asserção, etc.). O sujeito é aquele que ordena, pergunta, afirma, etc. [...].

Além da produção física do enunciado e a realização dos atos ilocutórios, é habitual atribuir ao sujeito falante uma terceira propriedade, a de ser designado em um enunciado pelas marcas de primeira pessoa – quando elas designam um ser extra-linguístico: ele é, neste caso, o suporte dos processos expressos por um verbo cujo sujeito é *eu*, o proprietário dos objetos qualificados por *meus*, é ele que se encontra no lugar denominado aqui... (DUCROT, 1987, p. 178-9).

Ducrot (1987, p. 180) revela que em alguns enunciados não há dificuldade em atribuir à mesma pessoa as três propriedades constitutivas do sujeito falante, como por exemplo, em: “Na semana passada eu estava em Lyon”, utilizada para

responder à pergunta “Onde você estava na semana passada?”. Mas, se o diálogo se torna um pouco mais complexo, a atribuição das três propriedades a um sujeito falante único, torna-se problemática, como alguns enunciados constituídos através da conjunção “mas”.

Ainda segundo Ducrot (1987), o sentido de um enunciado é a descrição de sua enunciação. Essa descrição são as indicações que o enunciado apresenta, no seu próprio sentido, sobre o (ou os) autor(es) eventual(ais) da enunciação.

A tese que quero defender aqui é que é necessário distinguir entre esses sujeitos pelo menos dois tipos de personagens, os enunciadorees e os locutores [...].

Se falo de locutores – no plural – não é para cobrir os casos em que o enunciado é referido a uma voz coletiva (por exemplo, quando um artigo tem dois autores que se designam coletivamente por um *nós*). Visto que, nesse caso, os autores pretendem constituir uma só pessoa moral, falante de uma única voz: sua pluralidade apresenta-se fundida em uma personagem única, que engloba os indivíduos diferentes. O que me motiva para o plural é a existência, para certos enunciados, de uma pluralidade de responsáveis, dados como distintos e irredutíveis. [...]. Por definição, entendo por locutor um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado. É a ele que se refere o pronome *eu* e as outras marcas da primeira pessoa. (DUCROT, 1987, p. 182).

Ducrot (1987, p. 182) ainda declara que mesmo que não se leve em conta, no momento, o discurso relatado direto, ressaltar-se-á que o locutor, designado por *eu*, pode ser distinto do autor empírico do enunciado, de seu produtor – mesmo que as duas personagens coincidam habitualmente no discurso oral.

É relevante para nós quando o estudioso citado afirma que o princípio de que a presença de marcas da primeira pessoa apresenta a enunciação como imputável a um locutor deve receber “certas nuances, pois pode haver possibilidades em que uma enunciação atribuída a um locutor possa ser atribuída a um outro locutor, como se vê no discurso relatado em estilo direto”. E ele exemplifica:

Se Pedro diz “João me disse: eu virei”, como analisar, no que concerne ao locutor, o discurso de Pedro tomado na sua totalidade? Encontram-se aí duas marcas de primeira pessoa que remetem a dois seres diferentes. [...].

Assim, é possível que uma parte de um enunciado imputado globalmente a um primeiro locutor seja, entretanto, imputado a um segundo locutor [...]. (1987, p. 185).

Além de distinguir o locutor do sujeito falante, Ducrot (1987, p. 188) propõe, ainda, uma espécie de “derivação” do que ele denomina locutor:

Já que o locutor (ser do discurso) foi distinguido do sujeito falante (ser empírico), proporei ainda distinguir, no próprio interior da noção de locutor, o “locutor enquanto tal” (por abreviação “L”) e o locutor enquanto ser do mundo (“λ”). L é o responsável pela enunciação, considerado unicamente enquanto tendo esta propriedade. λ é uma pessoa “completa”, que possui, entre outras propriedades, a de ser a origem do enunciado – o que não impede que L e λ sejam seres de discurso, constituídos no sentido do enunciado, e cujo estatuto metodológico é, pois, totalmente diferente daquele do sujeito falante [...]. Direi, pois, que o ser a quem se atribui o sentimento, em uma interjeição, é L, o locutor visto em seu engajamento enunciativo. E é a λ, ao contrário, que ele é atribuído nos enunciados declarativos, isto é, ao ser do mundo que, entre outras propriedades, tem a de enunciar sua tristeza ou sua alegria (de um modo geral o ser que o pronome *eu* designa é sempre λ, mesmo se a identidade deste λ só fosse acessível através de seu aparecimento como L).

Segundo Ducrot (1987, p. 183), não somente o locutor pode ser diferente do sujeito falante efetivo, mas pode ser que certas enunciações, tal como são descritas no sentido do enunciado, não apareçam como o produto de uma subjetividade individual (é o caso dos enunciados que Benveniste chama “históricos”, enunciados caracterizados pelo fato de não veicularem nem marca explícita, nem indicação implícita de primeira pessoa, não atribuindo a nenhum locutor a responsabilidade de sua enunciação).

Rabatel (2008, p. 13-4) que, em certos aspectos, também se baseia nos pressupostos ducrotianos, relaciona o *homo narrans* às definições de locutor e enunciador trazidas por Ducrot:

Segundo Ducrot, [...] “o locutor, responsável do enunciado, dá existência, no meio deste, a enunciadore nos quais ele organiza os pontos de vista e as atitudes. E sua própria posição pode se manifestar, seja porque ele se assimila a tal ou tais enunciadore, tomando-o como representante (o enunciadore é, então, atualizado), seja porque ele escolheu fazê-los aparecer e que a aparição deles é significativa, mesmo se ele não se assimila a eles” (Ducrot 1984 : 205). Em outras palavras, o locutor se torna o responsável da cena enunciativa. Em relação a essas representações, *Homo narrans* é triplamente sujeito, sujeito co-ator, sujeito heterogêneo, sujeito polifônico, nas relações que o narrador entretém com seus pares, com seu auditório assim como com seus personagens, sendo capaz de por em cena uma multiplicidade de PDV e de fazê-los dialogar entre eles.⁴⁸

⁴⁸ Selon Ducrot, [...] « le locuteur, responsable de l'énoncé, donne existence, au moyen de celui-ci, à des énonciateurs dont il organise les points de vue et les attitudes. Et sa position propre peut se manifester soit parce qu'il s'assimile à tel ou tel des énonciateurs, en le prenant pour représentant (l'énonciateur est alors actualisé), soit simplement parce qu'il a choisi de les faire apparaître et que leur apparition reste significative, même s'il ne s'assimile pas à eux » (Ducrot 1984 : 205). Autrement dit, le locuteur devient le responsable de la mise en scène énonciative. En écho à ces représentations,

Ducrot (1987, p. 191) fala da primeira forma de polifonia quando admite a existência de dois locutores distintos em casos de “dupla enunciação”, e declara que esse fenômeno se torna possível pelo fato de o locutor ser um “ser do discurso”, que participa dessa imagem da enunciação fornecida pelo enunciado. A partir da noção de enunciador, o teórico fala de um segundo tipo de polifonia, que, segundo ele, é bem mais frequente. Nesse caso, ele admite que alguns enunciados podem fazer surgir vozes que não são as de um locutor:

Chamo “enunciadores” estes seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; se eles “falamos” é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não no sentido material do termo, suas palavras. [...].

Para definir a noção de enunciador, tenho por vezes [...] dito que eles são os sujeitos dos atos ilocutórios elementares, entendendo por isso alguns atos muito gerais marcados na estrutura da frase (afirmação, recusa, pergunta, incitação, desejo [augúrio], exclamação).

Direi que o enunciador está para o locutor assim como a personagem está para o autor.

[...] o locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciadores de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes. (DUCROT, p. 192-3).⁴⁹

Portanto, vemos que, sob a ótica de Ducrot, o responsável pelo enunciado é o locutor, os enunciadores seriam os responsáveis pelos pontos de vista e atitudes. Alguns autores, como Rabatel, posicionam-se diferentemente quanto ao responsável do enunciado, pois, para ele, o responsável pelo enunciado, pelo que foi dito, é o enunciador, mesmo que seja um enunciador segundo (e2). Mais adiante, apresentaremos a perspectiva rabateliana.

Ducrot (1987, p. 194) utiliza a teoria da narrativa apresentada em Genette (1972) como “parâmetro” para lhe fornecer uma segunda comparação a fim de compreender a distinção entre locutor e enunciador apresentada por ele.

Com efeito, esta teoria faz aparecer na narrativa dois tipos de instâncias narrativas, correspondendo sob muitos aspectos ao que chamei, no estudo da linguagem ordinária, “locutor” e “enunciador”. O correspondente do locutor é o narrador que Genette opõe ao autor da mesma maneira que oponho o locutor ao sujeito falante empírico, isto é, ao produtor efetivo do enunciado. O autor de uma narrativa

Homo narrans est triplement sujet, sujet co-acteur, sujet hétérogène, sujet polyphonique, dans les relations que le narrateur entretient avec ses pairs, avec son auditoire comme avec ses personnages, en étant capable de mettre en scène une multiplicité de PDV et de les faire dialoguer entre eux.

⁴⁹ Ducrot (1987, p. 193) deixa claro que a aproximação da dupla locutor/enunciador e da dupla autor e ator/personagem diz respeito somente ao papel que desempenham as duplas na linguagem teatral e não- teatral que, segundo ele, têm a mesma função semiológica.

(romancista ou novelista) representa, segundo Genette, um narrador, responsável pela narrativa e que tem características bem diferentes daquelas que a história literária ou a psicologia da criação romanesca devem reconhecer ao autor. [...].

Esta primeira característica, [...] diz respeito à atitude do narrador em relação aos acontecimentos relatados. Enquanto o autor *imagina* ou *inventa* estes acontecimentos, o narrador os *relata*, entendendo por isso, por exemplo, ou que ele reproduz lembranças (supostas) – no caso de uma narrativa no passado – ou que ele dá uma forma linguística ao que ele foi levado a viver ou a constatar – em certas narrativas no presente.

Insistirei, sobretudo, em uma segunda diferença entre o narrador e o autor, diferença ligada à primeira. Trata-se de sua relação com o tempo. [...].

Esta distinção do narrador (equivalente literário de meu “locutor”) e o autor (correspondendo ao que chamei o “produtor efetivo”, e exterior à narrativa como o produtor é exterior ao sentido do enunciado) permite mesmo – é a terceira diferença que assinalarei – fazer realizar o ato de narração por alguém de quem se diz, ao mesmo tempo, que ele não existe ou não existe mais. (DUCROT, 1987, p. 194-5).

Além da relação que faz entre o seu locutor e o narrador de Genette, Ducrot (1987) também encontra uma relação nos pressupostos de Genette para o seu enunciador. Ao enunciador, Ducrot afirma que pode, igualmente, fazer corresponder um dos papéis propostos por Genette. Ele coloca o enunciador em paralelo com o que Genette denomina às vezes “Centro de perspectiva” (o “sujeito de consciência” dos autores americanos), ou seja, a pessoa cujo ponto de vista são apresentados os acontecimentos. Para distingui-lo do narrador, Genette diz que o narrador é “quem fala”, enquanto que o centro de perspectiva é “quem vê”.

À luz da ótica Rabateliana (2008, p. 399), o locutor (L) é a instância que profere um enunciado, e a partir da qual opera a orientação enunciativa. Quanto ao enunciador (E), é a instância que assume o enunciado, a partir da qual operam os fenômenos de qualificação e modalização. A cada vez que o locutor pensa o que diz, ele é também enunciador de seus próprios enunciados.

Ainda segundo Rabatel, a dissociação locutor/enunciador “não é uma sofisticação inútil, pois ela permite dar conta dos múltiplos casos em que um locutor se distancia do seu próprio dizer, ou do dizer de um terceiro ou de um interlocutor”. Nesse caso, o enunciador E1 marca sua distância com um enunciador e2, que pode corresponder, seja a ele mesmo (caso da auto-ironia ou de distância com um ponto de vista anterior, ulterior do sujeito), seja ao interlocutor, seja a um terceiro.

Rabatel também declara que sem o conceito de enunciador, teríamos dificuldade para dar conta do implícito, dos pontos de vista que se exprimem em “frases sem fala” (como nos relatos heterodiegéticos) e, finalmente, de todas as situações em que um locutor reporta um ponto de vista ao qual ele empresta sua

voz, sem chegar a retomá-lo por sua conta.

Consoante o referido autor (2008, p. 56), “todo PDV é assumido, seja diretamente por um locutor/enunciador primeiro, seja indiretamente por um locutor/enunciador segundo, seja ainda por um enunciador segundo não locutor” e acrescenta:

O locutor é a instância que profere um enunciado (em suas dimensões fonéticas e fáticas ou escriturais segundo uma orientação dêitica ou segundo uma orientação independente de *ego*, *hic* et *nunc*). Se todo locutor é enunciador, todo enunciador não é necessariamente locutor, o que volta a dizer que um locutor pode fazer eco em seu discurso a vários centros de perspectivas modais, mais ou menos saturados semanticamente: essa disjunção permite dar conta do fato de que o locutor narrador faz ouvir o PDV de um enunciador personagem mesmo se o seu PDV não está expresso em uma fala [...], mas ela permite também dar conta das diversas posturas enunciativas autodialógicas do locutor, quando ele se distancia de tal ou tal PDV que tinha sido o seu, ou que poderia ser o seu em outros contextos de verificação [...].⁵⁰

Como vimos anteriormente, Ducrot (1987) considera que enunciador e ponto de vista são termos solidários. Já Rabatel (2008, p. 57) pensa de modo diferente, para ele, “os dois conceitos não funcionam no mesmo nível, pois a noção de ponto de vista não é tão fundamental quanto o conceito de enunciador, ela tem antes um papel auxiliar na definição de enunciador quando este não for o locutor”. O autor justifica mostrando a ausência de critérios semânticos na definição de ponto de vista.

Os parasinônimos “ponto de vista”, “posição”, “atitude”, dizem eloquentemente que a expressão “ponto de vista” não tem mais importância que as duas outras e que o importante é que o ponto de vista não passe por “falas” referidas a um locutor, autor de um discurso direto ou de um julgamento pessoal implicando a presença do *eu*. (2008, p. 57).⁵¹

Portanto, vemos que a noção de PDV pode ser substituída por outros termos “equivalentes”. Rabatel reforça também o fato de que o PDV não passa

⁵⁰ Le locuteur est l'instance qui profère un énoncé (dans ses dimensions phonétiques et phatiques ou scripturales selon un repérage déictique ou selon un repérage indépendant d'*ego*, *hic* et *nunc*). Si tout locuteur est énonciateur, tout énonciateur n'est pas nécessairement locuteur, ce qui revient à dire qu'un locuteur peut faire écho dans son discours à plusieurs centres de perspective modaux, plus ou moins saturés sémantiquement : cette disjonction permet de rendre compte du fait que le locuteur narrateur fait entendre le PDV d'un énonciateur personnage même si son PDV n'est pas exprimé dans une parole [...], mais elle permet aussi de rendre compte des diverses postures énonciatives autodialogiques du locuteur, lorsqu'il se distancia de tel ou tel PDV qui avait été le sien, ou qui pourrait être le sien dans d'autres cadres de véridiction [...].

⁵¹ Les parasyonymes « point de vue », « position », « attitude » disent éloquentement que l'expression « point de vue » n'a pas plus d'importance que les deux autres et que l'important est que le point de vue ne passe pas par « des paroles » référées à un locuteur, auteur d'un discours direct ou d'un jugement personnel impliquant la présence du *je*.

somente por “falas” referentes a um locutor, autor de um discurso direto ou de um julgamento pessoal em que esteja implicada a presença do “eu”. Como mencionamos anteriormente, o PDV vai além das marcas de primeira pessoa. Para Rabatel (2008), todo enunciado, enquanto combinação de um *modus* associado a um *dictum* denota um PDV, mesmo na ausência do *eu*. De acordo com Rabatel (2005, p. 59):

Localizar um enunciador em um discurso implica buscar sua presença através da referência dos objetos do discurso (inclusive na ausência das marcas de eu-aqui-agora), depois de precisar se o enunciador é aquele que está em sincretismo com o locutor (= E primário, ou principal), ou se se trata de um enunciador intratextual. A referência nunca é neutra, mesmo quando os enunciadores avaliam, modalizam ou comentam o mínimo possível. Essa abordagem dá conta de todos os tipos de PDV, inclusive PDV implícitos [...].⁵²

A partir do fragmento em apreciação, notamos que localizar um enunciador em um discurso permite dar conta de todos os tipos de PDV, até mesmo os implícitos, uma vez que os PDV, enquanto fonte enunciativa, denotam, direta ou indiretamente, seus julgamentos sobre os referentes.

Rabatel (2008) também fala a respeito de alguns autores, como Goffman (1981, p. 144), que propõe ferramentas para hierarquizar os fenômenos de heterogeneidade polifônicos interiores à fala em torno da noção de “footing”. Entre essas ferramentas, encontra-se a que ele denomina como “a voz de um *principal*”, que exerce certa autoridade. Para Rabatel, a ideia de extrair uma “voz” principal é muito útil, pois ela fornece um ponto de apoio à necessária hierarquização dos enunciadores que estão em cena.

Para nós, o *principal* não se determina essencialmente pelo conteúdo (discurso da Lei, da Ciência, da Autoridade), nem mesmo pelos mecanismos linguísticos de apagamento enunciativo; ele se define pelo fato de que é ele quem corresponde ao PDV do locutor enquanto tal e do locutor ser do mundo, e além dele, ao sujeito que fala: em outros termos, é com relação a esse principal que o locutor engaja seu PDV, e é com relação a esse PDV que se estará/estaria suscetível de lhe pedir satisfações, hipoteticamente. Nesse sentido, o principal corresponde ao sincretismo do locutor e do enunciador, aquele que, em um enunciado monológico, corresponde a L1/E1. É também L1/E1 em um enunciado dialógico, ou seja, aquele que corresponde ao que pensa o locutor/enunciador primeiro, aquele ao qual o alocutário ou o destinatário atribui uma posição, marcando que esse

⁵² Repérer un énonciateur dans un discours implique de rechercher sa présence à travers la référénciation des objets du discours (y compris en l’absence des marques de je-ici-maintenant), puis de préciser si l’énonciateur est celui qui est en syncretisme avec le locuteur (= E primaire, ou principal), ou il s’agit d’un énonciateur intratextuel. La référénciation n’est jamais neutre, même lorsque les énonciateurs évaluent, modalisent ou commentent le moins possible. Cette approche rend compte de toutes sortes de PDV, y compris de PDV implicites [...].

último está antes de acordo com tal enunciador intradiscursivo que com tal outro. (RABATEL, 2008, p. 58-9).⁵³

Essa consideração nos remete ao que Maingueneau (2006, p. 136) fala a respeito do sujeito enunciador. Ele acredita que não se pode justapor o sujeito biográfico e sujeito enunciador como duas entidades sem comunicação, ligadas por alguma harmonia preestabelecida:

Cumpra distinguir não duas, mas três instâncias, que propomos denominar *a pessoa, o escritor e o inscriptor*.

A denominação “a pessoa” refere-se ao indivíduo dotado de um estado civil, de uma vida privada. “O escritor” designa o ator que define uma trajetória na instituição literária. Quanto ao neologismo “inscriptor” ele subsume ao mesmo tempo as formas de subjetividade enunciativa da cena de fala implicada pelo texto [...] e a cena imposta pelo gênero do discurso: romancista, dramaturgo, contista... O “inscriptor” é, com efeito, tanto enunciador de um texto específico como, queira ou não, o ministro da instituição literária, que confere sentido aos contratos implicados pelas cenas genéricas e que delas se faz o garante. [...].

Consoante Rabatel (2008, p. 59), alguns enunciadores são mais importantes que outros, “segundo seu grau de atualização no discurso, segundo a natureza dos fenômenos de responsabilidade enunciativa e segundo a reação dos interlocutores”. Assim, ele define o que seria o enunciador primário e segundo:

[...] o enunciador primário, aquele que assume a responsabilidade dos PDV aos quais ele adere, aquele a quem se atribui um grande número de PDV, redutíveis a um PDV geral e a uma posição argumentativa global supõe corresponder a sua posição sobre a questão. Nomearemos principal o enunciador em sincrétismo com o locutor porque este último exprime um PDV a um triplo título [...]. (RABATEL, 2008, p. 59).⁵⁴

[...] os enunciadores segundos, internos no enunciado que

⁵³ Pour notre part, le *principal* ne se détermine pas essentiellement par le contenu (discours de la Loi, de la Science, de l’Autorité), ni même par les mécanismes linguistiques d’effacement énonciatif ; il se définit par le fait que c’est lui qui correspond au PDV du locuteur en tant que tel et du locuteur être du monde, et au-delà de lui, au sujet parlant : en d’autres termes, c’est par rapport à ce principal que le locuteur engage son PDV, et c’est par rapport à ce PDV qu’on sera(it) susceptible de lui demander des comptes, le cas échéant. En ce sens, le principal correspond au syncrétisme du locuteur et de l’énonciateur, celui qui, dans un énoncé monologique, correspond à L1/E1. C’est aussi L1/E1, dans un énoncé dialogique, c’est-à-dire celui qui correspond à ce que pense le locuteur/énonciateur premier, celui auquel l’allocutaire ou le destinataire impute une position, en marquant que ce dernier est plutôt en accord avec tel énonciateur intradiscursif qu’avec tel autre.

⁵⁴ [...] l’énonciateur primaire, celui qui prend en charge les PDV auxquels il adhère, celui à qui on attribue un grand nombre de PDV, réductibles à un PDV général et à une position argumentative globale censée correspondre à sa position sur la question. On nommera *principal* l’énonciateur en syncrétisme avec le locuteur parce que ce dernier exprime le PDV à un triple titre [...].

correspondem, no caso da narração, a personagens, e que são verdadeiros centros de perspectiva em que eles agregam em torno deles um certo número de conteúdos proposicionais que indicam o PDV do enunciador intradiscursivo sobre tal acontecimento, tal estado, tal noção, etc. (RABATEL, 2008, p. 59).⁵⁵

Rabatel explica que, com relação ao enunciador primário, o locutor exprime seu PDV enquanto locutor, através do seu papel na enunciação (esse seria o locutor defendido por Ducrot), enquanto ser do mundo e enquanto sujeito que fala, “aquele a quem se pede satisfações pelo que ele diz”.

Vejamus uma citação de Rabatel (2008, p. 60) que nos mostra claramente em que sentido ele se distancia de Ducrot:

Nossa reflexão sobre as diferentes variedades de responsabilidade enunciativa (RE) em função das instâncias incita-nos a distinguir, por um lado, a RE, para os conteúdos proposicionais que o locutor/enunciador primeiro (L1/E1) assume por sua própria conta, porque ele os julga verdadeiros, por outro lado, a *imputação*, para os conteúdos proposicionais que L1/E1 atribui a um enunciador segundo (e2). No segundo caso apresentado, se o enunciador está na fonte de um ponto de vista (PDV), no sentido definido por Ducrot (1984), sem ser o autor de falas, é difícil falar em RE, com relação à concepção segundo a qual assumir a responsabilidade é falar, dizer. É por essa razão que fazemos, na primeira parte, a hipótese de uma “quase-RE”, as aspas marcando que essa RE não é verdadeiramente uma, mas que ela é, entretanto, necessária para que L1/E1 possa, em seguida, determinar-se com relação a esse PDV : nisso, distanciamos-nos sensivelmente das teses de Ducrot.⁵⁶

Percebemos que a diferença entre a abordagem ducrotiana e rabateliana reside no fato de que Rabatel considera duas situações diferentes, denominando-as “Responsabilidade Enunciativa” e “imputação”. A primeira corresponde aos conteúdos proposicionais que o locutor/enunciador primeiro (L1/E1) assume por

⁵⁵ [...] les énonciateurs seconds, internes à l'énoncé qui correspondent, dans le cas du récit, à des personnages, et qui sont de véritables centres de perspective en ce qu'ils agrègent autour d'eux un certain nombre de contenus propositionnels qui indiquent le PDV de l'énonciateur intradiscursif sur tel événement, tel état, telle notion, etc.

⁵⁶ Notre réflexion sur les différentes variétés de prise en charge énonciative (PEC), en fonction des instances, nous incite à distinguer d'une part la *PEC*, pour les contenus propositionnels que le locuteur/énonciateur premier (L1/E1) assume pour son propre compte, parce qu'il les juge vrais, d'autre part l'*imputation*, pour les contenus propositionnels que L1/E1 attribue à un énonciateur second (e2). Dans ce deuxième cas de figure, si l'énonciateur est à la source d'un point de vue (PDV), au sens où Ducrot 1984 le définit, sans être l'auteur de paroles, il est difficile de parler de PEC, par rapport à la conception selon laquelle prendre en charge, c'est parler, dire. C'est pourquoi nous faisons dans une première partie l'hypothèse d'une « quasi-PEC », les guillemets soulignant que cette PEC n'en est pas vraiment une, mais qu'elle est toutefois nécessaire pour que L1/E1 puisse ensuite se déterminer par rapport à ce PDV : en cela, nous nous écartons sensiblement des thèses de Ducrot.

sua própria conta, porque ele crê na veracidade desses conteúdos. A segunda corresponde aos conteúdos proposicionais que L1/E1 atribui a um enunciador segundo (e2). Para Rabatel, no caso da imputação, se o enunciador está na fonte de um ponto de vista, mas ele não é o autor das falas, não se deve falar em RE, mas em quase-RE, uma vez que assumir a responsabilidade é falar, dizer. Nesse sentido, há uma divergência entre os autores citados.

De acordo com Rabatel (2008, p. 60-1), todo enunciado pressupõe uma instância que assume a responsabilidade do que é dito, “segundo os contextos de referência, o *dictum*, a lexicologia, o conteúdo proposicional, a predicação, segundo o esquema mínimo de enunciação ‘eu digo (“o que é dito”)’”. Em um enunciado como: “eu não gosto dessas questões de responsabilidade enunciativa”, Rabatel afirma que “eu” é a fonte e o validador, ou seja, aquele que aprova a verdade do conteúdo proposicional. Mas, para ele, o dialogismo complica as coisas rapidamente. Assim, na frase “Pierre disse que não gosta dessas questões de responsabilidade enunciativa”, Pierre é locutor segundo e validador da fala (na subordinada), sem que se saiba o que pensa disso L1/E1, que relata o enunciado.

Sobre essa assunção por parte de quem enuncia, Desclés (2009, p. 30) declara que o que é enunciable, para se tornar um enunciado, deve necessariamente ser assumido por um enunciador, que poderá se engajar ou não sobre o conteúdo enunciado, entre outras possibilidades:

Na perspectiva enunciativa, *para todo enunciado, há sempre um enunciador, designado por ‘EU’, que o enuncia em uma relação dialógica com seu ou seus co-enunciador(es)*, em meio a uma operação de “responsabilidade”[ou assunção] de um conteúdo predicativo, ou seja, de uma forma já organizada por, entre outros, operações predicativas. Utilizamos a expressão “o que é dito” com o sentido potencial de “o que é enunciable mas ainda não é enunciado” (Desclés & Guentchéva 2000) para designar o conteúdo predicativo que é um constituinte da própria enunciação e não uma enunciação anterior. Certamente, “o que é dito”, ou melhor, “o que é enunciable”, para ser enunciado e se tornar assim um enunciado, deve necessariamente ser assumido por um enunciador que, portanto, poderá se engajar sobre seu conteúdo, seja se libertar mais ou menos dele, seja fazê-lo ser assumido por outro enunciador, seja ainda introduzir julgamentos avaliativos (epistêmicos ou aléticos) ou ainda recorrer ao co-enunciador para responder as perguntas ou executar ordens [...].⁵⁷

⁵⁷ Dans la perspective énonciative, *pour tout énoncé, il y a toujours un énonciateur, désigné par ‘JE’, qui l’énonce dans une relation dialogique avec son ou ses co-énonciateur(s)*, au moyen d’une opération de « prise en charge » d’un contenu prédictif, c’est-à-dire d’une forme déjà organisée par, entre autres, des opérations prédictives. Nous utilisons l’expression « ce qui est dit » avec le sens potentiel de « ce qui est énonçable mais n’est pas encore énoncé » (Desclés & Guentchéva 2000) pour désigner le contenu prédictif qui est un constituant de l’énonciation elle-même et non pas une énonciation antérieure. En effet, « ce qui est dit », ou mieux « ce qui est énonçable », pour être énoncé et devenir ainsi un énoncé, doit nécessairement être pris en charge par un énonciateur qui, alors,

De acordo com Nølke et al. (2004, p. 28), um traço que marca a Teoria Escandinava da Polifonia Linguística é tratar os fenômenos que são engendrados na língua, em princípio, independentemente de seu contexto enunciativo.

Assim, se ela diz que o locutor tem tal ou tal ponto de vista, não se trata do locutor real ou físico em carne e osso – este é sem interesse para a análise propriamente linguística – mas da instância que enuncia enquanto objeto do discurso. Por exemplo, se é possível ler sobre uma garrafa de suco de fruta: “eu me bebo sem açúcar”, é o suco de fruta que corresponde ao locutor desse enunciado.⁵⁸

Desse modo, notamos que para os autores que propuseram a ScaPoLine, o locutor físico ou real não é levado em consideração em uma análise propriamente linguística. Nesse tipo de análise, o que importa é o que é dito por ele. Além disso, vemos que para se detectar o locutor do enunciado, uma das possibilidades é que este fale em primeira pessoa: “*eu me bebo sem açúcar*”.

Consoante a ScaPoLine (2004, p. 30), a configuração polifônica⁵⁹, que é um elemento da descrição semântica do enunciado, “engloba imagens das instâncias enunciativas e notadamente a do locutor que, com efeito, é o elemento constitutivo da configuração”. Essa configuração é construída pelo locutor e se compõe de quatro elementos: o próprio locutor e três tipos de entidades construídas por ele:

O **locutor-enquanto-construtor** (abreviado em **LOC**) assume a responsabilidade da enunciação. O locutor constrói elementos dos quais se compõe a configuração polifônica.

Os **pontos de vista** (abreviados em **pdv**) são entidades semânticas portadoras de uma fonte que é dita ter o pdv. As fontes são variáveis. Os **seres discursivos fontes dos pdv** (abreviados em **s-d**) são entidades semânticas suscetíveis de saturar as fontes.

Os **elos enunciativos** (abreviados em **elos**) unem os s-d aos pdv. (NØLKE et al., 2004, p. 30).⁶⁰

pourra soit s’engager sur son contenu, soit s’en dégager plus ou moins, soit le faire prendre en charge par un autre énonciateur, soit encore introduire des jugements évaluatifs (épistémiques ou aléthiques) ou encore avoir recours au co-énonciateur pour répondre aux questions ou pour exécuter des ordres [...].

⁵⁸ Ainsi, si elle dit que le locuteur a tel ou tel point de vue, il ne s’agit pas du locuteur réel ou physique en chair et en os – celui-ci est sans intérêt pour l’analyse proprement linguistique – mais de l’instance qui énonce en tant qu’objet du discours. Par exemple, si on peut lire sur une bouteille de jus de fruit : « je me bois sans sucre », c’est le jus de fruit qui correspond au locuteur de cet énoncé.

⁵⁹ Abreviada em configuração pela ScaPoLine.

⁶⁰ Le **locuteur-en-tant-que-constructeur** (abrégié en **LOC**) assume la responsabilité de l’énonciation. Le locuteur construit les éléments dont se compose la configuration polyphonique. Les **points de vue** (abrégiés en **pdv**) sont des entités sémantiques porteuses d’une source qui est dite avoir le pdv. Les sources sont des variables.

Les **êtres discursifs sources des pdv** (abrégiés en **ê-d**) sont des entités sémantiques susceptibles de saturer les sources.

Sobre a configuração construída por LOC, a ScaPoLine (2004, p. 30-1) diz que ela se compõe de pontos de vista (doravante pdv) “unidos aos seres discursivos por diferentes elos” e que o locutor “encena dois papéis diferentes: o de construir e o de apresentar seus próprios pdv”, deixando claro que o locutor poderá construir a configuração de modo que ele apresente seus próprios pdv e não somente os pdv dos outros seres discursivos que povoam seu discurso.

Sobre a configuração construída por LOC, a ScaPoLine (2004, p. 30-1) diz que ela se compõe de pontos de vista (doravante pdv) “unidos aos seres discursivos por diferentes elos” e que o locutor “encena dois papéis diferentes: o de construir e o de apresentar seus próprios pdv”, deixando claro que o locutor poderá construir a configuração de modo que ele apresente seus próprios pdv e não somente os pdv dos outros seres discursivos que povoam seu discurso.

LOC está sempre presente na configuração na medida em que é ele quem é construtor do sentido. Ele pode ser indicado por diferentes meios linguísticos como *os pronomes da primeira pessoa*, certas expressões modais, etc. LOC é provido de um certo número de propriedades: *ele pode ter uma história*, conhecimentos enciclopédicos, etc. dos quais ele pode se servir em seu trabalho construtor. Sua propriedade essencial e constitutiva é, entretanto, a de ser autor da enunciação, vista como um acontecimento histórico associado a uma situação enunciativa com tudo o que isso implica. Para empregar mais uma vez a metáfora teatral bem conhecida, pode-se dizer que cada enunciado é um drama cujo LOC é ao mesmo tempo o autor e o diretor. LOC comunica, portanto, através dos atores que ele dirige. Ele mesmo nunca entra em cena, mas ele pode fazer falar um ator em seu nome. (NØLKE et al., 2004, p. 31. Grifos nossos).⁶¹

Destarte, vemos que LOC é quem constrói o sentido na configuração, ele pode ser indicado pelos pronomes de primeira pessoa, pode também ter uma história e ele é o autor da enunciação. Nesse sentido, observamos que, para a ScaPoLine, assim como para Ducrot, o locutor (LOC) é a pessoa que assume a responsabilidade enunciativa.

De acordo com NØLKE et al. (2004, p. 37):

Les **liens énonciatifs** (abrégiés en **liens**) relie les ê-d aux pdv.

⁶¹ LOC est toujours présent dans la configuration dans la mesure où c'est lui qui est constructeur du sens. Il peut être indiqué par différents moyens linguistiques comme *les pronoms de la première personne*, certaines expressions modales, etc. LOC est pourvu d'un certain nombre de propriétés : *il peut avoir une histoire*, des connaissances encyclopédiques, etc. Dont il peut se servir dans son travail constructeur. Sa propriété essentielle et constitutive est cependant celle d'être auteur de l'énonciation, vue comme un événement historique associé à une situation énonciative avec tout ce que cela implique. Pour employer une fois de plus la métaphore théâtrale bien connue, on peut dire que chaque énoncé est un drame dont LOC est à la fois l'auteur et le metteur en scène. LOC communique donc à travers les acteurs qu'il met en scène. Il n'entre jamais lui-même en scène, mais il peut faire parler un acteur en son nom.

LOC constrói os seres discursivos (doravante s-d) como imagens de diferentes “pessoas linguísticas” presentes no discurso (o texto), uma pessoa linguística sendo uma entidade do universo de discurso, ou seja, uma entidade a qual se pode estabelecer um elo de referência linguística. Resulta que essas pessoas linguísticas podem ser representadas linguisticamente por sintagmas nominais, *nomes próprios* ou *pronomes pessoais*, etc. Se for o caso, os s-d construídos como imagens delas são ditos serem marcados na significação por esses elementos morfossintáticos ou lexicais. É, entretanto, importante enfatizar que enquanto imagens construídas por LOC, os s-d são “personagens” tais como este deseja apresentá-los: trata-se sempre de imagens subjetivas e, portanto, não necessariamente fieis. (Grifos nossos).⁶²

Assim, vemos que os s-d são imagens construídas por LOC, portanto, personagens apresentados por ele. A representação desses personagens é subjetiva, uma vez que eles denotam/transmitem apenas a imagem que LOC deseja.

Para a ScaPoLine (2005, p. 114), há quatro manifestações diferentes do locutor, quais sejam, LOC e três tipos de imagens de LOC.

Quando LOC constrói uma imagem dele mesmo em sua tomada de fala, chamaremos essa instância: **locutor do enunciado**, abreviado em l₀. A única função do locutor do enunciado é de ser fonte da enunciação, no momento preciso da enunciação. [...].

Quando LOC constrói uma imagem dele mesmo como locutor de uma enunciação anterior ou posterior, chamaremos **locutor t_i**, abreviado em l_i. [...]. A única função de l_i é a de ser autor de uma atividade enunciativa anterior ou ulterior. [...].

Quando LOC constrói uma imagem dele mesmo como **locutor textual**, abreviado em L, este é apresentado como tendo todos os aspectos de uma pessoa completa. LOC pode, assim, construir uma imagem geral dele mesmo ou uma imagem dele em um outro momento de sua história.⁶³

⁶² LOC construit les êtres discursifs (désormais abrégé en ê-d) comme des images de différentes “personnes linguistiques” présentes dans le discours (le texte), une personne linguistique étant une entité de l’univers de discours, c’est-à-dire une entité à laquelle on peut établir un lien de référence linguistique. Il s’ensuit que ces personnes linguistiques peuvent être représentées linguistiquement par des syntagmes nominaux, des *noms propres* ou des *pronoms personnels*, etc. Si c’est le cas, les ê-d construits comme leurs images sont dits être marqués dans la signification par ces éléments morphosyntaxiques ou lexicaux. Il est cependant important de souligner qu’en tant qu’images construites par LOC, les ê-d sont « des personnages » tels que celui-ci désire les présenter : il s’agit toujours d’images subjectives et donc pas forcément fidèles.

⁶³ Lorsque LOC construit une image de lui-même dans sa prise de parole, on appellera cette instance : **locuteur de l’énoncé**, abrégé en l₀. La seule fonction du locuteur de l’énoncé est d’être source de l’énonciation, au moment précis de l’énonciation. [...].

Lorsque LOC construit une image de lui-même comme locuteur d’une énonciation antérieure ou postérieure, on l’appellera **locuteur t_i**, abrégé en l_i. [...]. La seule fonction de l_i est celle d’être auteur d’une activité énonciative antérieure ou ultérieure. [...].

Face ao exposto, notamos que a ScaPoLine trabalha com várias imagens de instâncias enunciativas, portanto, imagens do locutor. Sobre essa questão, Nølke (2005, p. 122) se pergunta se a ScaPoLine teria realmente necessidade de apontar tantas imagens diferentes. O teórico afirma que o locutor intervém de múltiplas maneiras para criar sua enunciação. É ele também quem indica os atos ilocutórios aos quais a enunciação se presta e é ele quem constrói a argumentação a partir da argumentatividade inerente aos elementos linguísticos aplicados.

Assim, pudemos observar que os teóricos aqui apresentados têm perspectivas parecidas quanto às noções de locutor e enunciador, sobretudo Ducrot e os que fazem parte da ScaPoLine. Apesar de parecidas, essas noções podem divergir em alguns aspectos, pois Ducrot considera que, para que haja assunção, o enunciador (o detentor do PDV) deve estar na fonte, ou seja, ser o locutor. Por sua vez, a ScaPoLine concorda com Ducrot e revela que o locutor físico, em carne e osso, isto é, o autor da fala/escrita não é importante para suas análises. Por fim, destacamos que nos baseamos nos pressupostos rabatelianos, uma vez que, assim como nós, Rabatel acredita que o responsável da enunciação é o enunciador e que o locutor pode trazer, além do seu PDV, o de outra(s) pessoa(s).

3.4. Os tipos de ponto de vista

3.4.1. Os tipos de ponto de vista segundo Rabatel

Uma das grandes vantagens de se trabalhar com os pressupostos rabatelianos é o fato de que ele também considera, no momento da análise, a interpretação. Sobre a interpretação que pode ser feita pelos leitores, Rabatel (2008, p. 32-3) nos mostra que uma das ferramentas que podemos nos servir para se analisar um texto, é a problemática do ponto de vista (PDV), que ele considera “essencial para a boa compreensão e interpretação dos textos narrativos”:

A teoria do PDV oferece assim, ao leitor, ferramentas privilegiadas para lhe permitir (re)tecer, por sua vez, os fios do texto ou de fazer, por sua vez, “a síntese do heterogêneo” – síntese que não se realiza somente na própria narrativa, como dizia Ricoeur, mas também no próprio ato de leitura, no ato de reconfiguração da narrativa. Nessa perspectiva, o PDV está a serviço de uma pragmática e de uma hermenêutica dos textos (literários ou não literários) que faça do leitor “o terceiro” no diálogo, segundo a bela fórmula de Bakhtine (1984:332), que lhe permita prender toda sua parte na co-construção

Lorsque LOC construit une image de lui-même comme **locuteur textuel**, abrégé en L, celui-ci est présenté comme ayant tous les aspects d’une personne complète. LOC peut ainsi construire une image générale de lui-même ou une image de lui à un autre moment de son histoire.

das interpretações sobre a base das instruções do texto.⁶⁴

Assim, vemos o quão a teoria dos PDV pode nos ajudar a compreender certos textos e obras e, sobretudo, questionar a imagem ou verdade passada pelo autor. O leitor desempenha um papel novo, ele entra no jogo, “dialogando” ou “interagindo” diretamente com o autor e o personagem.

Rabatel (2008, p. 37) nos fala do tipo de leitor que ele acredita ser ideal para se analisar uma obra:

Apesar do caráter aparentemente insensato de nossa empresa, nós queríamos, portanto, um leitor que se interessasse por textos literários e que tivesse o cuidado da língua (e reciprocamente). Um leitor literário e linguista (igualmente). Nós queríamos um leitor que se interessasse pela narrativa, mas a quem as problemáticas da argumentação intrigassem (e inversamente). Nós queríamos um leitor que amasse as belezas gramaticais da língua e que se interessasse pelos mecanismos da interpretação que ultrapassam os limites da frase.⁶⁵

O fragmento acima revela que seguimos o perfil do leitor ideal para Rabatel, pois não estudamos apenas a literatura ou apenas a linguística, mas literatura e linguística conjuntamente, como complemento uma da outra.

Portanto, se a interpretação está no centro da nossa pesquisa e a noção de PDV, segundo Rabatel, pode ajudar o leitor com esse tipo de trabalho, veremos adiante que ela foi de grande significância para a nossa análise. É importante que conheçamos os diferentes tipos de PDV apresentados por Rabatel e a ScaPoLine. Começemos pelos apresentados por Rabatel, que nos parece bastante relevante para analisar o *Itinéraire*.

Rabatel distingue os PDV entre: points de vue *représentés*, *racontés* e *assertés* (representados, contados e afirmados). O teórico afirma que o PDV “representado” se deixa apreender a partir das relações sintáticas e semânticas entre um objeto perceptível, ou seja, o “focalizador” ou o enunciador, um processo de percepção e um objeto percebido (focalizado). Entretanto, ele afirma

⁶⁴ La théorie du PDV offre ainsi au lecteur des outils privilégiés pour lui permettre de (re)tisser, à son tour, les fils du texte ou de faire, à son tour, « la synthèse de l'hétérogène » - synthèse qui ne s'effectue pas seulement dans le récit lui-même, comme le disait Ricoeur, mais aussi dans l'acte même de lecture, dans l'acte de reconfiguration du récit. Dans cette perspective, le PDV est au service d'une pragmatique et d'une herméneutique des textes (littéraires et non littéraires) qui fasse du lecteur « le troisième » dans le dialogue, selon la belle formule de Bakhtine (1984 : 332), qui lui permette de prendre toute sa part dans la co-construction des interprétations sur la base des instructions du texte.

⁶⁵ Malgré le caractère apparemment déraisonnable de notre entreprise, nous voudrions donc un lecteur qui s'intéresse aux textes littéraires et qui aie le souci de la langue (et réciproquement). Un lecteur littéraire et linguiste (de même). Nous voudrions un lecteur qui s'intéresse au récit, mais que les problématiques de l'argumentation intriguent (et inversement). Nous voudrions un lecteur qui aime les beautés grammairiennes de la langue et qui s'intéresse aux mécanismes de l'interprétation qui dépassent les bornes de la phrase.

que a co-presença desses três componentes não é sempre necessária, nem suficiente para predizer a existência de um PDV. “O PDV representado repousa, então, essencialmente sobre a disjunção do locutor e do enunciador, esse último sendo responsável pelas recepções (e pelos pensamentos associados) no quadro de ‘frases sem fala’.” (RABATEL, 2004, p. 26).

Ainda sob a ótica de Rabatel (2008), o PDV “contado” remete a textos escritos a partir da perspectiva de um personagem que, todavia, não é um focalizador. O teórico (2004, p. 34) afirma que o PDV “contado” corresponde à “situação em que um fragmento de texto empatiza sobre atores do enunciado”, quer dizer, “relata acontecimentos após a perspectiva do ator do enunciado, sem ir até a paralização enunciativa com as percepções representadas, uma vez que não há, nele, segundo plano”. Ele ressalta que o PDV “contado” visa o desenrolar dos fatos a partir da perspectiva de um dos atores do enunciado, sem dar a esse ator do enunciado um espaço enunciativo particular.

O PDV “afirmado” descreve a noção de “opinião manifestada ou de tese”, de acordo com Rabatel (2008, p. 104), ou seja, uma opinião explicitamente assumida. Vejamos um breve resumo sobre esses PDV:

[...] com o PDV representado, o focalizador percebe, pensa “sem falar”, enquanto que com o PDV contado, o focalizador percebe, pensa contando. Esse ponto de vista contado não concerne, assim, às falas reportadas dos personagens ou às expressões do narrador, pois no momento em que o contra da perspectiva sai da atividade de narração *stricto sensu* e ele se põe a falar, trate-se de comentários explícitos do narrador, trate-se dos enunciados no discurso direto dos personagens, então o PDV muda de natureza e se tem necessidade de um outro conceito para analisá-lo, o de PDV afirmado. (RABATEL, 2008, p. 101).⁶⁶

O fragmento acima sintetiza as diferentes características dos PDV apresentados por Rabatel, que nos indicarão, mais adiante, qual ou quais PDV pode(m) ser encontrado(s) no *corpus* aqui analisado.

Uma das características que envolve o PDV “afirmado” é o valor persuasivo do ethos. Segundo Rabatel, o ethos concerne, desde Aristóteles, aos traços de caráter que o locutor manifesta, a fim de passar (demonstrar) uma imagem apropriada dele e de seu discurso. Trata-se, portanto, de maneiras de ser, de dizer, construindo uma imagem positiva da pessoa e apontando sobre a validade dos argumentos ou dos valores do locutor. Desse modo, Rabatel (2004, p. 82) distingue alguns tipos de ethos:

⁶⁶ [...] avec le PDV représenté, le focalisateur perçoit, pense « sans parler », cependant qu’avec le PDV raconté, le focalisateur perçoit, pense *en racontant*. Ce point de vue raconté ne concerne donc pas les paroles rapportées des personnages, ou les propos du narrateur, car dès lors que le contre de perspective sort de l’activité de narration *stricto sensu* et qu’il se met à parler, qu’il s’agisse de commentaires explicites du narrateur, qu’il s’agisse des énoncés au discours direct des personnages, alors le PDV change de nature et l’on a besoin d’un autre concept pour l’analyser, celui de PDV asserté.

o ethos preliminar, correspondendo à imagem de si preexistente em seu discurso, logo, à sua reputação [...];
o ethos pré-discursivo, ou genérico, correspondendo à imagem de si esperada quando o locutor visa desenvolver suas ideias adotando tal gênero de discurso [...];
o ethos discursivo, manifestado na e pela linguagem: um discurso de um tom afirmado, na produção fluente, sem modalização, com formas genéricas, indica frequentemente um homem seguro de si; as hesitações, lentidões, numerosas modalizações são, em contrapartida, suscetíveis de construir a imagem de um indivíduo pouco seguro de si, ou profano, ou pouco importante.⁶⁷

Consoante Rabatel (2004, p. 82), o ethos constrói uma imagem do locutor que desempenha um papel maior na confiança que ele deseja transmitir. O teórico afirma que, a partir de algumas leituras, viu-se que o ethos não se limita somente a construção da imagem de si, ele concerne também à construção no discurso da imagem do outro: - seja aquele de quem se fala e que não responde por estar ausente; - seja aquele a quem se endereça e busca-se influenciar as respostas pela imagem que se constrói dele.

No total, essa imagem de si, que entra em interação com a imagem (positiva ou negativa) que o locutor constrói de seu interlocutor, leva o leitor a reinterpretar o conjunto dos dados textuais, como argumentos (diretos ou indiretos) em favor de uma tese: isso significa que tudo é suscetível de ser interpretado como argumento, inclusive dados que, originalmente, não tinham neles nem o estatuto, nem a função. (RABATEL, 2004, p. 82-3).⁶⁸

3.4.2. Os pontos de vista segundo a Teoria Escandinava da Polifonia Linguística

Para finalizar nossa exposição sobre os diferentes tipos de ponto de vista (pdv), mostraremos os definidos pela ScaPoLine. Eles podem ser: simples, complexos, hierarquizados ou relacionais. Para Nølke et al (2004, p. 32), a

⁶⁷ l'ethos préalable, correspondant à l'image de soi préexistante à son discours, bref, à sa réputation [...]; l'ethos prédiscursif, ou générique, correspondant à l'image de soi attendue lorsque le locuteur envisage de développer ses idées en adoptant tel genre de discours [...];

l'ethos discursif, manifesté par et dans le langage : un discours d'un ton affirmé, au débit fluente, sans modalisation, avec des tournures génériques, indique souvent un homme sûr de soi ; les hésitations, lenteurs, nombreuses modalisations sont en revanche susceptibles de construire l'image d'un individu peu sûr de lui, ou profane, ou peu important.

⁶⁸ Au total, cette image de soi, qui entre en interaction avec celle (positive ou négative) que le locuteur construit de son interlocuteur amène le lecteur à réinterpréter l'ensemble des données textuelles comme des arguments (directs ou indirects) en faveur d'une thèse : cela signifie que tout est susceptible d'être interprété comme argument, y compris des données qui, originellement, n'en avaient pas le statut ni la fonction.

distinção entre pdv “simples” e “complexos” repousa principalmente sobre dois critérios. De um lado, eles se distinguem quanto à natureza das instruções semânticas que os compõem, do outro lado, eles mantêm relações de dependência semântica divergentes com os outros pdv veiculados pelo mesmo enunciado.

Os pontos de vista complexos põem em jogo vários pdv, na medida em que eles exprimem a relação entre vários pdv para identificar sua semântica (Nølke & Olsen 2000b : 51-52). Eles tomam a forma de instruções cujo ao menos um dos termos é saturado por outro pdv. Contrariamente aos pdv simples, os pdv complexos não tomam a forma de uma oração que prediz algo sobre o estado das coisas : seu caráter referencial não é saturado. (Nølke et al., p. 34).⁶⁹

Logo, vemos que a ScaPoLine considera que cada enunciado tem ao menos um pdv. Há pontos de vista considerados simples pelo fato de serem constituídos de um conteúdo semântico e de um julgamento sustentado sobre um conteúdo. O que é expresso nesse pdv pode ser constatado pelo que parece óbvio, tornando assim sua fonte indeterminada. O caráter referencial dos pdv complexos não é saturado, pois é possível encontrar neles a presença de vários pdv.

Os pdv complexos apresentam combinações de pdv simples de diferentes maneiras. Por essa razão a ScaPoLine (2004, p. 34) distingue duas subcategorias a partir do pdv complexo: o pdv hierárquico e o pdv relacional. Os pdv hierárquicos se compõem de pdv organizados segundo uma estruturação hierárquica. Eles permitem incitar julgamentos exteriores sobre outros julgamentos. Já os pdv relacionais ligam os pdv simples ou complexos entre eles sobre o eixo sintagmático. Em geral, eles acontecem nos enunciados englobando conectores.

3.5. Marcas de não assunção da Responsabilidade Enunciativa

Os pressupostos teóricos, sobretudo, de Zlatka Guentchéva e Jacqueline Authier- Revuz nos foram úteis para entendermos quais características podem marcar a não assunção de uma fala/escrita. Apesar de o nosso objetivo ser o de procurar marcas de assunção da RE, os conceitos aqui apresentados poderão contribuir para futuros pesquisadores que se interessem por esse domínio.

⁶⁹ Les points de vue complexes mettent en jeu plusieurs pdv, dans la mesure où ils expriment le rapport entre plusieurs pdv pour cerner leur sémantique (Nølke & Olsen 2000b : 51-52). Ils prennent la forme d'instructions dont au moins un des termes est saturé par un autre pdv. Contrairement aux pdv simples, les pdv complexes ne prennent pas la forme d'une proposition qui prédit quelque chose sur l'état des choses : leur caractère référentiel n'est pas saturé.

3.5.1. A noção de modalidade

Ao escrever sobre a modalidade (operação para indicar aquilo que se pensa), Neves (2012, p. 37) diz que Bally foi um dos precursores da teoria da enunciação, uma vez que ele propôs a dicotomia entre ‘dictum’ e ‘modalidade’.

A definição mais geral que encontramos para a modalidade linguística, com reflexo na generalidade das propostas, tem sua gênese na definição clássica segundo a qual modalidade “implica a ideia de que uma análise semântica permite distinguir, num enunciado, um dito (às vezes denominado “conteúdo proposicional”) e uma modalidade – um ponto de vista do sujeito falante sobre um conteúdo” (Cervoni, 1989, p.55). (NEVES, 2012, p. 44-5).

É possível encontrar bibliografias sobre diferentes conceitos de modalidade apresentados por diversos autores. Alguns deles, como Meyer (1980, p. 101), que se apoia teoricamente em Benveniste e Dubois, realiza um trabalho sobre essa categoria que ela denomina modalização. Para ela, a modalização é um processo contínuo de adesão do locutor ao seu enunciado.

Neste processo, a autora distingue três tipos de relações centradas no conceito de adesão: adesão positiva/adesão positiva enfática (quando o locutor se responsabiliza plenamente pelas afirmações contidas no seu enunciado e/ou além de se responsabilizar recorre também a redundâncias); adesão negativa (o locutor não se responsabiliza por seu enunciado); e adesão relativa (o locutor assume em parte a responsabilidade pelo enunciado). (NEVES, 2012, p. 46).

Para Culioli (1990 apud Neves, 2012, p. 68), modalidade, ou valor modal de um enunciado, “corresponde ao resultado da localização da relação predicativa em relação ao parâmetro S_0 , sujeito da enunciação”. Essa operação vai “caracterizar o ponto de vista do sujeito enunciativo sobre aquilo que enuncia, assumindo o conhecimento construído ou se distanciando dele, dependendo do valor modal que lhe vai atribuir”.

Para Neves (2012, p. 71), ao construir um enunciado, o enunciativo assinala seu ponto de vista em relação ao que enuncia, assumindo o conhecimento construído ou se distanciando dele, dependendo do valor modal que lhe vai atribuir. Ao lado do conceito de modalidade, Neves (2012, p. 75) nos traz o conceito de “mediativo” que, segundo Campos (2001) constitui uma subcategoria da modalidade. Veremos mais adiante uma seção destinada à noção de mediativo.

Rabatel (2005, p. 66) considera que a modalização concerne à “distância do locutor em direção ao seu dizer, através dos desdobramentos enunciativos, dos comentários reflexivos, etc”. Vejamos o que diz Dubois (1969, p. 104) sobre a distância que pode existir entre o enunciativo e o que é enunciado por ele:

Suponhamos agora que a distância seja máxima, ou antes, tenda ainda

em direção ao máximo; é o instante em que o sujeito considera seu enunciado como parte de um mundo distinto dele mesmo. Ele identifica então o *eu* da enunciação a outros *eu* no tempo e no espaço e essa identificação pode ser parcial ou total; tem-se aí os princípios de um discurso didático. Isso repousa sobre a ideia de que existe algo de comum, de universal ou de quase universal nas propriedades do discurso. O *eu* tende então a se tornar o *ele* formal do enunciado (L. Irigaray). Mas esse não é o único meio de marcar essa distância máxima, uma vez que se pode também utilizar o inverso, ou seja, o pronome *eu*. Assim, no teatro, o *eu* da enunciação do autor mais ou menos distante do *eu* da enunciação de cada um de seus personagens, e a cada instante mutáveis um em relação aos outros, distinguem-se ainda dos *eu* do enunciado de cada um dos personagens, formalmente realizados, que remetem, segundo distâncias variáveis, a cada um dos *eu* enunciativos, ao objeto comunicado mais ou menos assumido, em um jogo sutil e muito frágil.⁷⁰

Segundo Dubois (1969, p. 105), a modalização e a noção de distância encontram as mesmas dificuldades, pois a modalização “define a marca que o sujeito não cessa de dar ao seu enunciado”. Ele acredita que esse termo marca o processo da enunciação, definida como a adesão que o sujeito dá ao discurso que emite. Sobre o conceito de transparência e de opacidade, Dubois (1969, p. 106) afirma que “esse duplo conceito se situa ao lado do receptor, enquanto o conceito de modalização se coloca ao lado do emissor, e que o conceito de distância, que é reversível, é relativamente neutro”. “O processo de enunciação ainda é aqui identificado pela atitude do sujeito falante diante do objeto do discurso. Por um lado a transparência total verá o apagamento completo do sujeito da enunciação.” (DUBOIS, 1969, p. 106).⁷¹

3.5.2. Modalização Autônômica e as não-coincidências do dizer

Uma vez que Jaqueline Authier-Revuz desenvolveu trabalhos no que concerne às marcas que denotam, em nosso discurso, o discurso do outro, a heterogeneidade constitutiva da linguagem, em que a nossa fala é sempre

⁷⁰ Supposons maintenant que la distance soit maximale, ou plutôt tende encore vers le maximum ; c’est l’instant où le sujet considère son énoncé comme partie d’un monde distinct de lui-même. Il identifie alors le *je* d’énonciation à d’autres *je* dans le temps et l’espace et cette identification peut être partielle ou totale ; on a là les principes d’un discours didactique. Ceci repose sur l’idée qu’il existe quelque chose de commun, d’universel ou de quasi universel dans les propriétés du discours. Le *je* tend alors à devenir le *il* formel de l’énoncé (L. Irigaray). Mais ce n’est pas le seul moyen de marquer cette distance maximale, puisque l’on peut aussi utiliser l’inverse, c’est-à-dire le pronom *je*. Ainsi dans le théâtre, le *je* de l’énonciation de l’auteur plus ou moins distant du *je* de l’énonciation de chacun de ses personnages, et à chaque instant mobiles l’un par rapport aux autres, se distinguent encore des *je* de l’énoncé de chacun des personnages, formellement réalisés, qui renvoient, selon des distances variables, à chacun des *je* énonciatifs, à l’objet communiqué plus ou moins assumé, en un jeu subtil et très fragile.

⁷¹ Le procès d’énonciation est là encore identifié à l’attitude du sujet parlant en face de l’objet discours. D’un côté la transparence totale verra l’effacement complet du sujet d’énonciation.

atravessada pelo(s) discurso(s) do(s) outro(s), trouxemos algumas considerações feitas pela citada autora.

Ao discursar sobre as fronteiras da modalização autonímica, Authier-Revuz (1998, p. 18) declara que há fenômenos “vizinhos” que circunscrevem o campo dessa modalidade de representação reflexiva, opacificante do dizer e nos apresenta um sub- conjunto dessas propriedades:

- modalizações mas **sem representação explícita do dizer**, que se opõem à M. A. [modalização autonímica] de forma discreta, e que apresentam diversas possibilidades de combinação com ela: por exemplo, *quase X, uma espécie de X, verdadeiro X... vs. digamos X, X se pode dizer, X propriamente dito*;
- o discurso relatado indireto (D.I.), que representa um dizer outro de forma não-opacificante, mas que apresenta uma relação de afinidade – no plano da co-ocorrência e da interpretação – com algumas formas de M.A., na configuração de “D.I. com ilha textual”: *l disse que... “X” ...*;
- um conjunto de formas analisado como modalização **transparente do dizer em discurso segundo**, tais como: *segundo l, para l, l dicit...* por oposição às M.A.: *segundo as palavras de l, para retomar os termos de l*, mas que apresentam, em alguns tipos de incisões como: *diz l, l diz* (cujo tratamento em alguns autores é discutido), [...].
- a questão da fronteira, às vezes delimitada, às vezes apagando-se em um *continuum*, entre opacificação e transparência, nas **formas de auto-representação do dizer**; ela é colocada sucessivamente a propósito: das formas em *que* (*eu devo dizer, eu ousou dizer que...*), em (le)o (*eu ousou dizê-lo, pode-se dizê-lo...*), sem complemento (*eu devo dizer, é preciso dizer...*), [...].

A partir de mais de quatro mil exemplos atestados, escritos e orais, pertencentes aos mais diversos “registros”, Authier-Revuz (1998, p. 19) descreve os diversos tipos formais pelos quais a configuração que sobrepõe dois planos – X e uma representação do dizer de X – que, segundo ela, realiza-se sobre o fio do discurso. Authier-Revuz os reparte em seis tipos, alinhando-os em uma escala que vai dos mais aos menos explícitos:

[...] 1) formas explicitamente meta-enunciativas “completas”, comportando um *eu digo X'* (ex.: *X, eu emprego esta palavra se bem que; ela faz eu diria X'*; *o que eu chamo X'*); 2) formas explicitamente metaenunciativas que implicam um *eu digo X'*, subordinadas e sintagmas circunstanciais, aposições (ex.: *X, se eu posso dizer, como se diz, por assim dizer, no sentido p, sem jogo de palavra...*; *X, palavra, expressão que...*); 3) formas explicitamente metalinguísticas, com um autônimo X' ou Y' (ex.: *X, a palavra X' é inconveniente; o Paulo diz X' ...; o que Paulo chama X'*; *X, Paulo diz Y'...*); 4) formas sem elemento autônimo, ou sem elemento metalinguístico unívoco (ex.: *X, quer dizer Y; X ou Y; X, enfim, Y; X*

que; X, etc...); sinais tipográficos (aspas, itálico) e de entonação, com um estudo crítico dos trabalhos consagrados às aspas, levando a caracterizá-las como “arquiformas” da M.A.;

6) formas puramente interpretativas (alusões, discurso indireto livre, jogo de palavras não marcado) que abrem para “a heterogeneidade constitutiva” [...].

Sobre as representações das não-coincidências do dizer, Authier-Revuz classifica como: a não coincidência-interlocutiva; a não-coincidência do discurso consigo mesmo, a não-coincidência entre as palavras e as coisas e a não-coincidência das palavras consigo mesmas.

De acordo com Authier-Revuz (1998, p. 22), a não coincidência-interlocutiva é colocada, com apoio em uma concepção pós-freudiana do sujeito,

não-coincidente consigo mesmo pelo fato do inconsciente, como fundamental e irreduzível entre dois sujeitos “não-simetrizáveis”, remetendo a um artifício

– tão sofisticados quanto sejam as suas teorizações –, a “comunicação” concebida como produção de “um” entre os enunciadores.

A não-coincidência do discurso consigo mesmo é colocada como constitutiva, em referência ao dialogismo bakhtiniano – considerando que é toda palavra que, por se produzir no “meio” do já-dito dos outros discursos, é habitada pelo discurso outro – e à teorização do interdiscurso, em análise do discurso, que remete o “eu falo” aqui e agora ao “algo fala em outro lugar, antes e independentemente”, como dizia Pêcheux.

Assinalando entre suas palavras a presença estranha de palavras marcadas como pertencendo a um outro discurso, um discurso esboça em si o traçado – assinalando uma “interdiscursividade representada” – de uma fronteira interior/exterior. Um certo número de oposições é destacado no conjunto dessas formas, permitindo especificar tipos de fronteira entre si e o outro, pelas quais um discurso produz em si mesmo, por diferença, uma imagem de si: assim, entre outros, (1) balizagem ou incerteza do traçado (desde o elemento “citado” com todas as precisões, até a retomada não marcada); (2) exterior “apropriado” ao objeto do dizer (isto é, em que uma palavra “não de si” se impõe como palavra “disto do qual se fala”; por exemplo: palavra de um outro lugar, de uma outra época, de uma outra teoria, de uma outra pessoa, da qual se fala, e que se impõe apropriada a esse objeto) [...]. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 23).

Esse estudo está voltado não apenas para as marcas que aparecem no texto, mas também para a pessoa que profere o enunciado, o enunciador, no sentido em que este comenta ao mesmo tempo em que enuncia.

Por oposição ao modo de dizer “simples” – “padrão” – de um

elemento X, esta modalidade enunciativa de desdobramento do dizer de X pela representação desse dizer sinaliza – através da suspensão “da evidência” do uso de X – a descoberta em X, por parte do enunciador, de “alguma coisa” que não passa despercebida e à qual seu comentário responde. Na topografia de problemas enunciativos apresentados explicitamente por esses comentários do enunciador – a saber: distanciamento em relação ao interlocutor que não forma “um” com ele (X, *se você concorda...*), inapropriação em seu discurso de palavras vindas de um outro discurso (X, *como diz...*), falha entre a palavra e a coisa (X, *a palavra não é apropriada...*) – aparece o problema do *sentido* “que não é óbvio” para um elemento X do dizer, mostrado através de glosas que desdobram o dizer desse elemento pela explicitação aqui e agora do seu sentido. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 29).

Acreditamos que esses tipos de ocorrência aparecem com muito mais frequência em textos orais do que escritos, pois o escritor tem tempo suficiente para repensar e escrever o que acha mais correto, diferentemente da linguagem oral em que, depois de dito, só resta ao locutor retificar ou frisar o que disse. Assim, o escritor de textos recorre a esse tipo de “marcas”, de desdobramentos do dizer quando tem a intenção de deixar marcado esse desdobramento. Vejamos o que diz Authier-Revuz (1998, p. 53):

Nesse retorno do dizer sobre si próprio em um ponto X, por aí mesmo colocado em questão, inscreve-se, respondendo muito particularmente a esta distinção obrigatória entre as duas ordens heterogêneas que a nomeação superpõe – aquela, vinda do geral, do finito, do discreto dos signos, e aquela do singular, do infinito, do contínuo das coisas –, no que chamamos “a falta de captura do objeto pela letra”, um grande conjunto de figuras da *falta do dizer*: falta tomada como uma imperfeição, uma anomalia que apresenta a palavra X – imprópria, imprecisa, excessiva”... – ou o modo de dizer – “aproximativo, provisório, grosso modo, rápido, ao acaso”... –, falta tomada como uma ausência, como o que “faz falta” ao dizer, “a” palavra justa, da plena adequação, que é evocada como faltando ao dizer – [...].

Este fragmento também nos leva a concluir que são situações diferentes de alguns gêneros, como por exemplo, o literário. Quem faz literatura, frequentemente, sabe o que escrever. É um momento de produção que demanda do autor/escritor dominar as palavras, procurar expressões adequadas. Por essa razão, é difícil encontrar em alguns gêneros literários esse tipo de escrita.

Uma constatação se impõe que, por mais evidente que seja, nunca foi formulada: os fatos da enunciação se põem em termos diferentes, de acordo com o que eles manifestam no discurso oral ou no texto escrito – e a maior razão na categoria particular do texto concebido como literário. A *situação de discurso* própria à escritura permite a prática

escritural subtrair parcialmente as restrições da comunicação, ao mesmo tempo em que ela lhe atribui alguns traços específicos. (LECOINTRE, LE GALLIOT, 1973, p. 64).⁷²

Essa citação de Lecointre e Le Galliot confirma a nossa opinião, de que, dependendo do gênero, se o discurso se apresenta escrito ou oralmente, a enunciação pode se apresentar de modo diferente.

Para Authier-Revuz (1998, p. 107), a divulgação científica (doravante D.C.) é classicamente considerada como uma atividade de disseminação, em direção ao exterior, de conhecimentos científicos já produzidos e em circulação no interior de uma comunidade mais restrita.

O fato de que a *prática* específica da atividade científica não seja posta como questão nos textos concernentes à atividade da D.C. faz com que o fosso a transpor ou a barreira a transgredir sejam sempre reduzidos a uma questão de *comunicação*: a “língua” dos cientistas torna-se, fora dos muros da comunidade, uma língua estrangeira: uma ruptura se produz na intercompreensão. Nos numerosos textos da reflexão da D.C., sobre ela mesma, a missão de “fazer penetrar no grande público os novos conhecimentos” consiste em “colocar sob forma acessível ao público o resultado das pesquisas científicas”: a “demanda” social de “divisão do saber” transformada no restabelecimento da comunicação convoca, pois, *uma mediação no nível do discurso*.

[...] a D.C. dá-se, então, imediatamente, como uma prática de reformulação de um discurso fonte (doravante D1) em um discurso segundo (doravante D2). (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 108).

Portanto, nesse tipo de discurso, sempre há uma mediação, uma vez que se trata de um discurso já existente que será transmitido a outras pessoas. Se a fala (a ideia, o posicionamento, o PDV) não pertence à pessoa que fala/escreve aqui e agora, mas essa pessoa quer trazê-la para o seu discurso, ela fará uso de “marcas” como citações, aspas, dois pontos, etc., para revelar ao leitor que essa fala pertence a outra pessoa.

3.5.3. A noção de mediativo

A noção de mediativo é uma das formas que encontramos para identificar um certo tipo de distanciamento por parte do enunciador. Alguns trabalhos vêm sendo desenvolvidos por estudiosos, como Zlatka Guentchéva e Jean-Pierre Desclés. Segundo Desclés (2009, p. 41), ao lado das simples enunciações,

⁷² Une constatation s'impose qui, pour évidente qu'elle soit, n'a jamais été formulée : les faits d'énonciation se posent en termes différents selon qu'ils se manifestent dans le discours oral ou dans le texte écrit – et à plus forte raison dans la catégorie particulière du texte reçu pour littéraire. La *situation de discours* propre à l'écriture permet à la pratique scripturale de se soustraire partiellement aux contraintes de la communication, en même temps qu'elle lui attribue certains traits spécifiques.

enunciações reportadas e asserções, existem ainda outras formas de enunciação, como a enunciação mediativa.

A enunciação mediativa (ou mediatizada) volta a “assumir a plausibilidade de uma proposição a partir da constatação de certos indícios”. Os indícios constatados provocam um raciocínio abduutivo que deve recorrer a um saber presumido comum (portanto, dividido pelo enunciador e seus co- enunciadores); o raciocínio permite ir em direção a uma hipótese julgada simplesmente plausível e enunciada como tal. [...] a interpretação é dada pela expressão metalinguística: “Eu estou dizendo que ‘o que é dito’ é plausível após um raciocínio abduutivo, começado a partir, de uma parte, de indícios, perceptivos ou cognitivos, não verbalizados e, de outra parte, conhecimentos comuns (em geral, não enunciados). [...]”.⁷³

Consoante Desclés (2009, p. 44), as enunciações mediativas “expressam um certo desengajamento por parte do enunciador”. Este assume um conteúdo predicativo (já que ele enuncia) sem, portanto, engajar-se completamente a sua fala, “como ele o faria em um ato assertivo ou até por uma simples enunciação declarativa com uma orientação (positiva ou negativa) de sua fala”.

[...] um enunciador, por sua enunciação mediatizada, assume somente a plausibilidade do conteúdo predicativo, estando, contudo, prestes a justificar, se alguém lhe perguntar, a razão dessa responsabilidade enunciativa e seu refúgio de se engajar completamente; para isso, ele pode indicar explicitamente os indícios e, eventualmente, lembrar os conhecimentos comuns partilhados que o conduziram a sua enunciação [...].⁷⁴

Assim, notamos que, diferentemente da enunciação declarativa, em que o enunciador assume o conteúdo de sua fala, através de uma enunciação mediatizada, ele assume apenas a plausibilidade do conteúdo predicativo.

Desclés (2009, p. 47-8) nos apresenta uma espécie de carta semântica das diferentes “prises en charges énonciatives” (responsabilidades enunciativas/RE), propondo algumas distinções entre o que ele denomina:

⁷³ L'énonciation médiative (ou médiatisée) revient à « prendre en charge la plausibilité d'une proposition à partir du constat de certains indices ». Les indices constatés déclenchent un raisonnement abductif qui doit faire appel à un savoir présumé commun (donc partagé par l'énonciateur et ses co-énonciateurs) ; le raisonnement permet de remonter vers une hypothèse jugée simplement plausible et énoncée comme telle. [...] l'interprétation est donnée par l'expression métalinguistique : « JE est en train de dire que « ce qui est dit » est plausible à la suite d'un raisonnement abductif, déclenché à partir, d'une part, d'indices, perceptifs ou cognitifs, non verbalisés et, d'autre part, de connaissances communes (en général, non énoncées).[...] ».

⁷⁴ [...] un énonciateur, par son énonciation médiatisée, prend en charge seulement la plausibilité de contenu prédictif, en étant toutefois prêt à justifier, si on le lui demande, la raison de cette prise en charge et son refus de s'engager complètement ; pour cela, il peut indiquer explicitement les indices et, éventuellement, rappeler les connaissances communes partagées qui l'ont conduit à son énonciation[...].

enunciação simples, enunciação modal, asserção, ato performativo, enunciação reportada e enunciação mediativa.

Para ele, a RE na “enunciação simples” ainda não pode ser considerada um engajamento completo do enunciador, mesmo que ele indique uma orientação positiva ou negativa. Já a “manifestação modal” é a expressão de uma RE em que o enunciador indica um julgamento avaliativo, por exemplo, ligado à incerteza da realização de “o que é dito” (possível, provável, quase certo, recurso a um terceiro...), o que contribui ainda para não engajá-lo completamente sobre a verdade da fala enunciada.

A “asserção”, para Desclés, é o resultado de uma RE que engaja completamente o enunciador, é um ato de linguagem que incita sobre a verdade de “o que é dito” e que, conseqüentemente, torna-se diretamente não negociável em uma troca dialógica, ao menos que o enunciador renuncie a própria asserção, dizendo que se enganou, por exemplo.

O “ato performativo” engaja o enunciador dando-lhe, por seu ato de linguagem, a efetuação de uma transformação de alguns “estados” do mundo externo. Por “enunciação reportada”, Desclés entende que não pode haver um engajamento do enunciador com relação a “o que é dito”, pois, para esse tipo de enunciação, o enunciador assume a responsabilidade somente das falas de um locutor, acrescentando, às vezes, informações sobre o modo como o locutor falou. Portanto, em uma enunciação reportada, o enunciador assume a responsabilidade enunciativa somente por reportar a asserção de um locutor, sem necessariamente ter que se engajar pessoalmente sobre a verdade do que foi reportado.

Para finalizar, a “enunciação mediativa” é uma assunção de “o que é dito” por um enunciador, mas sem engajá-lo na verdade do que foi dito, mas em sua plausibilidade, provocada por indícios, observados ou aceitos como verdadeiros, recorrendo a conhecimentos partilhados com o co-enunciador.

Um dos problemas que encontramos ao realizar um trabalho sobre a RE é a falta de consenso que existe entre os estudiosos sobre qual o melhor termo a ser utilizado. Responsabilidade enunciativa, engajamento, assunção, figuram entre os termos citados pelos estudiosos da teoria da enunciação. Além de problemas de tradução, isso pode gerar outros problemas, como afirma Desclés (2009, p. 51): “A ausência de distinção conceitual clara entre “responsabilidade enunciativa” e “engajamento” não permite sistematizar, em uma perspectiva cognitiva, a variedade das operações enunciativas”.

Retomando a questão do mediativo, Guentchéva (1994, p. 8) afirma que numerosas línguas, tipologicamente diferentes, possuem procedimentos gramaticais mais ou menos específicos que permitem ao enunciador significar os diferentes graus de distância que ele assume com relação às situações descritas, percebidas por ele de modo mediato. O enunciador indica de maneira explícita que ele não é a fonte primeira da informação porque os fatos:

- a) Constituem conhecimentos geralmente admitidos ou transmitidos pela tradição; b) foram trazidos ao seu conhecimento por uma terceira pessoa ou por rumor; c) foram inferidos a partir de indícios

observados; d) são o resultado de um raciocínio. Nas línguas em que um tal sistema gramatical específico existe, o enunciador é, portanto, forçado a marcar formalmente, em seu próprio ato de enunciação, se ele se engaja ou não sobre os fatos enunciados. (GUENTCHÉVA, 1994, p. 8).⁷⁵

A esse tipo de distanciamento por parte do enunciador, Guentchéva nomeia mediativo. Em um artigo publicado, também em 1994, ela, juntamente com Anaïd Donabédian, Metiye Meydan e René Camus (p. 139) escrevem que o mediativo designa a categoria gramatical que, em línguas tipologicamente distintas, tem por função marcar a atitude de distanciação e de não-engajamento que manifesta o enunciador com relação aos fatos que ele apresenta.

Por mediativo (ou o que se chama mais frequentemente não-testemunhal em francês ou evidencial em inglês), eu designo a categoria gramatical que permite ao enunciador marcar formalmente diversos graus de distanciação em relação aos fatos que ele mesmo enuncia e mostrar por esse meio que o conhecimento desses fatos lhe chegou através de um tipo de percepção mediata. Trata-se de algum tipo de asserções indicando que o enunciador não se implica no que ele diz e, portanto, “não assume a responsabilidade” das situações descritas no enunciado. Precisemos ainda que ele também não se pronuncia sobre a verdade ou mentira do “conteúdo proposicional” do enunciado. (1993, p. 57).⁷⁶

Segundo Neves (2012, p. 76), o estudo do mediativo foi impulsionado, entre outros, por Jakobson (1963), que propôs chamar *evidential* a categoria verbal que, entre outros aspectos, faz atribuir à fonte de informação alegada relativamente ao processo do enunciado (JAKOBSON, 1963, p. 183).

De acordo com Dendale e Tasmowski (1994), podemos considerar como marcador mediativo “uma expressão linguística que surge no enunciado e que indica se a informação transmitida nesse enunciado foi retomada pelo locutor” (se a informação foi dada por outra pessoa) ou “se foi criada pelo próprio locutor, através de uma inferência ou de uma percepção”.

Para Neves (2012, p. 91), no caso do mediativo, a fonte enunciativa não é o sujeito enunciador, e sim o sujeito mediatizado (S_M), “alguém a quem ele

⁷⁵ a) Constituent des connaissances généralement admises ou transmises par la tradition ; b) ont été portés à sa connaissance par une tierce personne ou par ouï-dire ; c) ont été inférés à partir d'indices observés ; d) sont le résultat d'un raisonnement. Dans les langues où un tel système grammatical spécifique existe, l'énonciateur est donc contraint à marquer formellement, dans son propre acte d'énonciation, s'il s'engage ou s'il ne s'engage pas sur les faits énoncés.

⁷⁶ Par médiatif (ou ce que l'on appelle le plus souvent non-testimonial en français ou évidentiel en anglais), je désigne la catégorie grammaticale qui permet à l'énonciateur de marquer formellement divers degrés de distanciation à l'égard des faits qu'il énonce lui-même et de signifier par là que la connaissance de ces faits lui est parvenue à travers une perception en quelque sorte médiée. Il s'agit d'un certain type d'assertions indiquant que l'énonciateur ne s'implique pas dans ce qu'il dit et donc qu'il « ne prend pas en charge » les situations décrites dans l'énoncé. Précisons aussi qu'il ne se prononce pas non plus sur le vrai ou sur le faux du « contenu propositionnel » de l'énoncé.

recorre, para se distanciar totalmente do conhecimento a ser veiculado”.

Nessa teoria enunciativa, como já mencionado, não está em questão a vericondicionalidade: o enunciador valida ou não valida a relação predicativa. Não há, portanto, comprometimento do enunciador com o valor de verdade da relação predicativa (proposição) validada.

Na validação, o enunciador constrói marcas modais no enunciado de diferentes valores (epistêmico, deôntico, apreciativo). O mediativo tem a ver com a modalidade epistêmica, porque se relaciona com a forma como o enunciador se posiciona em relação ao conhecimento construído. Distancia-se ou assume a validação. (NEVES, 2012, p. 79).

A partir dessas considerações de Neves, vemos que a estudiosa considera que o mediativo, além de marcar o distanciamento do enunciador com relação ao que está sendo dito, não denota valor de vericondicionalidade.

De acordo com Guentchéva (1994, p. 9), o termo de mediativo ainda não faz parte do repertório dos conceitos linguísticos, e lhe parece mais adequado para “dar conta do conjunto dos valores constitutivos da categoria gramatical dos fatos reportados, dos fatos inferidos e dos fatos de surpresa”. Para ela, esses três valores são “aparentemente distantes e até mesmo opostos”. A estudiosa questiona por quais razões eles deveriam ser considerados como constitutivos de uma mesma e única categoria.

Em meio aos seus argumentos está o fato de que em algumas línguas esses valores são expressos pelos mesmos marcadores gramaticais; em outras, um único marcador pode reagrupar dois valores mediativos sem que a combinação desses dois valores seja sempre previsível; alguns fatos podem ser interpretados também como uma reformulação da proposta do outro, assim como o resultado de inferências ou de raciocínios levados a partir de indícios, etc.

Podemos considerar, ao menos na etapa atual, que a articulação dos valores semânticos emitidos repousa sobre o degrau de não engajamento do enunciador com relação às situações descritas, o que o conduz a estabelecer um continuum de distanciação com relação aos fatos apresentados sem, portanto, pronunciar-se sobre o verdadeiro ou falso do conteúdo proposicional do enunciado.

O francês, como, aliás, muitas outras línguas, não desenvolveu um sistema gramatical do MED [mediativo], mas ele está apto a exprimir valores mediativos pelo intermédio de algumas formas de seu sistema temporal, notavelmente o condicional [COND] presente ou passado, o passado composto [PC], o presente ou mesmo o passivo. (GUENTCHÉVA, 1994, p. 10).⁷⁷

⁷⁷ On peut considérer, au moins à l'étape actuelle, que l'articulation des valeurs sémantiques dégagées repose sur le degré de non engagement de l'énonciateur à l'égard des situations décrites, ce qui le conduit à établir un continuum de distanciation par rapport aux faits présentés sans pour autant se prononcer sur le vrai ou le faux du contenu propositionnel de l'énoncé.

Le français, comme d'ailleurs beaucoup d'autres langues, n'a pas développé un système grammatical

Assim, vemos que a língua francesa, língua objeto do nosso *corpus*, não desenvolveu um sistema gramatical do mediativo, mas é possível que identifiquemos marcas do mediativo através de algumas formas dos tempos verbais. Na língua portuguesa também não existem marcas morfológicas que identifiquem o mediativo.

Para Guentchéva (1994, p. 11), “toda ocorrência de um enunciado mediativo introduz necessariamente uma situação de enunciação mediatizada que está em ruptura com relação à situação de enunciação”. A situação de enunciação mediatizada introduz um ponto de vista mediatizado em relação aos processos isolados ou aos processos sucessivos de uma enunciação ou de uma narração.

Vejam agora os três valores mediativos propostos por Guentchéva: fatos reportados, inferidos e de surpresa. De acordo com ela (1994, p. 12), o rótulo dado a “fatos reportados” pode induzir ao erro e levar a pensar que esse valor do mediativo (MED), em uma língua na qual ele é gramaticalizado, é da mesma natureza do discurso indireto (DI). Mas, para ela, o MED e o DI têm dois estatutos diferentes que seria preciso distinguir cuidadosamente.

Realmente, diversos trabalhos desta última década analisaram o DI como “a tradução de uma enunciação citada”, tanto do ponto de vista semântico, quanto do ponto de vista sintático. Se aceitamos que o DI “é, explicitamente, tomada de posição sobre o sentido de um ato de fala” (Authier, 1978 : 66) e que ele remete a “uma única situação de enunciação, a do discurso citante” (Maingueneau, 1986 : 89), todo enunciado proveniente da categoria do MED, nunca é, para nós, uma tomada de posição sobre um outro ato de fala. Por outro lado, se, para o intermediário do DI, o enunciador garante somente o valor de verdade do que ele reporta (Martin, 1992:107), o MED não exprime nenhuma garantia das falas reportadas e coloca o enunciado fora de toda asserção, ou seja, de uma citação referencial em “verdade” ou em “falso”: o enunciador não assume a responsabilidade do conteúdo que ele enuncia, estabelecendo uma distância entre ele e os fatos reportados. (GUENTCHÉVA, 1994, p. 12-3).⁷⁸

De acordo com Guentchéva et al (1994, p. 140), os fatos reportados são

du MÉD [médiatif], mais il est apte à exprimer des valeurs médiatives par le truchement de certaines formes de son système temporel, notamment le conditionnel [COND] présent ou passé, le passé composé [PC], le présent ou même le passif.

⁷⁸ En effet, divers travaux de cette dernière décennie ont analysé le DI come « la traduction d’une énonciation citée » tant du point de vue sémantique que du point de vue syntaxique. Si l’on accepte que le DI « est, explicitement, prise de position sur le sens d’un acte de parole » (Authier, 1978 : 66) et qu’il renvoie à « une seule situation d’énonciation, celle du discours citant » (Maingueneau, 1986 : 89), tout énoncé qui relève de la catégorie du MÉD, n’est jamais, selon nous, une prise de position sur un autre acte de parole. Par ailleurs, si, par l’intermédiaire du DI, l’énonciateur garantit seulement la valeur de vérité de ce qu’il rapporte (Martin, 1992 : 107), le MÉD n’exprime aucune garantie des propos rapportés et place l’énoncé hors de toute assertion, c’est-à-dire d’une assignation référentielle en « vrai » ou en « faux » : l’énonciateur n’assume pas la responsabilité du contenu de ce qu’il énonce en établissant une distance entre lui et les faits rapportés.

situações: a) geralmente conhecidas ou admitidas por todos; b) fundadas sobre as falas de outros com nuances de dúvida, desconfiança, ironia, indignação ou rejeição. Nos dois casos, o enunciador mostra formalmente que ele não é a fonte primeira do conteúdo proposicional do enunciado e que, por essa razão, ele não assume a responsabilidade enunciativa do que diz, estabelecendo uma certa distância.

Sobre os fatos inferidos, Guentchéva (1994, p. 17) afirma que, “às vezes, é difícil saber se o fato codificado por um verbo no futuro do pretérito deve ser interpretado como reportado ou como inferido”. Para ela, quando algo já foi anunciado e confirmado, não é necessária a utilização do condicional (usado pelo enunciador para não assumir a responsabilidade do que está sendo dito). Quando isso acontece, o enunciador (escritor) o faz para formular uma hipótese, fundada por um raciocínio a partir de indícios assinados pelos especialistas. Nesse caso, o condicional veicula um valor de inferência.

Guentchéva (1994, p. 20) destaca que em alguns contextos, uma forma mediativa permite exprimir o espanto ou a surpresa diante da constatação de uma situação inesperada. Guentchéva (1994, p. 20) define o valor de surpresa do seguinte modo: O estado do sujeito da relação predicativa é considerado pelo enunciador como uma descoberta inesperada em relação a um estado esperado e o estado constatado se encontra em relação de concomitância com o ato de enunciação.

Como o nosso objetivo não é o de analisar essas categorias propostas por Guentchéva, mas mostrar que existem marcas que podem denotar a (não) assunção da RE, optamos por não nos prolongarmos aqui com exemplos da língua francesa que denotam essas marcas as quais cita Guentchéva.

Para tratar desse distanciamento, Kronning (2005, p. 310) escreve a respeito dos marcadores epistêmicos, que também podem indicar esse valor; para ele, os marcadores epistêmicos “são expressões linguísticas, essencialmente de natureza modal e/ou mediativa, que têm por função regular a responsabilidade enunciativa do locutor”.

Os *marcadores epistêmicos*, sejam modais, mediativos ou mistos, têm por função regular a responsabilidade enunciativa do locutor para lhe permitir se conformar com a norma social que quer que ele seja verídico em seu discurso. Eles diferem, entretanto, pelos meios semânticos que eles executam para realizar essa função reguladora. *Os marcadores modais* operam uma “quantificação modal” (Kronning 2003,2004a) – “verdadeiro”, “eventualmente verdadeiro”, “provavelmente verdadeiro”, “zero” – do enunciado, enquanto os marcadores mediativos indicam o “modo de acesso ao conhecimento” (Guentchéva 2004 : 21) – “percepção”, “inferência”, “empréstimo a outrem” ou a simples “tomada de consciência epistêmica” (Kronning 2003 : 136) –, indicação que implica sempre “um certo desengajamento” do locutor “cara a cara ao fato que ele apresenta”. A modalização e a mediação operadas pelo marcador misto que é o CE [condicional epistêmico] concorrem para reduzir ao

máximo a responsabilidade enunciativa do locutor. (KRONNING, 2005, p. 298)⁷⁹

Adam (2008, p. 186-7) também escreve a respeito de marcadores de quadro mediadores ou de fontes do saber:

Fala-se, a propósito de *segundo, de acordo com, para, de fonte segura*, e de indicadores metonímicos de tipo *em Bruxelas, no Partido Socialista* etc., de **marcadores de quadros mediadores** ou de **fontes do saber**. A utilização de *alguns* em encadeamentos, como “*ALGUNS pensam preservação do capital. NÓS pensamos soluções de aplicação confiáveis.*” (publicidade bancária de *Total Return*), permite opor duas fontes, desqualificando a primeira sem, no entanto, mencionar a identidade do PdV oposto. Esses marcadores indicam que uma porção de texto não é assumida (sua verdade assegurada) por aquele que fala, mas mediada por uma voz ou PdV. As fontes dos diversos saberes que um texto veicula são, assim, localizadas e diferenciadas (mesmo se as marcas de quadro não sejam sempre tão fáceis de revelar). (ADAM, 2008, p 187).

Adam (2008, p.115) denomina ponto de vista anônimo, o da opinião comum, e diz que muito frequentemente, esses pontos de vista são assinalados por introdutores como *segundo, de acordo com e para*.

Essas formas exemplares do que se chama o mediativo, desde os trabalhos de Zlatka Guentchéva (1994, 1996), marcam uma zona textual sob a dependência de uma fonte de saber (mediação epistêmica) ou de percepção (mediação perceptiva). Os enunciados podem, assim, não ser assumidos pelo locutor-narrador. (ADAM, 2008, p. 115).

Para finalizar, Guentchéva et al (1994, p. 147) que escreveram sobre as relações entre o mediativo e as marcas de pessoa, falam que é difícil aparecer nitidamente essas relações. Como em nosso *corpus* essas marcas de primeira pessoa estão bem presentes, citaremos as considerações desses autores sobre esse tema:

⁷⁹ Les *marqueurs épistémiques*, qu'ils soient modaux, médiatifs ou mixtes, ont pour fonction de régler la responsabilité énonciative du locuteur pour permettre à celui-ci de se conformer à la norme sociale qui veut qu'il soit véridique dans son discours. Ils diffèrent cependant par les moyens sémantiques qu'ils mettent en oeuvre pour réaliser cette fonction régulatrice. Les *marqueurs modaux* opèrent une « quantification modale » (Kronning 2003,2004a) – « vrai », « éventuellement vrai », « probablement vrai », « zéro » – de l'énoncé, alors que les *marqueurs médiatifs* indiquent le « mode d'accès à la connaissance » (Guentchéva 2004 : 21) – « perception », « inférence », « emprunt à autrui » ou la simple « prise de conscience épistémique » (Kronning 2003 : 136) –, indication qui implique toujours « un certain désengagement » du locuteur « vis-à-vis du fait qu'il présente ». la modalisation et la médiation opérées par le marqueur mixte qu'est le CE [conditionnel épistémique] concourent à réduire maximalelement la responsabilité énonciative du locuteur.

1° A 3° pers. aparece bem livremente com os diferentes valores do mediativo. Não tendo o mesmo estatuto que “eu” e “tu” no ato da enunciação, ela é indicada por marcar a distanciação que o enunciador exprime com relação ao conteúdo proposicional do enunciado.

2° A 2° pers. introduz explicitamente o interlocutor e, por essa razão, a combinatória com o mediativo revela numerosas limitações: léxico, entonação, sequência interrogativa. De acordo com o código sócio-cultural, as restrições mudam.

3° A 1° pers. é a mais difícil, pois a ocorrência de “eu” com o mediativo nunca pode ser interpretada como remetendo de maneira unívoca ao enunciador. (GUENTCHÉVA et al., 1994, p. 147).⁸⁰

Ainda segundo os autores acima citados (1994, p. 147-8), a primeira pessoa tem uma dupla função que pode oferecer duas interpretações possíveis: a) o “eu” que geralmente remete ao enunciador enquanto instância de discurso e ao enunciador como simples referente, não está mais em seu emprego com o mediativo, uma vez que o enunciador não assume a responsabilidade enunciativa do conteúdo que o concerne; b) através da forma mediativa, o “eu” associa ao enunciador enunciante da situação enunciativa uma predicação que depende de uma outra situação enunciativa, o “eu” seria então duplamente indiciado.

Segundo Guentchéva et al (1994, p. 148), para ligar os diferentes valores do mediativo, é necessário enfatizar o estatuto particular do enunciador:

Enquanto em uma asserção se tem: *Eu digo: P* (dictum no sentido de Ch. Bally), em um enunciado no mediativo, tem-se:

Eu digo: Eu tenho { indícios/razões para dizer : P é afirmável.

Isso significa que o enunciador recorre ao mediativo para enunciar P sem se engajar e que o mediativo ocupa uma posição intermediária entre a asserção e o discurso reportado, o que explica a possibilidade de valores irônicos, polêmicos, de indignação, de rejeição...⁸¹

⁸⁰ 1° La 3° pers. apparaît assez librement avec les différentes valeurs du médiatif. N’ayant pas le même statut que « je » et « tu » dans l’acte d’énonciation, elle est tout indiquée pour marquer la distanciation que l’énonciateur exprime par rapport au contenu propositionnel de l’énoncé.

2° La 2° pers. introduit explicitement l’interlocuteur et, de ce fait, la combinatoire avec le médiatif révèle de nombreuses contraintes : lexicale, intonation, séquence interrogative. Selon le code socio-culturel, les restrictions changent.

3° La 1^{re} pers. est la plus contraignante car l’occurrence de « je » avec le médiatif ne peut jamais être interprétée comme renvoyant de façon univoque à l’énonciateur.

⁸¹ Alors que dans une assertion, on a :

Je dis : P (dictum au sens de Ch. Bally), dans un énoncé au médiatif, on a : *Je dis : J’ai des { indices/raisons por dire : P est assertable.*

Cela signifie que l’énonciateur a recours au médiatif pour énoncer P sans s’engager et que le médiatif occupe une position intermédiaire entre l’assertion et le discours rapporté, ce qui explique la possibilité de valeurs ironiques, polémiques, d’indignation, de rejet...

3.6. Categorias para analisar a Responsabilidade Enunciativa

Ao escrever sobre a responsabilidade enunciativa dos enunciados, Adam (2008, p. 115) admite a possibilidade desses enunciados não serem assumidos pelo locutor-narrador. Para Adam (2008, p. 117), “o grau de responsabilidade enunciativa de uma proposição é suscetível de ser marcado por um grande número de unidades da língua”.

Assim, ele nos aponta alguns elementos importantes para a análise da RE: os índices de pessoas; os dêiticos espaciais e temporais; os tempos verbais; as modalidades; os diferentes tipos de representação da fala; as indicações de quadros mediadores; os fenômenos de modalização autonímica; e as indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados. Vejamos de modo mais detalhado as categorias utilizadas neste estudo:

Os índices de pessoas: dos pronomes e os possessivos marcadores de pessoa (meu, teu/vosso, seu livro), da apóstrofe de um ser ausente ou inanimado [...], até os nomes que qualificam (traidor, esse X traidor, esse Y imbecil). (ADAM, 2008, p. 117-8).

Os dêiticos espaciais e temporais: que compreendem uma referência absoluta (precisa ou vaga) ou uma referência relativa ao cotexto (anafórica) ou ao contexto (situacional). Englobando a classe dos embreantes, essa categoria bastante vasta é constituída dos elementos que fazem referência à situação na qual o enunciado é produzido: advérbios (*ontem, amanhã, aqui, hoje*), grupos nominais (*esta manhã, abra esta porta*), grupos preposicionais (*em dez minutos*), adjetivos (na semana *passada*), certos pronomes (ele pensa em *mim*), certos determinantes (*minha* chegada). (ADAM, 2008, p. 118).

As categorias de análise propostas por Adam resumem, de certa forma, boa parte deste quadro teórico, uma vez que o autor supracitado também se baseia nos pressupostos de outros autores, como Authier-Revuz, para tratar dos fenômenos de modalização autonímica, e Guentchéva, para abordar a questão do quadro mediativo. Por essa razão, baseamo-nos em duas das categorias propostas a fim de verificar a ocorrência das marcas que denotam a assunção da RE.

Como as duas características escolhidas envolvem a noção de dêiticos, uma vez que Adam trata dos pronomes na categoria “Índice de pessoas”, separando-a da de “Dêiticos espaciais e temporais”, apresentamos algumas considerações sobre a Dêixis. Para tanto, utilizamos algumas considerações de Bühler e Benveniste.

3.6.1. A noção de dêixis

Para abordar a noção de dêixis, utilizamos os pressupostos apresentados, sobretudo, por Benveniste (1989, 1995) e Bühler (2009). Começamos por Benveniste, trazendo considerações baseadas em seu estudo acerca da natureza dos pronomes e do aparelho formal da enunciação. Posteriormente, as considerações de Bühler se fazem mister, haja vista que ele nos apresenta algumas categorias de dêiticos que são relevantes para a análise do *Itinéraire*.

A partir de leituras empreendidas acerca da temática que envolve os dêiticos, observamos que a dêixis remete ao conjunto de palavras e expressões que indicam um apontamento no contexto situacional. A conceituação da dêixis tem origem no gestual, ou seja, na capacidade que os humanos têm para dizer algo ao mesmo tempo em que mostra, indica. Essas marcas servem para mostrar o sujeito no ato de produção do enunciado.

De acordo com o Dicionário de Linguística e Gramática, de Câmara Júnior (2002, p. 90), a dêixis é a

faculdade que tem a linguagem de designar mostrando, em vez de conceituar. A designação dêítica, ou mostrativa, figura assim ao lado da designação simbólica ou conceptual em qualquer sistema linguístico. Podemos dizer que o SIGNO linguístico apresenta-se em dois tipos – o SÍMBOLO, em que um conjunto sônico representa ou simboliza, e o SINAL, em que o conjunto sônico indica ou mostra [...]. O pronome é justamente o vocabulário que se refere aos seres por dêixis em vez de o fazer por simbolização como os nomes. Essa dêixis se baseia no esquema linguístico das três pessoas gramaticais que norteia o discurso: a que fala, a que ouve e todos os mais situados fora do eixo falante-ouvinte.

Essa consideração sobre a dêixis apresenta um entendimento de signo linguístico semelhante ao apresentado por Benveniste. Vejamos algumas considerações benvenistianas a respeito da dêixis ou “instâncias do discurso”, como ele denomina.

3.6.2. As instâncias do discurso à luz da ótica benvenistiana

Para Benveniste, os pronomes fazem parte de todas as línguas, alguns pertencendo à sua sintaxe e alguns são característicos do que ele denomina “instâncias do discurso”, que se refere à dêixis. As instâncias do discurso são, para Benveniste (1995, p. 277), “atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor”.

Ao falar sobre a natureza dos pronomes, o referido autor (1995, p. 278) aborda, primeiramente, a questão dos pronomes pessoais. Para ele, os pronomes *eu* e *tu* se referem a uma “realidade de discurso”. O *eu* é definido em termos de

locução e significa “a presente instância de discurso que contém eu”. Ainda segundo Benveniste, o *eu* só tem valor no momento em que é produzido.

[...] a forma *eu* só tem existência linguística no ato de palavras que a profere. Há, pois, nesse processo uma dupla instância conjugada: instância de *eu* como referente, e instância de discurso contendo *eu*, como referido. A definição pode, então, precisar-se assim: *eu* é o “indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística *eu*”. Conseqüentemente, introduzindo-se a situação de “alocução”, obtém-se uma definição simétrica para *tu*, como o “indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância linguística *tu*”. Essas definições visam *eu* e *tu* como uma categoria da linguagem e se relacionam com a sua posição na linguagem. (1995, p. 278-9).

Para Benveniste (1995, p. 279), essa referência constante e necessária à instância de discurso, aos dêiticos, é o que une a *eu* e *tu* uma série de “indicadores” que pertencem a classes diferentes, como pronomes, advérbios e ainda locuções adverbiais. Esses indicadores referem-se à forma como o *eu* vincula-se ao discurso.

Em primeiro lugar, Benveniste (1995, p. 279) aponta os demonstrativos, “na medida em que se organizam correlativamente com os indicadores de pessoa, como no lat. *hic/iste*”. “Fora dessa classe, mas no mesmo plano e associados à mesma referência, encontramos os advérbios *aqui* e *agora*.”

Poremos em evidência a sua relação com *eu* definindo-os: *aqui* e *agora* delimitam a instância espacial e temporal coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso que contém *eu*. Essa série não se limita a *aqui* e *agora*; é acrescida de grande número de termos simples ou complexos que procedem da mesma relação: *ontem*, *hoje*, *amanhã*, *em três dias*, etc. (BENVENISTE, 1995, p. 279-80).

Para Benveniste, é imprescindível, nesse caso, a relação entre “o indicador” (de pessoa, de tempo, de lugar, de objeto mostrado, etc.) e a presente instância de discurso, pois isso significa que é preciso que haja uma vinculação da dêixis com o sujeito que fala.

Consoante o autor supracitado (1995, p. 280), os signos quando não assumidos por um locutor são “vazios”, eles só se tornam “plenos” quando “um locutor os assume em cada instância do seu discurso”. Assim, os signos são únicos, mas podem ser assumidos por qualquer locutor (*eu*). É a partir da “apropriação” da linguagem pelo indivíduo que ela se torna “instâncias de discurso”

caracterizadas por esse sistema de referências internas cuja chave é *eu*, e que define o indivíduo pela construção linguística particular de que ele se serve quando se enuncia como locutor. Assim, os

indicadores *eu* e *tu* não podem existir como signos virtuais, não existem a não ser na medida em que são atualizados na instância de discurso, em que marcam para cada uma das suas próprias instâncias o processo de apropriação pelo locutor. (BENVENISTE, 1995, p. 281).

Benveniste (1995, p. 282) também escreve a respeito do que ele denomina a “terceira pessoa”, que faz referência à situação na qual os enunciados de discurso “escapam à condição de pessoa”, isto é, diferenciam-se de *eu* e *tu*, tornando-se, assim, “um membro não marcado da correlação de pessoa”.

De um modo geral, Benveniste considera que os dêiticos, indicadores de subjetividade no discurso, “refletem” a existência dos signos que constituem a enunciação, que são locutor (*eu*), alocutário (*tu*), lugar (*aqui*) e tempo (*agora*). Assim, de acordo com os pressupostos benvenistianos, a pessoa enuncia num determinado espaço e tempo.

3.6.3. Aparelho formal da enunciação

Benveniste (1989, p. 82) atenta para o fato da dificuldade que se tem para apreender o fenômeno do emprego da língua. A enunciação, para o autor supracitado, é “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”.

O discurso, dir-se-á, que é produzido cada vez que se fala, esta manifestação da enunciação, não é simplesmente a “fala”? – É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação. Deve-se considerá-la como o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam esta relação. (1989, p. 82).

Há três aspectos que podem ser utilizados para se estudar esse processo, segundo Benveniste: 1) a realização vocal da língua; 2) o mecanismo desta produção; 3) definir a enunciação no quadro formal de sua realização.

O primeiro deles é, de acordo com Benveniste, “o mais imediatamente perceptível e o mais direto”. Os sons emitidos e percebidos, em todos os seus aspectos, “procedem sempre de atos individuais, que o linguista surpreende sempre que possível em uma produção nativa, no interior da fala”. (1989, p. 83). Benveniste reconhece que os mesmos sons nunca são reproduzidos da mesma maneira. Essas diferenças se devem ao fato de que há uma diversidade das situações nas quais a enunciação se produz.

O mecanismo desta produção é um outro aspecto maior do mesmo problema. A enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso. Aqui a questão – muito difícil e pouco estudada ainda – é

ver como o “sentido” se forma em “palavras”, em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descrever sua interação. É a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância. (1989, p. 83).

A terceira abordagem define a enunciação no quadro formal de sua realização. Na enunciação, Benveniste considera o ato em si, as situações em que ele se realiza e os instrumentos de sua realização. O autor supracitado afirma que o locutor é introduzido pela língua como “parâmetro nas condições necessárias da enunciação”, depois disso, a língua é efetuada em uma “instância de discurso” proveniente de um locutor.

Benveniste (1989, p. 84) define a enunciação como um processo de “apropriação” enquanto realização individual.

O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro.

Mas imediatamente, desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. (1989, p. 84)

Para Benveniste (1989, p. 84), toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, pois ela postula um alocutário. Ele também declara que

O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação. (p. 84).

A partir disso, Benveniste aborda os índices de pessoa, a relação *eu-tu* que, segundo ele, só se produz “na e pela enunciação”. O termo *eu* caracteriza o indivíduo que emite a enunciação, por sua vez, o termo *tu* denota o alocutário.

Da mesma natureza e se relacionando à mesma estrutura de enunciação são os numerosos índices de *ostensão* (tipo *este, aqui*, etc.), termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo.

As formas denominadas tradicionalmente “pronomes pessoais”, “demonstrativos”, aparecem agora como uma classe de indivíduos linguísticos”, de formas que enviam sempre e somente a “indivíduos”, quer se trate de pessoas, de momentos, de lugares, por oposição aos termos nominais, que enviam sempre e somente a conceitos. [...].

Uma terceira série de termos que dizem respeito à enunciação é

constituída pelo paradigma inteiro – frequentemente vasto e complexo – das formas temporais, que se determinam em relação a *EGO*, centro de enunciação. Os “tempos” verbais cuja forma axial, o “presente”, coincide com o momento da enunciação, fazem parte deste aparelho necessário. (BENVENISTE, 1989, p. 84-5).

Segundo Benveniste, essa relação com o tempo merece uma atenção. A temporalidade é produzida na e pela enunciação.

Da enunciação procede a instauração da categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo. O presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo. (1989, p. 85).

Outro ponto de destaque para nosso estudo abordado por Benveniste em “O aparelho formal da enunciação” é quando ele declara que, geralmente, a enunciação é caracterizada pela “acentuação da relação discursiva com o parceiro”, que pode ser tanto real quanto imaginado, individual ou coletivo. Essa característica representa o que Benveniste chama de “quadro figurativo” da enunciação.

Como forma de discurso, a enunciação coloca duas “figuras” igualmente necessárias, uma, origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura do diálogo. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação. Este quadro é dado necessariamente com a definição da enunciação. (p. 87).

Esse diálogo é expresso na relação *eu-tu*, em que o outro aparece. Portanto, veremos adiante como se manifesta essa relação com o outro no *Itinéraire*.

3.6.4. A noção de dêixis segundo Bühler

O aumento de teóricos que começaram a estudar a dêixis se deu a partir de Karl Bühler, o primeiro teorizador da linguagem a atribuir ao fenômeno da dêixis uma importância maior em relação ao funcionamento da linguagem verbal.

Segundo Friedrich, autora do prefácio da obra *Théorie du langage*, de Bühler, ele desenvolveu sua concepção dos dêiticos em reação a uma tentativa que se encontra ainda hoje sustentada em algumas pesquisas.

Trata-se da elevação dos termos dêiticos à classe dos termos denominativos, ou, em outras palavras, do tratamento dos dêiticos como um grupo de termos delimitados e definidos em função do que eles simbolizam no mundo. Esse deslizamento em direção aos termos denominativos parece possível em razão do fato de que os sinais dêiticos também codificam ou simbolizam alguma coisa: os

advérbios espaciais simbolizam o espaço, todo lugar geográfico em torno de um locutor; o termo *hoje* designa todos os dias durante os quais esse termo pode ser pronunciado; e o *eu*, todos os locutores potenciais. Para Bühler, entretanto, uma argumentação desse tipo oculta uma contradição: ela faz desaparecer a especificidade dos sinais dêiticos. Ele se opõe firmemente a essa tentativa e tematiza, através do termo de campo dêítico, um processo bem diferente do da denominação. (FRIEDRICH, 2009, p. 46).⁸²

Assim, vemos que o tratamento dado por Bühler à noção de dêixis é diferenciada, distanciando-se da denominação, pois não se pode considerar os dêiticos como um grupo de termos delimitados e definidos.

De acordo com Bühler (2009, p. 175), em todo processo social dois participantes são necessários. “Quando um locutor ‘quer remeter’ ao emissor da palavra atual, ele diz *eu*, e quando ele quer remeter ao receptor, ele diz *tu*. *Eu* e *tu* são igualmente termos dêiticos e não são, originariamente, nada além disso”.

A tese central do trabalho de Bühler é mostrar que só há um único campo dêítico na língua e como a realização de significação dos termos dêiticos está ligada a auxiliares dêiticos sensíveis, como ele fica dependente desses últimos e de seus equivalentes. Segundo o autor supracitado (2009, p. 176), “os modos da dêixis são variados”. É possível “operar uma mostração *ad oculos* e utilizar os mesmos termos dêiticos de maneira anafórica no discurso afastado da situação. Além desses modos, há um terceiro ao qual nomeiam *dêixis no imaginário*”.

Bühler (2009, p. 177) afirma que o que eles descrevem como campo dêítico é “o núcleo, a técnica favorita da linguagem *da intuição sensível*”. Os modos dêiticos são modos de explicação.

Ao falar sobre o campo dêítico da linguagem e os termos dêiticos, Bühler (2009, p. 180) escreve a respeito da perspectiva de Brugmann, linguista alemão considerado referência em linguística indo-europeia, que trabalha com a identificação dos “modos dêiticos” nas línguas pertencentes ao indo-europeu. Bühler acredita que por mais que a análise de Brugmann se baseie nas línguas indo-europeias, ela é de grande relevância.

Brugmann distingue certamente: a) um modo dêítico (representado no alto alemão moderno pela forma acentuada *dér*), que ele considera como geral ou indiferente, na medida em que não intervêm em si nem

⁸² Il s’agit de l’élévation des termes déictiques au rang des termes dénominatifs, ou, autrement dit, du traitement des déictiques comme un groupe de termes délimités et définis en fonction de ce qu’ils symbolisent dans le monde. Ce glissement vers les termes dénominatifs semble possible en raison du fait que les signes déictiques codifient ou symbolisent aussi quelque chose : les adverbes spatiaux symbolisent l’espace, tout lieu géographique autour d’un locuteur ; le terme *aujourd’hui* désigne tous les jours durant lesquels ce terme peut être prononcé ; et le *je* tous les locuteurs potentiels. Pour Bühler, cependant, une telle argumentation recèle une contradiction : elle fait disparaître la spécificité des signes déictiques. Il s’oppose fermement à cette tentative et thématise, à travers le terme de champ déictique, un processus bien différent de celui de la nomination.

a oposição entre proximidade e distanciamento, nem a oposição entre alocutário e “terceira” pessoa. Contextualmente, esse modo pode funcionar por oposição a um termo marcando o distanciamento (ex. *da und dort*, “*aqui* e ali”). Contudo, é o único caso em que *da* é comumente produzido em francês por um dêítico de base *c-* (que reagrupa os valores de *hic* e *iste*) e não a base *l-* (latim *ille*). É por essa razão que se preferiu traduzir *dér-deixis* por *dêixis-ali*, e reservar a base *c-* aos valores de tipo ontem (*hic*, *aqui*).

b) a *ich-deixis*, a “dêixis-eu”, pela qual o locutor dirige o olhar do alocutário em direção a ele mesmo. Segundo Brugmann esse valor é por ele mesmo indiferente à correlação de distância, e pode, com rigor, indicar tudo o que se encontra no espaço do locutor. O valor de proximidade aparece contextualmente por oposição a um termo do tipo *jener* [este, esta].

c) um caso particular da *dér-deixis*, em afinidade particular com o pronome de segunda pessoa, que ele propõe chamar *du-deixis*, a “dêixis-tu”. Esse modo aparece, diz ele, nas línguas em que a dêixis-eu está fortemente marcada.

d) enfim, a *jener-deixis*, a “dêixis-acolá”, correspondendo ao que se encontra distante no espaço ou no tempo, ou ainda o que está situado do outro lado de uma fronteira, como “além”.⁸³

Essa citação nos permite observar a visão de dêixis apresentada por Brugmann. Mas, enquanto teórico da linguagem, o questionamento de Bühler vai além dos dêíticos referentes às línguas indo-europeias; ele visa dar conta do conjunto, dos modos de dêixis utilizados em todas as línguas.

Ao falar sobre o mito da origem dêítica da linguagem, Bühler (2009) fala a respeito da “dêixis silenciosa”, expressada por sinais, como um braço estendido ou o dedo indicador e sinais semelhantes com a cabeça e os olhos. Podemos afirmar que, dentre os tipos de dêixis apresentadas por Brugmann, a “dêixis-là-bas”, ou seja, a dêixis acolá, tem uma grande recorrência no *Itinéraire*, como veremos mais adiante. Bühler escreve a respeito dessa dêixis: “os termos

⁸³ Brugmann distingue en effet : a) un mode déictique (représenté en haut allemand moderne par la forme accentuée *dér*), qu’il considère comme général ou indifférent, dans la mesure où il n’y interviennent en soi ni l’opposition entre proximité et éloignement ni celle entre allocutaire et « troisième » personne. Contextuellement, ce mode peut fonctionner par opposition à un terme marquant l’éloignement (ex. *da und dort*, « *çà* et *là* »). C’est toutefois le seul cas où *da* est ordinairement rendu en français par un déictique de base *c-* (qui regroupe les valeurs de *hic* et *iste*) et non la base *l-* (latin *ille*). C’est pourquoi on a préféré traduire *dér-deixis* par *dêixis-là*, et réserver la base *c-* aux valeurs de type hier (*hic*, *ici*).

b) la *ich-deixis*, la « dêixis-je », par laquelle le locuteur dirige le regard de l’allocutaire vers lui-même. Selon Brugmann cette valeur est par elle-même indifférente à la corrélation de distance, et peut à la limite indiquer tout ce qui se trouve dans l’espace du locuteur. La valeur de proximité apparaît contextuellement par opposition à un terme de type *jener*.

c) un cas particulier de la *dér-deixis*, en affinité particulière avec le pronom de deuxième personne, qu’il propose d’appeler *du-deixis*, la « dêixis-tu ». Ce mode apparaît, dit-il, dans les langues où la dêixis-je est fortement marquée.

d) enfin la *jener-deixis*, la « dêixis-là-bas », correspondant à ce qui se trouve éloigné dans l’espace ou dans le temps, ou encore à ce qui est situé de l’autre côté d’une frontière, comme « au-delà ».

dessa classe servem, em princípio, para mostrar duas coisas geralmente indistintamente. No presente caso, alguma coisa longínqua e algo que está situado do outro lado de uma fronteira separando o que mostra e o que é mostrado”.

Bühler (2009, p. 205-6) também escreve a respeito do ponto de vista da lógica clássica e da lógica formal sobre a significação dos dêiticos e afirma que “o acordo espontâneo entre os que ensinam a lógica dos antigos gramáticos e a lógica contemporânea sobre os dêiticos é notável”.

A primeira considerava que os termos dêiticos não forneciam indicação de essência [...], do mesmo modo que os termos denominativos, e a segunda recusa que eles seriam sinais de conceitos que poderíamos nos contentar em definir objetivamente como os outros termos.⁸⁴

O teórico afirma que essa colocação é justa e que essas duas características estão intrinsecamente ligadas.

Certamente, cada um pode dizer *eu*, e seja quem for que o diga faz referência a um outro objeto além de outra pessoa. É preciso tantos nomes próprios quanto locutores para fazer passar a polissemia intersubjetiva da palavra *eu* a monossímia dos sinais linguísticos exigida pelos lógicos, na maneira cujos denominativos realizam essa monossímia. E é a mesma coisa no princípio com cada outro termo dêítico.

Quando ele parece ser de outro modo, como no caso da palavra *aqui*, pela qual todos os vienenses fazem referência à Viena e todos os berlinenses à Berlim, isso se mantém somente no caráter vago ou indeterminado do emprego estendido desse termo dêítico de posição, o que é facilmente incompreensível e não pode satisfazer o lógico. Na acepção estrita, *aqui* se refere à posição momentânea do locutor e essa posição pode mudar com cada locutor e cada ato de fala. Do mesmo modo, é puramente o fato do acaso se um *tu* empregado duas vezes remete as duas vezes ou não ao portador do mesmo nome próprio. (BÜHLER, 2009, p. 206).⁸⁵

⁸⁴ La première considérait que les termes déictiques ne fournissent pas d'indication de quiddité [...] à la manière des termes dénominatifs, et la seconde récuse qu'ils seraient des signes de concepts qu'on pourrait se contenter de définir objectivement comme les autres termes.

⁸⁵ Chacun peut en effet dire *je*, et quiconque le dit fait référence à un autre objet que toute autre personne. Il faut autant de noms propres que de locuteurs pour faire passer la polysémie intersubjective du seul mot *je* à la monosémie des signes linguistiques exigée des logiciens, à la manière dont les dénominatifs réalisent cette monosémie. Et il en va exactement de même dans le principe avec chaque autre terme déictique.

Lorsqu'il semble en aller autrement, comme dans le cas du mot *ici*, par lequel tous les Viennois font référence à Vienne et tous les Berlinoises à Berlin, cela tient seulement au caractère relâché ou indéterminé de l'emploi étendu de ce terme déictique de position, ce qui est facilement compréhensible et ne peut satisfaire le logicien. Dans l'acception stricte, *ici* réfère à la position momentanée du locuteur et cette position peut changer avec chaque locuteur et chaque acte de parole. De même, c'est purement le fait du hasard si un *tu* employé deux fois renvoie les deux fois ou non au porteur du même nom propre.

A citada fala de Bühler nos remete ao que escreveu Benveniste sobre os dêiticos, pois, o *eu*, por exemplo, pode ser dito por várias pessoas, mas ele só terá validade no momento de sua produção, ele “só tem existência linguística no ato de palavras que o profere”. Bühler (2009, p. 210) também fala sobre a relação entre *aqui* e *eu*:

A partir da origem do *aqui* perceptivo são indicadas linguisticamente todas as outras posições, a partir da origem *agora* todos os outros momentos. A princípio, não concerne a nada além da dêixis; naturalmente as posições, como todo o resto no mundo, também podem ser indicadas por sinais linguísticos de conceitos. Um enunciado como “a casa perto do presbitério” define a posição de um dos objetos em relação ao outro, e utiliza para esse fim um termo de conceito garantido de origem, a preposição *perto de*; em indo-europeu, as próprias preposições não são termos dêiticos, mas elas podem frequentemente ligar uma união lexical com termos dêiticos.⁸⁶

Bühler (2009, p. 210) afirma que é a partir disso que nascem termos compostos, como: “là-près de” (ali perto de), “à côté de” (ao lado de), “là-après” (lá depois), “après cela” (depois disso), “ensuite” (em seguida), “ici-à côté” (aqui ao lado), entre outros. Segundo o autor citado, essas construções são frequentemente usadas em situação de uma dêixis no imaginário ou elas funcionam de modo dêítico sobre o modo da anáfora.

Após fazer essa distinção, Bühler (2009, p. 210) propõe uma reflexão acerca dos termos “eu”, “aqui” e “agora”, em suas funções enquanto marca linguística individual, de lugar e de tempo. Bühler explica que a partir da língua indo-europeia os sufixos pessoais do verbo e os morfemas pessoais isolados, como “eu” e “tu” são, geralmente, dissociados dos dêiticos de posição, ou seja, de local.

Entretanto, existem suficientemente fatos semânticos e formais nos quais se manifestam uma comunidade de origem ou de múltiplos cruzamentos das duas classes. Esse vai e vem aparece de maneira ainda mais nítida na história da “terceira” pessoa, que é altamente característico para o indo-europeu. (BÜHLER, 2009, p. 211).⁸⁷

⁸⁶ À partir de l’origine du *ici* perceptif sont indiquées linguistiquement toutes les autres positions, à partir de l’origine *maintenant* tous les autres moments. Il n’est d’abord question de rien d’autre que de dêixis ; naturellement les positions, comme tout le reste dans le monde, peuvent aussi être indiquées par des signes linguistiques de concepts. Un énoncé comme « la maison près du presbytère » définit la position de l’un des objets par rapport à l’autre, et utilise à cette fin un terme de concept garanti d’origine, la préposition *près de* ; en indo-européen, les prépositions ne sont pas par elles-mêmes des termes dêitiques, mais elles peuvent fréquemment nouer un mariage lexical avec des termes dêitiques.

⁸⁷ Cependant, il existe suffisamment de faits sémantiques et formels dans lesquels se manifestent une communauté d’origine ou de multiples croisements des deux classes. Ce va-et-vient apparaît de

Ele também escreve a respeito do caráter indispensável dos auxiliares dêiticos, e afirma que “se a assistência científica mútua entre psicologia e linguística que não cessamos de questionar deve trazer frutos, os especialistas dos dois lados devem ter a coragem de se informar um com o outro”. (2009, p. 214).

Bühler (2009, 214-5) afirma que Brugman propõe uma excelente análise fenomenológica da situação de fala humana em geral e o cita:

Eles [*i. e.* os termos dêiticos de posição] não são simplesmente, como não importa qual constituinte do enunciado, de maneira geral, um convite ao alocutário dirigir sua atenção sobre a representação mental em questão, eles são *simultaneamente* [grifo meu]⁸⁸ maneiras fônicas de mostrar com o dedo, dos modos audíveis de fazer sinal, eles contêm sempre, como diz Wegener (*Grundfragen des Sprachlebens*, 1885 : 100) um *olhe aqui!* Ou um *há alguma coisa para ver aqui*.⁸⁹

Para Bühler (2009, p. 217), “os termos eu e você designam os portadores de papel no drama atual da fala, os portadores de papel da ação da fala”.

Com a palavra *prosopon*, os gregos dispunham para isso de um excelente termo, e com *persona*, os latinos não significavam nada além do papel no ato de fala. A teoria da linguagem deve retomar essa significação antiga do termo *persona*, com toda a clareza e consequência requeridas. [...] A função principal, antes de qualquer outra coisa, dos pronomes pessoais tais como *eu* e *você*, não é nomear o emissor e o receptor da mensagem linguística de modo cujos nomes são denominações, mas somente indicar esses portadores de papel no sentido em que este já se encontra expresso com pertinência por *Apolônio Discolo*.

Certamente, se alguém de meu conhecimento me diz *ich*, “eu”, isso quer dizer mais que isso, e se alguém do lado de fora diante da porta responde por *eu* à pergunta quem está aí?, ele confia no fato de que eu o reconheço *individualmente* pelo som da sua voz dentro do grupo dos meus conhecidos. A estrutura gramaticalizada *eu*, que recebeu um contato fonológico e se destaca com nitidez suficiente de todas as outras palavras da língua alemã, ressoa de maneira fonologicamente uniforme em milhões de bocas. Somente a materialidade da voz, a fisionomia acústica o individualiza, e é aí o sentido da resposta *euda* parte de meu visitante atrás da porta: a marca fonemática, o traço

manière encore plus nette dans l’histoire de la « troisième » personne, qui est hautement caractéristique pour l’indo-européen.

⁸⁸ Os grifos são de Bühler.

⁸⁹ Ils [*i. e.* les termes déictiques de position] ne sont pas simplement, comme n’importe quel constituant de l’énoncé, de manière générale une invite à l’allocutaire de diriger son attention sur la représentation mentale en question, ils sont *simultanément* [je souligne] des manières phoniques de montrer du doigt, des façons audibles de faire signe, ils contiennent toujours comme le dit Wegener (*Grundfragen des Sprachlebens*, 1885 : 100) un *regarde ici !* ou un *il y a quelque chose à voir ici*.

linguístico formal que possui seu *eu*, ao eu que faz a pergunta, ele me indica a natureza da voz. (BÜHLER, 2009, p. 217).⁹⁰

No tocante a *demonstratio ad oculos* e a dêixis no imaginário, Bühler (2009, p. 230) afirma que, ao mostrar algo a alguém, é preciso que haja uma harmonia entre a pessoa que guia e a pessoa guiada. Mas, para ele, não é necessário ter uma grande preocupação a respeito dessa harmonia, pois nosso senso comum basta para compreender as condições dadas e, assim, acreditamos compreender como e por que o receptor apreende o que o emissor visa.

Mas essa situação apresentada por Bühler pode mudar, no momento em que um narrador guia um ouvinte no “universo do que está ausente e acessível pela lembrança”, assim como no universo da “imaginação construtiva”, tratando com os mesmos termos dêiticos

de modo que ele veja e ouça o que há ali para ver e ouvir (e para tocar, isso é óbvio, e talvez até mesmo cheirar e provar). Não com os olhos, os ouvidos, etc. exteriores, mas com o que, por contraste na linguagem corrente e sem dúvida também por comodidade na psicologia, nomeamos os olhos e os ouvidos “interiores”, “da alma”. (2009, p. 230).⁹¹

Segundo Bühler, a situação, nesse caso, deve ser diferente, pois os auxiliares dêiticos “pré-linguísticos”, indispensáveis para a *demonstratio ad oculos*, são eliminados no caso da mostração no imaginário.

Aquele que é guiado em um universo imaginário não pode seguir com o olhar a seta que formam o braço estendido e o indicador de um locutor para descobrir o posicionamento de um locutor para descobrir o objeto situado *acolá*. Ele não pode recorrer à qualidade da origem

⁹⁰ Avec le mot *prosopon*, les Grecs disposaient pour cela d'un terme excellent, et avec *persona*, les Latins ne signifiaient rien d'autre que le rôle dans l'acte de parole. La théorie du langage doit reprendre cette signification antique du terme *persona*, avec toute la clarté et la conséquence requises. [...] La fonction principale, avant toute chose, des pronoms personnels tels que *je* et *tu* n'est pas nommer l'émetteur et le récepteur du message linguistique à la manière dont les noms sont des nominations, mais seulement d'indiquer ces porteurs de rôle au rôle au sens où ceci se trouve déjà exprimé avec pertinence par Apollonius Dyscole.

Certes si quelqu'un de ma connaissance me dit *ich*, « je », « moi », cela évoque davantage, et si quelqu'un dehors devant la porte répond par *moi* à la question *qui est là ?*, il se fie au fait que je le reconnais *individuellement* au son de sa voix dans la masse de mes proches. La structure grammaticalisée *moi*, qui a reçu une frappe phonologique et se détache avec suffisamment de netteté de tous les autres mots de la langue allemande, résonne de manière phonologiquement uniforme dans des millions de bouches. Seule la matérialité de la voix, la physionomie acoustique, l'individualise, et c'est là le sens de la réponse *moi* de la part de mon visiteur derrière la porte : l'empreinte phonématique, le trait linguistique formel que possède son *moi*, à moi qui pose la question, il m'indique le caractère de la voix.

⁹¹ de façon à ce qu'il voie et entende ce qu'il y a là à voir et à entendre (et à toucher, cela va de soi, et peut-être même à sentir et à goûter). Non pas avec les yeux, les oreilles, etc. extérieurs, mais avec ce que, par contraste dans le langage courant et sans doute aussi par commodité en psychologie, on appelle les yeux et les oreilles « intérieurs », « de l'esprit ».

espacial produzida pelo som da voz para descobrir a localização do locutor que diz *aquí*. Ele não ouve mais, na língua escrita, a natureza da voz de um locutor ausente que diz *eu*. E, entretanto, uma rica diversidade desses termos e de outros dêiticos lhe é oferecida, quando a narração lhe põe sobre os olhos objetos ausentes, e narradores ausentes. (2009, p. 230-1).⁹²

Como exemplo a esse tipo de ocorrência, Bühler, apresenta o caderno de viagem ou um romance. A questão central abordada por Bühler é saber como uma condução do ausente ou pelo ausente é possível, assim como descrever a maneira pela qual A e B, ou seja, os interlocutores, são orientados em seu “espaço perceptivo”.

Isso é necessário, pois parece que essa orientação intervém *in toto* e desempenha um papel no “espaço imaginário” onde ele é transferido, no universo do *algum lugar* da pura imaginação e no universo do *naquele tempo* da lembrança. (2009, p. 231).⁹³

Bühler (2009, p. 231) declara que a afirmação de que os auxiliares dêiticos naturais sobre os quais se apoia a *demonstratio ad oculos* estão completamente ausentes na dêixis no imaginário não é verdadeira. Ele afirma que o que é verdadeiro é que o locutor e o ouvinte de uma descrição visual de um objeto ausente possuem os mesmos recursos que permitem ao ator em cena tornar presente algo que está ausente e ao “espectador do jogo” interpretar o que está presente na cena como uma mímese de algo que se encontra ausente.

Partindo para as situações de dêixis no imaginário, Bühler (2009, p. 240) faz uma abordagem acerca das representações imaginárias de situações sobre as quais “se mostra” algo:

Para voltar rapidamente ao fato, eu só vou responder a uma pergunta. Na ocorrência de saber o que se passa quando um homem no estado de vigília e (portanto, que não está sonhando), falando-se e descrevendo-se alguma coisa interiormente ou enquanto ouvinte (leitor), “mergulha” em lembranças, ou empreende viagens imaginárias e produz construções imaginárias. O quê da dêixis linguística ele mesmo efetua ou segue na imaginação? Considerando nossa convenção, ele não deveria se encontrar, entretanto, removido, na acepção estrita do termo, da sua situação de percepção presente.

⁹²Celui qui est guidé dans un univers imaginaire ne peut suivre du regard la flèche que forment le bras tendu et l'index d'un locuteur pour découvrir l'objet situé *là-bas*. Il ne peut recourir à la qualité de provenance spatiale produite par le son de la voix pour découvrir l'emplacement du locuteur qui dit *ici*. Il n'entend pas davantage, dans la langue écrite, le caractère de la voix d'un locuteur absent qui dit *moi*. Et pourtant une riche diversité de ces termes et d'autres dêitiques lui est offerte, lorsque la narration lui met sous les yeux des objets absents, et des narrateurs absents.

⁹³Ceci est nécessaire car il apparaît que cette orientation intervient *in toto* et joue un rôle dans l'« espace imaginaire » où elle est transférée, dans le royaume du *quelque part* de la pure imagination et dans le royaume du *en ce temps-là* du souvenir.

E, em regra geral, isso não chega a um indivíduo normal. – Se, por exemplo, após ter seguido em um momento do dia uma descrição evocadora, relato de viagem ou cena de romance, somos levados aos negócios da vida cotidiana e às necessidades do momento, esse retorno não será de modo algum percebido como um verdadeiro despertar, como ao sair de um sonho.⁹⁴

Bühler afirma que esse fato e algumas outras características “permitem distinguir de maneira suficientemente nítida a verdadeira êxtase de um ‘deslocamento’”. Esse deslocamento ao qual Bühler faz menção remete, metaforicamente, ao fato de Maomé ir à montanha ou a montanha ir a Maomé, o que significa que tanto o “eu” pode se deslocar até o “tu”, quanto o “tu” pode vir até o “eu”, havendo, assim, a possibilidade de “se transportar” até o local desejado ou de trazer a pessoa desejada ao local em que se encontra o “eu”.

Segundo Bühler (2009, p. 242), existe ainda um caso intermediário entre “ficar aqui e ir acolá”. É quando tanto a montanha quanto Maomé ficam em seus lugares. Maomé vê a montanha do seu lugar de percepção, ou seja, do próprio lugar onde está. Ainda segundo Bühler (2009, p. 242) “esse terceiro caso fundamental corresponde, o mais frequentemente, a um vivido inicial, que continua instável e transitório”. Além disso, Bühler afirma que a pessoa que vive essa experiência está indicando com o dedo a direção na qual o objeto ausente é visto com os “olhos da alma”.

Nesse tipo de dêixis não há qualquer evidência real que viabilize o ato de mostrar; ela ocorre através de uma “evidência”, um “pensamento” compartilhado por locutor e interlocutor. Trata-se de uma mostraçãõ *in absentia*, portanto, de uma mostraçãõ fictícia.

Optamos por fazer essa exposição sobre os dêiticos com o intuito de contribuir para que se compreenda melhor como as marcas dêiticas podem se manifestar em um texto. Nas categorias apresentadas por Adam, ele cita apenas os dêiticos espaciais e temporais, situando as marcas de primeira pessoa em outra categoria. Veremos mais adiante, sobretudo a partir da perspectiva adamiana, como os dêiticos se manifestam no *Itinéraire*, mas também utilizamos a primeira categoria apresentada por ele, os índices de pessoa, uma vez que, ao se falar em dêiticos, as marcas de pessoa são de suma importância.

⁹⁴ Pour en venir rapidement au fait, je ne vais répondre qu’à une seule question. En l’occurrence celle de savoir ce qui se passe lorsqu’un homme à l’état vigile et (donc qui n’est pas en train de rêver), en se parlant et en se décrivant quelque chose intérieurement ou en tant qu’auditeur (lecteur), « se plonge » dans des souvenirs, ou entreprend des voyages imaginaires et échafaude des constructions imaginaires. Qu’en est-il de la déixis linguistique, qu’il effectue lui-même ou qu’il suit en imagination ? Compte tenu de notre convention, il ne devrait pas s’en trouver pour autant soustrait dans l’acception stricte du terme à sa situation de perception présente. Et, en règle générale, cela n’arrive pas à un individu normal. – Si par exemple, après avoir suivi à un moment de la journée une description évocatrice, récit de voyage ou scène de roman, on est ramené aux affaires de la vie quotidienne et aux nécessités du moment, ce retour ne sera nullement perçu pour un véritable réveil, comme au sortir d’un rêve.

4. A Responsabilidade Enunciativa sob a ótica de uma viajante

Neste capítulo, apresentamos nossas considerações a respeito da materialização da Responsabilidade Enunciativa (RE) em *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne*. Primeiramente, buscamos responder, a partir da ótica rabateliana, se há a presença de mais de um PDV, ou seja, se é possível encontrar mais de uma voz no *Itinéraire*. Em seguida, identificamos, ainda com base nos pressupostos rabatelianos, em qual ou quais tipo(s) de PDV (representados, contados ou afirmados) a obra aqui analisada está inserida.

Por sua vez, a partir da perspectiva adamiana, descrevemos e interpretamos como as categorias de índices de pessoas e de dêiticos espaciais e temporais se manifestam no *Itinéraire*. A partir dos quadros sinóticos de cada carta, tecemos nossas considerações acerca dos dados encontrados.

Ao longo deste capítulo, o leitor encontrará fragmentos retirados das cartas para darmos exemplos e comprovarmos nosso posicionamento. As cartas completas se encontram em anexo.

4.1. A Responsabilidade Enunciativa à luz de Rabatel

4.1.1. *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne*: um único ponto de vista?

Todo escritor tem um papel de destaque dentro de sua obra. Por mais que o gênero textual escolhido por ele não o ponha em evidência, o leitor tem consciência de que ele é o “responsável” pelos dizeres/pelas palavras escritas no texto.

Algumas vezes, o escritor assume a responsabilidade do que escreve, expressa. Outras vezes, prefere não se “comprometer”, atribuindo o seu dizer a terceiros. Como a obra aqui analisada é um relato de viagem, é importante levar em consideração o papel do autor dentro da obra, principalmente em um gênero textual em que o autor conta parte de sua história e o uso da primeira pessoa (sobretudo do singular) está fortemente marcado.

Em geral, nos relatos de viagem, o escritor (o viajante) tende a utilizar pronomes de primeira pessoa, uma vez que uma das características do gênero é que esse viajante narre sua própria viagem. No *Itinéraire*, a autora assume a responsabilidade de sua fala, uma vez que ela usa quase que a todo tempo os pronomes de primeira pessoa “je” e “nous”, o segundo usado quando está na presença da filha ou de amigos.

Vimos, a partir da perspectiva rabateliana, que o conceito de enunciadador

é importante para que consigamos dar conta do implícito, dos pontos de vista (PDV) e de todas as situações em que um locutor reporta um PDV ao qual ele empresta sua voz, sem chegar a retomá-lo por sua conta, ou seja, o locutor profere a fala de outra pessoa, fazendo com que o enunciador não seja E1, uma vez que ele não é o detentor do PDV, mas e2.

Dentre as considerações de Rabatel sobre a noção de locutor (L) e enunciador (E), é válido considerarmos o fato de que, para ele, todo locutor é enunciador, mas todo enunciador não é necessariamente locutor. Assim, apesar dessa possibilidade, a partir da leitura do *Itinéraire*, podemos observar que Nísia é L, uma vez que é ela quem narra sua passagem pela Alemanha, assim como ela é E, pois em quase todos os momentos ela traz o seu PDV.

A “voz principal” apresentada por Goffman, da qual Rabatel também faz uso, que corresponde ao sincretismo do locutor e do enunciador, (L1/E1) também surge para trazer mais um dado que denotaria a assunção da RE, pois Nísia Floresta representa a “voz principal”, uma vez que ela é enunciativa e está nitidamente em sincretismo com o locutor.

O fato de Nísia Floresta representar, no *Itinéraire*, L1 e E1 não quer dizer que não haja a presença de um enunciador segundo (e2), pois, em algumas circunstâncias ela está narrando fatos históricos e utiliza-se de termos como: “segundo”, “dizem”, “disseram-me”, para esclarecer que a informação que está sendo transmitida é proveniente de outra pessoa/fonte, portanto, representa outro PDV.

Quando isso acontece, temos uma situação de quase-RE (quase Responsabilidade Enunciativa), ou seja, é apenas uma imputação. Rabatel considera duas situações distintas, uma é a “Responsabilidade Enunciativa”, a outra é o que ele denomina “imputação”. A primeira corresponde às proposições que (L1/E1) assume por sua própria conta. A segunda corresponde aos conteúdos proposicionais que L1/E1 atribui a um enunciador segundo (e2).

Vejamos alguns fragmentos onde podemos verificar a presença de e2:

(1)

Le palais de l'Industrie renferme une riche collection de modèles de tout genre, machine et instruments. Un des côtés est occupé par la bibliothèque royale, qui possède, m'a-t-on dit , 200.000 volumes imprimés, et presque autant de manuscrits [...].	O palácio da Indústria compreende uma rica coleção de modelos de todo gênero, máquinas e instrumentos. Um dos lados é ocupado pela biblioteca real, que possui, disseram-me , 200.000 volumes impressos e quase a mesma quantidade de manuscritos [...].
--	---

Carta I

(2)

Un manteau orné de plumes, qui, dit-on , a appartenu à Montézuma, empereur du Mexique, y est encore conservé dans une salle particulière, ainsi que le berceau de Charles-Quit, et deux chevaux empaillés, que l'archiduc Albert et l'archiduchesse	Um manto ornado de plumas que, dizem , pertenceu a Montezuma, imperador do México, ainda é conservado lá em uma sala particular, assim como o berço de Carlos V e dois cavalos empalhados, que o arquiduque Alberto e a arquiduquesa Isabel
--	--

Isabelle montèrent au siège d’Ostende en 1602.	subiram na sede de Ostende em 1602.
--	-------------------------------------

Carta I

(3)

En face de l’hôtel de ville, se trouve un vaste édifice, nommé la <i>Halle au pain</i> , et plus vulgairement <i>Maison du roi</i> . Ce fût là, m’a-t-on dit , dans une petite salle, que les comtes de Horn et d’Egmont passèrent la nuit qui précéda le supplice auquel les avait fait condamner le duc d’Albe, ce farouche ministre de Philippe II.	Diante do hotel da cidade, encontra-se um amplo edifício, nomeado <i>Halle au pain</i> , e mais vulgarmente <i>Casa do rei</i> . Foi lá, disseram-me , em uma pequena sala, que os condes de Horn e Egmont passaram a noite que precedeu o suplício o qual os tinha feito condenar o duque de Albe, esse feroz ministro de Filipe II.
---	--

Carta I

(4)

Au bas de cette montagne, de jeunes filles paysannes nous attendaient pour nous vendre des souvenirs, tels que le panorama du pays, des aigles, des balles françaises et des balles anglaises trouvées, disaient-elles , dans les champs de Waterloo [...].	Embaixo desta montanha, jovens camponesas nos esperavam para nos vender lembranças, como o panorama do país, águias, balas francesas e balas inglesas encontradas, diziam elas , nos campos de Waterloo [...].
--	---

Carta II

(5)

Bacharach, où, selon quelques antiquaires , exista l’Ara des Romains.	Bacharach, onde, segundo alguns antiquários , existiu a Ara dos Romanos.
--	---

Carta V

(6)

On montre également aux visiteurs, moyennant la somme dont j’ai parlé plus haut, le bras énorme de cet homme extraordinaire, qui, selon l’expression du grand poète français , <i>a tenu la boule du monde, et dont le crâne a été le moule de toute une Europe nouvelle</i> .	Mostra-se igualmente aos visitantes, cobrando a soma da qual eu falei mais acima, o braço enorme desse homem extraordinário, que, segundo a expressão do grande poeta francês , <i>segurou a bola do mundo e cujo crânio foi um molde de toda uma nova Europa</i> .
---	--

Carta V

(7)

L’or et les pierreries brillent sur les reliquaires gothiques et byzantins qui contiennent ces précieux objets. Une châsse d’une valeur et d’une beauté extraordinaires contient le reste des os de Charlemagne ; on dit que cette châsse ne s’ouvre jamais.	O ouro e as pedrarias brilham sobre os relicários góticos e bizantinos que contêm esses preciosos objetos. Um relicário de um valor e de uma beleza extraordinárias contém o resto dos ossos de Carlos Magno. Dizem que esse relicário nunca é aberto.
---	---

Carta V

(8)

C'est sur cet emplacement, dans lequel on voit encore les restes de la vieille et fameuse tour romaine de Gracchus, transformé en beffroi ; c'est là, dit-on , qu'est né Charlemagne.	É sobre este lugar, no qual se vê ainda os restos da velha e famosa torre romana de Gracchus, transformada em campanário. Foi lá, dizem , que nasceu Carlos Magno.
--	---

Carta V

(9)

On dîne à table d'hôte dans les hôtels, au son d'une bonne musique ; c'est, dit-on , l'usage e Allemagne [...].	Nos hotéis, janta-se em uma mesa reservada para os hóspedes, ao som de uma boa música. É, dizem , o costume na Alemanha [...].
--	---

Carta V

(10)

On aperçoit au sud, sur la hauteur, les débris des châteaux Sternberg et Liebestein, surnommés les <i>deux frères</i> . La légende dit que l'un de ces châteaux servit de résidence à une famille issue de Roland.	Percebe-se ao sul, no alto, as ruínas dos castelos de Sternberg e Liebestein, apelidados de <i>dois irmãos</i> . A lenda diz que um desses castelos serviu de residência a uma família proveniente de Roldão.
---	--

Carta VI

Notamos que essas ocorrências de distanciamento por parte de Nísia Floresta, ou seja, o aparecimento de e2, não se apresentam em todas as cartas e são mínimas diante das ocorrências em que Nísia assume o seu PDV, em que ela é L1/E1. Encontramos apenas dez ocorrências.

Esse distanciamento remete ao que fala Adam (2011) sobre o ponto de vista anônimo, isto é, que pertence à opinião pública, representando um conhecimento “geral”, partilhado por todos. Do mesmo modo, o distanciamento ao qual nos reportamos se refere às marcas de mediativo, apresentadas por Guentchéva (1994). Porém, como o nosso objetivo não é discutir essas noções, mas identificar se é possível encontrar outro PDV além do de Nísia Floresta, não nos detivemos nessa questão.

Destarte, podemos afirmar que, apesar de Nísia Floresta representar L1/E1 no *Itinéraire*, e de assumir seu PDV em, praticamente, todos os momentos, também é possível detectar PDV de e2, quando a norte-rio-grandense utiliza marcas para esclarecer tratar-se da fala de “terceiros”. É válido lembrar que, na maioria das ocorrências, Nísia está se referindo a informações históricas, o que justificaria o uso desse recurso, haja vista que ela não estava presente no momento em que esses fatos aconteceram. Nesse caso, não falamos em RE, mas em um engajamento por parte de Nísia Floresta.

4.1.2. *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne*: ponto de vista “representado”, “contado” ou “afirmado”?

O primeiro PDV apresentado por Rabatel, o PDV “representado”, apresenta-se com poucas ocorrências no *Itinéraire*, haja vista que esse PDV consiste na separação do locutor e do enunciador. Nísia Floresta assume a Responsabilidade Enunciativa (RE) nesse relato de viagem, sendo, portanto, locutora e enunciatória, mas em algumas situações, a autora está falando a respeito de acontecimentos históricos, e frisa que as informações dadas são provenientes de outra pessoa/fonte. Essas informações, oriundas de outro enunciador, podem ser conferidas nos exemplos de 1 a 10, citados acima.

Assim, observamos que o PDV “representado” pode ser encontrado no *Itinéraire*, mas em poucas passagens, pois essa disjunção entre locutor e enunciador, da qual fala Rabatel, não predomina na obra aqui analisada.

O PDV “contado” não pode ser encontrado no *Itinéraire*, pois esse PDV remete a textos escritos a partir da perspectiva de um personagem que não é um focalizador e visa o desenrolar dos fatos a partir da perspectiva de um dos “atores do enunciado”, sem dar a esse “ator” um espaço enunciativo particular.

O fato de o PDV “contado” dizer respeito a um personagem, um dos atores do enunciado, mas que não é o focalizador, ou seja, o enunciador, descarta a possibilidade desse PDV ser encontrado no *Itinéraire*. Apesar de Nísia ser personagem de sua história, ela não é apenas personagem, ela é autora, locutora e enunciatória. Destarte, ela é personagem, mas tem seu espaço enunciativo, haja vista que ela não deixa de ser enunciatória.

Por fim, o PDV “afirmado”. Este pode ser encontrado claramente no *Itinéraire*, uma vez que ele expõe uma opinião explicitamente assumida. De um modo geral, é esse PDV que mais representa a obra em questão, pois é o que está presente em quase todos os enunciados. Podemos observar de modo claro a opinião de Nísia Floresta sobre todos os assuntos discutidos. Nesse sentido, não nos resta dúvidas de que o PDV “afirmado” é o que corresponde ao relato de viagem aqui analisado.

Uma vez que reconhecemos o PDV predominante no *Itinéraire*, parecemos pertinente comentar o fato de Rabatel chamar atenção para o valor persuasivo do ethos, presente no ponto de vista “afirmado”, haja vista que o ethos concerne a um recurso utilizado pelo locutor com o intuito de passar uma imagem apropriada dele e de seu discurso, no intento de construir uma imagem positiva da pessoa e apontando a validade dos argumentos ou dos valores do locutor. Essas características podem ser verificadas no *Itinéraire* e é, portanto, mais um indicativo de que o PDV “afirmado” é o que predomina nas cartas analisadas.

Essa afirmação sobre o ethos nos conduz a algumas passagens do *Itinéraire*, pois Nísia Floresta faz uso desse recurso para emocionar seu público. Em várias passagens ela quer mostrar a seus familiares que estava triste com a vida que levava. Vejamos alguns fragmentos.

(11)

As cidades, os distritos, os vilarejos, as paisagens, toda essa natureza mais ou menos bela que se desvelava rapidamente a meus olhos, lembravam-me os rápidos momentos de minha felicidade, que foram embora, ai de mim! Quando eu começava apenas a prová-los!

(carta I)

(12)

Contemplando essas cenas variadas dos lugares que eu percorria, eu me esforçava para mergulhar minha alma em seu passado histórico, a fim de divertir a tristeza que me corroía mais vivamente o coração no dia 25 de agosto!

(carta I)

(13)

Ajudem-me, contudo, com suas palavras de amor que o futuro justificará cada vez mais, sem o quê esses esforços só seriam o magnetismo que faz agir o sonâmbulo, ou antes, a febril e misteriosa força que faz andar o moribundo já a bordo do túmulo! Sim, vocês sabem, apesar das adversidades que me atingiram cruelmente, meu pensamento se volta sem cessar a essa trindade tão distante, ai de mim! A fim de esgotar nela esperanças das quais meu coração precisa muito para cumprir minha última tarefa sobre a terra!

(carta II)

(14)

O poético e admirável parque que segue e ao qual dá-se o nome de Campos Elísios, ter-me-ia parado ali o dia todo, se este dia não tivesse levado de minha alma toda sombra de poesia.

(carta III)

Esses são apenas alguns fragmentos que denotam uma imagem que Nísia passou/passava a seus familiares. Neles, podemos perceber claramente tratar-se do PDV “afirmado”, uma vez que ela escreve a respeito de seus próprios sentimentos, não havendo, portanto, espaço para o PDV de outra pessoa além do da própria autora.

4.1.3. A Responsabilidade Enunciativa sob a perspectiva de Adam

4.1.3.1. Índices de pessoa e os dêiticos espaciais e temporais em *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne*

Entre os elementos propostos por Adam (2008) para se analisar a RE, escolhemos os índices de pessoas e os dêiticos espaciais e temporais. Diante das primeiras leituras do *Itinéraire*, observamos que essas categorias são bem recorrentes e rapidamente identificadas, uma vez que os gêneros presentes na

obra contribuem para isso.

A partir dos quadros sinóticos expostos abaixo, notamos que o fato de esses marcadores dêiticos se apresentarem de modo muito significativo demonstra que Nísia Floresta faz um apontamento situacional com o intuito de apresentar o maior número de informações sobre os lugares visitados e o momento em que passou por eles a seus parentes (e ao público leitor posteriormente). Além disso, o grande índice de pronomes pessoais referentes à primeira pessoa, seja do singular ou do plural, denota uma Nísia Floresta assumindo a RE em seus enunciados.

Primeiramente, apresentamos os quadros sinóticos indicando as ocorrências das categorias citadas em cada uma delas. É preciso lembrar que, como Nísia está narrando o que acontece durante sua viagem, algumas dessas epístolas são significativamente longas. A primeira, em particular, é uma das mais extensas (na obra, são 11 páginas apenas a primeira carta). Essa diferença entre a extensão das cartas contribui para que o número de ocorrência de cada categoria se apresente com maior ou menor frequência.

Passemos aos quadros sinóticos. Tecemos nossas considerações ao final de cada um deles.

Quadro sinótico da análise da carta I – resumo das ocorrências e repetições

Categoria	Ocorrências
Pronomes pessoais	vocês sabem ser fatal para minha felicidade; começou para mim ; eu via se aproximar o primeiro aniversário do dia que a levou de meu carinho; Vocês acreditaram que Paris exerceria sobre mim sua magia ordinária; Eu a revi com indiferença e ela se tornou para mim monótona e quase insuportável; ainda me torna incapaz; Era- me preciso percorrer novos países; Era- me preciso, enfim, ver uma terra modelo; Vocês não duvidariam que foi pela velha e poética Alemanha, a digna pátria de Leibnitz e de Kant, que eu me decidi; propondo- me fazer uma peregrinação; eu preferi entrar na Alemanha pela Bélgica e sair por Kehl; onde sua virtuosa viúva me espera para retornar comigo à Paris; Eu sinto que as emoções dessa visita fúnebre, misturadas às que este triste mês me faz sentir, teriam me tornado incapaz de ir mais longe; eu fechei minha correspondência do Havre para vocês ; eu peguei com minha filha um carro que nos conduziu ao caminho de ferro do Norte;

Enquanto **eu** pagava nossas passagens e cuidava de nossas bagagens, **tu** estavas ali diante de **mim**, oh meu filho bem amado, **tu** que **te** encarregavas outrora desses cuidados quando **eu** tinha a felicidade de viajar com meus dois filhos; que **me** encantava tão agradavelmente quando **eu te** contemplava ágil, sério e ativo como um jovem do Norte, e que **eu** esperava dessa atividade dias melhores;

O sinal da partida **me** tirou de meus pensamentos. Apressamo-**nos** para pegar nossos assentos e, um instante depois, o comboio rolava sobre a estrada, deixando-**nos** apenas o tempo de contemplar os lugares que se sucediam sob nossos olhos, e ainda sem interesse para **nós**;

já haviam desaparecido por trás de **nós**;

A estrada de Paris à Valenciennes **me** pareceu monótona e triste, pelo efeito, sem dúvida, da disposição de alma em que **eu me** encontrava. A imagem adorada de minha mãe **me** seguia na velocidade da grande rapidez, quando **eu** percorria novos países;

eu orei por alguns instantes, e meus últimos pensamentos foram para ela e para **vocês**;

eu senti em meu coração;

sua sombra **me** mostrou a catedral e lá **me** precedeu; e ele começou a **me** agradar um pouco mais;

nós atravessamos o limite que separa do solo francês o território belga; **nós** fomos submetidas às simples formalidades da visita alfandegária; **eu** senti novas emoções tocando o solo de outra nação além da França;

eu, vocês sabem, sempre *preferi* esta nação a qualquer outra depois da nossa;

Nós mudamos de carro;

lembrava-**me** os rápidos momentos de minha felicidade, que foram embora, ai de **mim**! Quando **eu** começava apenas a prová-los!;

Contemplando essas cenas variadas dos lugares que **eu** percorria, **eu me** esforçava para mergulhar minha alma em seu passado histórico, a fim de divertir a tristeza que **me** corroía mais vivamente o coração em 25 de agosto!; sucediam-se lugares interessantes **me** estendendo uma página dos tempos passados;

eu traço estas linhas de Bruxelas para **vocês**;

Um pequeno carro que nomeiam aqui *vigilante nos* conduziu ao hotel da Rússia, onde **nos** encontrávamos instaladas em um quarto belo e confortável; **eu** sinto agora;

	<p>Eu me sinto cansada, e muito! Mas esse cansaço me é salutar; o moral ressuscitará em mim; essas duas forças tão profundamente abaladas em mim; vocês saberão dos esforços de minha vontade para conservar uma existência que lhes é cara. Ajudem-me; vocês sabem, apesar das adversidades que me atingiram cruelmente; ai de mim; é de Bruxelas que eu quero entreter vocês agora; Não sinto prazer em lhes contar a história de Bruxelas, a qual vocês não precisam saber o restante, nem das cidades que vou percorrer; eu lhes indicarei somente o que me chamar a atenção e lhes comunicarei; me preveniu a seu favor; a graciosa mulher que as mostrava para nós, fez-nos remarcar a que os antigos estados de Brabante mantinham suas assembleias; Mostraram-nos as chaves douradas; mas me falta tempo para descrevê-la a vocês; disseram-me.</p>
Pronomes possessivos	<p>minha cara filha - meus amigos - minha filha - minha filha - meus pés - meu filho - meu Brasil - meu Henrique - nossas - minha vontade - minha alma - meu amor - meus tristes suspiros - minha alma - meu mal - minhas expressões - minha filha - minha santa mãe - suas lembranças - minha cabeça - minha sorte - nossa Lívia - meu coração - Minha filha - nosso venerável amigo - nossa afeição - minha filha - meus braços - minha única - minha vida - minha ternura - minha amiga - minha filha - minha estadia - suas cartas - minhas forças - minha alma - minha terna e excelente mãe.</p>
Nomes que qualificam	<p>cara filha - salva - terrível indisposição - afetada - forças físicas - boa natureza - pedidos reiterados - excelente dona da casa - apressada - pequenos cuidados - alma sensível - farta refeição - afeição bem fraternal - tocada - indisposta - bom coração - grande manta - afetuosa prestatividade - instalada - excelente Sr P*** - vivo reconhecimento - sincera simpatia - vontade enérgica - noite muito fria - forte brisa - compatriotas franceses - nuvem mais obscura que a noite - forte crise de vômito - pobre homem - embaraçado - campo isolado - socorro profissional - abandonada - caros objetos - tristes suspiros - último eco - primeiros clarões - mais calma - cuidados atenciosos do velho cocheiro - nova estrada - profundo reconhecimento -</p>

	<p>Sozinha, cansada, triste - senhora alemã - agradável distração - aflita - muito útil - caridosa companheira - pequena cidade - muito feliz - insólito - muito movimentadas - cansada - verdadeira afeição - estimável marido - boa família - cuidados amáveis - venerável amigo - cara filha - feliz - adorável criança - companheira íntima - boa e apressada - excelente pai - grande quantidade - emoção profunda - abalada - incapaz - costumes exemplares - notável caridade - exemplos diários - estimável viúva - verdadeira mulher cristã - tocante simplicidade - charmosa modéstia - bondade angelical - digna herdeira - Verdadeiro tipo da família alemã - sábio Duvernoy - cansada e enfraquecida - forças esgotadas - tristes disposições - simples itinerário - íntimos suspiros - ardentes.</p>
Dêiticos espaciais	<p>ESTRASBURGO - ao lado de - até aqui - em Hérimoncourt - longe - sala de jantar - onde - ali - longe - aqui - me conduzir ao carro - ali - em Montbéliard - A duas léguas de caminhada - ali - no meio dos Vosges - em meio ao silêncio da noite - doze léguas a percorrer - Cernay - de lá - Estrasburgo - na diligência - lá - Cernay - me conduziu a um albergue - onde - na parte da Alemanha que eu tinha acabado de percorrer - em um vilarejo da França - Estrasburgo - os Vosges - aqui - na casa de uma das filhas de nosso venerável amigo - na casa da outra - longe - museu de história natural e o laboratório - onde - em Estrasburgo - aqui - em Montbéliard e em Hérimoncourt - Montbéliard - minha estadia na Alemanha - Paris - em Nancy - ali - em Paris - aqui e ali, em todo lugar por onde eu estive - de Estrasburgo - de todos os países que eu percorri sem vocês.</p>
Dêiticos temporais	<p>30 de setembro - dez horas da noite - um dia a mais - quando - tal hora da noite - naquele momento - depois - por um instante - por alguns instantes - nessas horas de silêncio e de agonia física - de tempo em tempo - seis horas da manhã - às seis e meia - após - após - a cada escala - sempre - após - durante esses três dias - nessa curta ausência - nesses três dias - após - outrora - chegando à Montbéliard - de alguns dias a mais - ao partir de Paris - Amanhã - pararei algumas horas - durante uma viagem empreendida nas tristes disposições em que se encontra minha alma - Mais tarde - sempre.</p>

Carta I

Na carta I, há um grande número de pronomes marcadores de pessoa. A quantidade de referência à própria Nísia Floresta é significativa. Os pronomes que indicam a primeira pessoa do singular (eu, me, mim, comigo) são a maioria, ocorrem 59 vezes, o que indica Nísia em seu ato de produção do enunciado. Em seguida, encontramos os marcadores de primeira pessoa do plural (nós, nos), o que significa que a autora citada ainda se inclui em sua fala. Encontramos 13 ocorrências. As marcas dêiticas que correspondem a segunda pessoa (do singular e do plural: tu, te, vocês, lhes) também estão presentes, 20 incidências, indicando o(s) alocutário(s) a quem Nísia faz referência durante sua narração.

Os pronomes possessivos também demonstram que a autora faz muita referência a si mesma, haja vista que a maioria das ocorrências corresponde ao que “pertence” a ela, os pronomes “meu(s)”, “minha(s)” são os que estão mais presentes. Vejamos: *Meu*: 4 ocorrências⁹⁵; *Meus*: 1oc.; *Minha*: 7 oc.; *Minhas*: 1 oc.; *Nosso*: 2 oc.; *Nossa*: 1 oc.; *Teu*: 3 oc.; *Teus*: 1oc. Essa grande quantidade de possessivos referentes à primeira pessoa é mais uma característica de assunção da RE.

Os nomes que qualificam, aos quais Adam se refere, também se apresentam em grande quantidade, denotando, portanto, os julgamentos, as impressões de Nísia sobre o que vê (ex. *belo vilarejo*, *marginas verdejantes...*). Do mesmo modo, notamos que ela utiliza esses adjetivos para expressar seus sentimentos (ex. *coração apertado*; *lembrança angustiante...*). Essas apreciações indicam um certo “julgamento de valor” que Nísia Floresta faz a respeito dos lugares por onde passa e do que percebe de um modo geral, denotando suas impressões pessoais e, portanto, apresentando mais um indicador de que a autora assume a responsabilidade enunciativa de sua fala.

No que concerne aos dêiticos espaciais, levamos em consideração as marcas que fazem referência ao local em que Nísia se encontra no momento em que estava escrevendo as cartas, assim como também destacamos os dêiticos espaciais aos quais Nísia faz referência, seja em um contexto histórico (uma cidade onde ocorreu algum acontecimento), algum lugar de onde ela veio ou aonde pretende ir.

Os dêiticos temporais também são marcados a todo tempo, uma vez que, em todas as cartas, Nísia traça o seu itinerário desde a manhã até a hora de dormir. A escritora potiguar narra o que aconteceu durante o dia descrevendo os objetos, as paisagens, de um modo geral, o que lhe chama a atenção.

Na carta I, os dêiticos temporais revelam o momento ao qual Nísia faz referência, o *mês de agosto de 1856*. Após o *choque cruel* que abalou seu *ser moral*, Nísia é incapaz de desfrutar *hoje* (na data em que escreveu) a vida intelectual de Paris, como ela desfrutava *outrora*. Em algumas passagens, misturam-se os dêiticos espaciais e temporais, formando o centro dêitico (eu/tu-aqui-agora):

⁹⁵ Doravante utilizaremos a abreviação oc.

(15)

Por volta das oito horas da manhã, antes de ontem, 24 de agosto, eu fechei minha correspondência do Havre para vocês [...].

No exemplo 15, observamos a pessoa que fala (eu), o alocutário (vocês), várias indicações sobre o horário e a data a qual ela se refere (*Por volta das oito horas da manhã, antes de ontem, 24 de agosto*) e o local onde se encontrava (*Havre*).

Também podemos notar a presença de marcas dêiticas que fazem referência ao que se passa na imaginação de Nísia:

(16)

Enquanto eu pagava nossas passagens e cuidava de nossas bagagens, tu estavas ali diante de mim [...].

No fragmento em apreciação, ela faz referência ao momento (*enquanto pagava a passagem* dela e da filha) em que via seu filho *ali, diante* dela. Esse tipo de dêixis remete a “dêixis no imaginário” a qual Bühler faz referência, que, como vimos, tem por objetivo deslocar o que é imaginado ao espaço onde se encontra a pessoa ou a pessoa é deslocada em direção ao lugar onde está presente o que se quer mostrar. No caso de Nísia Floresta, ao que parece, a partir da leitura de suas cartas, ela queria que seu filho estivesse com ela para acompanhá-la durante sua viagem.

Assim, uma vez que a dêixis no imaginário visa tornar presente o que está ausente, encontramos ocorrências desse tipo de dêixis no *Itinéraire*, pois é o que acontece, não apenas na carta I, mas em todo o relato, haja vista que Nísia está narrando e descrevendo a seus familiares os lugares por onde passa.

Como já foi possível observar, por meio das cartas e dos quadros sinóticos, que as ocorrências de marcas dêiticas são muito frequentes, optamos por comentar e destacar o que há de mais relevante. Tecemos nossos comentários a partir de alguns fragmentos retirados de cada carta.

Ainda na carta I, uma das mais extensas, encontramos a informação do trajeto que será feito por Nísia durante sua viagem:

(17)

[...] propondo-me fazer uma peregrinação ao túmulo de meu venerável amigo, o sábio e bom Duvernoy, eu preferi entrar na Alemanha pela Bélgica e sair por Kehl, a fim de ir de Estrasburgo à Montbeliard, onde ele quis ser enterrado, e onde sua virtuosa viúva me espera para retornar comigo à Paris, somente após minha viagem à Alemanha.

Além de indicar o nome das cidades e dos países, também temos uma ideia da ordem cronológica que será seguida por Nísia durante seu itinerário. A entrada na Alemanha será feita pela *Bélgica* e a saída pela cidade de *Kehl*, pois pretendia ir *de Estrasburgo à Montbeliard*. Ademais, a escritora norte-rio-

grandense justifica a escolha de seu percurso: visitar o túmulo de seu amigo, Duvernoy, na cidade de Montbéliard.

Outra característica notável que pode ser observada é a preocupação que Nísia tem de apresentar informações muito precisas a respeito de seu trajeto, sobretudo, tendo em vista que era apenas uma carta destinada à família:

(18)

Não muito distante de Blanc-Misseron, última estação a setenta e duas léguas de Paris, nós atravessamos o limite que separa do solo francês o território belga.

Dentre muitas informações contidas na carta I, os dados históricos estão muito presentes. O excerto abaixo nos mostra um conhecimento que Nísia tinha a respeito da história da cidade, assim como uma indicação de dêixis no imaginário, pois essas lembranças históricas faziam-na ver *páginas dos tempos passados*, transportando-a a esses acontecimentos ou trazendo-os para o lugar em que se encontrava:

(19)

Lá se encontra Boussu, belo vilarejo, com o castelo que serviu de estadia ao jovem Luís XIV, em 1655, quando ele dirigiu a sede Saint-Ghislain, que caiu em seu poder; aqui, Jemmapes, orgulhosa por suas ricas minas de carvão, e lembrando a célebre batalha que os franceses, comandados pelo general Dumouriez, ganharam sobre a armada austríaca. Por todos os lados, em minha direita e em minha esquerda, sucediam-se lugares interessantes me estendendo uma página dos tempos passados.

A partir das informações contidas na carta I, no exemplo 20, por exemplo, é possível saber onde Nísia se encontrava (*Bruxelas*) no momento em que escreveu a carta.

(20)

Hoje, meus caros amigos, eu traço estas linhas de Bruxelas para vocês, onde desci com minha filha, por volta das cinco horas, ao cais do meio dia. Um pequeno carro que nomeiam aqui vigilante nos conduziu ao hotel da Rússia, onde nos encontrávamos instaladas em um quarto belo e confortável.

Não apenas o nome da cidade pode ser identificado, assim como o recinto em que Nísia se encontrava: no *Hotel da Rússia, em um quarto belo e confortável*. Essa passagem nos mostra que Nísia Floresta se preocupava em apresentar detalhes, o que nos permite encontrar um maior número de marcadores dêiticos.

Entre informações históricas e cotidianas, também podemos observar em algumas passagens uma linguagem “metafórica”, em que Nísia utiliza dêiticos “imprecisos”.

(21)

O coração **apertado**, a alma sempre **abatida** pela lembrança **angustiante** da morte da **melhor** das mães, **eu via se aproximar o primeiro aniversário do dia que a levou de meu carinho**.

Em 21, Nísia Floresta faz menção ao dia de morte da sua mãe, referindo-se à data como *o dia que a levou de seu carinho*. Ademais, ela *vê se aproximar o primeiro aniversário de morte da mãe*. Essa “visão” de Nísia indica uma linguagem metafórica, um recurso utilizado pela autora para se referir a uma data que estava se aproximando. No exemplo 22, há uma situação semelhante:

(22)

Eu sinto que as emoções dessa visita **fúnebre**, misturadas às que **este triste mês me** faz sentir, teriam **me** tornado **incapaz de ir mais longe**.

O mês de agosto, dêitico temporal que, a partir da leitura da carta, marca o momento em que Nísia se encontrava, é mencionado pela escritora norte-riograndense com o título de *triste mês*, despertando-lhe *emoções* que a tornariam *incapaz de ir mais longe*. No exemplo 22, notamos uma marca de dêitico espacial “metafórico”, quando a potiguar pensa em não poder *ir mais longe*, ou seja, dar continuidade a sua vida e/ou a sua peregrinação sobre a terra.

No exemplo que segue, ela faz uso de um dêitico temporal que não expressa um tempo preciso, ele é subjetivo:

(23)

O corpo ficou inerte **por muito tempo, durante os combates da alma e os paroxismos do coração!**

Assim como o exemplo 23, que expressa uma marca de dêitico temporal muito vaga (um *corpo* que ficou *inerte por muito tempo* e uma inércia que ocorreu *durante os combates da alma e os paroxismos do coração*), também notamos no exemplo 24 um dêitico temporal impreciso, haja vista que Nísia relata sua percepção acerca da estrada de Paris à Valenciennes, que lhe pareceu *monótona* e *triste*, justificando que essa percepção era devido à *disposição de alma em que se encontrava*, o que denota um espaço de tempo vago, indefinido.

(24)

A estrada **de Paris à Valenciennes me** pareceu **monótona** e **triste**, pelo efeito, sem dúvida, da disposição de alma **em que eu me encontrava**.

No exemplo 25, também há uma referência temporal indefinida ao usar expressões como *um instante depois* ou *apressamo-nos*. A primeira expressão pode ser substituída por outras como: em seguida, logo após, todas indicando um momento indeterminado. A segunda indica que o ato de pegar o assento foi feito rapidamente, em um curto espaço de tempo, porém, as duas caracterizam-se pela falta de precisão temporal.

(25)

Apressamo-nos para pegar nossos assentos e, um instante depois, o comboio rolava **sobre a estrada**, deixando-nos apenas o **tempo** de contemplar os lugares que se sucediam sob **nossos** olhos, e ainda sem interesse para **nós**.

Passando aos exemplos 26 e 27, observamos marcadores de dêiticos temporais indicados por tempos verbais. Em 26, há muitos verbos no imperfeito, uma vez que Nísia estava descrevendo uma situação passada e um verbo no gerúndio vem marcar o momento em que essa ação foi ou estava sendo realizada. A partir da leitura da carta I, notamos que a jornada de Nísia é dividida em dois momentos. Primeiramente, a escritora potiguar descreve sua jornada do dia *25 de agosto*, como é possível observar no exemplo 26. Posteriormente, ela relata suas atividades do dia 26 de agosto, data em que a carta foi escrita.

(26)

Contemplando essas cenas variadas dos lugares que **eu** percorria, **eu me** esforçava para mergulhar **minha** alma em seu passado **histórico**, a fim de divertir a tristeza que **me** corroía mais vivamente o coração em **25 de agosto!**

Assim, diante do excerto em apreciação, verificamos que, além da indicação do dia em que Nísia escreveu a carta: *25 de agosto*, esse fragmento é marcado por dois momentos: o momento passado e o momento presente, haja vista que a ação de *se esforçar para mergulhar a alma no passado histórico dos lugares percorridos*, aconteceu enquanto ela *contemplava cenas variadas*, reproduzindo a escrita de Nísia: *contemplando essas cenas variadas*. Por sua vez, no exemplo 27, ao reportar-se a seus familiares, Nísia descreve uma situação que acontecerá futuramente:

(27)

Ao menos **vocês saberão** dos esforços de **minha** vontade para conservar uma existência que **lhes é cara**.

Destarte, a ação de saber, de reconhecer os esforços de Nísia, será “realizada” por sua família em um momento futuro, a partir da percepção da própria Nísia Floresta.

Na carta I, também podemos encontrar marcas de dêiticos espaciais bem precisas, expressando uma localização exata, como nos exemplos 28 (*em uma pequena sala*) e 29 (*ao pé da grande escada*). Vemos que, em 29, Nísia apresenta uma informação, um detalhe a mais, tendo em vista que, para os leitores, a informação de que *o vestibulo por onde se entra no palácio das Belas-Artes é em forma de rotunda* e que *lá há uma notável estátua de Hércules*, seria suficiente, não sendo necessário dizer a localização exata: *ao pé da grande escada*.

(28)

Foi **lá**, disseram-**me**, **em uma pequena sala**, que os condes de Horn e Egmont passaram **a noite que precedeu o suplício** ao qual os tinha feito condenar o duque de Alba, o **feroz** ministro de Felipe II.

(29)

O vestíbulo por **onde** se entra no palácio das Belas-Artes é em forma de rotunda, e uma **notável** estátua de Hércules se encontra localizada **ao pé da grande escada**.

Esses fragmentos retirados da carta I nos revela uma característica da escritora norte-rio-grandense aqui estudada, uma vez que sua escrita está repleta de caracterizações e descrições dos lugares percorridos. Vejamos o quadro sinótico da carta II.

Quadro sinótico da análise da carta II – resumo das ocorrências e repetições

Categoria	Ocorrências
Pronomes pessoais	Waterloo, de onde eu retornei ainda completamente emocionada; que seu aspecto me sugeriu; nós saímos esta manhã; Nós fomos, primeiramente, ao palácio da Nação; tu te apresentaste em minha mente; tu começavas apenas a sentir um leve repouso; esses doentes estavam certos de encontrar em ti a caridade; Teu excelente coração te detinha; Quantas vezes eu admirei em silêncio; Se tu tivesses encontrado nas mesmas condições de Vésale, uma homenagem parecida teria sido feita para ti por um povo apreciador do verdadeiro mérito. Mas tu tens mais de uma estátua nos corações dos que conhecem teu real valor e as bênçãos dos pobres enfermos que tu curas; eu sempre guardarei no santuário do meu coração a lembrança de tuas belas ações e de tuas raras virtudes; O mesmo carro que eu havia pegado pela manhã nos conduziu à Waterloo; fizemo- nos conduzir pelo mesmo carro até a imensa planície; que me falou eloquentemente da maior catástrofe moderna; eu digo; cuja vista me inspirou as mais profundas reflexões; Eu estava lá; nós dominávamos a vasta planície verdejante que se perde de vista, e, bem perto de nós , os dois monumentos históricos; e eu gritei com o poeta brasileiro; uma lágrima para vocês ; Essa lágrima foi precedida de uma outra mais íntima para vocês! Para vocês ; eu pude segurar uma folha de papel; como o que eu fiz deixando vossos braços no momento supremo de nossa separação;

	<p>Nós escrevemos os nomes de vocês sobre o pedestal; jovens camponesas nos esperavam para nos vender lembranças;</p> <p>Essas jovens nos seguiram algum tempo com a mesma tenacidade que os vendedores desse tipo fazem em Paris, tentando por meio de súplicas, fazer- nos comprar essas lembranças;</p> <p>é o que eu prefiro;</p> <p>eu admirei a passagem de Saint-Hubert;</p> <p>eu tive que recorrer ao administrador;</p> <p>que me entregou uma permissão por escrito.</p> <p>A decoração do teatro me pareceu de uma grande magnificência;</p> <p>Eu observei em Bruxelas o mercado de flores; ele é coberto e me agradou infinitamente. Nós visitamos também uma das primeiras fábricas de renda;</p> <p>Eu parei próximo a um dos grupos; me transportou pelo pensamento; eu ainda choro; esse trabalho que ela me destinava era-me bem caro; acompanharam-me à Europa;</p> <p>Eu queria permanecer alguns dias a mais em Bruxelas, mas amanhã é 29 de agosto, eu o passarei menos mal no caminho de ferro. A novidade dos lugares me distrairá;</p> <p>eu deixarei Bruxelas.</p>
<p>Pronomes possessivos</p>	<p>Minha mente – tua cama – teus cuidados – nosso belo país - Teu excelente coração - tua frágil saúde - tua única e mais agradável recompensa - tua extrema modéstia - tua devoção sublime - teu nobre desinteresse - teu real valor - tua ciência - teus cuidados - tua ambição - minhas homenagens - meu coração - tuas belas ações - tuas raras virtudes - nosso jantar - minha alma - minha alma - Meu filho - Meus irmãos - Minha irmã - Minha sobrinha - minha alma e meu coração - meu pensamento - nossa separação - minha atenção.</p>
<p>Nomes que qualificam</p>	<p>Numerosas - longa - vasto cemitério - emocionada - curioso - bela simplicidade exterior - belo - amplo - escadas largas em mármore vermelho - rica - ampla - arrumada - bela - pintores flamengos - belos retratos - belo monumento - famoso anatomista - caro Henrique - noites tempestuosas - cansado - leve repouso - pobres doentes - belo país - excelente coração - frágil saúde - leito esfarrapado - velho pai - mãe desolada - única e mais agradável recompensa - extrema modéstia - ocasiões semelhantes - devoção sublime - nobre desinteresse</p>

	<p>- verdadeiro apanágio - grande e santa missão - mesmas condições - homenagem parecida - povo apreciador do verdadeiro mérito - real valor - pobres enfermos - cuidados altruístas - belas ações - raras virtudes - mesmo carro - imensa planície - montanha artificial - formidável leão de ferro fundido - pata direita - difícil ascensão - indiferentes - mais alegre natureza</p> <p>- grave - solene - triste - maior catástrofe moderna</p> <p>- lugar notável - mais profundas reflexões - mais sangrento dos dramas - mais monstruosa ambição - poder mais orgulhoso e mais horrível - abatido - destruído - vasta planície verdejante - monumentos históricos - grande guerreiro - derrotados - últimos esforços - colossal criação - filho adorado - irmãs infelizes - funesto dia</p> <p>- ser sensível e sofredor - mais íntima - momento supremo</p> <p>- flores selvagens - jovens camponesas - balas francesas e balas inglesas - lugares mais notáveis - célebre batalha - mesma tenacidade - agradável - ruas circundantes são belíssimas - construções notáveis</p> <p>mais elevada e muito mais bonita - sedutora Paris - elegantes - belo edifício - bela floresta - belo passeio - belas veredas sombreadas - diversas estátuas - boa música - muito educado e muito prestativo - grande magnificência - primeiras fábricas - muito interessante</p> <p>- pobres mulheres - extremamente aplicados - baixa soma - luxo frívolo - habilidade e perfeição extremas - idosa - janela bem conhecida - caro - dedos setuagenários - mãe adorada - primeiras e últimas virtudes - vida pura e casta.</p>
Dêiticos espaciais	<p>Waterloo - em Bruxelas - esta manhã - à Waterloo</p> <p>- palácio da Nação - próximo à residência do rei - atrás das quais - aqui</p> <p>lá - praça dos Mártires - onde - praça do Congresso</p> <p>- onde - praça Vésale - aqui - onde - próximo ao - sobre a terra - de Bruxelas - aqui - em todo lugar - à Waterloo - onde - onde - até a imensa planície - no topo - do alto de seu pedestal - lá onde - lá - lá</p> <p>- onde - sobre esses lugares - Do alto desse cume</p> <p>- bem perto de nós - mais longe - mais longe - onde - de onde - Lá onde - aqui - do alto deste morro</p> <p>- onde - embaixo desta montanha - campos de Waterloo -em Paris - no albergue - Bruxelas - onde - aqui - aqui - sobre a praça da Moeda - em</p>

	Bruxelas - lá - próximo a um dos grupos - canto de uma janela - onde - Europa - sobre a terra - 29 de agosto - amanhã - Bruxelas - Louvain - lá - Liège.
Dêiticos temporais	28 de agosto, por volta de meia-noite - deste dia - esta manhã - primeiramente - depois - por tanto tempo - pela manhã - por volta das três horas - após - após - até aqui - um instante - hoje - antes de descer - algum tempo - após - todas as noites - neste momento - quando.

Vejam as incidências relativas aos pronomes pessoais e possessivos. Assim como na carta I, os pronomes de primeira pessoa também se apresentam em maior quantidade na carta II: *eu-me*: 29 oc.; *nós-nos*: 11 oc.; os pronomes *tu-te-ti-você(s)* ocorrem 13 vezes. Os possessivos que indicam primeira pessoa, seja do singular ou do plural, permanecem sendo a maioria: *meu*: 4 oc.; *meus*: 1 oc.; *minha*: 7 oc.; *minhas*: 1 oc.; *teu*: 3 oc.; *teus*: 1 oc.; *nosso*: 2 oc.; *nossa*: 1 oc.

Uma das características da carta II, no que diz respeito aos dêiticos espacial e temporal, é o fato de Nísia Floresta não ter escrito no topo da carta a cidade onde se encontrava. Entretanto, é possível identificar que se trata da cidade de Bruxelas, uma vez que, a partir da leitura da obra, verificamos que é o segundo dia em que ela se encontra na cidade citada. A data também pode ser verificada: *28 de agosto, por volta da meia-noite*. Nísia indica não apenas a data, como também o horário em que a carta foi escrita.

A carta II apresenta muitas indicações: excursões que duraram mais que outras, a do *vasto cemitério Waterloo*, que foi *mais longa*, indicando um dêitico temporal impreciso; o lugar de onde retornou: *Waterloo*. Nísia ainda destaca que durante a manhã permaneceu em Bruxelas para, posteriormente, visitar Waterloo. Vejamos:

(30)

As excursões **deste dia** foram **numerosas**, uma, entre outras, **mais longa**, a do **vasto** cemitério da armada **imperial: Waterloo**, de onde **eu** retornei ainda completamente **emocionada** pelos pensamentos que seu aspecto **me** sugeriu!... O tempo melhorando, **nós** saímos **esta manhã** para visitar o que havia ainda de **curioso em Bruxelas, antes de deixá-la para ir à Waterloo**.

Nísia registra o horário, ainda que imprecisamente, em que chegou a Waterloo:

(31)

O **mesmo** carro que **eu** havia pegado pela **manhã nos** conduziu à **Waterloo, onde** chegamos **por volta das três horas**.

No trecho abaixo, é possível encontrar tanto dêiticos espaciais quanto temporais. Além disso, ela viaja em pensamento ao Brasil, mais precisamente ao *canto de uma janela bem conhecida*. A visão de uma senhora que lhe despertou a lembrança de sua mãe a fez viajar em pensamento, ou seja, a visualizar um outro contexto, um lugar conhecido por ela e por seus familiares. Apenas os que conheciam o lugar ao qual Nísia fez menção puderam visualizar a cena descrita por ela. Aí encontramos mais uma situação de dêixis no imaginário.

(32)

Eu parei próximo a um dos grupos trabalhando na aplicação com uma habilidade e uma perfeição **extremas, quando** a vista de uma mulher já **idosa** chamou **minha** atenção e **me** transportou pelo pensamento **ao canto de uma janela bem conhecida** por todos **vocês, onde** a que **eu** ainda choro também amava trabalhar com renda...

A partir do fragmento em apreciação, observamos o momento em que Nísia descreve a primeira ação realizada por ela (*parei*): parou próximo a um dos grupos; o momento é marcado pelo uso do gerúndio (*trabalhando*): enquanto esses grupos trabalhavam na aplicação *com uma habilidade e uma perfeição extremas*. Do mesmo modo, ela descreve outro momento que lhe chamou a atenção. Esse instante é marcado pela conjunção *quando*, pois enquanto estava parada próxima ao grupo que trabalhava, *a vista de uma mulher já idosa chamou sua atenção*.

Em 33, encontramos outra situação de dêixis no imaginário, apesar de Nísia esclarecer que a presença ocorreu em sua mente, haja vista que mesmo que a pessoa visualize algo ou alguém diante dela, isso acontece através do pensamento, da imaginação. A escritora marca o momento em que essa visualização aconteceu: *ao ver a estátua de um médico*.

(33)

Ao ver a estátua desse médico, cheio de humanidade pelos feridos dessa batalha ainda tão viva **aqui, tu te** apresentaste em **minha** mente, oh **caro** Henrique.

Nos fragmentos que seguem, 34, 35, 36 e 37, há situações de dêiticos espaciais bem comuns e rapidamente perceptíveis. Em 34: ida ao palácio da Nação, que está situado *próximo à residência do rei na cidade*. No excerto 35, há um apontamento de localização: bancos que se situam *diante da poltrona do presidente e da tribuna dos oradores*.

(34)

Nós fomos, **primeiramente**, ao **palácio da Nação**, situado **próximo à residência do rei na cidade**.

(35)

Os bancos **onde** se reúnem os representantes situam-se **diante da poltrona do presidente e da tribuna dos oradores**.

Nos exemplos 36 e 37, Nísia indica essa localização ao falar de prédios ou monumentos que foram construídos sobre algum lugar. Em 36, sobre a praça da Moeda, e em 37, sobre o fosso que recebeu os restos mortais dos patriotas na revolução de setembro.

(36)

O teatro real, belo edifício **elevado sobre a praça da Moeda**.

(37)

Saindo de **lá**, visitamos a **praça dos Mártires, onde** se encontra um **belo** monumento **elevado sobre o fosso que recebeu os restos mortais dos patriotas na revolução de setembro**.

Em 38, percebemos uma linguagem mais poética por parte de Nísia Floresta, que se encontra *no alto de um morro*, escrevendo um *adeus* a seus familiares, que segundo a potiguar, foi *arrancado do fundo da alma*. Temos, nesse caso, dois tipos de dêiticos espaciais, um que indica uma localização real, e outro que aponta uma localização imaginária. Nísia também descreve que esse *adeus* pode ser comparado a uma despedida que aconteceu em outra circunstância (*deixando vossos braços no momento supremo de nossa separação*), ao se despedir de sua família deixada no Brasil.

(38)

Para **vocês, em direção a quem minha** alma e **meu** coração voam com **meu** pensamento **do alto deste morro onde**, apesar da **forte** brisa que sopra, **eu** pude segurar uma folha de papel para lhes escrever um *adeus arrancado do fundo da alma*, como o que **eu** fiz **deixando vossos braços no momento supremo de nossa separação!...**

Para finalizar a carta II, vejamos o momento em que Nísia esclarece o motivo pelo qual pretende viajar no dia seguinte e aonde pretende ir dia 29 de agosto:

(39)

Eu queria permanecer **alguns dias a mais em Bruxelas**, mas **amanhã é 29 de agosto, eu** o passarei menos mal no caminho de ferro; a novidade dos lugares **me** distrairá. **Amanhã**, portanto, **eu** deixarei **Bruxelas** para ir **à Louvain**, e de **lá à Liège**.

Para os que conhecem a história de Nísia Floresta, 29 de agosto é um dia de luto para ela, pois foi o dia em que faleceu seu marido, Augusto. Assim, a escritora potiguar justifica, no dia 28, a viagem que será empreendida dia 29, pois

passará esse dia *menos mal no caminho de ferro*, distraíndo-se com a novidade dos lugares por onde passar. Ademais, ela descreve o percurso que será feito, a partir da cidade em que se encontra, *Bruxelas*.

De acordo com o quadro sinótico, observamos que os dêiticos espaciais se sobrepõem aos dêiticos temporais. Outro aspecto peculiar presente na carta II é a quantidade de adjetivos utilizados por Nísia, o que indica o quão suas impressões estavam presentes, o quão ela expressou sua opinião, denotando, portanto, mais um traço de que ela assume a RE em sua escrita.

Passemos ao quadro sinótico da carta III.

Quadro sinótico da análise da carta III – resumo das ocorrências e repetições

Categories	Ocorrências
Pronomes pessoais	um de nossos anjos me segue; tu sabes, oh meu Augusto, segue- me pelo pensamento. Eu o vejo constantemente, ai de mim! E tremo duplamente ao pensar em seu futuro desde que eu sei que ele foi arrastado por um amor cuja intenção me é desconhecida; ainda brilham para nós algumas luzes de esperança; Nós deixamos Bruxelas esta manhã; o movimento e o cansaço foram- me necessários; eu fiz longos passeios; ter- me -ia parado ali o dia todo; Eu mudei, então, o devaneio que inspirava esses lugares; que a velha e florida cidade de Liège nos oferece; onde eu buscava me divertir; não encontramos nenhum pobre que nos estendeu a mão; eu pedi em duas casas um copo de água, que me foi dado; Uma senhora me obrigou até mesmo a tomar alguns refrescos; me lembrou nosso belo povo das províncias brasileiras, e me deu, antes de qualquer outra coisa, uma opinião favorável quanto ao desinteresse dos habitantes de Liège.
Pronomes possessivos	Meu Augusto - minha felicidade - minha alma - meu pensamento - teu túmulo - meu coração - meu lado - meu Augusto - tua sombra - tua esposa - minha alma - minha atenção - meus rápidos passeios - meu olhar - minha sede - nosso belo povo.
Nomes que qualificam	verdejantes colinas - música melodiosa - intenso - majestoso Jacuí - vicissitudes estranhas - estranho destino - gótica e mais antiga igreja - primeira visita - mundo material - climas longínquos do Norte - mais terno dos pais - futuro incerto - sombra paterna - triste e isolada - menos forte que corajosa - longos passeios - magnífico hotel - únicos edifícios - belíssimos jardins - poético e admirável parque - estátuas históricas

	- belezas particulares - velha e florida cidade - numerosas manufaturas - renomadas - belo palácio - antiga residência - novos objetos - muito mais bonitos - belas pontes - ricas e bonitas colinas - povo ativo e trabalhador - uma das mais importantes cidades - estudo interessante - rica natureza - cidade manufatureira - limpa - grandes cidades - uma gentileza e uma graça perfeitas - franca hospitalidade - belo povo - províncias brasileiras - opinião favorável - mundo elegante - simples - sábida bela passagem .
Dêiticos espaciais	Liège - Em face do Mosa - onde - hotel dos estrangeiros - dentro da Exposição - no alto da colina - sobre a lápide - lá - onde - Bruxelas - em Louvain - lá - a duas léguas de Louvain - ali - aqui - aqui - em Bruxelas .
Dêiticos temporais	29 de agosto - 9 horas da noite - este fatal 29 - neste momento - desde que - hoje - esta manhã - pouco tempo - o dia todo - este dia - por alguns instantes - antes de qualquer outra coisa - durante .

Adentrando a carta III, além das marcas de primeira pessoa, que são superiores às outras, *eu-me-mim*: 24 oc.; *nós-nos*: 3 oc., 27 ocorrências no total, contra 6 ocorrências dos pronomes *tu-te-ti*, também há uma maior incidência dos possessivos referentes à primeira pessoa: *meu*: 6 oc.; *meus*: 1 oc.; *minha*: 5 oc.; *tua*: 1 oc.; *teu*: 1 oc.; *nosso*: 1 oc.

Um dado que nos chamou a atenção na carta em análise refere-se às marcas que indicam uma “conversação” de Nísia com seus familiares que, na referida carta, são significativas. Obviamente, não é possível encontrar respostas ou a “voz” desses familiares de Nísia, uma vez que temos acesso apenas às cartas enviadas. Ademais, os nomes que qualificam e o índice de dêiticos espaciais e temporais são significativos.

Podemos identificar na carta III a cidade onde Nísia estava: *Liège*, e a data e o horário em que escreveu a carta: *29 de agosto, às 9 horas da noite*. Logo no início da carta, ela indica o lugar exato em que se encontrava: *em um quarto no hotel dos estrangeiros, em face do Mosa*.

(40)

Em face do Mosa, onde se encontra o hotel dos estrangeiros, no qual eu ocupo um quarto, eu olho ao longe as verdejantes colinas que me lembram as de Porto-Alegre e eu penso em ti, oh meu Augusto; eu choro este fatal 29, que te roubou tão prematuramente do mundo e de minha felicidade!

Na carta III também há algumas marcas de dêiticos espaciais bem

precisas, como a do exemplo 41, em que Nísia relata onde conseguiu beber água, em duas casas.

(41)

Para matar **minha** sede, **eu** pedi **em duas casas** um copo de água, que **me** foi dado com uma gentileza e uma graça **perfeitas**.

Além desses dados, marcadores de dêiticos espaciais e temporais, observamos uma certa “conversa”, por parte de Nísia, direcionada a seu falecido esposo. Essas “marcas de conversação” estão presentes em quase toda a carta. Vejamos o primeiro fragmento:

(42)

[...] e **meu** pensamento, **atravessando os mares e o espaço**, vai repousar carregado de **profunda saudade** sobre **teu** túmulo **no alto da colina** banhada pelo **majestoso** Jacuí!

No fragmento supracitado, vemos, além da marca que denota um alocutário ausente: *teu* túmulo, o pensamento de Nísia se transporta mais uma vez a outro lugar: *atravessando os mares e o espaço*. No excerto que segue, Nísia descreve o momento em que fez uma oração na igreja de Saint-Jacques e seu alocutário permanece sendo seu falecido esposo, Augusto:

(43)

Prosternada **sobre a lápide da gótica e da mais antiga igreja de Liège, Saint-Jacques** (minha **primeira** visita foi lá), **eu** orei do fundo da alma; **tu me** ouviste **desta dupla eternidade que Deus e meu coração te acordaram desde que tu deixaste o mundo material**. Apenas um de **nossos** anjos **me** segue nesses **climas longínquos do Norte!** Apenas um reza **hoje ao meu lado**. O outro, **tu** sabes, oh **meu** Augusto, segue-**me** pelo pensamento.

O exemplo 43 está repleto de marcas dêiticas, haja vista que temos a indicação não somente de que foi na igreja de Saint-Jacques que Nísia se encontrava enquanto orava, mas o lugar exato: *sobre a lápide da gótica e da mais antiga igreja de Liège*. Nísia Floresta faz referência também ao lugar onde vive, a terra, ou seja, onde se encontra: no *mundo material*, mais precisamente, *nesses climas longínquos do norte*, e ao lugar onde se encontra Augusto: *dupla eternidade*. Ela também indica um período (*desde que*) para descrever o momento a partir do qual seu esposo passou a ouvi-la sem estar presente: *tu me ouviste desta dupla eternidade que Deus e meu coração te acordaram desde que tu deixaste o mundo material*.

Outro dado que nos chama a atenção durante esse “diálogo” é o uso do imperativo, como se Nísia fizesse um pedido a Augusto, o que apresenta mais uma característica de conversação:

(44)

Olha do alto do céu para ele, oh o mais terno dos pais! Afasta-o do obstáculo que ameaça quebrar esse futuro **incerto, onde** ainda brilham para **nós** algumas luzes de esperança. Que **tua** sombra **paterna** o envolva, sirvalhe de égide... e que ele venha logo consolar **tua** esposa, **triste e isolada sobre a terra!**...

Além da presença desses dois verbos indicando um pedido: *olha do alto do céu para ele* e *afasta-o do obstáculo que ameaça quebrar esse futuro incerto*, mais uma vez Nísia faz menção ao lugar em que ela se encontra, *sobre a terra*, e ao lugar no qual está Augusto, *no alto de céu*, apresentando, assim, mais duas marcas de dêiticos espaciais.

Para finalizar a exposição acerca dos dêiticos, o fragmento 45 apresenta uma marca de dêitico temporal, ainda que impreciso, pois Nísia escreve que teme o futuro do filho *desde que sabe que ele foi arrastado por um amor cuja intenção lhe é desconhecida*.

(45)

Eu o vejo constantemente, ai de **mim!** E tremo duplamente ao pensar em seu futuro **desde que eu sei que ele foi arrastado por um amor cuja intenção me é desconhecida**.

Assim, finalizamos nossa discussão no que concerne à carta III. Vejamos o que nos apresenta a quarta epístola.

Quadro sinótico da análise da carta IV – resumo das ocorrências e repetições

Categories	Ocorrências
Pronomes pessoais	<p>Eis-nos sobre o solo tão desejado da Alemanha; a dois passos de mim; onde nos hospedamos. Eu acabei de lhes contar sobre os novos objetos que me interessaram, entrando nesta terra que eu vou percorrer sem vocês; Todas essas cidades que eu visito, todas essas coisas que eu observo só têm, para mim, uma leve atração; só me permite uma leve apreciação; eu pensava nas que atravessarão um dia, de uma ponta a outra, o solo do nosso caro Brasil; eu via novas gerações mais felizes que a nossa; Eu me recolhia, em meu melancólico devaneio, na direção de um tempo, ai de mim, em que nenhum de nós nem nada de nós existirá; Porque nos separamos em nossa peregrinação sobre a terra?</p>

Eu me perguntava, revendo o horizonte que fugia por trás de **mim**. Porque, já que a sorte inconstante **nos** recusou seus belos sorrisos;
e **me** arrancou de meu doloroso monólogo;
eu passei do devaneio ao furor prosaico do viajante;
Nós descemos imediatamente.
No primeiro aspecto **eu** notei a diferença entre o povo com o qual **eu me** encontrava;
eu fui um instante tomada pela emoção de **me** encontrar em um solo completamente estrangeiro;
eu ainda acreditava estar na França, que **eu** considero como uma segunda pátria.
Eu cheguei, entretanto, a encontrar alguns empregados da estação que **me** falaram em francês e que **me** deram, com muita prestatividade, todas as informações de que **eu** precisava. **Eu me** dirigi com minha filha em direção ao hotel;
eu achei excelente;
Nós visitamos todo o estabelecimento;
Eu encontrei nele um grande luxo e um gosto admirável;
vocês a compreendem;
Nós percorremos algumas praças; das quais **eu** não lhes falarei.
Eu lhes contarei apenas minhas emoções diante dessas lembranças históricas;
Nós entramos nessa igreja;
eu fui tomada de respeito e de admiração;
eu recuei com um passo e me pus a contemplar esse túmulo;
eu imaginava ver as inumeráveis gerações que lá se sucederam até nossos dias;
eu parei nesses lugares históricos;
tu estiveste comigo no momento em que eu dobrei os joelhos para implorar a Deus e pedir que ele **me** conceda o consolo de abraçar ainda os que **tu** tanto amaste **comigo** sobre a terra;
E **nós nos** distanciamos da lápide;
eu quero dizer;
eu chamo mutilação;
a soma de que **eu** falei mais acima; Entre as coisas que **me** impressionaram; que mais **me** chamou a atenção;
eu me dirigia;
e **nos** informou sobre os fatos históricos; sugeriram-**me** ideias bem diversas; mostraram-**nos** a escada estreita;
disse-**me** o guia;
eu me dizia;

	Essa estátua me pareceu medíocre; eu visitei pouco esses arredores; eu também não visitei
Pronomes possessivos	Minha filha - meu coração - minha alma - nosso caro Brasil - gerações mais felizes que a nossa - meu melancólico devaneio - nossa peregrinação - nosso fardo - meus ouvidos - meu doloroso monólogo - minha filha - nossa Lívia - minha cara filha - minha alma - minhas emoções - meus olhos - meu coração - minha mãe - minha mãe - nosso século - minha filha - minha atenção.
Nomes que qualificam	Novos objetos - caros seres - leve apreciação - meus olhos - abóbadas tenebrosas - caro Brasil - rico solo - digno - povo trabalhador e industrioso - novas gerações mais felizes - frágil átomo - melancólico devaneio - misteriosa força - magnífica estação - furor prosaico - primeiro aspecto - bom serviço e um conforto suficiente - seriedade afável - do caráter alemão - hora correta - excelente - curioso - bela fonte - primeiros passeios - deliciosa música - grande beleza - café vizinho - pessoas mais belas - grande luxo - gosto admirável - suntuosa sala - boa biblioteca - excelente piano - cara filha - profunda emoção - enorme aerólito - célebre catedral - sombrio e triste - grande cadáver - imensa lâmpada - mármore negro - lembranças históricas - nações imensas - forças separadas tão diversas - pigméias civilizações do formidável colosso - capela inacabada - magnificência bizantina - extraordinária grandeza - inumeráveis gerações - emocionada - sons melancólicos do admirável órgão - grande missa - profundo sentimento religioso - aflições mordazes - restos mortais - grande imperador - célebre poltrona - espada germânica - o maior ator - grande homem - operação profana - braço enorme - homem extraordinário - grande poeta francês - imenso dente de elefante - verdadeira cruz de Jesus Cristo - relicários góticos e bizantinos - preciosos objetos - de um valor e de uma beleza extraordinárias - grandes relíquias - majestoso e velho edifício - piadosas lembranças do grande imperador - esposa bem-amada - exterior comum - esplêndida torre de prata dourada - notáveis - emocionada - objetos diversos - grande poema histórico - séculos perdidos - sombrio - velha e famosa torre romana - famosa sala - diferentes quadros - fatos históricos - belos quadros - célebre Maria Teresa - boa Josefina - ideias bem diversas - curiosos quadros - escada estreita - grandeza

	<p>passada - medíocre - lembranças grandiosas desse homem incomparável - águas negras - charme histórico - famoso castelo - lugares renomados - puro e são - notável - luxo assustador e a beleza florida ao lado do pobre doente - águas termais - bem cuidados e cômodos - arqueados - limpas - belos edifícios - ricas lojas - numerosa sociedade - grande animação - boa música - característica particular e completamente nova.</p>
Dêiticos espaciais	<p>AIX-LA-CHAPELLE - sobre o solo tão desejado da Alemanha - nesta cidade da Prússia - onde - aqui - em todo lugar - a dois passos de mim - em um confortável quarto do hotel de Paris - onde - nesta terra - de Vervier até aqui - aqui - percorrendo em pensamento os séculos por vir - em todo lugar como aqui - em todo lugar - na direção de um tempo - em um solo completamente estrangeiro - na Bélgica - na França - em direção ao hotel - onde - aqui - ali - café vizinho - em Aix-la-Chapelle - Em uma sala distante - percorremos algumas praças e algumas ruas - sobre o mármore negro - ali - sob a cúpula dessa capela inacabada do século VIII - até nossos dias - parei nesses lugares históricos - nós nos distanciamos da lápide - nessa mesma igreja - onde - em seu porão - da catedral ao hotel da cidade - lá - nesse edifício - aqui - Diante do hotel da cidade - no alto da qual - aqui - à direita e à esquerda da primeira - esses arredores onde - aqui - nesta cidade.</p>
Dêiticos temporais	<p>31 de agosto às 11 horas da noite - entrando nesta terra - passando sob essas abóbadas tenebrosas - revendo o horizonte que fugia por trás de mim - quando - eu fui um instante tomada pela emoção de me encontrar em um solo completamente estrangeiro - desde que - desde que - todas as manhãs por volta das oito horas - esperando o meio-dia - meio-dia é o horário - hoje - entrando lá - outrora - no momento em que eu dobrei os joelhos para implorar a Deus e pedir que ele me conceda o consolo de abraçar ainda os que tu tanto amaste comigo sobre a terra - em 1166 - há mais de três séculos e meio - a cada sete anos - na noite dos tempos - quando - após - após - agora.</p>

Passando para a carta IV, notamos que há uma enorme quantidade de marcadores dêiticos. Há uma grande referência à pessoa de Nísia, os pronomes *eu, me, mim, comigo* aparecendo 55 vezes; *nós-nos*: 12 oc. e *vocês*: 2 oc. Com

relação aos possessivos, temos: *meu*: 4 oc.; *meus*: 2 oc.; *minha*: 9 oc.; *minhas*: 1 oc.; *nossa*: 3 oc.; *nosso*: 2 oc. Portanto, mais uma vez, os pronomes concernentes a primeira pessoa são maioria.

Do mesmo modo, os nomes que qualificam se apresentam em toda a carta, há uma grande ocorrência desses adjetivos, assim como os dêiticos espaciais e temporais que estão muito presentes.

A carta IV apresenta a cidade em que Nísia estava: *Aix-la-Chapelle*, a data: *31 de agosto* e o horário: *11 horas da noite*. Nísia, mais uma vez, tem a preocupação de relatar o lugar exato em que se encontrava no momento da escrita da carta: *um confortável quarto no hotel de Paris*, com sua filha, que estava a *dois passos* dela. Além disso, ela registra suas impressões sobre a Alemanha e sua percepção quanto às lembranças de Carlos Magno que, a seu ver, *estão presentes em todo lugar*.

(46)

Eis-nos sobre o solo tão desejado da Alemanha, nesta cidade da Prússia onde nasceu e morreu Carlos Magno, cujas lembranças estão aqui presentes em todo lugar.
Minha filha repousa **a dois passos de mim, em um confortável quarto do hotel de Paris, onde nos** hospedamos.

Nos dois fragmentos que seguem, encontramos marcas de dêiticos temporais indicadas por expressões que denotam um tempo impreciso, como em 47, *logo que*, e em 48, *desde que*. Nísia relata no exemplo 47 que sua ação de passar *do devaneio ao furor prosaico do viajante* aconteceu em um momento subsequente ao *vagão parar na estação*. Em 48, a escritora potiguar apresenta um dado novo a sua família, ao enfatizar que Lívia, sua filha, tornou-se matinal. Esse hábito de Lívia aconteceu *desde que* elas começaram a viajar sozinhas, o que indica que, em um tempo passado, ela não tinha o hábito de acordar cedo. Ademais, encontramos outro dêitico temporal, pois Nísia não apenas utiliza o advérbio de tempo *depois*, para indicar uma sequência de ações, como também o *imediatamente*, ao dizer que *depois de* tomar um café com leite, ela e Lívia saíram *imediatamente* para visitar o que havia *de mais curioso* em Aix-la-Chapelle.

(47)

Logo que o vagão parou na **magnífica** estação da cidade de Carlos Magno, **eu** passei do devaneio ao furor **prosaico** do viajante que supervisiona a chegada de suas bagagens e procura um carro que possa conduzi-lo ao hotel.

(48)

Nossa Lívia se tornou matinal **desde que** viajamos sozinhas, faz sua limpeza na hora **correta**; fizemo- **nos** servir um café com leite, que **eu** achei **excelente**, **depois saímos imediatamente** para visitar o que há de mais **curioso** nesta cidade.

No fragmento abaixo, Nísia Floresta apresenta indicações de tempo e espaço, ao indicar o ano em que Barbarossa mandou desenterrar o corpo de Carlos Magno, *1166*, com o intuito de retirar a famosa poltrona de pedra *onde* ele estava sentado *há mais de três séculos e meio*. É válido atentar para o fato de que Nísia apresenta alguns detalhes em seu relato, pois descreve que ele estava coroado e segurava *em uma mão* o globo, *na outra*, o cetro, e que ele tinha *ao lado* a espada germânica. Apontando, destarte, informações bem precisas no que diz respeito ao objeto descrito.

(49)

Frederico Barbarossa fez desenterrar, **em 1166**, o cadáver do **grande** imperador, a fim de retirar a **célebre** poltrona de pedra **onde** ele estava sentado **há mais de três séculos e meio em sua cripta**. Ele estava coroado e segurava **em uma mão** o globo, **na outra**, o cetro; ele tinha **ao lado** a espada **germânica**.

No fragmento 50, também temos a presença de dêiticos espaciais e temporais. Ela registra sua impressão sobre a estrada de Vervier, de onde saiu, até o local em que se encontra, e, enquanto passava sob “abóbadas tenebrosas”, ela pensava:

(50)

De Vervier até aqui, a estrada é repleta de túneis; **passando sob essas abóbadas tenebrosas**, eu pensava nas que atravessarão um dia **de uma ponta à outra** o solo do **nosso caro** Brasil.

O momento descrito, de pensar nas *abóbadas que atravessarão de uma ponta à outra* o solo do Brasil, é marcado pelo uso do gerúndio: *passando*, o que indica duas ações: a de passar sob as abóbadas e pensar nas que *atravessarão* o Brasil, indicado por um verbo no tempo futuro. É um pensamento que acontece no presente, mas que vislumbra um acontecimento posterior.

No exemplo 51, observamos mais um caso de dêixis no imaginário, pois Nísia “se transporta” em pensamento a um outro tempo, o tempo futuro:

(51)

E, **percorrendo em pensamento os séculos por vir**, eu via **novas** gerações mais **felizes** que a **nostra** e várias outras que ainda sucederão, instigando-se **em todo lugar** como **aqui**, desfrutando **em todo lugar** dos frutos do trabalho e do gênio desse **frágil átomo da humanidade** que se chama homem. **Eu me** recolhia, em **meu melancólico** devaneio, **em direção a um tempo**, ai de **mim!** Em que nenhum de **nós** nem nada de **nós** existirá!...

Mais uma vez, Nísia utiliza um verbo no gerúndio (*percorrendo*) para indicar duas ações simultâneas, pois tudo o que ela podia ver, ainda que em pensamento, aconteceu enquanto percorria *os séculos por vir*. O pensamento de Nísia está repleto de marcas de dêiticos espaciais: *em todo lugar, aqui, em*

direção a um tempo. A escritora norte-rio-grandense deixa claro que nesse tempo (futuro), nenhum dos que estavam vivos no momento em que Nísia pensava ou no momento da escritura/leitura da carta estará vivo.

Por sua vez, na citação abaixo, percebemos uma “viagem imaginária” de Nísia Floresta, que veio do passado até o momento em que ela se encontrava: (52)

Em pé **sobre a cúpula dessa capela inacabada do século VIII**, cujo interior é da maior magnificência **bizantina** e respira uma **extraordinária** grandeza, **eu** imaginava ver as **inumeráveis** gerações que lá se sucederam **até nossos dias!**

A escritora indica o local exato em que se encontrava: *sobre a cúpula* de uma *capela inacabada do século VIII*. Em 51, Nísia vai (em pensamento), do presente ao futuro. Por sua vez, em 52, a ordem cronológica é invertida, haja vista que Nísia vai do momento presente ao passado, até voltar ao presente novamente.

Para finalizar a apreciação da carta IV, destacamos uma passagem em que Nísia se reporta a sua mãe: (53)

Oh **minha mãe, minha mãe, tu** estiveste **comigo no momento em que eu dobrei os joelhos para implorar a Deus e pedir que ele me conceda o consolo de abraçar ainda os que tu tanto amaste comigo sobre a terra [...]**.

Nesse excerto, notamos que a escritora norte-rio-grandense também apresenta uma marca de dêitico temporal, quando diz a sua mãe que ela esteve presente *no momento em que dobrou os joelhos para implorar a Deus e pedir que ele a concedesse o consolo de abraçar ainda os que sua mãe tanto amou*, juntamente com ela (Nísia), *sobre a terra*. Temos ainda um dêitico espacial: *sobre a terra*, indicando o local em que Nísia se encontrava e onde sua mãe já esteve um dia.

Passemos agora ao quadro sinótico da carta V.

Quadro sinótico da análise da carta V – resumo das ocorrências e repetições

Categoria	Ocorrências
Pronomes pessoais	Eu te vejo brilhar; Antes que tu te ocultes nos nevoeiros dos tempos, eu ainda terei saudado mais de um lugar histórico, mais de uma cidade que eu deixarei, em pensamento, para me aproximar do oásis onde tu apareceste; Nós ainda não tínhamos parado; e me encantavam; Tudo na Alemanha me parece como uma nova poesia; como os sonhos que me transportam à regiões desconhecidas; nós descemos em Biebrich; eu sufocava de emoção .
Pronomes possessivos	meu caro <i>seis</i> - meus olhos - nossos olhos - nossas <i>jangadas</i> - meus olhos - nossos magníficos

	rios - meus olhos - meu coração - minha emoção - minha alma.
Nomes que qualificam	caro <i>seis</i> - lugar histórico - auréola brilhante - inspirações puras e celestes - plantações simétricas - construção curiosa - lugares mais amplos - vastas balsas - grande quantidade de pessoas - bem maiores - antigas grandes flutuações - grande barco - belos e elegantes barcos e jangadas - pequeno barco - carregado - longa embarcação - pequeno cavalo - barco pesado - corajoso animal - pesados navios - novo objeto - olhos encantados - grandeza natural e artística - magníficos rios - de ilhas mais ou menos belas, todas históricas - graça infinita - lendas interessantes - famoso - um dos mais belos castelos - magníficos - pequena cidade - peixe delicioso - cidades hanseáticas - república francesa - muito frequentado - mais belas tradições - torre famosa - pequena cidade - em bom estado - ângulos agudos - eco maravilhoso - vasta ruína - uma das mais pitorescas ruínas - panorama encantador e majestoso - rica coleção de velhas armaduras - admiráveis arredores - lembranças históricas - curiosa lenda - moças comensais - ruínas romanas - célebre por seu excelente vinho - lugar encantador - famosa - mais belas ilhas - pequenas cidades - mesa de arenito vermelha - inscrição histórica das mais interessantes - antigo castelo - passagem subterrânea - populações arreatadas - magníficos - inumeráveis belezas - profunda tristeza - grandes quadros - mulheres camponesas - pequenas charretes carregadas - mais curiosos - interessante manobra - quadros variados - espetáculo grandioso - lua nova - esplêndidas montanhas - nova poesia - sensação extrema , indefinível – regiões - desconhecidas .
Dêiticos espaciais	Margens do Reno - sobre as margens encantadoras do Reno - onde - de Bonn à Coblença - de Coblença até aqui - localizada sobre a margem - na base da qual - sobre a qual - Em todo lugar - de Coblença à Mogúncia - nele - sobre a margem esquerda do Reno - ali - sobre as ruínas da qual se incentivou mais tarde a igreja que se vê lá hoje - Do outro lado - ao sul, no alto - de Roldão - construída no lugar de um vilarejo romano - no meio do Reno - atrás das muralhas - situada em uma ilha - perto da qual - ali - à esquerda - à direita - ali - sobre a margem - onde - ao pé da montanha - sobre a qual era o castelo - Sobre as margens - o meio da ponte -

	sobre o Nahe - sobre o pico das montanhas - Sobre o declive da montanha - de lá - bem perto - sobre as ruínas do qual - nos arredores da qual se encontrava a tília, na sombra da qual - bem próximo a Mogúncia - sobre o Reno - em um barco a vapor - à Biebrich.
Dêiticos temporais	6 de setembro - Antes - a todo momento - hoje - sempre - outrora - em 1688 - alguns dias - em 575 - hoje - durante quatorze meses - em 1814 - em 1805 - durante sua passagem - desde os romanos até os dias atuais - durante algum tempo - hoje - Em quarenta e cinco minutos - <i>neste dia</i> - Às nove horas da noite - Era o momento.

Carta V

A carta V expõe todas as categorias aqui trabalhadas, mas as que mais podem ser encontradas são os dêiticos espaciais e os nomes que qualificam. É possível perceber que não há muita ocorrência de pronomes pessoais, os de primeira pessoa aparecendo dez vezes (*eu-me*: 8 oc. e *nós*: 2 oc.); e os de segunda pessoa do singular manifestam-se com uma menor incidência (*tu-te*: 4 oc.). Vejamos as ocorrências dos pronomes possessivos: *meu*: 2 oc.; *meus*: 3 oc.; *minha*: 2 oc.; *nossos*: 2 oc. e *nossas*: 1 oc. Uma das principais características da carta V é a grande quantidade de informações históricas.

Na epístola em análise, Nísia não escreve no topo da carta a cidade onde se encontra(va), mas faz referência às *margens do Reno*. Não há registro da hora, somente a data: *6 de setembro*. No início da carta, o alocutário a quem Nísia se dirige é a data, ao dia 6:

(54)

Eu te vejo brilhar, oh! meu caro seis! Sobre as margens encantadoras do Reno! Antes que tu te ocultes nos nevoeiros dos tempos, eu ainda terei saudado mais de um lugar histórico, mais de uma cidade que eu deixarei pelo pensamento para me aproximar do oásis onde tu apareceste a meus olhos, cercado de uma auréola brilhante de inspirações puras e celestes, desconhecidos do vulgar.

Em 55, também podemos notar a percepção de Nísia a respeito do Reno. A escritora norte-rio-grandense indica dois pontos a partir dos quais o Reno se estende com mais charme: *de Coblença à Mogúncia*, havendo, portanto, uma indicação de dêitico espacial.

(55)

É de Coblença à Mogúncia que o Reno oferece o máximo de charmes.

A carta V está repleta de nome de cidades e de apreciações de Nísia a respeito delas. Os dois fragmentos abaixo revelam informações históricas e

dêiticos espaciais e temporais. Primeiramente, vejamos o exemplo 56: dêiticos espaciais (*sobre a margem esquerda do Reno; sobre as ruínas das quais; nela; ali; lá*) e temporais (*em 575; mais tarde; hoje*). Em 57, há uma maior incidência de dêiticos espaciais: *vilarejo ao pé da montanha sobre a qual era o castelo; sobre as margens; sobre o pico das montanhas*, tendo em vista que só há uma ocorrência de dêitico temporal: *hoje*.

(56)

Saint-Goar, **pequena cidade sobre a margem esquerda** do Reno, ainda guarda a lembrança do santo ao qual ela deve sua origem e que veio se estabelecer **nela em 575** para **ali** pregar o evangelho. Sua cela foi transformada em uma igreja de peregrinação **sobre as ruínas das quais se incentivou mais tarde a igreja que se vê lá hoje**.

(57)

Fürstenberg, uma das **mais pitorescas** ruínas do Reno; Rheindiebach, vilarejo **ao pé da montanha sobre a qual era o castelo; hoje**, há apenas ruínas. **Sobre as margens**, encontram-se as cidades, os vilarejos e os burgos; **sobre o pico das montanhas**, os castelos e as ruínas; todas essas variedades formam um panorama **encantador e majestoso**.

No excerto 58, Nísia nos aponta três marcas dêiticas. Duas de dêiticos espaciais: *ali; sobre a margem*, fazendo referência ao local descrito por ela; e uma de dêitico temporal, ainda que de modo vago: *a cada barco que passa ali*, expressando uma ideia de tempo.

(58)

A cada barco que passa ali, um homem postado **sobre a margem** atira para fazer os viajantes ouvirem o eco. A lenda da fada Lore está ligada a isso.

Ao final da carta V, Nísia registra mais uma vez o horário: *nove horas da noite*, assim como o lugar para onde se endereçou em seguida: *Biebrich*. Na segunda oração, ela reforça com mais um dêitico temporal: *era o momento*.

(59)

Às nove horas da noite, nós descemos **à Biebrich. Era o momento**, pois eu sufocava de emoção.

Vejamos os dados apresentados no quadro sinótico da sexta carta:

Quadro sinótico da análise da carta VI – resumo das ocorrências e repetições

Categoria	Ocorrências
Pronomes	Eis-nos aqui instaladas no hotel da Europa;

possuais	nós descemos do trem; um carro do hotel em que estamos nos conduziu até aqui; presenteei- me com um quarto no segundo andar; Calei- me algum tempo; eu não conheço ainda; eu traço estas linhas para vocês. Tudo me diz que estou longe de vocês e que só há aqui, de tudo que me é caro, esta criança que repousa diante de mim ; para recomençar comigo esta vida a dois que levamos tão longe de vocês .
Pronomes possessivos	meus ouvidos - meu lado .
Nomes que qualificam	nova cidade da Alemanha - grande multidão - vasta sala - segundo andar - majestoso Rhin - encantada - espetáculo melancolicamente poético - coisas passadas e presentes .
Dêiticos espaciais	MANNHEIN - aqui - hotel da Europa - sobre o Reno - janela perto da qual - aqui - situado à margem - aqui e ali - aqui - ao meu lado .
Dêiticos temporais	Meia-noite, 11 de setembro - nove horas da noite - quando - amanhã .

Carta VI

Passemos à carta VI, que é uma das menos extensas do *Itinéraire*. Pelo fato de não ser muito longa, não encontramos muitas ocorrências de índices de pessoa, possessivos, nomes que qualificam e dêiticos espaciais e temporais. Contudo, ressaltamos que, ainda que haja pouca ocorrência, todas essas marcas podem ser encontradas.

Os pronomes pessoais: *eu-me-mim-comigo*: 8 oc.; *nós-nos*: 3 oc. e *vocês*: 2 oc., os de primeira pessoa continuam apresentando-se com maior frequência, assim como em todas as cartas analisadas até agora. Os possessivos se manifestam com apenas duas ocorrências: *meu*: 1 oc. e *meus*: 1 oc., os dois indicando que o(s) objeto(s) pertence(m) a própria Nisia.

No que diz respeito aos dêiticos espaciais e temporais, na carta VI, como em todas as cartas analisadas até o presente momento, constatamos a presença da cidade: *Mannhein*; hora: *meia-noite* e data: *11 de setembro*. Dentre as informações presentes na carta, destacamos um pequeno trecho no qual é possível encontrar quatro ocorrências de dêiticos espaciais:

Eis-nos **aqui** instaladas no **hotel da Europa**, situado **sobre o Rhin**, e em uma **nova cidade da Alemanha**, país de poesia, de sonho e de amor, assim como de maravilhas do trabalho e do gênio do homem.

Isso demonstra, mais uma vez, o estilo de Nísia Floresta, que parece “apreciar” indicar os locais por onde passou ou onde se encontra, assim como descrever com detalhes esses lugares percorridos.

No parágrafo seguinte da carta VI, Nísia relata a exata hora em que chegou à cidade de Mannheim, mais precisamente a hora em que desceu do trem: *9 horas da noite*. A potiguar também registra o andar em que se encontrava o seu quarto: *segundo andar, cujas janelas se abrem sobre o majestoso Reno*, como podemos ver no exemplo 61.

(61)

Eram **nove horas da noite quando nós** descemos do trem; um carro do hotel em que estamos **nos** conduziu até **aqui**. Uma **grande** multidão de viajantes preenchia a **vasta** sala; presenteei-**me** com um quarto **no segundo andar**, cujas janelas se abrem sobre o **majestoso** Reno, que estou **encantada** em rever.

O fragmento 62 revela um dêitico temporal impreciso: *algum tempo*, denotando um espaço de tempo em que Nísia permaneceu calada, *em profunda contemplação*.

(62)

Calei-**me algum tempo** em profunda contemplação pelas coisas **passadas e presentes**.

Outro trecho que merece nossa atenção é o encerramento da carta, onde Nísia mostra sua percepção a partir do lugar em que está, em seu quarto de hotel, *perto da janela*. Ela retrata *a voz dos barqueiros* que chega a seus ouvidos, apresentando-nos uma ideia de distanciamento, uma vez que esses barqueiros estão em outro lugar. Nesse trecho, também é possível notar o momento em que Nísia se dirige a seus familiares, lamentando a distância que os separa. Tudo isso é marcado por dêiticos espaciais: *aqui, ali*.

(63)

As luzes espalhadas **aqui e ali** em direção aos arredores que **eu** não conheço ainda; a voz dos barqueiros que chega até **meus** ouvidos; a brisa que agita as árvores da margem e passa gemendo através da **janela perto da qual eu** traço estas linhas para **vocês**, tudo **me** diz que **estou longe de vocês** e que não há **aqui** tudo o que **me** é caro, que esta criança que repousa diante de **mim** e que acordará **amanhã**, ao **meu** lado, para recomeçar **comigo** esta vida a dois que levamos **tão longe de vocês**.

Ademais, o fragmento 63 mostra o quão Nísia enfatizava a distância que a separava de seus familiares: *tudo me diz que estou longe de vocês; para*

recomeçar comigo esta vida a dois que levamos tão longe de vocês.

Assim, encerramos nossas considerações acerca dos dados encontrados na carta VI. Passemos à carta VII.

Quadro sinótico da análise da carta VII – resumo das ocorrências e repetições

Categoria	Ocorrências
Pronomes pessoais	Eu vou deixar Heidelberg e todas as suas belezas; elas me fazem sonhar com uma felicidade que, talvez, ai de mim , não se realizará nunca; eu tanto amei, vastas e escuras veredas onde eu via correr, diante dos grupos de mulheres, garotinhas gentis, revigorantes, que me lembravam vivamente minha Nini adorada. Como eu teria tido prazer em vê-la aqui, ao meu lado, misturando-se a esses grupos infantis que me sorriem, mas que não me amam como ela; eu me distancio de vocês! Caminhos deliciosos por onde eu vaguei; representam para mim as de meu país natal; vocês que acolheram tão fraternalmente estas duas naturais dos trópicos; Nunca esqueceremos vocês.
Pronomes possessivos	meus ouvidos - meu lado - minha Nini - meu lado - tua montanha encantadora - meu país natal - minha juventude - nossos vivos agradecimentos - nossa simpatia.
Nomes que qualificam	Pequenos bosques - vastas e escuras veredas - garotinhas gentis, revigorantes - Nini adorada - Nobres ruínas das grandiosas lembranças - Caminhos deliciosos - montanha encantadora - às vezes felizes , às vezes melancólicas - Rio poético, nobre Neckar - força desconhecida - margens verdejantes - país natal - Corações afetuosos e expansivos - mulheres brasileiras - vivos agradecimentos - expressão sincera .
Dêiticos espaciais	SCHWETZINGEN - Heidelberg - aqui - ao meu lado - onde - lá.
Dêiticos temporais	19 de setembro - os dias de minha juventude.

Carta VII

Também foi possível detectar na carta VII todas as marcas aqui analisadas. Assim como a carta VI, ela não é muito extensa, o que reduz o número de ocorrências. No que diz respeito aos pronomes pessoais: *eu-me-mim*, encontramos 13 ocorrências e 3 ocorrências do pronome *vocês*, o que indica Nísia se comunicando ou se reportando a outra pessoa. Com relação aos pronomes

possessivos, temos: *meu*: 3 oc.; *meus*: 1 oc.; *minha*: 2 oc.; *tua*: 1 oc.; *nossa*: 1 oc.; *nossos*: 1 oc., ou seja, uma maior incidência de possessivos marcadores de primeira pessoa, singular e plural.

No que concerne aos dêiticos espaciais e temporais, Nísia não registrou o horário, apenas local: *Schwetzingen* e data: *19 de setembro*. No exemplo 64, observamos duas marcas de dêitico espacial: *uma parte da Alsácia*, que não apresenta um local preciso, como uma cidade específica, e *mais longe*, também indicando uma marca dêitica indefinida, haja vista que não se sabe a exata distância que esse *mais longe* quer expressar.

(64)

Eu atravessei **uma parte da Alsácia**, magnificamente adornada por seus castelos em ruínas, que **me** lembraram os que **eu** havia deixado **mais longe!**

O aspecto mais interessante da carta VII são os alocutários que estão presentes nela, pois Nísia Floresta se despede da cidade e cria uma certa “conversa”, que pode ser com as ruínas:

(65)

Nobres ruínas de **grandiosas** lembranças suspensas como ninhos de águias em **tua** montanha encantadora, **eu me** distancio de **vocês!** Caminhos **deliciosos onde eu** vaguei, o pensamento repleto de imagens, **às vezes felizes, às vezes melancólicas**, e o coração repleto dessa força **desconhecida** que faz girar os mundos e agir os homens, **adeus!**

Com o rio Neckar:

(66)

Rio poético, nobre Neckar, cujas margens **verdejantes** representam, para **mim**, as de **meu** país natal e os dias de **minha** juventude que **lá** decorreram, **adeus!**

E até mesmo com as mulheres que conheceu durante sua passagem pela cidade:

(67)

Corações **afetuosos e expansivos**, tão parecidos com o coração das mulheres **brasileiras, vocês** que acolheram tão fraternalmente as duas naturais dos trópicos, **recebam** nossos vivos agradecimentos e a expressão **sincera** da **nossa** simpatia; **nunca** esqueceremos **vocês, adeus!**

O exemplo 65 mostra que Nísia se despede das ruínas e apresenta um dado que aponta para um dêitico espacial, haja vista que ela escreve: *eu me distancio de vocês*. Além disso, ao falar sobre os *caminhos deliciosos por onde vagou*, mais uma marca de dêitico espacial, ela nos apresenta um dêitico temporal, ainda que não apresente um espaço de tempo definido, pois enquanto vagava por esses caminhos, seu pensamento estava repleto de imagens, *às vezes*

felizes, às vezes melancólicas.

Em 67, o uso do imperativo reforça essa ideia de “diálogo”, pois Nísia “se reporta” aos corações afetuosos e expansivos, ou seja, às mulheres da cidade de Schwetzingen, pedindo-lhes que *recebam os vivos agradecimentos* e a *expressão sincera da simpatia* da própria Nísia Floresta e de sua filha.

Observemos o quadro sinótico da carta VIII.

Quadro sinótico da análise da carta VIII – resumo das ocorrências e repetições

Categoria	Ocorrências
Pronomes pessoais	Eu traço uma lembrança para vocês ; eu acabo de descer; uma sobrinha de meu venerável amigo me esperava, na estação do caminho de ferro, para me acompanhar à Montbéliard; eu fiz um lanche rápido e passei um pouco pela cidade, que me pareceu triste e monótona; Eu atravessei uma parte da Alsácia; que me lembraram os que eu havia deixado mais longe; eu me separei.
Pronomes possessivos	Meu coração - meu venerável amigo - Meu coração - minha filha - minha constante e fiel companheira - minhas lágrimas.
Nomes que qualificam	caros objetos - lanche rápido - triste e monótona - cidade manufatureira, rica, mas pouco limpa - atividade francesa - apertado - filha querida - constante e fiel companheira - excelente filha - afetuosamente prestáveis - precioso tesouro - curta ausência
Dêiticos espaciais	MULHOUSE - desta nova cidade - onde - onde - onde - na estação do caminho de ferro - Montbéliard - onde - aqui - uma parte da Alsácia - longe de minha filha - longe de vocês.
Dêiticos temporais	19 de setembro - construída recentemente - os dias de minha juventude - A hora da partida ecoa.

Carta VIII

Na carta VIII, também podemos encontrar ocorrências de índices de pessoa, com uma menor incidência, tendo em vista que se trata de uma carta breve. Entre os pronomes *eu* e *me*, há dez ocorrências. É válido atentar para o fato de haver somente uma incidência de marca que denota a presença de um alocutário (*você*). Quanto aos pronomes possessivos, todos correspondem a primeira pessoa: *meu*: 3 oc.; *minha*: 2 oc. e *minhas*: 1 oc.

Outro fator relevante é que a carta foi escrita em *Mulhouse*, mas não há registro de data. A carta anterior data de 27 de setembro, em Estrasburgo, e a carta seguinte data de 28 de setembro, em Montbéliard. É provável que Nísia tenha escrito a carta VIII ainda no dia 28, pois no início da carta Nísia explica:

(68)

Eu traço uma lembrança para **vocês**, oh **caros** objetos de **meu** coração, **desta nova** cidade **onde eu** acabo de descer e **onde** uma sobrinha de **meu venerável** amigo **me** esperava, **na estação do caminho de ferro**, para **me** acompanhar à **Montbéliard**, **onde** ela habita.

A partir da leitura da carta VIII, vemos que Nísia passa rapidamente por Mulhouse para seguir à Montbéliard, o que justifica tratar-se de uma carta pequena. A potiguar não tinha muito a escrever sobre a cidade, uma vez que não permaneceu muito tempo ali. Ela deixa claro que fez seu passeio enquanto *esperava a diligência*.

A autora também lamenta a distância que a separa de sua filha e dos familiares: *longe de minha filha querida; longe de vocês*. Nísia ainda usa o gerúndio do verbo “segurar” para indicar que no momento em que se separou de sua família, ela segurou suas lágrimas. Apresentando-nos, assim, uma marca de dêitico temporal.

(69)

Meu coração está **apertado**, **longe** de **minha** filha **querida**, **minha constante** e **fiel** companheira; **longe** de **vocês**, os quais **eu me** separei segurando **minhas** lágrimas.

Para finalizar nossas considerações sobre a carta VIII, vemos que Nísia Floresta apresenta mais uma marca de dêitico espacial, mas de modo impreciso, haja vista que ela faz menção ao horário da partida, afirma que *é preciso partir*, pois *a hora da partida ecoa*, mas não registra a hora exata.

(70)

A hora da partida ecoa, é preciso partir.

Quadro sinótico da análise da carta IX – resumo das ocorrências e repetições

Categoria	Ocorrências
Pronomes pessoais	eu me encontro novamente ao lado de minha cara filha, oh! meus amigos, e eu estou salva de uma terrível indisposição que me afetou vindo até aqui; a boa natureza nos deu; Eu dormi um pouco em Hérimoncourt para tentar resistir à viagem de quarenta léguas que me separava de minha filha; para que eu ficasse ao menos um dia a mais com eles, eu quis partir. Às duas horas eu me levantei. A excelente dona de casa estava junto a mim , apressada em me oferecer esses pequenos cuidados; Ele me encheu de carinhos e atenções, conduzindo- me à sala de jantar;

O Senhor P*** **me** recebeu ali com uma afeição bem fraternal. **Eu** estava tocada com tanta delicadeza; **eu** tomei uma xícara de café com leite; **Eu me** sentia indisposta; que **me** esperava aqui, **eu** não disse nada e **me** apressei em partir, sob o pretexto do embarço que **eu** lhes causava a tal hora da noite; Eles quiseram absolutamente **me** conduzir ao carro que eles haviam preparado para **mim**; cuidou para que **eu** estivesse comodamente instalada; Era um de **vocês**; **eu** sinto o mais vivo reconhecimento; As despedidas sempre **me** tocaram, pois **eu** penso nas nossas e nas despedidas da pátria; as emoções que **eu** havia sentido; **eu me** mantinha de pé; para **me** proteger da humidade da noite. A duas léguas de caminhada, eu senti como um zumbido que **me** passava pela cabeça; **Eu** acreditei por um instante que ia passar mal e, tateando, **eu** abri uma das portinholas do carro, com o intuito de ter ar, pois **eu** sufocava! **Eu** fui tomada por uma forte crise de vômito; Ele **me** perguntou se **eu** gostaria de descer, mas **eu** preferi **me** deitar no carro; **Eu me** senti tão mal por alguns instantes que **eu** tive medo de morrer ali; sem nenhum de **vocês**; **eu** endereçava meus tristes suspiros; se **eu** retratasse o que se passou então em minha alma; **eu** quero poupar-lhes dessa dor; deixaram-**me** um pouco mais calma; para **me** deixar repousar a cabeça, **eu** pude descer sem inconveniente ao albergue; **Eu** pedi uma xícara de café; **Eu** precisava muito repousar e ainda **me** faltavam doze léguas a percorrer; **eu** invoquei minha santa mãe; Enchi-**me** de coragem novamente; **Eu** subi na diligência; sua companhia ter-**me**-ia sido uma agradável distração em um outro momento, mas **eu** estava tão aflita; Essa senhora **me** foi muito útil, ela teve por **mim** muita condescendência. A cada escala ela **me** fazia descer para repousar um pouco do carro e se acomodava de maneira a deixar que **eu** repousasse minha cabeça sobre seu ombro. Minha sorte havia **me** reservado essa caridosa companheira;

	<p>essa senhora me conduziu a um albergue para me fazer tomar um caldo;</p> <p>eu estava muito feliz por ter comigo uma alemã. Eu não poderia ter sido compreendida sem sua ajuda;</p> <p>Parecia-me muito insólito que, na parte da Alemanha que eu tinha acabado de percorrer, eu tivesse encontrado sempre alguém que falasse francês;</p> <p>Eu peguei o trem para Lutherbach. Ele me conduziu diretamente a Estrasburgo;</p> <p>Eu havia esquecido de lhes falar de Colmar;</p> <p>Eu me sinto tão cansada que não me é possível fazer nenhuma reflexão sobre essa cidade;</p> <p>A Senhora F*** me recebeu com uma verdadeira afeição; ela não quis me deixar ir ao hotel. Os elogios que ela e seu estimável marido me fizeram de nossa Lívia e o prazer que me testemunharam por tê-la com eles durante esses três dias tocaram profundamente o meu coração de mãe, vocês o compreendem facilmente;</p> <p>Minha filha me disse que toda essa boa família a encheu de muitos cuidados. Assim, vocês veem que, enquanto eu estava rodeada de cuidados amáveis; fazendo-nos ter com elas uma dívida de coração;</p> <p>Eu fiquei feliz em rever minha filha; Parecia-me que eu não a via há três meses; longe de vocês;</p> <p>A Senhora Fr***, boa e apressada para nos agradar, conduziu-me para visitar o museu de história natural;</p> <p>Eu notei uma grande quantidade de objetos;</p> <p>Eu não pude ver esse laboratório;</p> <p>eu me sinto incapaz de lhes relatar;</p> <p>Esquecia-me de lhes dizer que, chegando à Montbéliard, eu não mais encontrei minha amiga;</p> <p>eu não pensava ao partir de Paris;</p> <p>eu retornarei à Paris com minha filha e eu só pararei algumas horas em Nancy para ali visitar, se eu puder, as lembranças de Carlos, o Temerário;</p> <p>Eu me sinto extremamente cansada e enfraquecida;</p> <p>eu vou encontrar em Paris;</p> <p>eu lhes escreverei com mais ordem esse simples itinerário; por onde eu estive;</p> <p>esse coração que lhes endereça de Estrasburgo, como de todos os países que eu percorri sem vocês, seus mais íntimos suspiros e seus votos mais ardentes pela felicidade de vocês.</p>
Pronomes	minha cara filha - meus amigos - minha filha -

<p>possessivos</p>	<p>minha filha - meus pés - meu filho - meu Brasil - meu Henrique - nossas - minha vontade - minha alma - meu amor - meus tristes suspiros - minha alma - meu mal - minhas expressões - minha filha - minha santa mãe - suas lembranças - minha cabeça - minha sorte - nossa Lívia - meu coração - Minha filha - nosso venerável amigo - nossa afeição - minha filha - meus braços - minha única - minha vida - minha ternura - minha amiga - minha filha - minha estadia - Vossas cartas - minhas forças - minha alma - minha terna e excelente mãe.</p>
<p>Nomes que qualificam</p>	<p>cara filha - salva - terrível indisposição - afetada - forças físicas - boa natureza - pedidos reiterados - excelente dona da casa - apressada - pequenos cuidados - alma sensível - farta refeição - afeição bem fraternal - tocada - indisposta - bom coração - grande manta - afetuosa prestatividade - comodamente instalada - excelente Sr P*** - vivo reconhecimento - sincera simpatia - minha vontade enérgica - noite muito fria - forte brisa - compatriotas franceses - nuvem mais obscura que a noite - forte crise de vômito - pobre homem - embaraçado - campo isolado - socorro profissional - abandonada - caros objetos - tristes suspiros - último eco - no meio dos Vosges - primeiros clarões - mais calma - cuidados atenciosos do velho cocheiro - nova estrada - profundo reconhecimento - Sozinha, cansada, triste - senhora alemã - agradável distração - aflita - muito útil - caridosa companheira - pequena cidade - muito feliz - insólito - muito movimentadas - cansada - verdadeira afeição - estimável marido boa família - cara filha - cuidados amáveis - venerável amigo - cara filha - feliz - adorável criança - companheira íntima - boa e apressada - excelente pai - grande quantidade - emoção profunda - abalada - incapaz - costumes exemplares - notável caridade - exemplos diários - verdadeira mulher cristã - tocante simplicidade - charmosa modéstia - bondade angelical - digna herdeira - estimável viúva - Verdadeiro tipo da família alemã - sábio Duvernoy - cansada e enfraquecida - forças esgotadas - tristes disposições - simples itinerário - íntimos suspiros - ardentes.</p>
	<p>ESTRASBURGO - ao lado de -</p>

	<p>até aqui- em Hérimoncourt - longe - sala de jantar - onde - ali - longe - aqui - me conduzir ao carro - ali - em Montbéliard - A duas léguas de caminhada - ali - em meio ao silêncio da noite - doze léguas a percorrer - Cernay - de lá - Estrasburgo - na diligência</p> <p>- lá - Cernay - me conduziu a um albergue - onde - na parte da Alemanha que eu tinha acabado de percorrer - em um vilarejo da França - Estrasburgo - os Vosges - aqui - na casa de uma das filhas de nosso venerável amigo - na casa da outra - longe - museu de história natural e o laboratório - onde - em Estrasburgo - aqui - em Montbéliard e em Hérimoncourt - Montbéliard - minha estadia na Alemanha - Paris - em Nancy - ali - em Paris - aqui e ali, em todo lugar por onde eu estive - de Estrasburgo - de todos os países que eu percorri sem vocês.</p>
Dêiticos temporais	<p>30 de setembro - dez horas da noite - um dia a mais - quando tal hora da noite - naquele momento - depois - por um instante - por alguns instantes - nessas horas de silêncio e de agonia física - de tempo em tempo - seis horas da manhã - às seis e meia - após - após - a cada escala - sempre - após durante esses três dias - nessa curta ausência - nesses três dias - após - outrora - chegando à Montbéliard - de alguns dias a mais - ao partir de Paris - Amanhã - pararei algumas horas - durante uma viagem empreendida nas tristes disposições em que se encontra minha alma - Mais tarde - sempre.</p>

Carta IX

Para finalizar, tecemos nossas considerações a respeito da carta IX, que corresponde à última carta do *Itinéraire*. Assim como todas as cartas que foram exploradas neste trabalho, é possível encontrar traços de todas as categorias analisadas. Tratando-se de uma carta significativamente extensa, há muitas ocorrências de todas as categorias. Somando os pronomes que se referem à primeira pessoa do singular (*eu, me, mim, comigo*) são 103 ocorrências, denotando, portanto, que Nísia deu um grande destaque a ela mesma. Os pronomes *nós-nos*, ocorre 3 vezes e *vocês*, 7 vezes.

Com relação aos pronomes possessivos, temos: *meu*: 6 oc.; *meus*: 4 oc.; *minha*: 20 oc.; *minhas*: 2 oc.; *nosso*: 1 oc.; *nossa*: 2 oc. e *suas*: 2 oc. Esses dados nos revelam que, assim como os pronomes pessoais de primeira pessoa são

maioria, os possessivos de primeira pessoa também se apresentam com maior incidência, o que revela uma maior assunção da RE por parte de Nísia Floresta.

Pelo próprio gênero, relato de viagem, as primeiras marcas que podemos verificar são as de dêiticos espaciais e temporais. Começando pela cidade: *Estrasburgo*, seguido da data: *30 de setembro*. No início da carta, Nísia registra o horário e destaca que já se encontrava novamente *ao lado da filha*:

(71)

São **dez horas da noite**; **eu me** encontro novamente **ao lado de minha cara** filha, oh! **meus** amigos, e **eu** estou **salva** de uma **terrível** indisposição a qual **eu fui afetada** vindo até **aqui**.

Como Nísia está relatando sua saída da casa dos amigos, na cidade de Hérimoncourt, para retornar à Estrasburgo, há uma grande quantidade de dêiticos espaciais e temporais. Destacamos algumas passagens mais marcantes desse trajeto:

(72)

A **excelente** dona de casa estava **junto a mim**, **apressada** em **me** oferecer esses **pequenos** cuidados de que uma alma **sensível** tanto necessita.

No exemplo 72, Nísia relata que a *excelente dona de casa* se mantinha sempre por perto, apontando um dêitico espacial, ainda que indefinido, pois sabemos apenas que estavam próximas, mas não o lugar exato em que se encontravam dentro da casa.

(73)

Eu me senti tão mal **por alguns instantes** que **eu** tive medo de morrer **ali**, **abandonada** nessa solidão, **em meio ao silêncio da noite**, e sem nenhum de **vocês**, oh! **caros** objetos de **meu** amor, para quem **eu** endereçava **meus tristes** suspiros, cujo **último** eco ficaria sufocado **no meio dos Vosges**.....

O fragmento acima nos revela uma angústia sentida por Nísia Floresta que, para descrever o momento, utilizou muitos marcadores dêiticos. Além de se referir a ela mesma e se dirigir à família, encontramos marcas de dêiticos espaciais, indicando, obviamente, o local em que Nísia se encontrava no momento em que viveu os fatos relatados: *ali, no meio dos Vosges* e o tempo: *por alguns instantes, em meio ao silêncio da noite*.

No exemplo 74, podemos observar detalhes com relação ao horário e ao trajeto feito por Nísia. Ela ainda não se encontra na cidade de Cernay. No fragmento 75, já temos o registro de sua chegada. Além disso, ela já esclarece que não chegou ainda a seu destino, a cidade de Estrasburgo. Vejamos:

(74)

Eram **seis horas da manhã**, a diligência devia partir **às seis e meia**: pedi uma xícara de café e dispensei o cocheiro, **após** ter lhe agradecido muito por seus cuidados e de ter lhe encarregado de transmitir a seus patrões **minhas** expressões de amizade e de **profundo** reconhecimento. **Eu** precisava muito repousar e ainda **me** faltavam **doze léguas a percorrer** em diligência para chegar à **Cernay** e, **de lá**, pegar o trem até **Estrasburgo**.

(75)

Enfim, chegamos à **Cernay**; essa dama **me** conduziu **a um albergue** para **me** fazer tomar um caldo. Nessa **pequena** cidade, **onde** só se fala alemão, **eu** estava muito **feliz** por ter **comigo** uma alemã; **eu** não poderia ter sido compreendida sem sua ajuda.

No trecho abaixo, Nísia expõe o que pretende fazer no dia seguinte (*amanhã*), ou seja, aonde pretende ir (*Paris*) e o tempo que ficará na cidade de Nancy (*algumas horas*), ainda que essa indicação temporal seja imprecisa:

(76)

Amanhã, portanto, **eu** retornarei à **Paris** com **minha** filha e **eu** só pararei **algumas horas em Nancy** para **ali** visitar, se **eu** puder, as lembranças de Carlos, o Temerário.

Para finalizar, separamos o último trecho da carta IX, que contém uma grande quantidade de marcas dêiticas. Nesse fragmento, Nísia “dialoga” com sua família, discursando a respeito das cartas que pretende encontrar *em Paris* e volta a mencionar o motivo que a fez empreender essa viagem pela Alemanha. Além disso, ela fala a respeito da escrita de seu itinerário, apontando lugares variados como referência para o momento de sua escrita: *aqui e ali, em todo lugar* por onde ela esteve.

(77)

Vossas cartas, que **eu** vou encontrar **em Paris**, reanimarão **minhas** forças **esgotadas** por tantas emoções, **durante uma viagem empreendida nas tristes disposições em que se encontra minha alma** pela perda recente de **minha terna e excelente** mãe!
Mais tarde, com calma, talvez, **eu lhes** escreverei com mais ordem esse **simples** itinerário traçado sem sequência, às vezes, **aqui e ali, em todo lugar** por onde **eu** estive, mas **sempre** do mais profundo do coração, esse coração que **lhes** endereça **de Estrasburgo**, como **de todos os países que eu percorri sem vocês**, seus mais **íntimos** suspiros e seus votos mais **ardentes** pela felicidade **de vocês!**

O exemplo 77 também nos revela um dêitico temporal, indicando que as *forças* de Nísia foram *esgotadas por tantas emoções, durante uma viagem*

empreendida nas tristes disposições em que se encontrava sua alma pela perda recente de sua mãe. Foi durante essa viagem que suas forças se esgotaram.

Para concluir, outro dado que nos chamou a atenção é o dêitico temporal: *mais tarde*, usado por Nísia para informar que somente depois, *com calma, talvez*, ela escreverá *com mais ordem esse simples itinerário traçado sem sequência*, o que pode ser um indicativo de que essas cartas sofreram alterações posteriores.

Assim, de acordo com os dados encontrados nas cartas e expostos nos quadros sinóticos, verificamos que há uma grande incidência, no *Itinéraire*, das categorias analisadas: índices de pessoa e os dêiticos espaciais e temporais, apresentados por Adam. Vimos que a maioria dos dados encontrados, referentes aos índices de pessoa, denotam o uso de pronomes que remetem a primeira pessoa, seja do singular ou do plural, o que revela uma Nísia Floresta presente em todo seu itinerário pela Alemanha. Destarte, verificamos que, a partir dos dados encontrados, Nísia Floresta assume a RE em suas cartas.

4.2. Trocando em miúdos...

Diante da leitura feita por nós do *Itinéraire*, concluímos que é possível encontrar, nele, indícios dos gêneros relato de viagem, epistolar e autobiografia, e que a obra apresentou poucas ocorrências de não assunção da Responsabilidade Enunciativa (RE). Esse dado indica que os gêneros encontrados no *Itinéraire* contribuem para a assunção da RE, uma vez que denotam um grande engajamento por parte do locutor/enunciador.

Na obra, Nísia Floresta representa a “voz principal” apresentada por Rabatel. Assim, ela é L1/E1 e assume seu PDV em, praticamente, todos os momentos. Também foi possível detectar PDV de e2 no momento em que a norte-rio-grandense se utilizou de informações provenientes de outra pessoa, utilizando marcadores para indicar não se tratar exatamente de sua fala.

Com relação ao tipo de PDV que pode ser encontrado na obra em questão, vemos claramente se tratar do PDV afirmado, uma vez que a opinião de Nísia Floresta está exposta quase que a todo instante. Entretanto, vimos que o PDV “representado” também pode ser verificado, ainda que encontremos poucas ocorrências dele.

Constatamos que todas as cartas, sem exceção, apresentam marcas das categorias de índices de pessoa e de dêiticos espaciais e temporais, o que denota a assunção da RE, haja vista que Nísia Floresta assume seus pensamentos, seus posicionamentos e se coloca, quase que a todo o tempo, no centro da enunciação. Portanto, a relação dêitica entre o “eu/tu-aqui-agora” pode ser identificada em todas as cartas analisadas, apresentando mais um indicativo de assunção da RE.

Uma grande quantidade de pronomes marcadores de pessoa pode ser verificada em todas as cartas, o que indica que, na maioria das vezes, é a própria Nísia o “assunto principal” em seu relato de viagem. A exceção que encontramos

é na carta V, haja vista se tratar de uma carta extensa e não haver muitas ocorrências de pronomes de primeira pessoa (*eu*: 3 oc./ *me*: 3 oc./ *nós*: 2 oc.). Essa quantidade mínima de pronomes remetendo à própria Nísia significa que, na carta citada, ela “se ausenta” de alguma forma, deixando de falar dela e de seus sentimentos para dar lugar a acontecimentos históricos. Entretanto, apesar de poucas ocorrências, ela ainda está presente na carta.

Os dêiticos espaciais e temporais também se fizeram presentes e em grande quantidade, fazendo referência à situação na qual Nísia produziu seu enunciado. Essas marcas dêiticas são expressas pela autora citada no momento em que ela escreve suas cartas, narrando o que aconteceu, isto é, contando o que fez, quais foram suas atividades durante o dia e os lugares por onde passou e, muitas vezes, os momentos em que realizou essas atividades.

Todos os meios que utilizamos para analisar o *Itinéraire*, seja através da noção de ponto de vista ou das categorias apresentadas por Adam, permitiram-nos reconhecer que a RE se apresenta na obra de modo claro, com exceção dos raros momentos em que Nísia Floresta expôs alguma informação histórica e quis destacar que a informação dada lhe foi passada por uma outra pessoa, o que justifica esse desengajamento.

A assunção da RE está nitidamente presente, pois Nísia Floresta não esconde sua condição enquanto escritora e parece, por vezes, querer estar no centro da enunciação, deixando de descrever uma paisagem ou um local para se entregar aos seus pensamentos e sentimentos, ou seja, lançando seu olhar para dentro de si mesma.

5. Finalizando a viagem

Seguindo a perspectiva da Análise Textual dos Discursos, propusemos-nos a abordar o fenômeno da Responsabilidade Enunciativa (RE) e constatar como a assunção da fala, do dizer, apresenta-se ou materializa-se no relato de viagem de Nísia Floresta: *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne*. Para chegarmos a uma conclusão, traçamos um longo percurso, que atravessou diversas noções e teóricos.

Primeiramente, apresentamos uma discussão acerca da noção de gêneros discursivos e dos gêneros que estão presentes no *Itinéraire*: relato de viagem, epistolar e autobiográfico. Diante da fala de Bakhtin (2000, p. 283), que afirmou que “o enunciado reflete a individualidade de quem fala/escreve”, acreditamos que essa característica pode ser verificada no *Itinéraire*, uma vez que, apesar de apresentarem características dos gêneros citados, apresentam-se de um modo diferenciado, como se, de certa forma, “não respeitasse as regras” comuns aos gêneros.

É possível que essas diferentes características, que “fogem” às normas, configurem-se de tal modo pelo momento de sua produção, assim como pela intenção da autora, que era apenas de escrever cartas aos familiares para relatar/descrever os lugares por onde passava, seus sentimentos e até mesmo seu estado de espírito.

À luz da ótica de Lejeune, vimos que, no *Itinéraire*, podemos identificar o “pacto autobiográfico”, uma vez que Nísia Floresta representa a autora, a narradora e a personagem de sua própria história, apresentando, portanto, mais uma característica de assunção da RE. A partir das cartas analisadas, destacamos o fato de que a RE esteve presente em quase todos os enunciados proferidos por Nísia Floresta.

Esse dado nos revelou que, apesar de o *Itinéraire* ser um relato de viagem de cunho autobiográfico, ainda assim é possível encontrar algumas marcas de não assunção de RE. Nísia Floresta assume constantemente a responsabilidade pelos seus dizeres, mas em algumas circunstâncias, ao relatar fatos históricos, ela esclarece que a informação transmitida é proveniente de outra fonte.

A partir disso, e diante da análise do relato de viagem em questão, constatamos que, ao falar sobre si, ao apresentar informações autobiográficas, o escritor assume a RE de sua fala. Entretanto, uma obra como o *Itinéraire*, que não é apenas autobiográfica, mas que também apresenta informações históricas, haja vista que relata uma viagem à Alemanha no século XIX e uma das características de Nísia Floresta é expor muitos detalhes, seja sobre as cidades visitadas, sobre os monumentos contemplados ou sobre os costumes da época, pode apresentar marcas de distanciamento por parte do locutor/enunciador.

Na perspectiva rabateliana, esse distanciamento é feito pelo enunciador, haja vista que ele é o detentor do ponto de vista. Ao distanciar-se de seu enunciado, ou seja, ao não assumir a RE pelo que está sendo proferido, o

enunciador primeiro abre espaço para um e2 (enunciador segundo), que se torna o responsável pelo ponto de vista.

Assim, vimos que quando ocorre a presença de e2, a autora está tratando de acontecimentos históricos, o que justifica tratar-se de uma informação advinda de outra fonte, uma vez que, se são históricos, não se estaria presente no momento em que aconteceu para se ver com “os próprios olhos”.

No tocante à pessoa que narra/escreve sua própria história, a escritora norte-rio-grandense se apresenta como uma *mulie narrans*, existindo para o outro e graças à coletividade a qual ela pertence, como frisa Rabatel, construindo sua personalidade e seus valores. Nas páginas do *Itinéraire*, observamos que Nísia assume sua opinião de maneira explícita, o que faz com que o principal ponto de vista encontrado, a partir dos pressupostos rabatelianos, seja o “afirmado”.

O que diferencia o ponto de vista “afirmado” dos outros: “representado” e “contado”, é que, enquanto o “afirmado” apresenta uma opinião explicitamente assumida, o “representado” é marcado pela disjunção do locutor e do enunciador e o “contado” visa o desenrolar dos fatos a partir da perspectiva de um personagem que não tem um espaço enunciativo particular.

Se o ponto de vista “afirmado” é o que pode ser encontrado com mais frequência no *Itinéraire*, isso indica que Nísia Floresta é tanto locutora quanto enunciativa das cartas que compõem a obra em questão. Todavia, apesar de Nísia representar, geralmente, o Locutor e o Enunciador primeiros, também encontramos algumas ocorrências em que a autora se distancia do seu dizer, denotando, portanto, a presença de e2, detentor do ponto de vista. Quando isso acontece, temos o ponto de vista “representado”.

Assim, constatamos que no *Itinéraire* há dois tipos de ponto de vista, o “representado”, quando Nísia Floresta expõe algumas informações históricas, provenientes de outra fonte, e o “afirmado”, que predomina, uma vez que Nísia assume sua opinião de modo explícito e representa Locutor e Enunciador primeiros.

No que se refere às categorias propostas por Adam, os índices de pessoa e os dêiticos espaciais e temporais, que conduzem à marcação da assunção da Responsabilidade Enunciativa, pudemos encontrar nas cartas analisadas uma grande ocorrência, contribuindo, portanto, para assinalar que Nísia estava no centro da enunciação, indicando suas percepções, opiniões, a data e os lugares onde esteve presente.

Vimos que, de acordo com Benveniste, a pessoa enuncia num determinado espaço e tempo e que os dêiticos, indicadores de subjetividade no discurso, “refletem” a existência dos signos que constituem a enunciação, que são locutor (eu), alocutário (tu), lugar (aqui) e tempo (agora).

As marcas dêiticas estão fortemente presentes no *Itinéraire*, seja pelo fato de Nísia Floresta relatar sua própria viagem, fazendo referência ao *eu*, seja por escrever cartas direcionadas aos familiares, em que a presença do *tu-você* está a todo tempo marcada, seja ainda por registrar sua passagem pelos lugares que percorreu, *aqui-agora*.

Além das marcas do *eu-tu-aqui-agora*, encontramos no *Itinéraire* aspectos de dêixis no imaginário. Nesse tipo de dêixis não há qualquer evidência

real que viabilize o ato de mostrar, ela ocorre através de uma “evidência”, um “pensamento” compartilhado por locutor e interlocutor. Trata-se de uma mostração *in absentia*, portanto, de uma mostração fictícia. Uma vez que Nísia Floresta estava distante de seus familiares, a dêixis no imaginário se fez presente em várias passagens desse itinerário pela Alemanha, pois a norte-rio-grandense “se transportou”, em pensamento, para seu país natal ou para alguma época do passado ou do futuro.

Logo, ao longo do percurso aqui percorrido, por meio da leitura desse relato de viagem, podemos dizer que a assunção da Responsabilidade Enunciativa se materializa de forma clara no *Itinéraire*; que uma obra que apresenta os gêneros relato de viagem, epistolar e autobiográfico contribui para uma maior assunção da Responsabilidade Enunciativa; e que o escritor autobiográfico assume constantemente a RE do que fala ao escrever/discursar sobre sua vida. Mas, se a obra também abordar outros temas, como é o caso do *Itinéraire*, é possível encontrar marcas de não assunção da RE, sendo, portanto, possível encontrar outro(s) ponto(s) de vista.

Sentimos que o *Itinéraire* pode servir de base para ser estudado sob outras perspectivas dentro da temática da RE. Trabalhamos com duas categorias de Adam, mas, como vimos, o teórico citado nos apresenta oito: 1) os índices de pessoas; 2) os dêiticos espaciais e temporais; 3) os tempos verbais; 4) as modalidades; 5) os diferentes tipos de representação da fala; 6) as indicações de quadros mediadores; 7) os fenômenos de modalização autonímica; 8) as indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados. Todas essas categorias podem, de alguma forma, ser encontradas na obra de Nísia.

Além de abordar o *Itinéraire* a partir do prisma das categorias de Adam, alguns pesquisadores poderão investigar a questão dos gêneros presentes nessa obra, verificando como esses gêneros se apresentam, se o *Itinéraire* pode ser considerado uma obra genérica ou intergenérica, pelo fato de apresentar características de diferentes gêneros, entre outros prismas que podem ser enfocados por futuros pesquisadores.

O fato de o *Itinéraire* apresentar características de três gêneros diferentes: relato de viagem, epistolar e autobiografia, fez com que nosso estudo identificasse e descrevesse como a RE se manifesta em três gêneros distintos, apresentando, portanto, uma maior visão acerca da materialização da RE em diferentes gêneros.

Esperamos que, também a partir desta leitura, o leitor desperte seu interesse pelos estudos linguísticos e possa, assim, descobrir um pouco mais deste universo que envolve nossa linguagem, universo esse que se faz presente diariamente e é tão importante para o sucesso de uma boa e efetiva comunicação.

Destarte, finalizamos esta viagem pela obra *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne* e concluímos que as marcas de assunção da RE estão muito presentes e que, certamente, os gêneros relato de viagem, epistolar e autobiográfico contribuíram para esse engajamento por parte da escritora norte-rio-grandense, Nísia Floresta.

Referências

ADAM, J-M. **A análise da Narrativa**. Tradução Maria Adelaide Coelho da Silva, Maria de Fátima Aguiar. Revisão do texto: Manoel Joaquim Vieira. Lisboa: Éditions du Seuil, 1997.

_____. Essai de définition linguistique du récit. **Actes de savoirs – Le récit**. Revue interdisciplinaire de l’institut universitaire de France. N 4, 2008, p. 113-127.

_____. **Genres de récits**: narrativité et généricité des textes. Louvain-la-Neuve: Harmattan-Academia s.a., 2011.

_____. **Lerécit**. Paris : Presses universitaires de France, 1996.

_____. Les genres du discours épistolaire. De la rhétorique à l'analyse pragmatique des pratiques discursives. **La lettre entre réel et fiction**. Paris : Sedes, 1998, pp 37-53.

_____. **Les textes**: Types et prototypes. Lausanne: Nathan, 1992.

_____. **Linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.

ADAM, J-M; HEIDMANN, U. **O texto literário**: por uma abordagem interdisciplinar. Organizador da tradução João Gomes da Silva Neto; coordenador da tradução Maria das Graças Soares. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Textualité et intertextualité des contes**. Paris: Éditions classiques Garnier, 2010.

ÁLVAREZ, M. Tipos de escrito III: Epistolar, administrativo y jurídico. **Cuadernos de lengua española**. n. 22. Madrid: Arco Libros, 2002, 70 p.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDUPUCCRS, 2004.

_____. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1998.

BAKHTIN, M. **Le freudisme**. Lausanne: L’Age d’Homme, 1980.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6. Ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BANKS, D. (org). **Les marqueurs linguistiques de la présence de l'auteur**. Paris : L'Harmattan, 2005.

BATHIA, V. K. **Analysing genre**: Language use in social contexts. London: Longman, 1995.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Tradução por Ângela Paiva Dionísio, Judith Chambliss Hoffnagel (org.). 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Gênero, agência e escrita**. Tradução por Ângela Paiva Dionísio, Judith Chambliss Hoffnagel (org.). São Paulo: Cortez, 2006.

BEACCO, J-C. Trois perspectives linguistiques sur la notion de genre discursif. **Langages**. n. 153. 2004, pp. 109-119.

BENVENISTE, É. A natureza dos pronomes. In: _____. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes: 1995.

_____. O aparelho formal da enunciação. In: ___. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Codex: Porto editora, 1994.

BORDET, G. **Étude contrastive de résumés de thèse dans une perspective d'analyse de genre** [Thèse]. Paris: Diderot, 2011.

BOUGHEDAUI, M. L'énonciateur et son texte: études des marqueurs linguistiques dans l'article de recherche scientifique. In : BANKS, David. (org). **Les marqueurs linguistiques de la présence de l'auteur**. Paris: L'Harmattan, 2005, pp. 45-58.

BOUVET, N. E. **La escritura epistolar**. Buenos Aires: Eudeba, 2006.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo socio-discursivo. Tradução Anna Raquel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Dicionário de Linguística e Gramática**: referente à língua portuguesa. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CAMPOS, M. H. C. Enunciação mediatizada e operações cognitivas. In: SILVA, A.S. (org.). **Linguagem e Cognição**: A perspectiva da Linguística Cognitiva. Braga:

APL/UCP, 2001, pp. 325-340.

CARVALHO, M. C. M. de (org). **Construindo o saber – Metodologia científica:** Fundamentos e técnicas. 5º ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

CARVALHO, A. et al. **Aprendendo Metodologia Científica.** São Paulo: O nome da Rosa, 2000, pp. 11-69.

CHACON, A de F. **O discurso autobiográfico nos relatos de viagem de Nísia Floresta: *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne e Trois Ans en Italie, Suivis d'un Voyage en Grèce.*** 2011. Dissertação. (Mestrado em Literatura Comparada) Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.

CHARAUDEAU, P. **Grammaire du sens et de l'expression.** Paris: HACHETE éducation, 1992.

_____. **Linguagem e discurso:** modos de organização. (Coordenação da equipe de tradução Ângela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado). São Paulo: Contexto, 2008.

COLTIER, D.; DENDALE, P.; BRABANTER, P. de. La notion de prise en charge: mise en perspective. **Langue française**, n. 162 – La notion de *prise en charge* en linguistique. Paris, Larousse, juin. 2009, pp. 3-27.

COUTINHO, A.; COUTINHO, E. de F. **A Literatura no Brasil.** São Paulo: Global, 2004.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation.** Opérations et représentations. Tome 1. Paris : Ophrys, 1990.

DESCLÉS, J.-P. « Prise en charge, engagement et désengagement ». **Langue Française**, 2009, n° 162, pp. 29-53.

DESCLÉS, J.-P. ; GUENTCHÉVA Z. La catégorie du médiatif en bulgare dans une perspective typologique. **Revue des études slaves**, Tome 65, 1993. Communications de la délégation française au XIe Congrès international des slavistes (Bratislava, septembre 1993). pp. 57-72.

DUARTE, C. L.; MACÊDO, Diva M. C. P. **Literatura feminina no Rio Grande do Norte:** de Nísia Floresta a Zila Mamede. Natal: Sebo Vermelho; UnP, 2001.

DUARTE, C. L. **Nísia Floresta:** vida e obra. Natal: EDUFRN, 1995.

_____. **Nísia Floresta:** a primeira feminista do Brasil. Florianópolis: Mulheres, 2005.

_____. **Nísia Floresta**: vida e obra. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2008.

_____. **Inéditos e Dispersos de Nísia Floresta**. Natal: EDUFRN, 2009.

DUBOIS, J. Énoncé et énonciation. In : **Langages**, 4^e année, n. 13, 1969. pp. 100-110. DUCROT, O. **Le Dire et le dit**. Paris: Minuit, 1984.

FLORESTA, N. **Itinéraire d'un Voyage en Allemagne**. Par Mme. Floresta Augusta Brasileira. Paris: Firmin Diderot Frères et Cie, 1857.

_____. **Trois ans en Italie, Suivis d'un Voyage en Grèce**. Par une Brésilienne. v 1. Paris: Libraire E. Dentu, 1864.

_____. **Trois ans en Italie, Suivis d'un Voyage en Grèce**. Par une Brésilienne. v 2. Paris: E. Dentu Libraire-Éditeur et Jeffes, Libraire A. Londres, 1871 (ou 1872).

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa – tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, n.3, 1995b, pp. 20-29.

GRASSI, M-C. **Lire l'épistolaire**. Paris: Dunod, 1998.

GUENTCHÉVA, Z. et al. Interactions entre le médiatif et la personne. **Faits de langues 3**. Paris: PUF, 1994, p. 139-148.

GUENTCHEVA, Z. Manifestations de la catégorie du médiatif dans les temps du français. **Langue française**: Les sources du savoir et leurs marques linguistiques. Louvain/Paris : Peeters, 1994, v. 102, n. 1, p. 8-23.

HEIDMANN, U. Genres et textes en dialogue: une approche comparative. In: ADAM, J-M; HEIDMANN, U. **Textualité et intertextualité des contes**. Organizador da tradução João Gomes da Silva Neto; coordenador da tradução Maria das Graças Soares. São Paulo: Cortez, 2011.

JAUBERT, A. Dialogisme et interaction épistolaire. In: BRES et al. **Dialogisme et Polyphonie**: Approches linguistiques. Bruxelles : Éditions Duculot, 2005.

LABOV, W. **Le parler ordinaire**: la langue dans les ghettos noirs des États-Unis. Paris: Les Éditions de Minuit, 1978.

_____. **Sociolinguistique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1976.

LECOINTRE, S. Le Galliot, Jean. Le je(u) de l'énonciation. **Langages**, 8^e année, n°31, 1973, pp. 64-79.

LEJEUNE, P. **Je est un autre** : L'autobiographie, de la littérature aux médias. Paris : Éditions du Seuil, 1980.

_____. **L'autobiographie en France**. 2. ed. Paris: Armand Colin, 1998.

_____. **Le Pacte Autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.

_____. Signes de vie: **Le pacte autobiographique 2**. Paris: Seuil, 2005.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Á. M.; PAGEAUX, D. H. **Da literatura comparada à teoria da literatura**. 2 ed. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

MAINGUENEAU, D. **Discurso Literário**. Tradução Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Le contexte de l'oeuvre littéraire** : énonciation, écrivain, société. Paris : Dunod, 1993.

_____. **Le discours littéraire**. Paris: A. Colin, 2004.

_____. **Pragmática para o discurso literário**. Tradução Marina Appenzeller; revisão da tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. Analysing Self-Constituting Discourses. *Discourse Studies*, vol. 1, n. 2. 1999, pp. 175-199.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEYER, R. M. B. **Discurso: modalização e adesão**. 1980. Dissertação. (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC- Rio.

NØLKE, H. **Le Regard du locuteur**. Paris: Kimé, 1993.

NØLKE, H. et al. **ScaPoLine: La théorie scandinave de la polyphoniélinguistique**. Paris : Éditions Kimé, 2004.

RABATEL, A. **Argumenter en racontant**: (Re)lire et (re)écrire les textes littéraires. Bruxelles: Éditions de Boeck Université, 2004.

_____. **Homo narrans**: pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit.

Les points de vue et la logique de la narration. Tome I. Limoges : Éditions Lambert-Lucas, 2008. (Tome I).

_____. **Homo narrans**: pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit. Dialogisme et polyphonie dans le récit. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2008. (Tome II).

_____. Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée,
Langue Française, n. 162, 2009, p. 71-87.

_____. Le point de vue, une catégorie transversale. **Le Français aujourd'hui**, 2005/4 n°151, p. 57-68. DOI : 10.3917/ifa.151.0057

_____. Dire et montrer: quand les schémas reformulent le texte.

_____. (Ed.). **Les reformulations pluri-sémiotiques en contexte de formation**. Besançon: Presses universitaires de Franche-Comté, 2010, pp. 29-51.

RASTIER, F. **Enjeux épistémologiques de la linguistique de corpus**. In: WILLIAMS, G. La linguistique de corpus. Rennes : Presses Universitaires de Rennes. pp. 31-45.

REUTIER, Y. **L'analyse du récit**. Paris: Nathan, 2003.

RICHARDSON, Roberto. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

SILVA, V. L. P. P. Variações tipológicas no gênero textual carta. In: KOCH, I. V. ; BARROS, K. S. M. de. (org.). **Tópicos em Linguística de Texto e Análise da Conversação**. Natal: EDUFRN, 1997. pp. 118-124.

SWALES, J. M. **Genre Analysis**: English in Academic and Research Settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980. ZANONE, D. **L'autobiographie**. Paris: ellipses, 1996.

Anexos

BRUXELLES.⁹⁶**26 août 1856.**

Cher enfant et frères de **mon** coeur,
Le **mois d'août**, que **vous** savez si **fatal** à **mon** bonheur par la triple perte qu'il a marqué dans **mon** existence, commença pour **moi**, **cette année**, plus **triste** et **douloureux** que jamais.

Le coeur **serré**, l'esprit toujours **abattu** par le souvenir **déchirant** de la mort de la **meilleure** des mères, **je** voyais approcher le **premier** anniversaire du jour qui l'enleva à **ma** tendresse.

Vous aviez cru que Paris exercerait sur **moi** sa magie **ordinaire** : eh bien ! **je** l'ai revu avec indifférence, et il **me** devint **monotone** et presque **insurppotable**, à mesure que **ce triste** anniversaire approchait.

La secousse **cruelle** qui ébranla tout **mon** être moral **me** rend encore **incapable** d'apprécier comme **autrefois** la vie **intellectuelle** dont on jouit **dans cette** **moderne** Athènes. Il **me** fallait parcourir de **nouveaux** pays, y puiser de **nouvelles** impressions sous un horizon plus **vaste**, dans une atmosphère plus **libre**, et par conséquent plus **analogue** à **mes** goûts. Il **me** fallait enfin voir une terre **type** dont l'aspect **sérieux** et **grave** imposât à **mon** esprit par la richesse de sa nature, son passé **grandiose** et les mœurs encore **patriarcales** de son peuple. **Vous** ne douteriez point que ce fût pour la **vieille** et **poétique** Germanie, la **digne** patrie de Leibnitz et de Kant, que **je me** suis décidée. Mais, **me** proposant de faire un pèlerinage à la tombe de **mon vénérable** ami le **savant** et **bon** Duvernoy, j'ai préféré entrer en **Allemagne** par la **Belgique**, et en sortir par **Kehl**, afin d'aller de **Strasbourg** à **Montbeillard**, où il a voulu être enterré, et où sa **vertueuse** veuve m'attend pour retourner avec **moi** à Paris, **après** et non pas **avant mon** voyage d'Allemagne. **Je** sens que les émotions **de cette** visite **funèbre**,

BRUXELAS.**26 de agosto de 1856.**

Caro filho e irmãos de **meu** coração,
O **mês de agosto**, que **vocês** sabem ser **fatal** para **minha** felicidade pela tripla perda que marcou em **minha** existência, começou para **mim**, **este ano**, mais **triste** e **doloroso** do que nunca. O coração **apertado**, a alma sempre **abatida** pela lembrança **angustiante** da morte da **melhor** das mães, **eu** via se aproximar o **primeiro** aniversário do dia que a levou de **meu** carinho.

Vocês acreditaram que Paris exerceria sobre **mim** sua magia **ordinária**. Pois bem! **Eu** a reví com indiferença e ela se tornou para **mim** **monótona** e quase **insuportável** à medida que **esse triste** aniversário se aproximava.

O choque **cruel** que abalou **meu** ser moral ainda **me** torna **incapaz** de apreciar como **outrora** a vida **intelectual** a qual se desfrutava **nessa moderna** Atenas. Era-**me** preciso percorrer **novos** países, extrair deles **novas** impressões, sob um horizonte mais **vasto**, em uma atmosfera mais **livre** e, consequentemente, mais **análoga** a **meus** gostos. Era-**me** preciso, enfim, ver uma terra **modelo** cujo aspecto **sério** e **grave** se impusesse a **minha** alma pela riqueza de sua natureza, por seu passado **grandioso** e pelos costumes ainda **patriarcais** de seu povo. **Vocês** não duvidariam que foi pela **velha** e **poética** Alemanha, a **digna** pátria de Leibnitz e de Kant, que **eu me** decidi. Mas, propondo-**me** fazer uma peregrinação ao túmulo de **meu venerável** amigo, o **sábio** e **bom** Duvernoy, **eu** preferi entrar na **Alemanha** pela **Bélgica** e sair por **Kehl**, a fim de ir de **Estrasburgo** à **Montbeillard**, **onde** ele quis ser enterrado, e **onde** sua **virtuosa** viúva **me** espera para retornar **comigo** à **Paris**, somente **após minha** viagem à Alemanha. **Eu** sinto que as emoções **dessa** visita **funèbre**, misturadas às que **este triste mês me** faz sentir, teriam **me**

⁹⁶ Considerando que essas cartas foram escritas no século XIX, é possível encontrar, em algumas palavras, acentos ortográficos diferentes dos utilizados no francês atual. Ressaltamos que as transcrevemos conforme o original.

mêlées à celles que **ce triste mois** me fait éprouver, **m'**auraient rendue **incapable** d'aller plus loin.

Vers huit heures du matin, avant-hier 24 août, je fermai **ma** correspondance du Hâvre pour **vous**, et, confiant **ma** maison à **ma** domestique, **je** pris avec **ma** fille une voiture qui **nous** conduisit au **chemin de fer du Nord, Babylone de voyageurs** allant et venant dans toutes les directions de la France et de l'étranger.

Pendant que je payais **nos** billets et que **je** m'occupais de **nos** bagages, **tu** étais **là devant moi**, ô **mon fils bien-aimé, toi** qui **te** chargeais **autrefois de ces** soins quand j'avais le bonheur de voyager avec **mes** deux enfants ; **mon empressément** remplaçait le **tien**, qui **me** flattait si agréablement **quand je te** contemplais leste, **sérieux** et **actif** comme un **jeune homme du Nord**, et que j'espérais **de cette** activité des jours **meilleurs** pour **ta** mère !...

Le signal du départ **m'**arracha à **mes** pensées ; **nous nous** empressâmes de prendre **nos** places, et, **un instant après**, le convoi volait sur la route, **nous** laissant à peine le temps de contempler les sites qui se succédaient sous **nos** yeux, et **sans intérêt** encore pour **nous**.

Amiens, puis Arras, avec leurs souvenirs **historiques** : la première étalant ses canaux, ses fabriques, sa **belle** cathédrale ; et la seconde, le fantôme tout **vivant** encore de Robespierre, avaient déjà disparu derrière **nous**.

A **Valenciennes, nous nous** sommes arrêtées **plus longtemps** pour dîner, et mieux voir la **vieille ville** où Clovis III et Charlemagne tinrent, en 603 et 771, des assemblés générales.

La route de **Paris à Valenciennes me** parut **monotone** et **triste**, par l'effet sans doute de la disposition d'esprit où **je me** trouvais. L'image **adorée** de **ma** mère **me** suivait dans la vélocité de la **grande** vitesse, **quand je** parcourais de **nouveaux** pays, comme **partout dans le monde** ou dans le silence de **mon** appartement. Agenouillé, à **Paris, devant** son portrait, j'avais prié **quelques instants**, et **mes dernières** pensées furent

tornado **incapaz** de ir mais longe.

Por volta das oito horas da manhã, antes de ontem, 24 de agosto, eu fechei **minha** correspondência do **Havre** para **vocês** e, confiando **minha** casa à **minha** doméstica, **eu** peguei com **minha** filha um carro que **nos** conduziu ao **caminho de ferro do Norte, Babilônia de viajantes** indo e vindo de todas as direções da França e do exterior.

Enquanto eu pagava **nossas** passagens e cuidava de **nossas** bagagens, **tu** estavas **ali diante de mim**, oh **meu filho bem amado, tu** que **te** encarregavas **outrora desses** cuidados quando **eu** tinha a felicidade de viajar com **meus** dois filhos; **minha** vivacidade substituía a **tua**, que **me** encantava tão agradavelmente **quando eu te** contemplava **ágil, sério** e **ativo** como um jovem **do Norte**, e que **eu** esperava **dessa** atividade dias **melhores** para **tua** mãe!...

O sinal da partida **me** tirou de **meus** pensamentos. Apressamo-**nos** para pegar **nossos** assentos e, **um instante depois**, o comboio rolava **sobre a estrada**, deixando-**nos** apenas o tempo de contemplar os lugares que se sucediam sob **nossos** olhos, e ainda sem interesse para **nós**.

Amiens, **depois** Arras, com suas lembranças **históricas**: a primeira expondo seus canais, suas fábricas, sua **bela** catedral; e a segunda, o fantasma ainda **vivo** de Robespierre, já haviam desaparecido por trás de **nós**.

Em Valenciennes, paramos por mais tempo para jantar e ver melhor a **velha** cidade **onde** Clovis III e Carlos Magno faziam, em 603 e 771, assembleias gerais.

A estrada de **Paris à Valenciennes me** pareceu **monótona** e **triste**, pelo efeito, sem dúvida, da disposição de alma em que **eu me** encontrava. A imagem **adorada** de **minha** mãe **me** seguia na velocidade da **grande** rapidez, **quando eu** percorria **novos** países, como **em todo lugar no mundo** ou **no silêncio de meu apartamento**. Ajoelhada, em **Paris, diante** de seu retrato, **eu** orei por **alguns instantes**, e **meus últimos** pensamentos foram para ela e para **vocês!**

Minha oração foi **íntima** e **fervorosa**, e **eu** senti em **meu** coração que **minha** mãe aprovava **minha** viagem.

pour elle et pour **vous** !

Ma prière fut **intime** et **fervente**, et **je** sentis dans **mon** coeur que **ma** mère approuvait **mon** voyage. En descendant à **Valenciennes**, son ombre **m'**indiqua la cathédrale et **m'y** précéda.

Après avoir prié pour elle, **nous** allâmes voir l'hôtel de ville, les fortifications et la citadelle bâtie par Vauban.

La ville est fort **triste**, et le **mauvais** temps contribuait encore à la rendre telle à **mes** yeux.

Vers la frontière belge, la campagne change un peu d'aspect, et elle commençait à **me** plaire un peu plus.

A **peu de distance de Blanc-Misseron**, dernière station française à **soixante-douze lieues de Paris**, **nous** franchîmes **la limite qui sépare du sol français le territoire belge**.

Arrivées à **Quiévrain**, **première station belge**, **nous** avons été soumises aux **simples** formalités de la visite douanière. La physionomie de l'intérieur des maisons commence **ici** à se montrer **diverse** ; le poêle remplace en général la cheminée de France, et un **air de propreté** règne **partout**.

Comme en **Angleterre** et en **Portugal**, j'ai éprouvé des émotions **nouvelles en touchant le sol d'une autre nation que la France** ; j'ai, **vous** le savez, toujours **préféré cette nation** à toute autre que **la nôtre**.

Nous changeâmes de voiture pour prendre le convoi **belge**, dont les **premières** places sont aussi **belles** et aussi **commodes** que celles de France.

Les villes, les bourgs, les villages, les paysages, toute **cette nature** plus ou moins **belle** qui se déroulait **rapidement** à **mes** yeux, **me** rappelaient les moments **rapides** de **mon** bonheur, qui s'envolèrent, hélas ! quand **je** commençais à peine à les goûter ! Contemplant **ces scènes variées** des sites que **je** parcourais, **je m'**efforçais de plonger **mon** esprit dans leur passé **historique**, afin de faire diversion à la tristesse qui **me** rongeaient plus vivement le coeur le **25 août** ! **Là** se trouve Boussu, **joli** village, avec le château qui servit de séjour au jeune Louis XIV, en 1655, quand il dirigea le siège de

Descendo até **Valenciennes**, sua sombra **me** mostrou a catedral e **lá me** precedeu.

Após ter orado por ela, fomos ver a prefeitura, as fortificações e a cidadela construída por Vauban.

A cidade é muito **triste** e o **mau** tempo contribuiu ainda mais para torná-la assim a **meus** olhos.

Em direção à fronteira belga, o campo muda um pouco de aspecto, e ele começou a **me** agradar um pouco mais.

Não muito distante de Blanc-Misseron, última estação a **setenta e duas léguas de Paris**, **nós** atravessamos o **limite que separa do solo francês o território belga**.

Ao chegar à **Quiévrain**, **primeira estação belga**, **nós** fomos submetidas às **simples** formalidades da visita **alfandegária**. A fisionomia do interior das casas começa **aqui** a se mostrar **diversa**. O forno substitui, em geral, a chaminé da França e um ar de limpeza impera **em todo lugar**.

Como na **Inglaterra** e em **Portugal**, eu senti **novas** emoções **tocando o solo de outra nação além da França** Eu, **vocês** sabem, sempre *preferi esta nação* a qualquer outra depois da **nossa**.

Nós mudamos de carro para pegar o comboio **belga**, cujos **primeiros** lugares são tão **belos** e **cômodos** quanto os da França.

As cidades, os distritos, os vilarejos, as paisagens toda **essa natureza** mais ou menos **bela** que se desvelava **rapidamente** a **meus** olhos, lembrava- **me** os **rápidos** momentos de **minha** felicidade, que foram embora, aí de **mim** ! **Quando eu** começava apenas a prová-los!

Contemplando essas cenas variadas dos lugares que **eu** percorria, **eu me** esforçava para mergulhar **minha** alma em seu passado **histórico**, a fim de divertir a tristeza que **me** corroía mais vivamente o coração em **25 de agosto**!

Lá se encontra Boussu, **belo** vilarejo, com o castelo que serviu de estadia ao jovem Luís XIV, **em 1655**, **quando** ele dirigiu a sede Saint- Ghislain, que caiu em seu poder; **aqui**, Jemmapes, **orgulhosa** por suas **ricas** minas de carvão, e lembrando a **célebre** batalha que os franceses, comandados pelo general

Saint-Ghislain, qui tomba en son pouvoir ; **ici**, Jemmapes, **fière** de ses **riches** houillères, et rappelant la **célèbre** bataille que les Français, commandés par le général Dumouriez, gagnèrent sur l'armée **autrichienne** ; **partout**, à **ma droite** et à **ma gauche**, se succédaient des sites **intéressants** **me** déroulant une page des temps **passés**.

Le **beau** canal de Charleroi, aux rives **verdoyantes**, et qui sert à faciliter le **grand** commerce de houillères que **ces lieux** renferment ; le sol bien **cultivé**, les **gras** pâturages remplis de bétail, qui attestent l'industrie et l'abondance, tout cela passait sous **mes** yeux sans fixer suffisamment **mon** attention.

Aujourd'hui, **mes chers amis**, **je** vous trace **ces lignes de Bruxelles**, où **je** suis descendue avec **ma** fille, **vers cinq heures**, à l'**embarcadère du midi**. Une **petite** voiture que l'on nomme **ici** **vigilante** nous conduisit à l'**hôtel de Russie**, où nous nous trouvions installés dans une **belle** et **confortable** chambre.

Le **25 août** est donc passé ! et **je** sens **maintenant** qu'en se laissant étourdir par le sifflement **criard** de la vapeur dans la **grande** vitesse, et par les **petits** embarras de bagage, en descendant **ça** et **là** dans **ces diverses stations** pour parcourir à la hâte une ville, un village **différent**, on peut mieux braver cette légion de **tristes** souvenirs qui fondent plus cruellement sur **notre** coeur, à l'anniversaire de la mort d'un être **adoré** !

Je me sens **fatiguée**, et beaucoup ! mais **cette fatigue** **m'**est salutaire.

C'est au dépens du physique que le moral ressuscitera peut-être chez **moi**. **Le corps** est resté **inerte longtemps**, pendant les **combats de l'esprit** et les **paroxysmes du coeur** ! Il faut qu'il s'agite et beaucoup **maintenant** pour voir s'il pourra restaurer **ces deux puissances** si profondément **ébranlées** chez **moi** ! Réussira-t-il ? nous le verrons. Du moins **vous** apprendrez les efforts de **ma** volonté pour **vous** conserver une existence qui **vous** est **chère**. Aidez-**moi** cependant de **vos** paroles d'amour que

Dumouriez, ganharam sobre a armada **austriaca**. **Por todos os lados**, em **minha direita** e em **minha esquerda**, sucediam-se lugares interessantes **me** estendendo uma página dos tempos **passados**.

O **belo** canal de Charleroi, de margens **verdejantes**, e que serve para facilitar o **grande** comércio de minas carvão que **esses lugares** compreendem; o solo bem **cultivado**, os **grandes** pastos repletos de gado, que atestam a indústria e a abundância, tudo isso passava sob **meus** olhos sem prender suficientemente **minha** atenção.

Hoje, **meus caros** amigos, **eu** traço **estas linhas de Bruxelas para vocês**, onde desci com **minha** filha, **por volta das cinco horas**, ao **cais do meio-dia**.

Um **pequeno** carro que nomeiam **aqui** **vigilante** nos conduziu ao **hotel da Rússia**, onde nos encontrávamos instaladas em um quarto **belo** e **confortável**.

O **dia 25 de agosto**, portanto, passou! E eu sinto **agora** que, ao se deixar incomodar pelo silvo **estridente** do vapor da **grande** velocidade e pelos **pequenos** embaraços com a bagagem, descendo **aqui** e **ali** **nessas diversas estações** para percorrer rapidamente uma cidade, um vilarejo **diferente**, pode-se encarar melhor **esta** **legião** de **tristes** lembranças que fundam mais cruelmente sobre **nosso** coração, no aniversário de morte de um ser **adorado**!

Eu me sinto **cansada**, e muito! Mas **esse cansaço** **me** é salutar.

É à custa do físico que, talvez, o moral ressuscitará em **mim**. O corpo ficou **inerte** **por muito tempo**, durante os **combates da alma** e os **paroxismos do coração**! É preciso que se agite e muito **agora** para ver se ele poderá restaurar **essas duas forças** tão profundamente **abaladas** em **mim**! Ele conseguirá? Vê-lo-emos. Ao menos **vocês** saberão dos esforços de **minha** vontade para conservar uma existência que **lhes** é **cara**. Ajudem-**me**, contudo, com **suas** palavras de amor que o futuro justificará cada vez mais, sem o quê **esses esforços** só seriam o magnetismo que faz agir o **sonâmbulo**, ou antes, a **febril** e **misteriosa** força que faz andar o moribundo já à beira do túmulo!

l'avenir justifiera de plus en plus, sans quoi **ces efforts** ne seraient que le magnétisme qui fait agir **la somnambule**, ou plutôt la **fiévreuse** et **mystérieuse** puissance qui marcher le mourant déjà au bord de la tombe ! Oui, **vous** le savez, malgré les coups du sort qui **m'**ont cruellement frappée, **ma** pensée se retourne sans cesse vers **cette trinité** si loin, hélas ! de **moi**, a fin d'y puiser des espérances dont **mon** coeur a **grand** besoin pour accomplir **ma dernière** tâche sur la terre !

Mais c'est de Bruxelles que **je** veux **vous** entretenir **maintenant**.

Nous n'avons pu juger **cette ville** d'après la partie que **nous** avions parcouru **de l'embarcadère ici** : **cette partie** est **peu propre** ; elle est habitée par le commerce de la ville **basse**. Ainsi, si **nous** avions continué **notre** route en la traversant d'un embarcadère à l'autre, **nous** n'aurions pas connu ce qu'il y a de **plus beau** et de **plus remarquable** à **Bruxelles**.

Cette ville, coquettement parée de tout autour de **gracieux** boulevards et de **beaux** édifices, est bâtie **en partie sur une colline élevée**, et **partie dans une riche prairie traversée par plusieurs bras de la Senne**, rivière **petite** en comparaison des **nôtres**.

Je n'ai pas le loisir de **vous** faire l'histoire de Bruxelles, dont **vous** n'avez du reste besoin, ni des villes que **je** vais parcourir ; **je** vous indiquerai seulement ce qui attirera le plus **mon** attention, et **vous** communiquerez, **la nuit**, **mes** impressions du jour.

La propreté des rues de Bruxelles et de l'extérieur des maisons **me** prévint en sa faveur, **aussitôt que nous** eûmes parcouru une partie de la ville **supérieur** principalement ; ses rues sont **régulières** ; elles sont ornées de **riches** magasins, de **jolies** maisons et de **beaux** hôtels. Les places **publiques**, les promenades remplies de monde, dont une partie déploie beaucoup de luxe et d'élégance, présentent la physionomie d'une **véritable** capitale d'Europe.

Nous avons employé une partie **de cette journée** à visiter les musées de tableaux et

Sim, **vous** savez, apesar das adversidades que **me** atingiram cruelmente, **meu** pensamento se volta sem cessar a **essa trindade** tão distante, ai de **mim**, a fim de extrair dela esperanças cujo **meu** coração precisa muito para cumprir **minha última** tarefa sobre a terra!

Mas é de Bruxelas que **eu** quero entreter **vous** **agora**.

Não pudemos julgar **esta cidade** com base na parte que havíamos percorrido, **do cais até aqui**: **esta parte** é **pouco limpa**; ela é habitada pelo comércio da cidade **baixa**. Assim, se tivéssemos seguido **nosso** caminho atravessando-a de um cais a outro, não teríamos conhecido o que há de **mais belo** e **mais notável** em **Bruxelas**.

Esta cidade, garridamente adornada por todos os lados de **graciosas** avenidas e **belos** edifícios, é construída, **parte sobre uma colina elevada**, **parte em um rico prado atravessado pelos vários braços do Sena**, rio **pequeno** em comparação aos **nosso**.

Não sinto prazer em **lhes** contar a história de Bruxelles, a qual **vous** não precisam saber o restante, nem das cidades que vou percorrer; **eu** **lhes** indicarei somente o que **me** chamar a atenção e **lhes** comunicarei, **à noite**, **minhas** impressões do dia.

A limpeza das ruas de Bruxelles e do exterior das casas **me** preveniu a seu favor, principalmente **no momento em que** percorremos uma parte da cidade **superior**; suas ruas são **regulares**, ornadas por **ricas** lojas, **belas** casas e **belos** hotéis. As praças **públicas**, os passeios repletos de gente, revelam muito luxo e elegância, e apresentam a fisionomia de uma **verdadeira** capital da Europa. Utilizamos uma parte **deste dia** para visitar os museus de quadros e de história **natural**, assim como o palácio de justiça. **Os primeiros** se encontram no palácio das Belas-Artes, geralmente conhecido pelo nome de *Museu*. Ele está localizado **ao lado de** um palácio utilizado nas exposições de produtos da indústria **nacional**. **Neste momento**, está acontecendo uma **muito importante**.

O vestibulo por **onde** se entra no palácio das Belas-Artes é em forma de rotunda, e uma

d'histoire **naturelle**, ainsi que le palais de justice. **Les premiers** se trouvent au palais des Beaux-Arts, plus généralement connu sous le nom de *Musée*. Il est placé à **côté d'un** palais qui sert aux expositions des produits de l'industrie **nationale**. **Dans ce moment**, il y en a une **très-importante**. Le vestibule par **où** l'on pénètre dans le palais des Beaux-Arts, est en forme de rotonde, et une statue **remarquable** d'Hercule se trouve placée au pied du grand escalier.

Les cabinets de physique et les **riches** collections d'histoire **naturelle** sont d'une **grande importance**, ainsi que les tableaux et les sculptures. Plusieurs **de ces tableaux** appartiennent à la **première** époque de l'art **flamand**, Mabuse, Bernard Van-Orley, Michel Coxie, Rubens, Van-Dyck, et les Hollandais Rembrandt, Gérard Dow, etc., **y** sont représentés par de **beaux** échantillons de leur art. Le palais de l'industrie renferme une **riche** collection de modèles de tout genre, machine et instruments. **Un des côtés** est occupé par la bibliothèque royale, qui possède, **m'a-t-on** dit, 200,000 volumes imprimés, et presque autant de manuscrits : **ces derniers** ont subi, comme toutes choses en Europe, les changements des vainqueurs, **depuis** le maréchal de Saxe et Dumouriez, **jusqu'à** Napoléon I^{er}, qui en restitua une partie. On **y** trouve encore quelques livres bien **précieux**, tels que l'exemplaire de la *Cyropédie* de Xénophon, que le duc de Bourgogne, Charles le Téméraire, perdit à la bataille de Nancy ; les albums de musique de Marguerite d'Autriche, tante du **grand** empereur Charles- Quint, et l'**admirable** missel de Mathias Corvin. Un manteau orné de plumes, qui, dit-on, a appartenu à Montézuma, empereur du Mexique, **y** est encore conservé dans une salle **particulière**, ainsi que le berceau de Charles-Quit, et deux chevaux **empaillés**, que l'archiduc Albert et l'archiduchesse Isabelle montèrent au siège d'Ostende en **1602**.

Le palais de justice est d'un aspect **sombre**, mais sa façade intéresse **quand** on se rappelle qu'elle a été calquée sur celle de l'**ancien** temple **romain** d'Agrippa. L'hôtel de ville attire le plus **notre** attention.

notável estátua de Hércules se encontra localizada **ao pé da grande escada**.

Os laboratórios de física e as **ricas** coleções de história **natural** são de **grande importância**, assim como os quadros e as esculturas. Vários **desses quadros** pertencem à **primeira** época da arte **flamenga**: Mabuse, Bernard Van-Orley, Michel Coxie, Rubens, Van-Dyck e os holandeses Rembrandt, Gérard Dow, etc. estão **aqui** representados por **belas** amostras de sua arte. O palácio da Indústria compreende uma **rica** coleção de modelos de todo gênero, máquinas e instrumentos. **Um dos lados** é ocupado pela biblioteca **real**, que possui, disseram-**me**, 200.000 volumes impressos e quase a mesma quantidade de manuscritos: **estes últimos** sofreram, como todas as coisas na Europa, as mudanças dos vencedores, **desde** o marechal de Saxe e Dumouriez, **até** Napoleão I, que restaurou parte deles. **Lá**, encontram-se ainda alguns livros bem **preciosos**, como o exemplar da *Ciropédia* de Xenofonte, que o duque da Borgonha, Carlos o Temerário, perdeu na batalha de Nancy; os álbuns de música de Margarida da Áustria, tia do **grande** imperador Carlos V, e o **admirável** missal de Mathias Corvin. Um manto ornado de plumas que, dizem, pertenceu a Montezuma, imperador do México, ainda é conservado **lá** em uma sala **particular**, assim como o berço de Carlos V e dois cavalos **empalhados**, que o arquiduque Alberto e a arquiduquesa Isabel montaram na sede de Ostende em **1602**.

O palácio de justiça é de um aspecto **sombrio**, mas sua fachada interessa **quando** lembramos que ela foi calcada **sobre a do antigo templo romano de Agripa**.

O hotel da cidade foi o que mais chamou **nossa** atenção. É um **velho** edifício oferecendo ainda, apesar das devastações que ele sofreu, uma parte de sua **antiga** magnificência. Entre suas salas **suntuosas**, a **graciosa** mulher que as mostrava para **nós**, fez-**nos** remarcar a que os **antigos** estados de Brabante mantinham suas assembleias. Ela se distingue por sua riqueza e suas lembranças **históricas**. Mostraram-**nos** as

<p>C'est un vieil édifice offrant encore, malgré les dévastations qu'il a subies, une partie de son ancienne magnificence. Parmi ses salles somptueuses, la gracieuse femme qui nous les montrait nous fit remarquer celle où les anciens états de Brabant tenaient leurs assemblées. Elle se distingue par sa richesse et ses souvenirs historiques. On nous montra les clefs dorées qui furent présentées à Napoléon lors de son entrée à Bruxelles, et dont la vue suscitera à tout voyageur philosophe des idées sérieuses sur le néant de la grandeur humaine !</p> <p>La flèche qui surmonte cet hôtel de ville est d'une grande beauté ; la tour est ce qu'il y a de plus intéressant et d'inimitable peut-être ; mais le temps me manque pour vous en faire la description. En face de l'hôtel de ville, se trouve un vaste édifice, nommé la <i>Halle au pain</i>, et plus vulgairement <i>Maison du roi</i>. Ce fût là, m'a-t-on dit, dans une petite salle, que les comtes de Horn et d'Egmont passèrent la nuit qui précéda le supplice auquel les avait fait condamner le duc d'Albe, ce farouche ministre de Philippe II.</p>	<p>chaves douradas que foram apresentadas a Napoleão durante sua entrada em Bruxelas, e cuja visão suscitará em todo viajante filósofo sérias ideias sobre o vazio da grandeza humana!</p> <p>O pináculo que ultrapassa esse hotel da cidade é de uma grande beleza; a torre é o que há de mais interessante e de inimitável, talvez, mas me falta tempo para descrevê-la a vocês. Diante do hotel da cidade, encontra-se um amplo edifício, nomeado o <i>Halle au pain</i>, e mais vulgarmente <i>Casa do rei</i>. Foi lá, disseram-me, em uma pequena sala, que os condes de Horn e Egmont passaram a noite que precedeu o suplício ao qual os tinha feito condenar o duque de Alba, o feroz ministro de Felipe II.</p>
--	--

(FLORESTA, 1857, p. 1-11).

Carta II

<p style="text-align: center;">28 août, à près de minuit.</p> <p>Les excursions de cette journée furent nombreuses, une, entre autres, plus longue, celle au vaste cimetière de l'armée impériale : Waterloo, d'où je suis revenue tout émue encore par les pensées que son aspect m'a suggérées !...</p> <p>Le temps s'étant remis, nous sommes sorties ce matin pour visiter ce qu'il y avait encore de curieux à Bruxelles, avant de le quitter pour aller à Waterloo.</p> <p>Nous descendîmes d'abord au palais de la Nation, situé tout près de la résidence du roi dans la ville, édifice d'une belle simplicité extérieure, ainsi que celui du prince royal. Ce palais est beau et très vaste ; deux larges escaliers en marbre rouge conduisent, l'un à la salle du sénat, l'autre à celle des représentants. Ces salles sont d'une élégante simplicité et dénuées d'ornements. Celles des représentants est en forme</p>	<p style="text-align: center;">28 de agosto, por volta de meia noite.</p> <p>As excursões deste dia foram numerosas, uma, entre outras, mais longa, a do vasto cemitério da armada imperial: Waterloo, de onde eu retornei ainda completamente emocionada pelos pensamentos que seu aspecto me sugeriu!...</p> <p>O tempo melhorando, nós saímos esta manhã para visitar o que havia ainda de curioso em Bruxelas, antes de deixá-la para ir à Waterloo. Nós fomos, primeiramente, ao palácio da Nação, situado próximo à residência do rei na cidade, edifício de uma bela simplicidade exterior, assim como a do príncipe real. Esse palácio é belo e muito amplo; duas escadas largas em mármore vermelho conduzem, uma à sala do senado, a outra à dos representantes. Essas salas são de uma elegante simplicidade e desprovidas de ornamentos. As salas dos representantes são</p>
---	---

d'amphithéâtre, et entourée de collones **derrière lesquelles** se trouvent les tribunes des spectateurs. Moins **riche** et moins **vaste** que celle de Paris, cette salle est pourtant bien **disposée** et simplement **belle**. Les bancs où siègent les représentants font face au fauteuil du président et à la tribune des orateurs. Ce palais contient d'autres salles, renfermant des tableaux de **grands** peintres flamands. Les **beaux** portraits du roi, de ses enfants, et de la reine que l'on pleure encore **ici**, en ornent quelques-unes. Les marbres de carrare et de Belgique embellissent ce palais. En sortant de **là**, nous visitâmes la place des Martyrs, où se trouve un **beau** monument élevé sur la fosse qui reçut les restes des patriotes morts dans la révolution de septembre. Puis **nous** passâmes sur la **place du Congrès**, où se trouve la Colonne de la constitution belge, et **nous nous** arrêtàmes un peu sur la **place Vésale**, pour contempler à l'aise la statue du **célèbre** anatomiste dont elle porte le nom. A la vue de la statue de ce médecin, rempli d'humanité pour les blessés de cette bataille qu'on rappelle encore si vivement **ici**, tu te présentes à **mon** esprit, ô **cher** Henri, quittant au milieu des nuits orageuses ta couche où, fatigué, **tu** commençais à peine à goûter un **léger** repos, et accourant près des **pauvres** malades qui réclamaient **tes** soins. En proie aux **horribles** souffrances de cette épidémie qui ravagea **si longtemps notre beau** pays, ces malades étaient certains de trouver chez **toi** la charité, quand ils n'avaient pas d'argent pour en acheter chez bien d'autres ! – **Ton excellent** coeur, **t'**entraînait souvent, malgré ta **faible** santé, près du lit **délabré** du **vieux** père, de l'enfant, de la mère **désolé**, dont les bénédictions étaient parfois **ta seule** et **ta plus agréable** récompense. Combien de fois ai-je **admiré** en silence, pour ne point blesser ton **extrême** modestie, en **pareilles** occasions, ton dévouement **sublime**, ton **noble** désintéressement, **véritable** apanage du médecin qui sait bien comprendre sa **grande** et **sainte** mission sur la terre ! Si tu étais trouvé dans les **mêmes** conditions que Vésale, un hommage **pareil** te serait rendu par un peuple **appréциateur** du **vrai**

em forma de anfiteatro e cercadas de colunas **atrás das quais** se encontram as tribunas dos espectadores. Menos **rica** e menos **ampla** que as de Paris, essa sala é, entretanto, bem **arrumada** e simplesmente **bela**. Os bancos **onde** se reúnem os representantes situam-se **diante da poltrona do presidente e da tribuna dos oradores**. Esse palácio contém outras salas, incluindo quadros de **grandes** pintores flamengos. Os **belos** retratos do rei, de seus filhos e da rainha que ainda choram **aqui**, ornam algumas salas. Os mármore de carrara e da Bélgica embelezam esse palácio. Saindo de **lá**, visitamos **praça dos Mártires**, **onde** se encontra um **belo** monumento **elevado sobre o fosso que recebeu os restos mortais dos patriotas na revolução de setembro**. **Depois**, passamos pela **praça do Congresso**, **onde** se encontra a Coluna da constituição belga, e paramos um pouco na **praça Vésale** para contemplar, à vontade, a estátua do **famoso** anatomista de quem ela tem o nome. **Ao ver a estátua desse médico**, cheio de humanidade pelos feridos dessa batalha ainda tão viva **aqui**, **tu te** apresentaste em **minha** mente, oh **caro** Henrique, deixando em meio a noites **tempestuosas tua** cama, **onde**, **cansado**, **tu** começavas apenas a sentir um **leve** repouso, para socorrer **pobres** doentes que reclamavam **teus** cuidados. Em prol dos **horríveis** sofrimentos dessa epidemia que devastou **por tanto tempo nosso belo** país, esses doentes estavam **certos** de encontrar em **ti** a caridade, quando eles não tinham dinheiro para encontrá-la em outros! – **Teu excelente** coração **te** detinha, apesar de **tu frágil** saúde, **próximo ao leito esfarrapado** do **velho** pai, do filho, da mãe **desolada**, cujas bênçãos eram, às vezes, **tua única** e **mais agradável** recompensa. Quantas vezes eu admirei em silêncio, para não ofender **tua extrema** modéstia, em ocasiões **semelhantes**, **tua** devoção **sublime**, teu **nobre** desinteresse, **verdadeiro** apanágio do médico que sabe compreender sua **grande** e **santa** missão **sobre a terra** ! Se **tu** tivesses encontrado nas **mesmas** condições de Vésale, uma homenagem

mérite. Mais tu as plus d'une statue dans les coeurs de ceux qui connaissent ta valeur **réelle**, et les bénédictions des **pauvres** infirmes que tu soulages par ta science sans pédantisme et par tes soins **dévoués**, suffisent à ton ambition. Reçois **mes** hommages **de Bruxelles**, car, **ici** comme **partout**, **je** garderai toujours dans le sanctuaire de **mon** coeur le souvenir de tes **belles** actions et de tes **rare**s vertus.

La **même** voiture que **j'**avais prise le **matin** **nous** conduisit à **Waterloo**, **où** **nous** arrivâmes **vers trois heures**. **Après** avoir commandé **notre** dîner à une auberge **où** les voyageurs ont l'habitude de descendre, **nous** **nous** sommes fait conduire par la **même** voiture **jusqu'à la plaine immense**, à quelques pas de la montagne **artificielle** au sommet de laquelle est placé le **formidable** lion en **fonte** de fer, dont la patte **droite** s'appuie fièrement sur un globe ; il regarde la France du haut de son piédestal.

Ce fut après cette difficile ascension que **mon** esprit, **jusqu-là indifférent** à l'aspect de la **plus riante** nature, **là** où **j'**avais cru trouver quelque chose de **grave**, de **solennel** et de **triste** même, qui **me** parlât éloquentement de la **plus grande** catastrophe **moderne**, ce fut là, dis-je, que **mon** esprit se réveilla tout entier pour se livrer un instant à la contemplation de ce site **remarquable** dont la vue **m'**inspira les **plus profondes** réflexions.

J'étais **là** sur ce théâtre **où** l'Europe joua le **plus sanglant** des drames !!! La **plus monstrueuse** ambition, la puissance la **plus fière** et la **plus redoutable**, fut sur ces lieux **terrassée, anéantie** !.....

Du haut de ce sommet, **nous** dominions la **vaste** plaine **verdoyante** qui se perd à l'oeil, et, **tout près de nous**, les deux monuments **historiques** ; **plus loin**, les fermes de Saint-Jean, de Caillou, **où** le **grand** guerrier avait son quartier général, et **d'où** sortirent, pour être **écrasés**, les **derniers** efforts de cette **colossale** création qui se nomma empire ; et **je me** suis écriée avec le poète **brésilien** : Waterloo ! Waterloo ! lição sublime, Este nome revela a humanidade !

Là **où** reposent tant de milliers d'hommes,

parecida teria sido feita para **ti** por um povo **apreciador do verdadeiro** mérito. Mas tu tens mais de uma estátua nos corações dos que conhecem **teu real** valor e as bênçãos dos **pobres** enfermos que **tu** curas através de **tua** ciência sem pedantismo e de **teus** cuidados **altruístas**, são suficientes para **tua** ambição. Recebe **minhas** homenagens **de Bruxelas**, pois, **aqui**, como **em todo lugar**, **eu** sempre guardarei no santuário do **meu** coração a lembrança de **tuas belas** ações e de **tuas raras** virtudes.

O **mesmo** carro que **eu** havia pegado pela **manhã** **nos** conduziu à **Waterloo**, **onde** chegamos **por volta das três horas**. **Após** ter pedido **nosso** jantar em um albergue **onde** os viajantes têm o hábito de descer, fizemo-**nos** conduzir pelo **mesmo** carro **até a imensa planície**, a alguns passos da montanha **artificial no topo** da qual está situado o **formidável** leão de ferro **fundido**, cuja pata **direita** se apoia orgulhosamente sobre um globo. Ele olha a França **do alto de seu pedestal**.

Foi **após** essa **difícil** ascensão que **minha** alma, **até aqui indiferente** ao aspecto da **mais alegre** natureza, **lá** **onde eu** acreditei encontrar algo **grave**, **solene** e até mesmo **triste**, que **me** falou eloquentemente da **maior** catástrofe **moderna**, foi **lá**, **eu** digo, que **minha** alma despertou inteiramente para se entregar **um instante** a contemplação deste lugar **notável** cuja vista **me** inspirou as **mais profundas** reflexões.

Eu estava **lá**, **sobre esse teatro** **onde** a Europa desempenhou o **mais sangrento** dos dramas!!! A **mais monstruosa** ambição, o poder **mais orgulhoso** e **mais horrível**, foi **sobre esses lugares abatido, destruído**!..... **Do alto desse cume**, **nós** dominávamos a **vasta** planície **verdejante** que se perde de vista, e, **bem perto de nós**, os dois monumentos **históricos**. **Mais longe**, as fazendas de São João, de Caillou, **onde** o **grande** guerreiro tinha seu quartel general, e **de onde** saíram, para serem **derrotados**, os **últimos** esforços dessa **colossal** criação que se nomeou império, e **eu** gritei com o poeta brasileiro:

Waterloo ! Waterloo ! lição sublime, Este

croissent **maintenant** le blé et d'autres végétaux nourriciers de l'humanité, et les chevaux qui, traînant la charrue, foulent du pied la terre qui couvre un époux, un père, un frère, un fils **adoré** ! Épouses, filles, soeurs, mères **malheureuses** qui avez tant pleuré ceux qui vous a enlevés la **funeste** journée de Waterloo, un être **sensible** et **souffrant**, chez qui tout ces quatres sentiments se confondent, répand **ici** une larme pour vous ! **Mon** fils ! **mes** frères ! **ma** soeur ! et **ma** nièce ! cette larme fut précédée d'une autre plus **intime** pour vous ! pour vous, vers qui **mon** esprit et **mon** coeur volent avec **ma** pensée **du sommet de cette butte où**, malgré la forte brise qui y souffle, j'ai pu tenir une feuille de papier pour vous écrire un adieu arraché du fond de l'âme, comme celui que **je** fis en quittant **vos** bras au moment **suprême** de **notre** séparation !... **Nous** écrivîmes **votre** nom sur le piédestal du lion, et cueillîmes quelques fleurs **sauvages avant de descendre. Au bas de cette montagne**, de **jeunes** filles paysannes **nous** attendaient pour **nous** vendre des souvenirs, tels que le panorama du pays, des aigles, des balles **françaises** et des balles **anglaises** trouvées, disaient-elles, **dans les champs de Waterloo** ; elles avaient aussi des albums de gravures représentant les monuments, les fermes et les endroits les plus remarquables du champ de la **célèbre** bataille.

Ces **jeunes** filles **nous** ont suivies quelque temps avec la même ténacité que les marchands de ce genre le font à Paris, essayant par des prières de nous faire acheter ces souvenirs, qui en général ont été fabriqués pour être échangés contre l'argent de l'étranger. **Nous** reprîmes **notre** voiture, et, **après** avoir dîné à **l'auberge**, **nous** retournâmes à **Bruxelles**, en côtoyant de nouveau ce qui reste de la **belle** forêt des Soignes.

Bruxelles renferme, entre autres promenades, la **belle** promenade du parc, qui, après le jardin Zoologique, est celle que **je** préfère. Ses **belles** allées **ombragées**, ses **diverses** statues, son pavillon **où** on entend **tous les soirs** de la **bonne** musique, tout y

nome revela a humanidade!

Lá onde repousam milhares de homens, crescem **hoje** o trigo e outros vegetais que alimentam a humanidade e os cavalos que, arrastando a carroça, pisam na terra que cobre um esposo, um pai, um irmão, um filho **adorado!**

Esposas, filhas, irmãs, mães **infelizes** que tanto choraram os que **lhes** levou o **funesto** dia de Waterloo, um ser **sensível** e **sofredor**, em quem todos esses quatro sentimentos se confundem, derrama **aqui** uma lágrima para **vocês!** **Meu** filho! **Meus** irmãos! **Minha** irmã! **Minha** sobrinha! Essa lágrima foi precedida de uma outra **mais íntima** para **vocês!** Para **vocês, em direção a quem minha** alma e **meu** coração voam com **meu** pensamento **do alto deste morro onde**, apesar da forte brisa que sopra, **eu** pude segurar uma folha de papel para **lhes** escrever um adeus arrancado do fundo da alma, como o que **eu** fiz deixando vossos braços no momento **supremo** de **nossa** separação!...

Nós escrevemos os nomes de **vocês** sobre o pedestal do leão e colhemos algumas flores **selvagens antes de descer. Embaixo desta motanha, jovens** camponesas **nos** esperavam para **nos** vender lembranças, como o panorama do país, águias, balas **francesas** e balas **inglesas** encontradas, diziam elas, nos campos de Waterloo. Elas também tinham álbuns de gravuras representando os monumentos, as fazendas e os lugares **mais notáveis** do campo da **célèbre** batalha.

Essas jovens **nos** seguiram **algum tempo** com a **mesma** tenacidade que os vendedores desse tipo fazem em Paris, tentando por meio de súplicas, fazer-**nos** comprar essas lembranças, que, em geral, foram fabricadas para serem trocadas pelo dinheiro do estrangeiro. Pegamos novamente **nosso** carro e, **após** ter jantado **no albergue**, retornamos a **Bruxelas**, ladeando novamente o que resta da **bela** floresta de Soignes.

Bruxelas possui, entre outros passeios, o **belo** passeio do parque, que, depois do jardim Zoológico, é o que **eu** prefiro. Suas

offre une récréation fort **agréable** au centre même de la ville. Les rues **environnantes** sont de **toute beauté**, surtout la rue Royale. Parmi les constructions **remarquables** de Bruxelles, **j'ai admiré** le passage de Saint-Hubert ; il est **plus élevé** et **beaucoup plus beau** que tous les passages du **séduisant** Paris : les magasins **y** sont presque aussi **élégants**. Le théâtre royal, **bel** édifice élevé sur la place de la Monnaie, est **en ce moment** en réparation, par suite de l'incendie qui l'avait détruit ; pour le visiter, **je** dus avoir recours à l'administrateur, homme **très-poli** et **très-complaisant**, qui **me** délivra une permission par écrit. La décoration du théâtre **me** parut d'une **grande** magnificence.

Je remarquai aussi à **Bruxelles** le marché aux fleurs ; il est couvert, et **me** plut infiniment. **Nous** avons visité aussi une des **premières** fabriques de dentelles **très-intéressante** à voir : on **y** trouve de **pauvres** femmes qui se livrent à un travail **extrêmement appliqué** : leur vue se fatigue et s'altère pour le gain d'une **faible** somme, tandis que le produit de leur travail ne sert qu'à exciter la coquetterie, à augmenter le luxe **frivole** des femmes du monde... Cette pensée **me** serra le coeur ! **Je me suis arrêtée près d'un des groupes travaillant** à l'application avec une adresse et une perfection **extrêmes**, **lorsque** la vue d'une femme déjà âgée attira **mon** attention et **me** transporta par la pensée **au coin d'une fenêtre bien connue** de vous tous, **où** celle que **je** pleure encore aimait à travailler aussi la dentelle... Quoique plus **grossier** sans doute, ce travail, qu'elle **me** destinait, **m'**était bien **cher** ! Les bobines que ses doigts **septuagénaires** ont touchées **m'**ont accompagnées **en Europe**, c'est une relique d'une mère **adorée** : l'amour du travail fut une de ses **premières** et de ses **dernières** vertus sur la terre ; il faisait un charme de plus à sa vie **pure** et **chaste**.

Je voudrais rester quelques jours de plus à Bruxelles ; mais **demain** c'est **le 29 août**, **je** le passerai moins mal en chemin de fer ; la nouveauté des sites **me** distraira.

Demain donc **je** quitterai **Bruxelles** pour

belas veredas **sombreadas**, suas **diversas** estátuas, seu pavilhão **onde** se ouve **todas as noites** uma **boa** música, tudo **aqui** oferece uma recreação bem **agradável** no próprio centro da cidade. As ruas **circundantes** são **belíssimas**, sobretudo a Rua Real. Entre as construções **notáveis** de Bruxelas **eu** admirei a passagem de Saint-Hubert, ela é **mais elevada** e **muito mais bonita** que as passagens da **sedutora** Paris. As lojas **aqui** são quase tão **elegantes**. O teatro real, **belo** edifício **elevado sobre a praça da Moeda**, está, **neste momento**, em reparação devido ao incêndio que o havia destruído. Para visitá-lo, **eu** tive que recorrer ao administrador, homem **muito educado** e **muito prestativo**, que **me** entregou uma permissão por escrito. A decoração do teatro **me** pareceu de uma **grande** magnificência. **Eu** observei **em Bruxelas** o mercado de flores; ele é coberto e **me** agradou infinitamente. **Nós** visitamos também uma das **primeiras** fábricas de renda, **muito interessante** de se ver. Encontram-se **lá pobres** mulheres que se entregam a um trabalho **extremamente aplicado**: a face delas se cansa e se altera pelo ganho de uma **baixa** quantia, enquanto o produto do seu trabalho serve apenas para excitar o flerte e aumentar o luxo **frívolo** das mulheres do mundo... Esse pensamento **me** partiu o coração! **Eu** parei **próximo a um dos grupos trabalhando** na aplicação com uma habilidade e uma perfeição **extremas**, **quando** a visão de uma mulher já **idosa** chamou **minha** atenção e **me** transportou pelo pensamento **ao canto de uma janela bem conhecida** por todos **vocês**, **onde** aquela que **eu** ainda choro também amava trabalhar com renda... Um pouco mais grosseiramente, sem dúvida, esse trabalho que ela **me** destinava era-**me** bem **caro**! As bobinas que seus dedos **setuagenários** tocaram, acompanharam-**me à Europa**, são uma relíquia de uma mãe **adorada**. O amor pelo trabalho foi uma de suas **primeiras** e **últimas** virtudes **sobre a terra**; ele trazia um charme a mais para sua vida **pura** e **casta**. **Eu** queria permanecer alguns dias a mais em Bruxelas, mas **amanhã é 29 de agosto**, **eu** o

aller à **Louvain**, et de là à **Liège**.

passarei menos mal no caminho de ferro. A novidade dos lugares **me** distrairá.
Amanhã, portanto, **eu** deixarei **Bruxelas** para ir à **Louvain**, e de lá à **Liège**.

(FLORESTA, 1857, p. 20-7. Grifos nossos).

Carta III

Liège.

29 août, 9 heures du soir.
En face de la Meuse, où se trouve l'hôtel des étrangers, dans lequel **j'**occupe une chambre, **je** regarde au loin les **verdoyantes** collines qui **me** rappellent celle de Porto-Alegre, et **je** pense à toi, ô **mon** Auguste ; **je** pleure sur **ce fatal 29**, qui te ravit si prématurément au monde et à **mon** bonheur !

Les sons de la musique **mélodieuse** qu'on exécute **en ce moment dans l'enceinte de l'Exposition** que **nous** venons de visiter, portent dans **mon** âme un surcroît plus intense de la mélancolie qui **me** dévore en silence ! et **ma** pensée, franchissant les mers et l'espace, va se reposer chargée de profonde **saudade sur ta tombe au haut de la colline** baignée par le **majestueux** Jacuy ! Quel espace de temps passé dans le travail et dans les larmes ! Quelles vicissitudes **étranges** et quelle **étrange** destinée, bravées avec constance et courage **depuis tant d'années** ! Prosternée **sur la dalle de la gothique et de la plus ancienne église de Liège**, Saint-Jacques (ce fut là **ma première** visite), **j'**ai prié du fond de l'âme ; tu **m'**entendis **de cette double éternité** que Dieu et **mon** coeur t'accordèrent depuis que **tu** quittas le monde matériel. Un seul de **nos** deux anges **me** suit **dans ces climats lointains du Nord** ! un seul prie **aujourd'hui** à **mes** côtés. L'autre, **tu** le sais, ô **mon** Auguste, **me** suit par la pensée ; **je** le vois constamment, hélas ! **je** tremble doublement pour son avenir depuis que **je** le sais entraîné par un amour dont l'objet **m'**est inconnu. Veille du haut du ciel sur lui, ô **le plus tendre** des pères ! Ecarte-le de l'écueil qui menace de briser cet avenir **incertain**, où brillent encore pour **nous** quelques lueurs d'espérances. Que **ton**

Liège.

29 de agosto, 9 horas da noite.
Em face do Mosa, onde se encontra o hotel dos estrangeiros, no qual **eu** ocupo um quarto, **eu** observo ao longe as **verdejantes** colinas que **me** lembram as de Porto-Alegre e **eu** penso em **ti**, oh **meu** Augusto, **eu** choro **este fatal 29** que **te** roubou tão prematuramente do mundo e de **minha** felicidade!

Os sons da música **melodiosa** que toca **neste momento dentro da Exposição** que acabamos de visitar, trazem em **minha** alma um acréscimo mais **intenso** da melancolia que **me** devora em silêncio! E **meu** pensamento, atravessando os mares e o espaço, vai repousar carregado de profunda **saudade sobre teu túmulo no alto da colina** banhada pelo **majestoso** Jacuí! Quanto espaço de tempo passado no trabalho e nas lágrimas! Quantas vicissitudes **estranhas** e que **estranho** destino, bravados com constância e coragem **há tantos anos!** Prosternada **sobre a lápide da gótica e da mais antiga igreja de Liège**, Saint-Jacques (**minha primeira** visita foi lá), **eu** orei do fundo da alma. **Tu** **me** ouviste **desta dupla eternidade** que Deus e **meu** coração **te** acordaram **desde que tu** deixaste o mundo **material**. Apenas um de **nostros** anjos **me** segue nesses **climas longínquos do Norte!** Apenas um reza **hoje** ao **meu** lado. O outro, **tu** sabes, oh **meu** Augusto, segue-**me** pelo pensamento. **Eu** o vejo constantemente, aí de **mim!** E tremo duplamente ao pensar em seu futuro desde que **eu** sei que ele foi arrastado por um amor cuja intenção **me** é desconhecida. Olha do alto do céu para ele, oh **o mais terno** dos pais! Afasta-o do obstáculo que ameaça quebrar esse futuro **incerto, onde**

ombre paternelle l'enveloppe, lui serve d'égide... et qu'il vienne bientôt consoler **ton** épouse, **triste** et **isolée** sur la terre !... Nous avons quitté **Bruxelles ce matin** ; le mouvement et la fatigue **m'**étaient nécessaires ; **moins forte** que **courageuse**, **j'**ai fait de **longues** promenades à pied. Arrivée à **Louvain** (à cinq lieues de distance de Bruxelles), **nous n'y** sommes restées que **très-peu de temps**. Son université et son **magnifique** hôtel de ville furent les **seuls** édifices que **nous** vîmes en passant. **A deux lieues de Louvain, nous** quittâmes le chemin de fer pour aller voir un instant les **très-beaux** jardins de Wespelaer, que Delille a chantés dans son poème des *Jardins*. Le **poétique** et **admirable** parc qui en fait la suite, et auquel on donne le nom de Champs-Elysées, **m'y** aurait arrêtée toute la journée, si **ce jour** n'avait chassé de **mon** esprit toute ombre de poésie. **J'**ai donc changé la rêverie qu'inspirait ces sites, leurs statues **historiques**, leurs beautés **particulières**, pour la prose que la **vieille** et **florissante** ville de Liège **nous** offre dans ses **nombreuses** manufactures, si **renommées** pour les armes de guerre, de luxe et autres. Le **beau** palais de justice, **ancienne** résidence des évêques qui gouvernaient **ici**, **son** université contenant des cabinets de physique, de minéralogie, de zoologie et d'anatomie comparée, toutes ces curiosités ont attiré **quelques instants mon** attention dans **mes** courses rapides à travers cette ville, **où je** cherchais à **m'**étourdir par la multiplicité des objets **nouveaux** qui s'offraient à **mes** regards.

Les environs de Liège sont beaucoup plus **beaux** que ceux de Bruxelles ; coupée par les deux rivières, la Meuse et l'Ourte, avec leurs **beaux** ponts et leurs quais environnés de **riches** et de **jolies** collines contenant des fabriques et un peuple **actif** et **laborieux**, Liège est une des **plus importantes** villes des Pays-Bas, et offre à l'observateur et à l'analyste une étude **intéressante** sous le point de vue de la **riche** nature et de l'art tout à la fois. Cité **manufacturière**, elle n'est pas **aussi propre** que Bruxelles, mais

ainda brilham para **nós** algumas luzes de esperança. Que **tua** sombra **paterna** o envolva, sirva-lhe de égide... e que ele venha logo consolar **tua** esposa, **triste** e **isolada** sobre a terra!...

Nós deixamos **Bruxelas esta manhã**; o movimento e o cansaço foram-**me** necessários. **Menos forte** que **corajosa**, **eu** fiz **longos** passeios a pé. Ao chegar a **Louvain** (a cinco léguas de distância de Bruxelas), só permanecemos **lá** por **pouco tempo**. Sua universidade e seu **magnífico** hotel da cidade foram os **únicos** edifícios que vimos ao passar. **A duas léguas de Louvain**, deixamos o caminho de ferro para ir ver um instante os **belíssimos** jardins de Wespelaer, que Delille cantou em seu poema *Jardins*. O **poético** e **admirável** parque que segue, denominado Campos Elísios, ter-**me**-ia parado **ali odia todo**, se **este dia** não tivesse expulsado de **minha** alma toda sombra de poesia. **Eu** mudei, então, o devaneio que inspirava esses lugares, suas estátuas **históricas**, suas belezas **particulares**, pela prosa que a **velha** e **florida** cidade de Liège **nos** oferece em suas **numerosas** manufaturas, tão **renomadas** pelas armas de guerra, de luxo, entre outras.

O **belo** palácio de justiça, **antiga** residência dos pontífices que governavam **aqui**, sua universidade, contendo laboratórios de física, de mineralogia, de zoologia e de anatomia comparada, todas essas curiosidades chamaram **minha** atenção **por alguns instantes em meus** rápidos passeios por esta cidade, **onde eu** buscava **me** divertir pela multiplicidade dos **novos** objetos que se ofereciam a **meu** olhar.

Os arredores de Liège são **muito mais bonitos** que os de Bruxelas. Cortada por dois rios, o Mosa e o Ourte, com suas **belas** pontes e seus cais rodeados de **ricas** e **bonitas** colinas contendo fábricas e um povo **ativo** e **trabalhador**, Liège é uma das **mais importantes** cidades dos Países Baixos e oferece ao observador e ao analista um estudo **interessante** sob o ponto de vista da **rica** natureza e da arte ao

rien n'y révèle l'oisiveté comme chez le peuple d'une partie des **grandes** villes ; en parcourant quelques quartiers, **nous** ne rencontrâmes aucun pauvre qui **nous** tendit la main, comme à Bruxelles. Pour **me** désaltérer, **je** demandai dans deux maisons un verre d'eau, qui **me** fut donné avec une obligeance et une grâce **parfaites** ; une dame **m'**obligea même de prendre quelques rafraîchissements. Ce trait de **franche** hospitalité **me** rappela **notre beau** peuple des provinces **brésiennes**, et **me** donna tout d'abord une opinion **avantageuse** du désintéressement des habitants de Liège.

Bruxelles est la femme du monde **élégant** ; Liège, la femme **simple**, la **prévoyante** femme de ménage. L'une et l'autre plaisent, chacune dans son genre.

Quelques rues, surtout le **beau** passage Lemonier, sont encore décorées des restes de la fête qu'on donna **récemment** au roi, **lors de** sa visite à Liège.

mesmo tempo. Cidade **manufatureira**, ela não é **tão limpa quanto** Bruxelas, mas nada **aqui** revela a inatividade existente nas populações de uma parte das **grandes** cidades. Percorrendo alguns bairros, não encontramos nenhum pobre que **nos** estendeu a mão, como **em Bruxelas**. Para matar **minha** sede, **eu** pedi **em duas casas** um copo de água, que **me** foi dado com uma gentileza e uma graça **perfeitas**. Uma senhora **me** obrigou até mesmo a tomar alguns refrescos. Esse traço de **franca** hospitalidade **me** lembrou **nosso belo** povo das províncias **brasileiras**, e **me** deu, **antes de qualquer outra coisa**, uma opinião **favorável** quanto ao desinteresse dos habitantes de Liège.

Bruxelas é a mulher do mundo **elegante**; Liège, a mulher **simples**, a **sábida** dona de casa. As duas agradam, cada uma a seu modo. Algumas ruas, sobretudo a **bela** passagem Lemonier, ainda estão decoradas com os restos da festa que ofereceram **recentemente** ao rei, **durante** sua visita a Liège.

(FLORESTA, 1857, p. 28-31. Grifos nossos).

Carta IV

AIX-LA-CHAPELLE

31 août, à 11 heures du soir.

Nous voilà **sur le sol si désiré de l'Allemagne, dans cette ville de Prusse** où naquit et mourut Charlemagne, dont les souvenirs sont présents **ici partout**.

Ma fille se repose à **deux pas de moi, dans une confortable chambre de l'hôtel de Paris, où nous** sommes descendues.

Je viens **m'**entretenir avec **vous** des objets **nouveaux** qui **m'**ont intéressée, **en entrant sur cette terre** que **je** vais parcourir sans **vous, ô chers êtres de mon** coeur !

Toutes ces villes que **je** visite, toutes ces choses que **je** remarque, n'ont pour **moi** qu'un **faible** attrait ; car **mon** esprit et **mon** coeur ne peuvent se détacher de vous, et cette préoccupation constante ne **me** permet

AIX-LA-CHAPELLE

31 de agosto às 11 horas da noite.

Eis-**nos** sobre o solo tão desejado da **Alemanha, nesta cidade da Prússia** onde nasceu e morreu Carlos Magno, cujas lembranças estão **aqui** presentes **em todo lugar**.

Minha filha repousa a **dois passos de mim, em um confortável quarto do hotel de Paris, onde nos** hospedamos.

Eu acabei de **lhes** contar sobre os **novos** objetos que **me** interessaram, **entrando nesta terra** que **eu** vou percorrer sem **vocês, oh caros** seres do **meu** coração!

Todas essas cidades que **eu** visito, todas essas coisas que **eu** observo só têm, para **mim**, uma **leve** atração, pois **minha** alma e **meu** coração não podem se separar de vocês,

qu'une **faible** appréciation des objets qui frappent **mes yeux**.

De Verviers ici, la route est remplie de tunnels ; **en passant sous ces voûtes ténébreuses**, **je** pensais à celles qui traverseront un jour d'un bout à l'autre, le sol de **notre** cher Brésil, ce **riche** sol qui serait si digne d'appartenir à un peuple **laborieux** et **industriel** comme celui-ci... Et, **franchissant par la pensée les siècles à venir**, **je** voyais de **nouvelles** générations plus **heureuses** que la **nôtre**, et plusieurs autres qui se succéderont encore, se presser **partout** comme **ici**, en jouissant **partout** des fruits du travail et du génie de ce **faible atome de l'humanité** qu'on appelle homme. **Je me** recueillais, dans **ma mélancolique** rêverie, vers un temps, hélas ! où aucun de **nous** ni rien de **nous** ne sera plus !...

Pourquoi **nous** sommes **nous** séparés dans **notre** pèlerinage sur la terre ? **me** disais-**je** en revoyant enfin l'horizon qui fuyait derrière **moi**. Pourquoi, puisque la fortune inconstante **nous** refusa ses plus **beaux** sourires, pourquoi n'avons-**nous** pas porté toujours ensemble **notre** fardeau de peines et d'espérances ! – Dieu, destinée, hasard, cette **mystérieuse** puissance dont les hommes ont la prétension d'expliquer les actes, en a décidé ainsi... La nuit enveloppait déjà la campagne obscure comme les tunnels, **quand** un cri se fit entendre : Aix-la-Chappelle ! – Ce cri retentit à **mes** oreilles, et **m'**arracha à **mon douloureux** monologue !...

Le wagon s'étant arrêté dans la **magnifique** gare de la ville de Charlemagne, **je** passai de la rêverie à l'empressement **prosaïque** du voyageur qui surveille à l'arrivée ses bagages, et cherche de l'oeil une voiture qui puisse le conduire à l'hôtel.

Nous descendîmes aussitôt. Au **premier** aspect **je** remarquai la différence entre le peuple chez lequel **je me** trouvais, et ceux qui ont tant de rapports entre eux, le Français et le Belge. L'ordre et le silence régnaient parmi les employés qui allaient et venaient avec exactitude, mais sans empressement, pesant, chargeant les bagages et les

e essa preocupação constante só **me** permite uma **leve** apreciação dos objetos que impressionam **meus** olhos.

De Vervier até aqui a estrada é repleta de túneis. **Passando sob essas abóbadas tenebrosas**, **eu** pensava nas que atravessarão um dia, de uma ponta a outra, o solo do **nosso caro** Brasil, esse **rico** solo que seria tão **digno** de pertencer a um povo **trabalhador** e **industrioso** como este **aqui**... E, **percorrendo em pensamento os séculos por vir**, **eu** via **novas** gerações mais **felizes** que a **nossa** e várias outras que ainda sucederão, instigando-se **em todo lugar** como **aqui**, desfrutando **em todo lugar** dos frutos do trabalho e do gênio desse **frágil átomo da humanidade** que se chama homem. **Eu me** recolhia, em **meu melancólico** devaneio, **na direção de um tempo**, ai de **mim**, em que nenhum de **nós** nem nada de **nós** existirá!...

Porque **nos** separamos em **nossa** peregrinação sobre a terra? **Eu me** perguntava, revendo o horizonte que fugia por trás de **mim**. Porque, já que a sorte inconstante **nos** recusou seus mais **belos** sorrisos, porque não carregamos sempre juntos **nosso** fardo de penas e de esperanças? – Deus, destino, acaso, essa **misteriosa** força através da qual os homens têm a pretensão de explicar os atos, decidi assim... **A noite já envolvia o campo escurecido como os túneis**, **quando** um grito se fez ouvir: Aix-la-Chappelle! – Esse grito ecoou em **meus** ouvidos e **me** arrancou de **meu doloroso** monólogo!...

Logo que o vagão parou na **magnífica** estação da cidade de Carlos Magno, **eu** passei do devaneio ao furor **prosaico** do viajante que supervisiona a chegada de suas bagagens e procura um carro que possa conduzi-lo ao hotel.

Nós descemos imediatamente. No **primeiro** aspecto **eu** notei a diferença entre o povo com o qual **eu me** encontrava e os que têm tantas relações com ele, o francês e o belga. A ordem e o silêncio reinavam entre os empregados que iam e vinham com precisão, mas sem vivacidade, pesando, carregando as bagagens e distribuindo-as aos viajantes.

distribuando aos viajantes.

N'entendendo falar qu'alemão, **je** fui **um instant** saísia pela l'émotion **de me trouver sur un sol tout à fait étranger**, car, en Belgique, excepté les gens du bas peuple qui se parlent en flamand, tout le monde s'exprime en français, de sorte que **je m'**étais crue jusqu'ici encore dans la France, que **je** considère comme une **seconde** patrie. **Je** parvins cependant à trouver quelques employés de la gare du chemin de fer qui **me** parlèrent en français, et qui **me** donnèrent avec beaucoup de complaisance tous les renseignements dont **j'**avais besoin ; **je me** dirigeai avec **ma** fille vers l'**hôtel**, où **nous** trouvâmes un **bon** service et un confortable **suffisant**, moyennant deux thalers par jour. On trouve **ici** la prévoyance et la politesse **françaises**, mêlées au sérieux **affable** et à la probité du caractère **allemand**.

Notre Livia, devenue matinala depuis que **nous** voyageons seules, se mit de **bonne** heure à sa toilette ; **nous nous** fîmes servir le café au lait, que **je** trouvai **excellent**, puis **nous** sortîmes aussitôt pour visiter ce qu'il y a de plus **curieux** dans cette ville.

Élise (Elisenbrunnen), **belle** fontaine qui sert de rendez-vous aux voyageurs et aux baigneurs, fut le but de notre **première** promenade. On **y** faisait une **délicieuse** musique, **qu'on** entend tous les matins **vers huit heures**.

Le buste de la reine de Prusse est placé dans la partie extérieure près de la fontaine ; **nous** visitâmes tout l'établissement, dont quelques salles sont d'une **grande** beauté, telle que celle où l'on donne les concerts ; les jardins étaient encombres de promeneurs, ainsi que le café **voisin**.

Le Kursal est fréquenté par le **plus beau** monde réuni à **Aix-la-Chapelle** ; il est situé dans un autre quartier. **J'y** trouvai un **grand** luxe et un goût **admirable** ; il contient, outre la **somptueuse** salle de bal, d'autres salles et une **bonne** bibliothèque, où l'on peut faire la lecture. **Dans** une **salle à l'écart**, **nous** trouvâmes un **excellent** piano, dont les sons, tirés par **ma chère** enfant, produisirent dans **mon** âme la plus **profonde** émotion ; **vous** la comprendrez.

Ouvindo falar somente alemão, **eu** fui **um instante** tomada pela emoção **de me encontrar em um solo completamente estrangeiro**, pois, **na Bélgica**, com exceção das pessoas das classes baixas que falam em flamengo, todos se exprimem em francês, de modo que **eu** ainda acreditava **estar na França**, que **eu** considero como uma **segunda** pátria.

Eu cheguei, entretanto, a encontrar alguns empregados da estação que **me** falaram em francês e que **me** deram, com muita prestatividade, todas as informações de que **eu** precisava. **Eu me** dirigi com **minha** filha **em direção ao hotel**, onde encontramos um **bom** serviço e um conforto **suficiente**, custando dois táleres por dia. Encontra-se **aqui** a precaução e a educação **francesa**, misturadas à seriedade **afável** e a probidade do caráter **alemão**.

Nossa Lívia se tornou matinal **desde que** viajamos sozinhas, faz sua limpeza na hora **correta**; fizemo- **nos** servir um café com leite, que **eu** achei **excelente**, **depois saímos imediatamente** para visitar o que há de mais **curioso** nesta cidade.

Élise (Elisenbrunnen), **bela** fonte que serve de encontro aos viajantes e banhistas, foi o objetivo de nosso **primeiro** passeio. Tocavam **ali** uma **déliciosa** música, que se ouve **todas as manhãs por volta das oito horas**.

O busto da rainha da Prússia está posto na parte exterior perto da fonte. **Nós** visitamos todo o estabelecimento no qual algumas salas são de uma **grande** beleza, tal como na que acontecem os concertos; os jardins estavam cobertos de passeadores, assim como o café **vizinho**.

O Kursal é frequentado pelas pessoas **mais belas** reunidas **em Aix-la-Chapelle**; ele se situa em outro bairro. **Eu** encontrei **nele** um **grande** luxo e um gosto **admirável**. Ele contém, além da **suntuosa** sala de baile, outras salas e uma **boa** biblioteca, **onde** se pode ler. **Em** uma **sala distante**, encontramos um **excelente** piano, cujos sons, produzidos por **minha cara** filha, provocaram em **minha** alma a mais **profunda** emoção; **vocês** a compreendem.

Le palais de la Régence, avec son **énorme** aérolithe, est **tout à côté** du **beau** théâtre. **Nous** parcourîmes **quelques places** et **quelques rues en attendant midi**, pour nous rendre **à la célèbre cathédrale**, à laquelle se rattachent tant de légendes, dont **je ne vous** entretiendrai pas. **Je vous** raconterai à peine **mes** émotions en face de ces souvenirs **historiques**. Midi est l'heure où l'on entend l'orgue le dimanche, **comme aujourd'hui**. **Nous** pénétrâmes **dans cette église**, dont l'aspect est **sombre** et **triste** comme les siècles qui ont passé **sur elle**. **En y entrant**, **je** fus saisie de respect et d'admiration pour ce géant de l'antiquité dont l'ombre plane à côté de son **grand** cadavre mutilé et renfermé dans cette enceinte. Une **immense** lampe d'argent, en forme de couronne, portant quarante-huit cierges, est suspendue à la voûte au-dessus d'une lame de marbre **noir** foulée par les passants. Cette lampe fut donnée à Charlemagne par Barberouse ; sur le marbre **noir** se trouve cette inscription :
Carolo-Magno...

Par un mouvement involontaire, **j'**ai reculé d'un pas, et **je me** suis mise à contempler cette tombe qui résumait **là**, sous **mes** yeux, la création, la grandeur et l'éroulement de trois **immenses** nations représentées **aujourd'hui** par tant de noms **divers**, par de si **diverses** puissances **morcelées**, pygmées **civilisatrices** du **formidable** colosse qui s'appelait **jadis** : *Empire de Charlemagne !* Debout **sous le dôme de cette chapelle inachevée du VIII^e siècle**, dont l'intérieur est de la plus grande magnificence **byzantine** et respire une **extraordinaire** majesté, **je me** figurais voir les **innombrables** générations qui s'y sont succédé **jusqu'à nos jours** ! Tout émue, **je m'**arrêtai **dans ces lieux historiques** pour voir dans le passé et réfléchir sur l'avenir ! Les sons **mélancoliques** de l'orgue **admirable**, mêlés aux voix des prêtres célébrant la grand'-messe, retentissaient dans mon coeur et y éveillaient un profond sentiment religieux que des peines cuisantes endorment parfois !... **O ma mère, ma mère**, tu fus **avec moi au moment où je** fléchis les

O palácio da Regência, com seu **enorme** aerólito, fica **bem ao lado** do **belo** teatro. **Nós** percorremos **algumas praças** e **algumas ruas esperando o meio-dia**, para irmos **à célebre catedral**, à qual se unem tantas lendas, das quais **eu não lhes** falarei. **Eu lhes** contarei apenas **minhas** emoções diante dessas lembranças **históricas**. **Meio-dia é o horário** em que se ouve o órgão no domingo, como **hoje**.

Nós entramos **nessa igreja**, cujo aspecto é **sombrio** e **triste** como os séculos que passaram **sobre ela**. **Entrando lá**, **eu** fui tomada de respeito e de admiração por esse gigante da antiguidade cuja sombra paira ao lado de seu **grande** cadáver mutilado e fechado nesse recinto. Uma **imensa** lâmpada de prata em forma de coroa, portando quarenta e oito velas, é presa na abóbada acima de uma lâmina de mármore **negro** pisado pelos passantes. Essa lâmpada foi dada a Carlos Magno por Barbarossa. **Sobre o mármore negro** se encontra esta inscrição:

Carolo-Magno...

Por um movimento involuntário, **eu** recuei com um passo e **me** pus a contemplar esse túmulo que resumia **ali**, sob **meus** olhos, a criação, a grandeza e o desmoronamento de três nações **imensas** representadas **hoje** por tantos nomes **diversos**, por forças **separadas** tão **diversas**, **pigméias** civilizações do **formidável** colosso que se chamava **outroora**: *Império de Carlos Magno!*

Em pé **sob a cúpula dessa capela inacabada do século VIII**, cujo interior é da maior magnificência **bizantina** e respira uma **extraordinária** grandeza, **eu** imaginava ver as **inumeráveis** gerações que **lá** se sucederam **até nossos dias**! Completamente **emocionada**, **eu** parei **nesses lugares históricos** para ver o passado e refletir sobre o futuro!

Os sons **mélancólicos** do **admirável** órgão, misturados às vozes dos padres celebrando a **grande** missa, ecoavam em **meu** coração e despertavam nele um **profundo** sentimento **religioso** que aflições **mordazes** adormecem às vezes!... Oh **minha mãe, minha mãe, tu**

genoux pour prier Dieu de m'accorder la consolation d'embrasser encore ceux que tu as tant aimés avec moi sur la terre !...

Et **nous nous éloignâmes de la dalle** qui indique la sépulture de Charlemagne, mais qui ne contient plus ses débris **mortels**, qu'on montre **dans cette même église** avec d'autres curiosités renfermées dans des armoires : on peut voir le tout moyennant un thaler par personne.

Frédéric Barberousse fit déterrer, **en 1166**, le cadavre de **grand** empereur, afin d'enlever le **célèbre** fauteuil de pierre **où il était assis depuis plus de trois siècles et demi dans son caveau**. Il était couronné, et tenait d'une main le globe, de l'autre le sceptre ; il avait au côté l'épée **germanique**.

Ce fauteuil, **en face duquel le plus grand** acteur de **notre** siècle est venu poser, et **sur lequel** il a laissé sa femme s'asseoir, servit au couronnement de Barberousse et de tous les empereurs qui lui succédèrent jusqu'à Charles-Quint et Ferdinand I^{er}. Le squelette du **grand** homme, **je** veux dire Charlemagne, a été dépecé comme saint par l'église, afin de faire de chaque ossement une relique ; c'est cette opération **profane** que **j'**appelle une mutilation. On montre également aux visiteurs, moyennant la somme dont **j'**ai parlé plus haut, le

bras **énorme** de cet homme **extraordinaire**, qui, selon l'expression du **grand** poète **français**, *a tenu la boule du monde, et dont le crâne a été le moule de toute une Europe nouvelle*. Le cor de Charlemagne, **immense** dent d'éléphant curieusement sculptée ; sa croix, **où** est enchâssé un morceau de la **vraie** croix de Jésus-Christ ; plusieurs reliques, telle que la corde qui servit à garrotter le Christ, et un morceau d'éponge imbibé de fiel, sont placés dans une armoire dont l'ouverture éblouit par la richesse de l'orfèvrerie. L'or et les pierreries brillent sur les reliquaires **gothiques** et **byzantins** qui contiennent ces **précieux** objets. Une châsse d'une valeur et d'une beauté **extraordinaires** contient le reste des os de Charlemagne ; on dit que cette châsse ne s'ouvre jamais. Une autre châsse, donnée à l'église par Barberousse,

estiveste **comigo no momento em que eu dobrei os joelhos para implorar a Deus e pedir que ele me conceda o consolo de abraçar ainda os que tu tanto amaste comigo sobre a terra!...** E **nós nos distanciamos da lápide** que indica a sepultura de Carlos Magno, mas que não contém mais seus restos **mortais**, que mostram **nessa mesma igreja** com outras curiosidades guardadas nos armários: pode-se ver tudo pagando um táler por pessoa.

Frederico Barbarossa fez desenterrar, **em 1166**, o cadáver do **grande** imperador, a fim de retirar a **célèbre** poltrona de pedra **onde** ele estava sentado **há mais de três séculos e meio em sua cripta**. Ele estava corado e segurava **em uma mão** o globo, **na outra**, o cetro; ele tinha **ao lado** a espada **germânica**. Essa poltrona, **diante da qual o maior** ator de **nosso** século veio pousar, e **sobre a qual** ele deixou sua esposa se sentar, serviu ao coroamento de Barbarossa e de todos os imperadores que lhe sucederam até Carlos V e Fernando I. O esqueleto do **grande** homem, **eu** quero dizer, Carlos Magno, foi desmembrado como santo pela igreja, com o intuito de fazer de cada osso uma relíquia. É essa operação **profana** que **eu** chamo mutilação.

Mostra-se igualmente aos visitantes, cobrando a soma de que **eu** falei mais acima, o braço **enorme** desse homem **extraordinário**, que, segundo a expressão do **grande** poeta **francês**, *segurou a bola do mundo e cujo crânio foi um molde de toda uma nova Europa*. A corneta de Carlos Magno, **imenso** dente de elefante curiosamente esculpido; sua cruz, **onde** está inserido um pedaço da **verdadeira** cruz de Jesus Cristo, várias relíquias, como a corda que serviu para amarrar o Cristo e um pedaço de esponja embebida de bÍlis, estão colocados em um armário cuja abertura ofusca pela riqueza da ouriversaria.

O ouro e as pedrarias brilham sobre os relicários **góticos** e **bizantinos** que contém esses **preciosos** objetos. Um relicário de um valor e de uma beleza **extraordinárias** contém o resto dos ossos de Carlos Magno; dizem que esse relicário nunca é aberto. Um

renferme les **grandes** reliques et ne s'ouvre que tous les sept ans.

Parmi les choses qui m'ont frappées dans ce **majestueux** et **vieil** édifice, dont l'origine tient aux **pieux** souvenirs du **grand** empereur carlo-vingien pour son épouse bien-aimée Frastrade, ce qui me frappa le plus, ce fut l'intérieur de la chaire, à **l'angle du choeur**. Cette chaire, dont l'extérieur commun n'inspire aucun intérêt, lorsqu'elle est ouverte par le suisse, se montre comme une splendide tour de **vermeil**. On ne peut, sans l'avoir vue, se figurer la magnificence et la richesse de son travail ; la ciselure surtout est des plus **remarquables** : Charlemagne y est représenté portant sur le bras la chapelle d'Aix-la-Chapelle. **Émue** par la vue de tant d'objets **divers**, contenant chacun un **grand** poème **historique** sur les siècles **perdus** dans la nuit des temps, **jeme** dirigeai, avec **ma** fille, **de la cathédrale à l'hôtel de ville**, édifice d'un aspect aussi **sombre** que celui que **nous** venions de visiter. C'est sur cet emplacement, dans lequel on voit encore les restes de la **vieille** et **fameuse** tour **romaine** de Gracchus, transformé en beffroi ; c'est **là**, dit-on, qu'est né Charlemagne.

Plusieurs étrangers visitaient la **fameuse** salle des empereurs **lorsque nous y** pénétrâmes ; un guide, parlant allemand et français, **nous** expliqua les **différents** tableaux qui ornent les autres salles, et **nous** mit au courant des faits **historiques** qui se sont accomplis **dans cet édifice**.

Parmi ces **beaux** tableaux à fresque, ceux de la **célèbre** Marie-Thérèse, de son mari François I^{er} d'Autriche, de Napoléon et de la **bonne** Joséphine, m'ont suggéré des idées bien diverses !.. Après les **curieux** tableaux et les sculptures, on **nous** montra l'escalier **étroit** et usé par le temps, que les empereurs montaient après leur couronnement à la cathédrale.

« les temps sont bien changés, **me** dit le guide : par ces fenêtres que vous voyez-là à côté, j'etais de l'argent au peuple, après le splendide banquet qui avait lieu ici. »

Maintenant, me disais-je, l'argent entre **ici** par quelques kreutzers donnés à cet homme

outro relicário, doado à igreja por Barbarossa, contém as **grandes** relíquias e só se abre **a cada sete anos**.

Entre as coisas que **me** impressionaram nesse **majestoso** e **velho** edifício, cuja origem mantém as **piedosas** lembranças do **grande** imperador carolíngio por sua esposa **bem-amada** Frastrada, o que mais **me** chamou a atenção foi o interior da cátedra, **no canto do santuário**. Essa cátedra, cujo exterior **comum** não inspira nenhum interesse, quando é aberta pelo porteiro, mostra-se como uma **esplêndida** torre de prata **dourada**. Não se pode, sem tê-lo visto, imaginar a magnificência e a riqueza de seu trabalho; a cinzeladura, sobretudo, é das mais **notáveis**. Carlos Magno é representado trazendo no braço a capela de Aix-la-Chapelle. **Emocionada** pela visão de tantos objetos **diversos**, cada um deles contendo um **grande** poema **histórico** sobre os séculos **perdidos na noite dos tempos, eu me** dirigia, com **minha** filha, **da catedral ao hotel da cidade**, edifício de aspecto tão **sombrio** quanto aqueles que acabávamos de visitar. É sobre este lugar, **onde** se vê ainda os restos da **velha** e **famosa** torre **romana** de Gracchus, transformada em campanário. Foi **lá**, dizem, que nasceu Carlos Magno.

Vários estrangeiros visitavam a **famosa** sala dos imperadores **quando** entramos **nela**. Um guia, falando alemão e francês, explicou-**nos** sobre os **diferentes** quadros que ornamentam as outras salas e **nos** informou sobre os fatos **históricos** que aconteceram **nesse edifício**.

Dentre esses **belos** quadros pintados a fresco, os da **célèbre** Maria Teresa, de seu marido, Francisco I da Áustria, de Napoleão e da **boa** Josefina, sugeriram-**me** ideias bem **diversas!** **Após** os **curiosos** quadros e as esculturas, mostraram-**nos** a escada **estreita** e usada pelo tempo, que os imperadores subiam **após** o coroamento deles na catedral. “Os tempos mudaram muito”, disse-**me** o guia: “por essas janelas que vocês veem ali ao lado, jogavam dinheiro ao povo após o esplêndido banquete que acontecia aqui.”

Agora, eu me dizia, o dinheiro entra **aqui** por alguns kreutzers dados a esse homem

qui fait voir les débris de cette grandeur **passée** !

En face de l'hôtel de ville se trouve une fontaine en marbre, au haut de laquelle est une statue de bronze représentant Charlemagne tenant le monde dans une main. Cette statue **me** parut médiocre relativement aux souvenirs **grandioses** de cet homme **incomparable**. Deux aigles **noirs** sont placés **au sommet** de deux autres fontaines qui se trouvent **à droite** et **à gauche de la première**.

Livrée à la contemplation de la ville de Charlemagne, dont le charme **historique** attire et fixe **mon** attention, **j'**ai peu visité ses environs, dans lesquels se trouvent les restes du **célèbre** château Frankenberg, que l'empereur fit bâtir pour Frastrade. Il y a aussi d'autres sites renommés pour leur antiquité, et que **je** n'ai point visité non plus. Aix-la-Chapelle est une ville dont l'air est **pur** et **sain** ; la propreté **y** est **remarquable**, et les plaisirs et les distractions n'y manquent pas ; il y a des concerts, des bals, des promenades dans lesquelles on remarque un luxe **effrayant** et la beauté **florissante** à côté du **pauvre** malade qui va demander la santé aux eaux **thermales** de cette ville. Les établissements de bains sont **bien tenus** et **commodes** ; ils sont **voûtés** et construits en pierres. Les rues sont **propres** ; il y a de **beaux** édifices, de **riches** magasins, et une **nombreuse** société ; les étrangers abondent **dans cette ville**, à laquelle ils donnent une grande animation. On dîne à table d'hôte dans les hôtels, au son d'une **bonne** musique ; c'est, dit-on, l'usage e Allemagne : cela donne au repas un caractère **particulier** et **tout nouveau** pour l'étranger.

(FLORESTA, 1857, p. 38-48. Grifos nossos).

que mostra as ruínas dessa grandeza **passada**!

Diante do hotel da cidade encontra-se uma fonte em mármore, **no alto da qual** está uma estátua de bronze representando Carlos Magno com o mundo em uma mão. Essa estátua **me** pareceu **mediocre** em comparação às lembranças **grandiosas** desse homem **incomparável**. Duas águias **negras** estão situadas **no ápice** de duas outras fontes que se encontram **à direita** e **à esquerda da primeira**.

Entregue à contemplação da cidade de Carlos Magno, cujo charme **histórico** chama e prende **minha** atenção, **eu** visitei pouco **esses arredores**, **onde** se encontram os restos do **famoso** castelo de Frankenberg, que o imperador mandou construir para Frastrada. Também há outros lugares **renomados** por sua antiguidade e que **eu** também não visitei.

Aix-la-chapelle é uma cidade cujo ar é **puro** e **são**; a limpeza **aqui** é **notável** e os prazeres e as distrações não faltam; há concertos, bailes, passeios nos quais se observa um luxo **assustador** e a beleza **florida** ao lado do **pobre** doente que vai pedir saúde às águas **termais** dessa cidade. Os estabelecimentos de banho são **bem cuidados** e **cômodos**; eles são **arqueados** e construídos de pedras. As ruas são **limpas**. Há **belos** edifícios, **ricas** lojas e uma **numerosa** sociedade. Os estrangeiros abundam **nesta cidade**, à qual eles dão uma **grande** animação. Janta-se em uma mesa reservada para os hóspedes, ao som de uma **boa** música. É, dizem, o uso na Alemanha: isso dá à refeição uma característica **particular** e **completamente nova** para o estrangeiro.

Carta V

BORDS DU RHIN

6 septembre

Je te vois briller, oh ! **mon cher six** ! **sur les bords** enchanteurs du Rhin ! **Avant** que tu te caches dans les ténèbres des temps, **j'**aurai encore salué plus d'un site **historique**, plus d'une ville que **je** laisserai

MARGENS DO RENO

6 de setembro

Eu te vejo brilhar, oh! **meu caro seis**, **sobre as margens** encantadoras do Reno! **Antes** que **tu te** ocultes nos nevoeiros dos tempos, **eu** ainda terei saudado mais de um lugar **histórico**, mais de uma cidade que **eu**

par la pensée pour **m'**approcher de l'oasis où tu apparus à **mes yeux**, entouré d'une auréole **brillante** d'inspirations **pures** et **célestes**, méconnus du vulgaire.

Si **de Bonn à Coblenz** les bords du Rhin attirent et charment le voyageur, **de Coblenz ici** ils le ravissent, le plongent dans l'extase.

Nous n'avions pas encore cessé d'admirer un site, un château, une ruine, une ville placée sur la rive, une montagne toute couverte de plantations **symétriques** de vignobles, à la base de laquelle est souvent placée une construction **curieuse**, un village, etc., que déjà d'autres sites, d'autres châteaux, d'autres ruines, d'autres villages se déroulaient à nos yeux.

Les bateaux à vapeur se croisaient **de moment en moment** dans les plus **larges** endroits du fleuve ou dans ses détours **poétiques** ; les **vastes** radeaux portant du bois du Nord, et contenant une **grande** quantité de personnes et d'animaux, descendent lentement le fleuve. Ces radeaux, **bien plus grands** que **nos jangadas** de Pernambuco, et d'une forme à peu près semblable, étaient aux anciennes grandes flottaisons du Rhin ce qu'une chaloupe est à un grand vaisseau d'aujourd'hui.

Outre les **beaux** et **coquets** bâtiments et les radeaux, tantôt on rencontre un **petit** bateau tellement **chargé** qu'il semble sur le point de couler à fond, tantôt on voit une **longue** embarcation avec sa cargaison, sur laquelle sont assises quelques femmes et quelques enfants, et tantôt c'est **petit** cheval remorquant à lui seul une **grosse** barque. Le **courageux** animal, longeant la rive, fait le service qu'un autre bateau rend sur l'eau à de **lourds** navires qui la remontent lentement.

Partout et **toujours** un **nouvel** objet se présentait à **mes yeux charmés** de cet ensemble de vie, de beauté et de grandeur **naturelle** et **artistique** qui manque encore à **nos** magnifiques fleuves.

C'est **de Coblenz à Mayence** que le Rhin offre le plus de charmes. Une infinité d'îles

deixarei, em pensamento, para **me** aproximar do oásis **onde tu** apareceste a **meus** olhos, cercado de uma auréola **brilhante** de inspirações **puras** e **celestes**, desconhecidos do vulgar.

Se **de Bonn a Coblença** as margens do Reno atraem e encantam o viajante, **de Coblença até aqui** elas o alegram, mergulham-no no êxtase.

Nós ainda não tínhamos parado de admirar um lugar, um castelo, uma ruína, uma cidade **localizada sobre a margem**, uma montanha completamente coberta de plantações **simétricas** de vinhedos, **na base da qual**, frequentemente, é posta uma construção **curiosa**, um vilarejo, etc., já que outros lugares, outros castelos, outras ruínas, outros vilarejos se estendem a **nossos** olhos. Os barcos a vapor se cruzavam **a todo momento** nos lugares mais **amplos** do rio ou em seus poéticos desvios. As **vastas** balsas trazendo madeira do Norte, contendo uma **grande** quantidade de pessoas e de animais, desciam o rio lentamente. Essas balsas, **bem maiores** que **nossas jangadas** de Pernambuco, e de uma forma aproximadamente parecida, estavam para as **antigas grandes** flutuações do Reno, como uma chalupa está para um **grande** barco de **hoje**.

Além dos **belos** e **elegantes** barcos e jangadas, às vezes, encontramos um **pequeno** barco tão **carregado**, que ele parece estar a ponto de afundar. Às vezes, vê-se uma **longa** embarcação com sua carga, **sobre a qual** estão sentadas algumas mulheres e crianças, e, às vezes, um **pequeno** cavalo, rebocando, sozinho, um barco **pesado**. O **corajoso** animal, percorrendo a margem, faz o serviço que um barco presta, sobre a água, a **pesados** navios que sobem lentamente.

Em todo lugar e **sempre** um **novo** objeto se apresentava a **meus** olhos **encantados** com esse conjunto de vida, beleza e grandeza **natural** e **artística** que ainda falta a **nossos magníficos** rios. É **de Coblença à Mogúncia** que o Reno oferece o máximo de

plus ou moins belles, toutes **historiques**, couverte de verdure et de fleurs, prêtent aussi une grâce **infinie** à cette navigation. Ainsi que les rives du Rhin, ces îles sont leurs histoires et leurs légendes **intéressantes**. Stolzenfel est un château qui servait **autrefois** de résidence d'été aux électeurs de Trèves ; il est **célèbre** par le séjour qu'y fit l'archevêque Werner, qui se livra entièrement à l'étude de l'alchimie ; ce château, ayant été rasé en 1688 par les Français, fut donné par la ville de Coblenz au prince héréditaire de Prusse, qui le fit reconstruire dernièrement avec magnificence et dans le style du moyen âge. C'est **un des plus beaux** châteaux du Rhin. La reine Victoria y séjourna quelques jours avec son mari. Les jardins qui l'entourent sont **magnifiques**.

Saint-Goar, **petite** ville sur la rive gauche du Rhin, rappelle encore le souvenir du saint auquel elle doit son origine, et qui vint s'y établir en 575 pour y prêcher l'Évangile. Sa cellule fut transformée en une église de pèlerinage **sur les débris de laquelle s'éleva plus tard l'église qu'on y voit aujourd'hui**. Le saumon, ce poisson **délicieux**, abonde sur ces bords.

De l'autre côté, se trouve la forteresse Rhein-fels, célèbre par les quarante assauts qu'elle soutint **pendant quatorze mois** de siège contre les troupes de la Confédération des villes **anséatiques**. Les troupes de la république **française** firent sauter enfin Rheinfels. Ces vastes ruines appartiennent au roi de Prusse. Bornohfen est un lieu de pèlerinage **très-fréquenté**.

On aperçoit **au sud, sur la hauteur**, les débris des châteaux Sternberg et Liebestein, surnommés les *deux frères*. La légende dit que l'un de ces châteaux servit de résidence à une famille issue de Roland. Une des **belles** traditions du Rhin se rattache à ces châteaux.

Boppart, ville avec ses tours, **bâtie à l'emplacement d'un village romain** nommé Baudobriga, dont on voit encore l'enceinte **derrière les murailles**.

Il ne reste plus du palais des rois francs que les murs de fondation. On voit encore une

encantos. Uma infinidade de ilhas **mais ou menos belas**, todas **históricas**, coberta de verdura e de flores, também dão uma graça **infinita** a essa navegação. Assim como as margens do Reno, essas ilhas têm suas histórias e suas lendas **interessantes**.

Stolzenfel é um castelo que servia **outrora** de residência de verão aos eleitores de Trèves; ele é **famoso** pela residência que **nele** fez o arcebispo Werner, que se entregou inteiramente ao estudo da alquimia. Esse castelo, demolido **em 1688** pelos franceses, foi doado pela cidade de Coblença ao príncipe herdeiro da Prússia, que o fez reconstruir recentemente com magnificência e no estilo da idade média. É **um dos mais belos** castelos do Reno. A rainha Vitória se hospedou **nele alguns dias** com seu marido. Os jardins que o cercam são **magníficos**.

Saint-Goar, **pequena** cidade **sobre a margem esquerda** do Reno, ainda guarda a lembrança do santo ao qual ela deve sua origem e que veio a se estabelecer **nela em 575** para **ali** pregar o evangelho. Sua cela foi transformada em uma igreja de peregrinação **sobre as ruínas da qual se incentivou mais tarde a igreja que se vê lá hoje**. O salmão, esse peixe **délicioso**, abunda sobre essas margens.

Do outro lado, encontra-se a fortaleza Rheinfels, famosa pelos quarenta assaltos a que reagiu **durante quatorze meses** de assédio contra as tropas da Confederação das cidades **hanseáticas**. As tropas da república **francesa** fizeram queimar, enfim, Rheinfels. Bornohfen é um lugar de peregrinação **muito frequentado**.

Percebe-se **ao sul, no alto**, as ruínas dos castelos de Sternberg e Liebestein, apelidados de *dois irmãos*. A lenda diz que um desses castelos serviu de residência a uma família proveniente **de Roldão**. Uma das **mais belas** tradições do Reno se une a esses castelos.

Boppart, cidade com suas torres, **construída no lugar de um vilarejo romano** nomeado Baudobriga, cujo contorno ainda se vê **atrás das muralhas**.

Não há mais palácio dos reis francos, apenas os muros da fundação. Vê-se ainda um

ancienne idole à l'église Saint-Severin. Pfalz, **situé sur une île**, tour **célèbre** par la chambre d'accouchement des comtesses palatines. Caub, **petite ville, près de laquelle** se trouve le château Gutenfels, auquel se rattache la légende de Guta de Falkenstein et de Richard de Cornwallis, empereur allemand. Ce fut **dans cet endroit** que Blücher passa le Rhin avec sa division, **en 1814**. Le château était encore habité et en très-**bon état en 1805, lorsque** Napoléon le fit détruire, parce qu'on ne lui avait pas rendu les honneurs militaires **à son passage**. Oberwesel parle **là** encore de ses faits historiques **depuis les Romains jusqu'à nous** ; il parle aussi de la légende des sept demoiselles **commensales** du Schönberg, jetées dans le Rhin par une fée, et changées en rochers.

Lurelei, rocher qui s'avance comme un promontoire **au milieu du Rhin** (il est composé d'ardoises) ; celui-ci tourne d'arbord **à gauche**, ensuite et rapidement **à droite**, à travers les angles **aigus** des rochers et des écueils qui rendent un écho **merveilleux**, surtout quand il est produit par le son du cor ou l'explosion d'une arme à feu. A chaque bateau qui y passe, un homme placé **sur la rive** fait partir ce coup pour faire entendre l'écho aux voyageurs ; la légende de la fée Lore y est rattachée.

Bacharach, **où**, selon quelques antiquaires, exista l'Ara des Romains. Le château Stahleck, **vaste** ruine, berceau des comtes du palatinat, fut le séjour, **pendant quelque temps** de Conrad, de Hohenstaufen, de Frédéric Barberousse, de Frédéric II, de l'empereur Ruprecht, et de plusieurs autres princes.

Fürstenberg, une des **plus pittoresques** ruines du Rhin; Rheindiebach, village **au bas de la montagne sur laquelle était le château** ; aujourd'hui il n'y a plus que des ruines.

Sur les rives, se trouvent les villes, les villages et les bourgs ; **sur le sommet des montagnes**, les châteaux et les ruines ; toutes ces variétés forment un panorama **ravissant et majestueux**.

Rheinstein renferme une **riche** collection de

antigo ídolo na igreja Saint-Severin.

Pfalz, **situada em uma ilha**, torre **famosa** pelo quarto de parto das condessas palatinas. Caub, **pequena cidade, perto da qual** se encontra o castelo Gutenfels, ao qual se une a lenda de Guta de Falkenstein e de Richard de Cornwallis, imperador alemão. Foi **nesse lugar** que Blücher atravessou o Reno com sua divisão, **em 1814**. O castelo ainda era habitado e em muito **bom estado em 1805, quando** Napoleão mandou destruí-lo, porque não lhe tinham prestado honras militares **durante sua passagem**.

Oberwesel ainda fala **ali** de seus fatos históricos, **desde os romanos até os dias atuais**; fala também da lenda das sete moças **comensais** do Schoenberg, lançadas ao Reno por uma fada e transformadas em rochedos.

Lourelei, rochedo que avança como um promontório **no meio do Reno** (composto de ardósias), dobra primeiramente **à esquerda**, em seguida, rapidamente **à direita**, através dos ângulos **agudos** dos rochedos e dos escolhos que produzem um eco **maravilhoso**, sobretudo quando ele é produzido pelo som da trombeta ou pela explosão de uma arma de fogo. A cada barco que passa **ali**, um homem postado **sobre a margem**, atira para fazer os viajantes ouvirem o eco. A lenda da fada Lore está ligada a isso.

Bacharach, **onde**, segundo alguns antiquários, existiu a Ara dos Romanos. O castelo de Stahleck, **vasta** ruína, berço dos condes do palatinado, foi a estadia, **durante algum tempo** de Conrado, de Hohenstaufen, de Frederico Barbarossa, de Frederico II, do imperador Ruprecht e de vários outros príncipes.

Fürstenberg, uma das **mais pitorescas** ruínas do Reno. Rheindiebach, vilarejo **ao pé da montanha sobre a qual era o castelo**; **hoje**, há apenas ruínas. **Sobre as margens**, encontram-se as cidades, os vilarejos e os burgos; **sobre o pico das montanhas**, os castelos e as ruínas; todas essas variedades formam um panorama **encantador e majestoso**.

Rheinstein contém uma **rica** coleção de

vieilles armures, de vases et de ciselures du moyen âge.

Bingen, avec ses beautés, ses **admirables** environs, étale, parmi ses souvenirs **historiques** la ruine de Klopp, **château fort à l'époque de la guerre de Trente ans**. Le milieu du pont, sur la Nahe, marque les limites de la Hesse et de la Prusse.

Le château d'Ehrenfels, avec sa curieuse légende de l'archevêque Hatto. Rudesheim, avec ses ruines **romaines**, **célèbre** par son **excellent** vin. **En trois quarts d'heure**, on parvient **de là** au Niederwald, **ravissant** endroit. Johannisberg, si **célèbre** pour la délicatesse de ses vins, appartient au prince de Metternich.

Sur le penchant de la montagne, se trouve le village de Johannisberg, **près du château**. C'est **de là** que commencent les **plus belles** îles du Rhin. Niederingelheim, **tout près** d'Obseringelheim, deux **petites** villes ; Charlemagne avait dans la première un château **sur les ruines duquel** on bâtit une ferme **où** se trouve une table de grès **rouge**, portant une inscription **historique** des **plus intéressantes**.

L'*Éteinte*, chapelle de l'**ancien** château, en communication avec celui-ci par une allée **souterraine**, renferme la tombe de la princesse Emma, fille de Charlemagne. Eltville, **aux environs de laquelle** se trouvait le tilleul à l'ombre duquel Luther prêchait à des populations **entraînées** par sa parole !

Tout passe et se consume ; le souvenir seul reste pour se transmettre de génération en génération, avec les modifications des temps et de l'esprit qui règne.

Biebrich, résidence d'été du duc de Nassau, avec son parc et son château **magnifiques**, se trouve **tout près de** Mayence. Toutes ces vues et ses beautés **innombrables** se dessinaient une à une sous **mes** yeux et **me** ravissaient, malgré la **profonde** tristesse de **mon** cœur ! A tous ces **grands** tableaux se mêlait celui des femmes **paysannes**, grim pant ou descendant les montagnes, arrangeant les vignes dont ces rives sont couvertes, ou conduisant **tout près de l'eau** de **petites** charrettes **chargées**. La foule

velhas armaduras, vasos e cinzeladuras da idade média. Bingen, com suas belezas, seus **admiráveis** arredores, exhibe, entre suas lembranças **históricas**, a ruína de Klopp, fortaleza **na época da guerra dos Trinta anos**. **O meio da ponte, sobre o Nahe**, marca os limites da Hesse e da Prússia.

O castelo de Ehrenfels, com sua **curiosa** lenda do arcebispo Hatto. Rudesheim, com suas ruínas **romanas**, **célèbre** por seu **excellent** vinho. **Em quarenta e cinco minutos**, chega-se **de lá** ao Niederwald, lugar **encantador**. Johannisberg, tão **famosa** pela suavidade de seus vinhos, pertence ao príncipe de Metternich.

Sobre o declive da montanha, encontra-se o vilarejo de Johannisberg, **perto do castelo**. É **de lá** que começam as **mais belas** ilhas do Reno.

Niederingelheim, **bem perto** de Obseringelheim, duas **pequenas** cidades. Carlos Magno tinha, na primeira, um castelo **sobre as ruínas do qual** construiu-se uma habitação **onde** se encontra uma mesa de arenito **vermelho**, trazendo uma inscrição **histórica** das **mais interessantes**.

A *Extinta*, capela do **antigo** castelo, em comunicação com este por uma passagem **subterrânea**, contém o túmulo da princesa Ema, filha de Carlos Magno. Eltville, **nos arredores da qual se encontrava a tília, na sombra da qual** Lutero pregava a populações **arreatadas** por sua palavra! Tudo passa e se consome; somente a lembrança fica para se transmitir, de geração a geração, com as modificações dos tempos e da alma que reina.

Biebrich, residência de verão do duque de Nassau, com seu parque e seu castelo **magníficos**, encontra-se **bem próximo a Mogúncia**. Todas essas vistas e suas **inumeráveis** belezas se desenhavam, uma a uma, sob **meus** olhos e **me** encantavam, apesar da **profunda** tristeza de **meu** coração! A todos esses **grandes** quadros se misturava o das mulheres **camponesas**, subindo ou descendo as montanhas, arrumando as videiras cujas margens estão cobertas, ou conduzindo, **bem perto da água, pequenas** charretes **carregadas**. A

<p>d'étrangers qui descendaient à chaque port pour visiter les endroits les plus curieux ; d'autres, montant sur le paquebot, un instant arrêté pour cette intéressante manoeuvre ; toute cette vie, ce mouvement, ces tableaux variés, formaient un spectacle grandiose, que la nouvelle lune, par son apparition dans ce jour d'excursions sur le Rhin, poétisait encore.</p> <p>Quelques voyageurs se mirent à chanter, et les sons de ces voix, sur un bateau à vapeur franchissant les eaux de ce fleuve superbe entre ces superbes montagnes, augmentèrent mon émotion.</p> <p>Tout en Allemagne me paraît d'une poésie nouvelle : la musique surtout produit sur mon âme une sensation extrême, indéfinissable comme les rêves qui me transportent aux régions inconnues. A neuf heures du soir, nous descendîmes à Biebrich. Il était temps, car j'étouffais d'émotion.</p>	<p>multidão de estrangeiros que descia em cada porto para visitar os lugares mais curiosos; outros, subindo no barco a vapor, parado um instante para essa interessante manobra. Toda essa vida, esse movimento, esses quadros variados, formavam um espetáculo grandioso, que a lua nova, por sua aparição neste dia de excursões sobre o Reno, poetizava ainda mais.</p> <p>Alguns viajantes se puseram a cantar, e os sons dessas vozes, em um barco a vapor, atravessando as águas desse rio esplêndido, entre essas esplêndidas montanhas, aumentaram minha emoção.</p> <p>Tudo na Alemanha me parece como uma nova poesia: a música, sobretudo, produz em minha alma uma sensação extrema, indefinível, como os sonhos que me transportam à regiões desconhecidas. Às nove horas da noite, nós descemos em Biebrich. Era o momento, pois eu sufocava de emoção.</p>
--	--

(FLORESTA, 1857, p. 81-88. Grifos nossos).

Carta VI

<p>MANNHEIN</p> <p>A minuit, 11 septembre.</p> <p>Nous voici installés à l'hôtel d'Europe, situé sur le Rhin, et dans une nouvelle ville d'Allemagne, pays de poésie, de rêverie et d'amour, autant que de merveilles du travail et du génie de l'homme.</p> <p>Il était neuf heures du soir quand nous descendîmes du chemin de fer ; une voiture attachée à cet hôtel où nous sommes nous y a conduites. Une grande foule de voyageurs remplissaient la vaste salle ; je me suis fait donner une chambre, au deuxième, dont les fenêtres s'ouvrent sur le majestueux Rhin, que je suis ravie de revoir. C'est un spectacle mélancoliquement poétique, que les eaux de ce fleuve roulant dans le silence de la nuit. Je me tins quelque temps en profonde contemplation des choses passées et des choses présentes. Les lumières répandues çà et là vers ces environs que je ne connais pas encore ; la voix des bateliers qui arrive jusqu'à mes oreilles ; la brise qui agite les</p>	<p>MANNHEIN</p> <p>Meia-noite, 11 de setembro.</p> <p>Eis-nos aqui instaladas no hotel da Europa, situado à margem do Reno, em uma nova cidade da Alemanha, país de poesia, de sonho e de amor, assim como de maravilhas do trabalho e do gênio do homem.</p> <p>Eram nove horas da noite quando nós descemos do trem; um carro do hotel em que estamos nos conduziu até aqui. Uma grande multidão de viajantes preenchia a vasta sala; presenteei-me com um quarto no segundo andar, cujas janelas se abrem sobre o majestoso Reno, que estou encantada em rever. É um espetáculo melancolicamente poético as águas desse rio rolando no silêncio da noite. Calei-me algum tempo em profunda contemplação pelas coisas passadas e presentes. As luzes espalhadas aqui e ali em direção aos arredores que eu não conheço ainda, a voz dos barqueiros que chega até meus ouvidos, a brisa que agita as árvores da margem e passa gemendo através da</p>
--	--

arbres de la rive, et qui passe en gémissant à travers la fenêtre près de laquelle **je vous** trace ces lignes, tout **me** dit que **je** suis loin de vous, et qu'il n'y a **ici**, de tout ce qui **m'**est cher, que cette enfant qui repose **en face de moi** et qui réveillera **demain**, à **mes côtés**, pour recommencer avec **moi** cette vie à deux que **nous** menons **si loin de vous**.

janela perto da qual eu traço estas linhas para **vocês**. Tudo **me** diz que **estou longe de vocês** e que só há **aqui**, de tudo que **me** é caro, esta criança que repousa **diante de mim** e que acordará **amanhã**, ao **meu** lado, para recomeçar **comigo** esta vida a dois que levamos **tão longe de vocês**.

(FLORESTA, 1857, p. 118-9. Grifos nossos).

Carta VII

SCHWETZINGEN

19 septembre

Je vais quitter **Heidelberg** et toutes ses beautés ; elles **m'y** ont fait rêver un bonheur qui peut-être, hélas ! ne se réalisera **jamais**.

Bosquets que **j'ai** tant aimés, allées **vastes** et **ombreuses où je** voyais courir devant des groupes de femmes ces **petites** filles, gentilles, fraîches, qui **me** rappelaient vivement **ma** Nini **adorée**, que **j'aurais** eu de plaisir à voir **ici**, à **mes côtés**, se mêlant à ces groupes **enfantins** qui **me** sourient, mais qui ne **m'**aiment pas comme elle, adieu !

Nobles ruines de **grandioses** souvenirs suspendus comme des nids d'aigles à **ta** ravissante montagne, **je m'éloigne de vous** ! Sentiers **délicieux où j'ai** erré, la pensée remplie d'images **tantôt riantes, tantôt mélancoliques**, et le coeur pénétré de cette puissance **inconnue** qui fait rouler les globes et agir les hommes, adieu !

Fleuve **poétique, noble** Neckar, dont les rives **verdoyantes me** représentent celles de **mon** pays **natal** et les jours de **ma** jeunesse qui **s'y** sont écoulés, adieu !

Coeurs **affectueux** et **expansifs**, si ressemblants au coeur des femmes **brésiliennes, vous** qui avez si fraternellement accueilli les deux naturelles des tropiques, recevez **nos** vifs remerciements et l'expression sincère de **notre** sympathie ; **nous** ne **vous** oublierons **jamais**, adieu !

SCHWETZINGEN

19 de setembro

Eu vou deixar **Heidelberg** e todas as suas belezas; elas **me** fazem sonhar com uma felicidade que, talvez, ai de **mim**, não se realizará **nunca**.

Pequenos bosques que **eu** tanto amei, **vastas** e **escuras** veredas **onde eu** via correr, diante dos grupos de mulheres, garotinhas **gentis, revigorantes**, que **me** lembravam vivamente **minha** Nini **adorada**. Como **eu** teria tido prazer em vê-la **aqui, ao meu lado**, misturando-se a esses grupos **infantis** que **me** sorriem, mas que não **me** amam como ela. Adeus!

Nobres ruínas de **grandiosas** lembranças suspensas como ninhos de águias em **tua** montanha **encantadora, eu me** distancio de **vocês**! Caminhos **deliciosos por onde eu** vaguei, o pensamento repleto de imagens, **ora felizes, ora melancólicas**, e o coração repleto dessa força **desconhecida** que faz girar os mundos e agir os homens, adeus!

Rio **poético, nobre** Neckar, cujas margens **verdejantes** representam para **mim** as de **meu** país **natal** e os dias de minha juventude que **lá** decorreram, adeus!

Corações **afetuosos** e **expansivos**, tão parecidos com o coração das mulheres **brasileiras, vocês** que acolheram tão fraternalmente estas duas naturais dos trópicos, recebam **nossos** vivos agradecimentos e a expressão **sincera** da **nossa** simpatia. **Nunca** esqueceremos **vocês**, adeus!

(FLORESTA, 1857, p. 143-4. Grifos nossos).

Carta VIII

MULHOUSE

Je trace un souvenir pour **vous**, ô **chers** objets de **mon** coeur, **de cette nouvelle** ville **où je** viens de descendre et **où** une nièce de **mon vénérable** ami **m'**attendait, dans la gare du chemin de fer, pour **m'**accompagner à Montbéliard, où elle demeure.

En attendant la diligence, je fis une **légère** collation et **me** promenai quelque peu dans la ville, qui **me** parut **triste** et **monotone**. C'est une ville **manufacturière, riche**, mais **peu propre**, excepté la partie nouvellement bâtie. On **y** parle **mal** le français, et les moeurs allemandes révèlent au milieu de l'activité **française**.

J'ai traversé une partie de l'Alsace, magnifiquement parée de ses châteaux en ruines, qui **me** rappelerent ceux que **j'**avais laissés **plus loin** ! Mon coeur est **serré**, **loin de ma fille chérie, ma constante** et **fidèle** compagne ; **loin de vous**, dont **je me** suis séparée en retenant **mes** larmes. Mme Fr*** et son **excellente** fille se chargèrent, affectueusement **obligeantes**, de ce **précieux** trésor pendant cette **courte** absence.

L'heure du départ sonne, il faut partir.

Adieu !

MULHOUSE

Eu traço uma lembrança para **vocês**, oh **caros** objetos de **meu** coração, **desta nova** cidade **onde eu** acabo de descer e **onde** uma sobrinha de **meu venerável** amigo **me** esperava, **na estação do caminho de ferro**, para **me** acompanhar à **Montbéliard, onde** ela habita. Esperando a diligência, **eu** fiz um lanche **rápido** e passei um pouco pela cidade, que **me** pareceu **triste** e **monótona**. É uma cidade **manufatureira, rica**, mas **pouco limpa**, com exceção da parte construída **recentemente**. **Aqui**, fala-se mal o francês e os costumes alemães se destacam em meio à atividade **francesa**.

Eu atravessei **uma parte da Alsácia**, magnificamente adornada por seus castelos em ruínas, que **me** lembraram os que **eu** havia deixado **mais longe!** **Meu** coração está **apertado, longe** de **minha** filha **querida, minha constante** e **fiel** companheira; **longe de vocês**, os quais **eu me** separei segurando **minhas** lágrimas. A senhora Fr*** e sua **excelente** filha se encarregaram, com afetuosa **prestatividade**, desse **precioso** tesouro durante essa **curta** ausência.

A hora da partida ecoa, é preciso partir. Adeus!

(FLORESTA, 1857, p. 184-5. Grifos nossos)

Carta IX

STRASBOURG

30 septembre

Il est **dix heures du soir** ; **je me** retrouve de nouveau à côté de **ma chère** enfant, ô **mes** amis, et **je** suis sauvée d'une **terrible** indisposition dont **je** fus atteinte **en revenant ici**.

On n'abuse point impunément des forces physiques que la **bonne** nature **nous** a données.

Je **m'**étais endormie un peu à **Hérimoncourt** pour tâcher de résister au voyage de quarante lieues qui **me** séparaient de **mon** enfant.

Malgré les prières **obligeantes** de M. et de

ESTRASBURGO

30 de setembro

São **dez horas da noite**; **eu me** encontro novamente **ao lado de minha cara** filha, oh! **meus** amigos, e **eu** estou **salva** de uma **terrível** indisposição que **me** afetou **vindo até aqui**.

Não se abusa impunemente das forças **físicas** que a **boa** natureza **nos** deu.

Eu dormi um pouco **em Hérimoncourt** para tentar resistir à viagem de quarenta léguas que **me** separava de **minha** filha.

Apesar dos pedidos **reiterados** de Senhor e Senhora P*** para que **eu** ficasse ao menos **um dia a mais** com eles, **eu** quis partir. **Às duas horas eu me** levantei. **A excelente**

Mme P***, de rester au moins **un jour de plus** avec eux, j'ai voulu partir. **A deux heures je me** levai ; l'**excellente** maîtresse de la maison était **auprès de moi, empessée** de me rendre ces **petits** soins dont une âme **sensible** a tant besoin, surtout quand elle se trouve **loin** de ceux par qui et pour qui elle respire. Elle **me** combla de caresses et d'attentions en **me** conduisant **à la salle à manger, où un copieux** déjeuner était servi comme en plein jour.

M. P*** **m'y** reçut avec une affection toute **fraternelle**. J'étais **touchée** de tant de délicatesse et d'amabilité, et, pour leur plaire à l'un et à l'autre, **je** pris une tasse de café au lait, mais **je** refusai de toucher à tout le reste. **Je me** sentais **mal à mon** aise ; mais, ne voulant point être retenue à cause de **ma** fille qui **m'attendait ici, je** ne dis rien, et **me** hâtai de partir, prétextant l'embarras que **je** leur causais **à une telle heure de la nuit**. Il fallait les voir, les entendre **à ce moment**, pour avoir une idée de leur **bon** coeur. Ils voulurent absolument **me** conduire **jusqu'à leur voiture**, qu'ils **m'**avaient fait préparer. M. P*** mit un **grand** manteau sur **mes** pieds, et veilla lui-même à ce que **je** fusse commodément placée.

Ce n'était point **là** un étranger, ô **mon** fils, **mon** Brasil, **mon** Henri ! c'était un de vous trois incarné dans cet **excellent** M. P***, pour lequel **je me** sens la plus **vive** reconnaissance et la plus **sincère sympathie** ! Les adieux **me** touchent toujours, car **je** pense à **nos** adieux, aux adieux de la patrie !

Et puis les émotions que j'avais éprouvées **à Montbéliard** ne s'étaient point encore dissipées ; c'était par un effort de **ma** volonté **énergique** que **je me** tenais debout.

La voiture roulait à travers l'obscurité d'une nuit **très-froide**, et une **forte** brise soufflait contre les portières qu'on avait fermées pour **me** garantir de l'humidité de la nuit. **A deux lieues de marche, je** sentis comme un bourdonnement qui **me** passait

dona de casa estava **junto a mim, apressada** em me oferecer esses **pequenos** cuidados de que uma alma **sensível** tanto necessita, sobretudo **quando** ela se encontra **longe** daqueles pelos quais e para os quais ela respira. Ele **me** encheu de carinhos e atenções, conduzindo-**me à sala de jantar, onde** uma **farta** refeição foi servida como se fosse dia. O Senhor P*** **me** recebeu **ali** com uma afeição bem **fraternal**. **Eu** estava **tocada** com tanta delicadeza e amabilidade e, para lhes agradar, **eu** tomei uma xícara de café com leite, mas recusei tocar em todo o resto. **Eu me** sentia **indisposta**, mas não querendo ser retida por causa de **minha** filha que **me** esperava **aqui, eu** não disse nada e **me** apressei em partir, sob o pretexto do embaraço que **eu** lhes causava a **tal hora da noite**. Era preciso vê-los, ouvi-los **naquele momento**, para ter uma ideia do **bom** coração deles. Eles quiseram absolutamente **me** conduzir **ao carro** que haviam preparado para **mim**. O Senhor P*** colocou uma **grande** manta sobre **meus** pés e ele mesmo cuidou para que **eu** estivesse comodamente **instalada**.

Ali não era um estrangeiro, oh! **meu** filho, **meu** Brasil, **meu** Henrique! Era um de **vocês** encarnado nesse **excelente** Senhor P***, para com o qual **eu** sinto o mais **vivo** reconhecimento e a mais **sincera** simpatia! As despedidas sempre **me** tocaram, pois **eu** penso nas **nossas** e nas despedidas da pátria!

E **depois**, as emoções que **eu** havia sentido **em Montbéliard** ainda não tinham se dissipado. Foi por um esforço de **minha** vontade **énergica** que **eu me** mantinha de pé.

O carro rolava através da escuridão de uma noite **muito fria** e uma **forte** brisa soprava contra as portinholas que foram fechadas para **me** proteger da humidade da noite. **A duas léguas de caminhada, eu** senti como um zumbido que **me** passava pela cabeça e uma nuvem **mais obscura** que a **noite** que envolvia a terra, atravessou **minha** alma! **Eu** acreditei **por um instante** que ia passar mal e, tateando, **eu** abri uma das

dans la tête, et un nuage plus **obscur que la nuit** qui enveloppait la terre traversa **mon esprit ! Je crus un instant** que j'allais **me** trouver mal, et j'ouvris à tâtons une des portières de la voiture, afin d'avoir l'air, car j'étouffais ! **Je** fus prise d'un **fort** vomissement.

Le cocher arrêta les chevaux et descendit à la hâte pour m'offrir ses services. Le **pauvre** bonhomme dut se trouver bien **embarrassé** au milieu d'une campagne **isolée**, sans aucun secours **de l'art** pour celle qu'il conduisait et dont les vomissements continuaient de plus en plus !

Il m'offrit de descendre, mais **je** préfèrai **me** coucher dans la voiture, et lui ordonnai de faire aller doucement les chevaux.

Je me sentis si mal **quelques instants** que j'eus peur de mourir **là, abandonnée** dans cette solitude, **au milieu du silence de la nuit**, et sans aucun de vous, ô **chers** objets de **mon** amour, à qui j'adressais **mes tristes** soupirs dont le **dernier** écho resterait étouffé **au milieu des Vosges**.....

Oh ! si **je** vous dépeignais ce qui se passa alors dans **mon** esprit, **dans ces heures de silence et d'agonie physique** ! Mais **je** veux vous épargner cette douleur !

Les **premières** lueurs de l'aurore **me** rendirent un peu de calme ; **mon** mal avait diminué, et, grâce aux soins **attentifs** du **vieux** cocher, qui de temps en temps arrêta la voiture pour **me** laisser reposer la tête, j'ai pu descendre sans inconvénient à l'auberge de la **nouvelle** route que nous avons prise.

Il était **six heures du matin**, la diligence devait partir **à six heures et demie** : **je me** fis faire une tasse de thé, et congédiai le cocher, après l'avoir beaucoup remercié de ses attentions, et chargé pour ses maîtres de mes expressions d'amitié et de reconnaissance **profonde**. J'avais grand besoin de repos, et il **me** restait encore douze lieues à faire en diligence pour arriver **à Cernay**, et, **de là**, prendre le chemin de fer jusqu'à **Strasbourg**.

Seule, fatiguée, triste, n'ayant personne pour prévenir **ma** fille en cas d'accidents

portinholas do carro, com o intuito de ter ar, pois **eu** sufocava! **Eu** fui tomada por uma **forte** crise de vômito.

O cocheiro parou os cavalos e desceu apressadamente para me oferecer seus serviços. O **pobre** homem deve ter ficado bem **embaraçado em meio a um campo isolado**, sem nenhum socorro **profissional** para aquela que conduzia e a qual os vômitos continuavam cada vez mais!

Ele **me** perguntou se **eu** gostaria de descer, mas **eu** preferi **me** deitar no carro e lhe ordenei que fizesse os cavalos andarem lentamente.

Eu me senti tão mal **por alguns instantes** que **eu** tive medo de morrer **ali, abandonada** nessa solidão, **em meio ao silêncio da noite**, e sem nenhum de **vocês**, oh! **caros** objetos de **meu** amor, aos quais **eu** endereçava **meus tristes** suspiros, cujo **último** eco ficaria sufocado **no meio dos Vosges**.....

Oh! se **eu** retratasse o que se passou então em **minha** alma, **nessas horas de silêncio e de agonia física**! Mas **eu** quero poupar-lhes dessa dor!

Os **primeiros** clarões da aurora deixaram-me um pouco mais **calma**. **Meu** mal tinha diminuído e, graças aos cuidados **atenciosos** do **velho** cocheiro, que **de tempo em tempo** parava o carro para **me** deixar repousar a cabeça, **eu** pude descer sem inconveniente ao albergue da **nova** estrada que pegamos.

Eram **seis horas da manhã**, a diligência partiria **às seis e meia**. **Eu** pedi uma xícara de café e dispensei o cocheiro, **após** ter lhe agradecido muito por seus cuidados e de ter lhe encarregado de transmitir a seus patrões **minhas** expressões de amizade e de **profundo** reconhecimento. **Eu** precisava muito repousar e ainda **me** faltavam **doze léguas a percorrer** em diligência para chegar à **Cernay** e, **de lá**, pegar o trem até **Estrasburgo**.

Sozinha, cansada, triste, não tendo ninguém para prevenir **minha** filha em caso de acidentes na estrada, **eu** invoquei **minha santa** mãe e as lembranças de **vocês**. Enchi-me de coragem novamente.

en route, j'invoquai **ma sainte** mère et vos souvenirs. Le courage **me** revint. **Je** montai **en diligence, dans le coupé** ; j'y trouvai une dame **allemande** qui retournait en France après avoir visité la Suisse : sa société **m'eût été une agréable** distraction dans un autre moment, mais j'étais si **accablée** !

Cette dame **me fut très-utile**, elle eut pour **moi** beaucoup de complaisance ; à chaque relais elle **me** faisait descendre pour **me** reposer un peu de la voiture, et se rangeait de manière à laisser reposer **ma** tête sur son épaule : **ma bonne** étoile **m'avait** réservé cette **charitable** compagne de voyage. **Nous** arrivâmes enfin à **Cernay** ; cette dame **me** conduisit **dans une auberge** pour **me** faire prendre un bouillon. Dans cette **petite** ville, **où** on ne parle qu'en Allemand, j'étais bien **heureuse** d'avoir avec **moi** une Allemande ; **je** n'aurais pu être comprise sans cela.

Il **me** parut très singulier que, **dans la partie de l'Allemagne que je venais de parcourir**, j'eusse trouvé toujours quelqu'un qui parlait français, tandis que **dans un village de France** personne ne comprenait cette langue !

Je pris le chemin de fer à Lutherbach ; il **me** conduisit directement à **Strasbourg**, après avoir traversé encore **les Vosges** et plusieurs villes **très-animées**. J'avais oublié de vous parler de Colmar, capitale de Haut-Rhin (Alsace), qui s'étend jusqu'à Bâle, en Suisse.

Je me sens tellement **fatiguée** qu'il ne **m'est** pas possible de faire aucune réflexion sur cette ville. Madame Fr*** **me** reçut avec une **véritable** affection ; elle était venue avec sa fille et la **mienne** de sa maison de campagne pour **m'attendre** ici ; elle ne voulut pas **me** laisser aller à l'hôtel. Les éloges qu'elle et son **estimable** mari **me** firent de **notre** Livia, et le plaisir qu'ils **me** témoignèrent de l'avoir eue avec eux **pendant ces trois jours**, touchèrent profondément **mon** coeur de mère, vous le comprendrez facilement. **Ma** fille **me** dit que toute cette **bonne** famille l'avait

Eu subi **na diligência, um cupê**; lá encontrei uma senhora **alemã** que retornava à França **após** ter visitado a Suíça: sua companhia ter-**me**-ia sido uma **agradável** distração em um outro momento, mas **eu** estava tão **afrita**!

Essa senhora **me** foi **muito útil**, ela teve por **mim** muita condescendência. **A cada escala** ela **me** fazia descer para repousar um pouco do carro e se acomodava de maneira a deixar que **eu** repousasse **minha** cabeça sobre seu ombro. **Minha** sorte havia **me** reservado essa **caridosa** companhia de viagem. Enfim, chegamos à **Cernay**; essa senhora **me** conduziu a um **albergue** para **me** fazer tomar um caldo. Nessa **pequena** cidade, **onde** só se fala alemão, **eu** estava muito **feliz** por ter **comigo** uma alemã. **Eu** não poderia ter sido compreendida sem sua ajuda.

Parecia-**me** muito **insólito** que, **na parte da Alemanha que eu tinha acabado de percorrer**, **eu** tivesse encontrado **sempre** alguém que falasse francês, enquanto que **em um vilarejo da França**, ninguém compreendia essa língua!

Eu peguei o trem para Lutherbach. Ele **me** conduziu diretamente a **Estrasburgo, após** ter atravessado ainda **os Vosges** e várias cidades **muito movimentadas**. **Eu** havia esquecido de **lhes** falar de Colmar, capital do Alto-Reno (Alsácia), que se estende até Bâle, na Suíça. **Eu me** sinto tão **cansada** que não **me** é possível fazer nenhuma reflexão sobre essa cidade. A Senhora F*** **me** recebeu com uma **verdadeira** afeição. Ela veio com sua filha e a **minha** de sua casa de campo para **me** esperar **aqui**; ela não quis **me** deixar ir ao hotel. Os elogios que ela e seu **estimável** marido **me** fizeram de **nosssa** Livia e o prazer que **me** testemunharam por tê-la com eles **durante esses três dias** tocaram profundamente o **meu** coração de mãe, **vocês** o compreendem facilmente. **Minha** filha **me** disse que toda essa **boa** família a encheu de muitos cuidados. Assim, **vocês** veem que, **enquanto eu** estava rodeada de cuidados **amáveis** e de provas de simpatia na casa de uma das filhas de **nosso venerável** amigo,

comblée d'une foule d'attentions. Ainsi vous voyez que, **tandis** que j'étais entourée de soins **aimables** et de preuves de sympathie chez une des filles de **notre vénérable** ami, **ma chère** enfant jouissait du même bonheur chez l'autre. Ces deux familles ont captivé pour toujours **notre affection** en **nous** faisant contracter envers elles une dette de coeur.

Je fus heureuse de revoir **ma** fille ; la **chère** enfant se jeta dans **mes** bras avec effusion, sans se douter qu'elle avait été sur le point de perdre **sa** mère **dans cette courte absence**. Il **me** semblait que **je** ne l'avais vue **depuis trois mois**, dans les **trois jours** qui venaient de s'écouler ! C'est que, loin de vous, elle est **ma** seule **intime** société, et que, la revoyant après la danger que **ma** vie avait couru, **ma** tendresse pour elle s'augmentait encore. Madame Fr***, **bonne** et **empresée** à **nous** faire plaisir, **me** conduisit pour visiter le **musée d'histoire naturelle** et le **cabinet** qu'il contient, **où** son **excellent** père avait travaillait **jadis à Strasbourg**.

J'ai remarqué une **foule** d'objets donnés par lui et portant son nom, qui est encore vénéré **ici**. **Je** n'ai pu voir ce cabinet et tous ces objets sans une émotion **profonde**. Encore tout **ébranlée** par celles que j'ai éprouvées à **Montbéliard** et à **Hérimoncourt**, **je** me sens **incapable** de vous en faire le récit. Les moeurs **exemplaires**, la bonté et la **remarquable** charité dont madame Fr*** et sa famille donnent des exemples **journaliers**, la constituant la **véritable** femme **chrétienne** par les vertus qu'elle exerce avec la plus **touchante** simplicité.

Sa fille, d'une **charmante** modestie et d'une bonté **angélique**, est la **digne** héritière des vertus de sa mère.

Véritable type de la famille **allemande**, les deux dignes filles du **sage** Duvernoy présentent, parmi leurs compatriotes français, le modèle de l'épouse, de la mère et de la femme.

J'oubliais de vous dire qu'**en arrivant à Montbéliard**, **je** n'y retrouvai plus **mon** amie, l'**estimable** veuve Duvernoy ; **mon**

minha cara filha desfrutava da mesma felicidade na casa da outra. Essas duas famílias sempre cativaram **nossa** afeição, fazendo-**nos** ter com elas uma dívida de coração.

Eu fiquei **feliz** em rever **minha** filha; a **adorável** criança se jogou em **meus** braços com efusão, sem pressentir que ela estivera a ponto de perder sua mãe **nessa curta ausência**. Parecia-**me** que **eu** não a via **há três meses**, nesses **três dias** que acabavam de passar! É que, **longe** de **vocês**, ela é **minha única** companheira **íntima**, e que, revendo- a **após** o perigo que **minha** vida havia corrido, **minha** ternura por ela aumentou ainda mais.

A Senhora Fr***, **boa** e **apressada** para **nos** agradar, conduziu-**me** para visitar o **museu de história natural** e o **laboratório** que ele contém, **onde** seu **excelente** pai havia trabalhado **outrora** em **Estrasburgo**.

Eu notei uma **grande** quantidade de objetos doados por ele e trazendo seu nome, que ainda é venerado **aqui**. **Eu** não pude ver esse laboratório e todos esses objetos sem uma emoção **profunda**. Ainda completamente **abalada** pelas emoções que senti **em Montbéliard** e **em Hérimoncourt**, **eu** me sinto **incapaz** de **lhes** relatar. Os costumes **exemplares**, a bondade e a **notável** caridade que a Senhora Fr*** e sua família dão exemplos **diários**, fazem dela a **verdadeira** mulher **cristã**, pelas virtudes que ela exerce com a mais **tocante** simplicidade.

Sua filha, com uma **charmosa** modéstia e uma bondade **angelical**, é a **digna** herdeira das virtudes de sua mãe.

Verdadeiro tipo da família **alemã**, as duas **dignas** filhas do **sábio** Duvernoy apresentam, entre seus compatriotas **franceses**, o modelo da esposa, da mãe e da mulher.

Esquecia-**me** de **lhes** dizer que, **chegando à Montbéliard**, **eu** não mais encontrei **minha** amiga, a **estimável** viúva Duvernoy; **minha** estadia na Alemanha, **de alguns dias a mais** que **eu** não pensava **ao partir de Paris**, foi a causa desse

séjour en Allemagne, de quelques jours de plus que **je** ne pensais **en partant de Paris**, fut cause de ce contre temps.

Demain donc **je** retournerai à **Paris** avec **mon** enfant, et **je** ne **m'**arrêterai que **quelques heures** à **Nancy** pour **y** visiter, si je puis, les souvenirs de Charles le Téméraire.

Je **me** sens extrêmement **fatiguée** et **affaiblié**. **Vos** lettres, que **je** vais trouver à **Paris**, ranimeront **mes** forces **épuisées** par tant d'émotions, **pendant un voyage entrepris dans les tristes dispositions où se trouve encore mon esprit** par la perte récente de **ma** **tendre** et **excellente** mère !

Plus tard, avec calme, peut-être **je** vous écrirai avec plus d'ordre ce **simple** itinéraire tracé sans suite quelquefois, **ça** et **là**, **partout où j'**ai été, mais toujours du plus profond du coeur, ce coeur qui **vous** adresse **de Strasbourg**, comme de tous les pays que **j'**ai parcourus sans **vous**, ses plus **intimes** soupirs et ses vœux les plus **ardents** pour **votre** bonheur !

Fin.

desencontro.

Amanhã, portanto, **eu** retornarei à **Paris** com **minha** filha e **eu** só pararei **algumas horas em Nancy** para **ali** visitar, se **eu** puder, as lembranças de Carlos, o Temerário.

Eu **me** sinto extremamente **cansada** e **enfraquecida**. **Vossas** cartas, que **eu** vou encontrar **em Paris**, reanimarão **minhas** forças **esgotadas** por tantas emoções, **durante uma viagem empreendida nas tristes disposições em que se encontra minha alma** pela perda recente de **minha terna** e **excelente** mãe!

Mais tarde, com calma, talvez, **eu** **lhes** escreverei com mais ordem esse **simples** itinerário traçado sem sequência, às vezes, **aqui** e **ali**, **em todo lugar** por onde **eu** estive, mas **sempre** do mais profundo do coração, esse coração que **lhes** endereça **de Estrasburgo**, como **de todos os países que eu percorri sem vocês**, seus mais **íntimos** suspiros e seus votos mais **ardentes** pela felicidade **de vocês!**

Fim.

(FLORESTA, 1857, p. 199-206. Grifos nossos).